UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS

A Contribuição da Tradução para a Prevenção e Luta contra o Terrorismo

Estudo de Caso com base na Comparação entre Artigos da Imprensa Escrita Árabe, Portuguesa e Francesa – Período 2012-2015

Mohammadyne El Bounasry

Relatório de Projeto

Especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Tradução, orientado pela **Prof.ª Doutora Maria Antónia Mota**

2021

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos..... 6
Resumo..... 7
Résumé..... 8
Índice de Figuras..... 9
Índice de Quadros..... 9
Índice de Tabelas..... 11
Lista de Abreviaturas, Convenções e Símbolos..... 12
Glossário..... 13
INTRODUÇÃO..... 16
1. Objeto de Estudo e Objetivos do Relatório de Projeto..... 16
2. A evolução cronológica da denominação da organização aqui chamada *OTD*..... 26
2.1 A polémica sobre a denominação e a nossa opção pela denominação *OTD*..... 29
2.1.1 A razão da denominação por nós proposta: Organização Terrorista Daesh..... 33
3. Estrutura do Relatório do Projeto..... 36
CAPÍTULO I - ABORDAGEM HISTÓRICA DA TRADUÇÃO..... 39
Introdução 39
1. O papel da Tradução, nas suas múltiplas facetas..... 41
1.1 Breve abordagem histórica da Tradução..... 43
1.1.1 Antiguidade (… - 476 d. C.)..... 44
1.1.2 Idade Moderna (1453-1789)..... 45
1.1.3 Idade Contemporânea..... 49
1.1.3.1 A Interculturalidade na Tradução, segundo John Catford..... 50
1.1.3.2 As teorias inovadoras de Antoine Berman..... 52
1.1.3.3 A Relação de Coabitação na tradução, segundo Henri Meschonnic..... 54
1.1.3.4 Lawrence Venuti e a Defesa da Visibilidade do Tradutor..... 55
1.1.3.5 - Amparo Hurtado Albir..... 56
1.2 A Fidelidade na Tradução..... 57
1.2.1 Definição de Fidelidade..... 58

1.3 O desafio de traduzir textos da *OTD* 61
1.3.1 Contributo do Islão para o enriquecimento do vocabulário da língua árabe..... 63
1.3.2 A Clarificação como proposta para a tradução de termos do Islão..... 64
CAPÍTULO II - ANÁLISE DE FRAGMENTOS DA TRADUÇÃO DE ARTIGOS DE JORNAIS ÁRABES. ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA DOS TERMOS DO CORPUS AMOSTRA..... 67
Introdução..... 67
- ***Corpus*** – títulos dos artigos de jornal 69

1. Procedimentos Metodológicos..... 71
1.1 Levantamento de fragmentos da tradução dos artigos ligados à *OTD*..... 73
1.2 Análise dos dados do *Corpus*..... 85
1.2.1 Devemos ser fiéis na tradução dos textos da *OTD*? Análise de alguns fragmentos segundo Padrões de Fidelidade..... 86
1.2.2 Os traços semânticos dos termos terroristas citados nas traduções de notícias sobre a *OTD*..... 102
1.3 Proposta de soluções para escapar às armadilhas da OTD, na tradução dos seus discursos..... 105
(i) Solução 1: A prevalência do uso da Equivalência Dinâmica sobre o da Equivalência Formal……..... 106
(ii) Solução 2: A adaptação dos termos polémicos à cultura do público-alvo…..…… 107
(iii) Solução 3: A Domesticação como estratégia mais eficaz na tradução, com vista a contornar a ação manipuladora da OTD ……...…….…….. 110
1.3.1 Proposta de termos alternativos para a tradução de textos da OTD……...…… 112
1.3.1.1 Nomes próprios e de função…….....…. 114
CAPÍTULO III - ERROS NA TRADUÇÃO DE ALGUNS TERMOS ÁRABES E SUAS CONSEQUÊNCIAS….…….....…..…… 120
Introdução…….....…….…… 120
1. A tradução de *Jihad*: o dilema da melhor escolha, evitando o erro……...……. 121
1.1 Definição de *Jihad*……...…..…… 121

1.1.1 *Jihad* no Pensamento Islâmico……...…… 122
1.1.1.1 A *Jihad* defensiva e a Jihad ofensiva…….....…….. 124
1.1.2 Ponto de vista de autores ocidentais sobre a *Jihad*……..…...…… 125
1.1.3 Traduzir *Jihad* em português por *guerra santa, guerra justa* ou *combate virtuoso*…. 127
1.2 Segmentos do *Corpus* com o termo *Jihad*……....…… 128
2. Impacto social dos erros da Tradução …….....……. 130
2.1 O Erro do ponto de vista jurídico, na atividade de tradução……...……. 133
2.2 O Erro do Ponto de vista deontológico, na atividade de tradução…….....…….. 135
2.2.1 Diretivas europeias, Estatutos, Códigos de Ética e de Deontologia e Regulamentos internos, na área da Tradução…….....……. 136
2.2.1 Estatutos, Códigos de Ética e Deontologia e Regulamentos internos das Associações de Tradução em Portugal…….....……. 137
COMENTÁRIOS FINAIS……..…….....….... 139
Referências..... 149
Anexos..... 156
Anexo 1 - Imagem retirada da Internet, do Portal da Agência France Presse, relativa à proibição das Autoridades de Segurança francesas de traduzir as comunicações da *OTD*… 157
Anexo 2 - Imagem retirada do site de Notícias ao Minuto que relata a decisão da empresa farmacêutica ISIS em mudar o seu nome para IONIS..... 158
Anexo 3 - Notícia da Rádio TSF sobre o recrutamento de tradutores de português e espanhol pela *OTD*..... 160
Anexo 4 - Decisão da UE relativa à luta contra o terrorismo (2008) 162
Anexo 5 - ***Subcorpus* em Árabe**..... 165
Anexo 6 - ***Subcorpus* em Francês**..... 184
Anexo 7 - ***Subcorpus* em Português**..... 202

AGRADECIMENTOS

Este estudo não teria sequer começado se não fosse a grande disponibilidade com que, muito generosamente, a Professora Doutora Maria Antónia Mota se prontificou a orientar a pesquisa para o nosso trabalho. Fazê-lo nascer e vê-lo crescer foi um caminho muito facilitado, antes de mais pela bibliografia que a Professora nos sugeriu, depois pelos seus valiosos conhecimentos e ensinamentos, sem esquecer o tempo precioso que dedicou a ler, a corrigir o nosso projeto ou a apontar novas direções... enfim, sem o empenho pessoal, sem o incentivo e sem a confiança da Professora não teríamos conseguido lavrar este Relatório. Aqui fica registado o nosso mais sincero e profundo "*Obrigado Professora por ter acreditado em mim*".

Não quero deixar expressar nestas linhas o meu reconhecimento e grande agradecimento a todo o Corpo Docente do Mestrado em Tradução, da Faculdade de Letras de Lisboa, do biénio 2014-2016, que tanto me inspirou e me ensinou o saber traduzir.

Toda a minha gratidão à Senhora Doutora Najlae Al Qassimi, ex-Embaixadora dos Emirados Árabes Unidos, em Lisboa, por também ter acreditado em mim e me ter concedido uma flexibilidade do horário de trabalho que me permitiu assistir às aulas no meu horário laboral. Uma palavra de reconhecimento e de gratidão também para o amigo e ex-diplomata da mesma Embaixada, o Senhor Abdulah Alshemili, pelo apoio constante e pelo incentivo que sempre me deu para levar a bom porto este Mestrado.

Um ilimitado agradecimento vai para a minha professora de Português, também minha grande amiga, a Professora Fernanda Pinhal, pela sua valiosa e incondicional assistência, na minuciosa revisão, que ela me deu para este trabalho; muito obrigado, amiga, por tudo, e um grande agradecimento aqui fica também para o Adolfo e a Bárbara.

Para os meus filhos, aquele abraço cheio de amor e carinho que tantas vezes não lhes pude dar durante todas aquelas horas de brincadeiras juntos que lhes subtraí, mas que eles, apesar de pequeninos, foram aceitando – e até, à maneira deles, me foram demonstrando total apoio e incentivo para avançar com este meu projeto e levar a efeito o meu trabalho.

Agradeço profunda e reconhecidamente ainda aos meus pais, a todos os meus familiares, amigos e colegas por me terem acompanhado, apoiado e, por vezes, até aturado neste caminho e processo para a consecução do meu Mestrado.

RESUMO

A relação entre a tradução e a divulgação da ideologia terrorista tem sido pouco estudada. Tendo em conta o poder que a tradução adquire nesse contexto, difundindo nos portais eletrónicos mensagens de ódio e de destruição originalmente produzidas em árabe, há grande margem para a manipulação dos leitores por parte dos terroristas e para a ausência de fidelidade na transmissão da informação.

O presente relatório de projeto tem como objetivo central a análise dos problemas da tradução/interpretação da mensagem original em árabe e do resultado que aparece num *corpus* de notícias que organizámos sobre os atos de terrorismo da autoproclamada "Organização Terrorista Daech" (OTD) e que foram publicadas na imprensa escrita árabe, portuguesa e francesa de grande difusão, entre 2012 e 2015. Este relatório incide fundamentalmente sobre a qualidade da tradução das declarações e elementos discursivos da autoproclamada "Organização Terrorista Daech" presentes nos jornais portugueses e franceses, destacando problemas de ordem lexical e cultural encontrados ao longo do nosso *corpus*, e propondo traduções alternativas consideradas mais adequadas para uma transmissão fiel, "neutra" em termos de não alteração da linguagem e do conteúdo/sentido, do discurso dos terroristas. Queremos assim contribuir para chamar a atenção da sociedade para o papel decisivo que tem o tradutor na sua função, mas também como elemento-chave que é, atualmente, na luta contra o terrorismo.

Palavras-chave: tradução, terrorismo, *Jihad, estado islâmico*.

RÉSUMÉ

La relation entre la traduction et la divulgation de l´idéologie terroriste a été peu étudiée. Etant donné le pouvoir que reçoit la traduction dans ce contexte, en diffusant sur les portails électroniques des messages de haine et de destruction originellement en arabe, il y a une marge pour la manipulation des lecteurs de la part des terroristes et pour l´absence de fidélité dans la transmission de l´information.

Le présent rapport de projet a pour objectif central l´analyse des problèmes de la traduction/interprétation du message original en arabe et du résultat qui apparait dans un *corpus-échantillon* que nous avons organisé, des informations sur les actes de terrorisme de l´autoproclamée *Organization Terroriste Daech* (OTD) publiées dans la presse écrite arabe, portugaise et française de grande diffusion, entre 2012 et 2015. Ce rapport est basé fondamentalement sur la qualité de la traduction des déclarations et des éléments discursifs de l´autoproclamée *Organization Terroriste Daech* présents dans les journaux, portugais e français, mettant l´accent sur les problèmes d´ordre lexical et culturel relevés tout au long de notre *corpus-échantillon* et proposant des traductions alternatives considérées comme étant plus adéquates à une fidèle et neutre traduction sans pour autant altérer le langage ou le contenue /sens du discours des terroristes. Nous voulons ainsi contribuer à attirer l´attention de la société sur le rôle décisif qu'il a, le traducteur, dans sa fonction, mais aussi comme élément clé qu´il est, actuellement, dans la lutte contre le terrorisme.

Mots clés : traduction, terrorisme, *djihad*, *ètat Islamique*.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Os quatro Grupos terroristas mais mortíferos (Fonte: GTI 2021)

Figura 2: Ataques Terroristas (125.000 incidentes), no período 1970-2013. Fonte: Global Terrorism Database

Figura 3: Ataques terroristas em 2015, Concentração e Intensidade, Fonte: Global Terrorism Database.

Figura 4: Ataques Terroristas e Número de Vítima mortais em 2012-2019

Figura 5: Chegadas de Refugiados na Zona do Mediterrâneo (janeiro, maio, setembro de 2014 a 2017).

Figura 6: Evolução Histórica da Denominação da *OTD.*

Figura 7: Ações inseguras segundo J. Reason.

Figura 8: Consequências judiciárias de erros na tradução jurídica

Figura 9: As quatro estratégias de Greimas, *apud* Torresan (2007)

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Designação da *OTD* por alguns meios de comunicação social em Portugal, até 2015.

Quadro 2: Designação maioritariamente usada

Quadro 3: Designação da *OTD* usada por alguns meios de comunicação social no mundo, até 2015.

Quadro 4: Ferramentas de tradução automática e a designação da *OTD.*

Quadro 5: Conteúdo do *Corpus.*

Quadro 6: Conteúdo do *Corpus*: tradução dos títulos em árabe.

Quadro 7: Levantamento de nomes do artigo n.º 1.

Quadro 8: Levantamento de verbos do artigo n.º 1.

Quadro 9: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 1.

Quadro 10: Levantamento de nomes do artigo n.º 2.

Quadro 11: Levantamento de verbos do artigo n.º 2.

Quadro 12: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 2.

Quadro 13: Levantamento de nomes do artigo n.º 3.

Quadro 14: Levantamento de verbos do artigo n.º 3.

Quadro 15: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 3.

Quadro 16: Levantamento de nomes do artigo n.º 4.

Quadro 17: Levantamento de verbos do artigo n.º 4.

Quadro 18: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 4.

Quadro 19: Levantamento de nomes do artigo n.º 5.

Quadro 20: Levantamento de verbos do artigo n.º 5.

Quadro 21: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 5.

Quadro 22: Levantamento de nomes do artigo n.º 6.

Quadro 23: Levantamento de verbos do artigo n.º 6.

Quadro 24: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 6.

Quadro 25: Levantamento de nomes do artigo n.º 7.

Quadro 26: Levantamento de verbos do artigo n.º 7.

Quadro 27: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 7.

Quadro 28: Levantamento de nomes do artigo n.º 8.

Quadro 29: Levantamento de verbos do artigo n.º 8.

Quadro 30: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 8.

Quadro 31: Levantamento de nomes do artigo n.º 9.

Quadro 32: Levantamento de verbos do artigo n.º 9.

Quadro 33: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 9.

Quadro 34: Levantamento de nomes do artigo n.º 10.

Quadro 35: Levantamento de verbos do artigo n.º 10.

Quadro 36: Levantamento de adjetivos do artigo n.º 10.

Quadro 37: Relações de convergência e de divergência entre o texto original e a sua tradução.

Quadro 38: Análise de segmentos com o termo *Jihad.*

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Recrutamento de terroristas em 2015, data do início do presente trabalho.

Tabela 2: Referências à Responsabilidade deontológica dos Tradutores nas Associações portuguesas.

LISTA DE ABREVIATURAS, CONVENÇÕES E SÍMBOLOS

AQMI - Acrónimo de Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (*Tanẓīm al-Qā'idah fī Bilād al-Maghrib al-Islāmī,* em árabe: تنظيم القاعدة في بلاد المغرب الإسلامي).

DAECH ou DAESH - Acrónimo árabe, criado em 2013 por um ativista sírio para designar a *Organização Terrorista Daech*, formado pelas primeiras sílabas da denominação árabe de *Estado do Iraque e do Levante* (*ad-Dawlat al-Islāmiyah fī al-ʿIrāq wa sh-Shām,* em árabe*:* الدولة الإسلامية في العراق والشام).

DEDI - *Dito Estado Dito Islâmico*, sigla usada por Nuno Rogeiro no seu livro, *O Mistério das Bandeiras Negras*.

EI - Sigla da disignação de *Estado Islâmico*

FATH - Acrónimo parcial da *Frente de Libertação Nacional da Palestina* (*Harakat al-Tahrir al-Watani al-Filastini,* em árabe: جبهة التحرير الفلسطينية). Este acrónimo, por si só, em árabe significa Conquista ou Vitória.

HAMAS - Acrónimo parcial de Movimento de Resistência Islâmica da Palestina (*Ḥarakat al-Muqāwamat al-Islāmiyyah al-Filastiniya*, em árabe: حركة المقاومة الإسلامية الفلسطينية). Este acrónimo, por si só, em árabe, significa Entusiasmo.

ISIL - Sigla inglesa que significa *Estado Islâmico no Iraque e no Levante* (*Islamic State of Iraq and the Levant*).

ISIS - Sigla inglesa que significa *Estado Islâmico no Iraque e na Síria* (*Islamic State of Iraq and Syria*).

GLOSSÁRIO

Abu Bakr: Sogro do Profeta Maomé e também um dos seus companheiros. Foi o primeiro Califa (sucessor), após a morte do Profeta.

Alá: Palavra árabe para designar Deus.

Ad-Dawla. Sub. Masc. que significa, em árabe, Estado.

Alcorão (ou Corão): O Livro Sagrado dos muçulmanos, composto por 114 versículos (chamam-se *surat*).

Assalmo alikum: Cumprimento de chegada entre muçulmanos, que se faz a alguém em qualquer hora do dia, e tem como transcrição em português a frase seguinte: *Que a paz esteja convosco* e cuja resposta *é Walaikumo Assalam* (Que a paz esteja também consigo/convosco).

Baia ou Baya: (em árabe: البيعة) um de dois princípios fundamentais da governação no Islão, é um juramento de lealdade ao Chefe do Estado; também é um pacto social e político que transfere o direito de soberania ao Chefe de Estado (Rei, Emir ou Califa) escolhido pelo povo ou que herdou este título após a morte do pai ou do irmão, ex-chefe do mesmo Estado.

Califa: ou Califah sucessor ou adjunto do Profeta Maomé, o Califa combina uma função secular e outra espiritual e, na prática, tem o poder temporal; é escolhido por consenso da Ummah (Povo); também é um cargo hereditário.

Coreixitas: Uma tribo poderosa de Meca, cujo nome vem da palavra árabe *coraixe (*قريش*).*

Fajr: (madrugada): A primeira oração do dia para os muçulmanos.

Fiqh: é um conjunto de leis islâmicas, que incidem em Teologia e Credo, Relações de Devoção e Interpessoais e Cultivo do espírito.

Hadite: (pl. Ahadith): Um conjunto de leis, lendas e histórias, sobre a vida de Maomé, incluindo também a sua biografia (tal como os dizeres, as ações, as afirmações, as opiniões e os modos de vida do Profeta Maomé).

Imã: Na grande maioria das situações, o imã é a pessoa a quem a comunidade reconhece dadas capacidades. O imã não tem nenhuma função clerical específica, pode ser aluno das escolas corânicas, engenheiro, médico ou outro profissional, com a condição de ser muçulmano, púbere, respeitável e moralmente competente. O imã é literalmente "aquele que está diante" para dirigir as orações.

Ijtihad: É o resultado de reflexões realizadas por eminentes juristas e sábios muçulmanos, que interpretam os versos corânicos para explicar algumas normas legais, o processo do Ijtihad é equiparado a Jurisprudência.

Jihad: Os grandes teólogos islâmicos dividem a *Jihad* em duas correntes: a *Jihad maior* e a *Jihad menor*. A primeira é a auto-luta contra os inimigos da vida espiritual, a luta contra o mal e contra o egoísmo. É um esforço maioritariamente individual.

A segunda, a *Jihad menor*, é a luta armada contra os inimigos do Islão, de forma defensiva, partindo de duas interpretações. Uma coletiva, que representa as ações de luta ao princípio da guerra regular, que poderá ser entre Estados, e da ação militar justa. Outra, individual e voluntária, que preconiza a luta de cada muçulmano contra a tirania do ocupante.

Os jurisconsultos muçulmanos encararam a *Jihad* como o requisito num mundo dividido entre *dar al-islam* (casa do Islão ou da paz, território que pertence aos muçulmanos, onde é aplicada a jurisprudência islâmica) e *dar al-harb* (território não islâmico, a casa da guerra). Nos diversos apelos à *Jihad*, está implícito que toda a comunidade islâmica tem a tarefa de expandir o *dar al-islam* pelo mundo inteiro, para que todos possam partilhar uma ordem sociopolítica justa.

Meca (ou Makka): O maior santuário do Islão, atualmente na Arábia Saudita. Foi nesta cidade que Maomé viveu a maior parte da sua vida.

Mohammad (ou Maomé): o Profeta dos muçulmanos.

Mufti: Jurisconsulto sobre a doutrina e ensinamentos islâmicos.

Mujahideen Achura: Conjunto de grupos armados estabelecidos em 15 de janeiro de 2006 e que foi liderado por Abdullah Rashid al-Baghdadi, organizados no chamado

Conselho Mujahideen Achura que era composto por várias organizações conhecidas pelo extremismo e pela sua determinação em estabelecer uma ordem islâmica de cariz Califado, na Zona do Médio Oriente e no Mundo.

Radia allahu 'anhu: "Que Deus esteja satisfeito com ele". Esta frase é geralmente dita após cada pronúncia do nome de um companheiro do Profeta. Para o género feminino, e de forma exclusiva para as esposas e filhas do Profeta, usa-se *radia allahu 'anha* (Que Deus esteja satisfeito com ela); para o plural masculino, usa-se *radia allahu 'anhum* (Que Deus esteja satisfeito com eles) e para o plural feminino, *radia allahu 'anhuna* (Que Deus esteja satisfeito com elas).

Sabab Al-nuzul: Trata-se dos motivos da revelação do versículo ou dos versículos do Corão, é o contexto termporal e local que está sempre relacionado com algum evento ou acontecimento. *Sabab Al-nuzul* é um fator determinante na correta e contextualizada interpretação dos versículos do Corão.

Sunni: Um ramo de crentes muçulmanos que formam mais de 87% do total dos muçulmanos, cuja palavra deriva do termo *Suna*, que se refere aos ensinamentos de Maomé e dos seus quatro sucessores. O suni, na sua doutrina, diferencia-se do chiita, que acredita que a liderança do califado pertence ao Ali, o genro e primo do profeta Maomé, como o seu sucessor legítimo e considerando ilegítimos os três califas sunitas que assumiram a liderança da comunidade muçulmana logo após a morte de Maomé.

Surat (ou sura): Um versículo do Corão.

Umma: Povo muçulmano / Pátria muçulmana.

INTRODUÇÃO

> O terrorista não é aquela pessoa que apenas sabe vestir um colete e espoletar uma bomba, ele é muito mais do que isso. O terrorista, hoje em dia, tornou-se uma ameaça multifacetada. Ele aproveita a arma e a palavra para seguir em frente na realização pura e dura dos seus objetivos.
>
> *Fonte desconhecida, em língua árabe* (t. n., destaque nosso)

1. Objeto de Estudo e Objetivos do Relatório de Projeto

Quem acredita no direito à vida de todos os seres humanos e que se sente chocado com os atos bárbaros que derramam sangue de inocentes todos dias, em todo o mundo, pergunta-se obviamente sobre a origem deste mal e de igual modo se pergunta sobre o remédio para este mal, remédio esse para o qual pode contribuir cada humano, consoante a sua área de intervenção na sociedade. Posto isto, centramo-nos no papel do tradutor, aventando a hipótese de que o tradutor, *lato sensu*, decerto surgiu com o aparecimento do *homo sapiens* na terra e da linguagem, como um intermediário entre grupos. O tradutor pode, com os seus conhecimentos, a sua formação e a experiência adquirida e o seu trabalho de reflexão, intuir realidades antes mesmo dos serviços mais sofisticados de informação dos vários Estados, até os dos mais poderosos. A capacidade intencional do tradutor ultrapassa, em alguns casos, a capacidade natural dos outros seres humanos não formados para essa atividade. Daí, a sua enorme responsabilidade enquanto ator social:

> «O facto de que os tradutores são aqueles que constroem sentido nos textos traduzidos leva a que (…), através desta capacidade, possuam poder considerável e grande responsabilidade e que exerçam um importante papel de liderança» (Tymoczko, 2010: 265; t. n.).

No nível do conhecimento comum, os dois termos que balizam a nossa reflexão, "terrorismo" e "tradução", apresentam definições tais como as seguintes: segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, **Terrorismo**, no sentido comum do termo, é a «prática de atos de violência, de atentados contra pessoas e bens, executados por um movimento clandestino em luta contra o poder estabelecido. Mas também há o chamado «terrorismo de Estado praticado por governos ou regimes políticos. Em sentido figurado, também se usa o termo "terrorismo" para se qualificar a atitude de intolerância e/ou de intimidação adotada pelos que desejam impor as suas ideias, nomeadamente nos campos literário e artístico, em relação àqueles que não partilham das mesmas convicções»[1].

Quanto à tradução, esta é assim definida, segundo o *Dicionário Verbo de Língua Portuguesa* (2008): "Tradução (pl. traduções) *n.f.* 1. Ato ou efeito de traduzir, de dizer ou escrever, numa língua, o que é ou foi dito ou escrito noutra". Quanto ao "tradutor", sendo este o agente da ação de traduzir, o mesmo dicionário, define-o como "pessoa que faz traduções", assumindo também o "bom tradutor" como "conhecedor tanto da sua língua quanto da cultura do outro país".

Estas definições são, evidentemente, muito limitadas, claramente insuficientes, quando as consideramos enquanto termos técnicos, não dando de forma alguma a dimensão desta atividade.

Na continuação deste Relatório, tentaremos dar consistência aos conceitos de tradução e de tradutor, questão que nos interessa particularmente, centrando-nos no papel deste último como contributo para a luta antiterrorista.

Quanto ao conceito de terrorismo, da leitura de textos disponíveis *online*, de diferente teor e área de especialização, rapidamente concluímos que são múltiplas as

[1] A este propósito, veja-se: «Em geral, o terrorismo de Estado não é percebido por aqueles que tentam elaborar uma definição internacional comum de terrorismo no âmbito de organizações intergovernamentais. Além disso, a palavra terrorismo vem do Reino do Terror perpetrado por Robespierre durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII. Naquela ocasião, o termo se referia às ações brutais do Estado contra seus inimigos políticos. Quando é legítimo falar sobre terrorismo de Estado? Quando, responde Gérard Chaliand, o terror é usado como um "modo de governar, permitindo que o poder estabelecido, por meio de medidas extremas e do medo coletivo, acabe com aqueles que resistem a ele"» (Marthoz, 2018:21).

definições avançadas, ao longo do tempo, em função dos países/comunidades de países e da sua ideologia política. Centrando-nos no contexto mais particularmente europeu, destacamos a legislação europeia sobre o conceito e as medidas antiterroristas (em particular, a Decisão-Quadro de 2002, considerada um marco, e a de 2008[2]) e os dados de organizações atentas ao fenómeno e suas consequências factuais. Esse é o caso, na ONU, do Grupo de Alto Nível sobre as Ameaças, os Desafios e as Mudanças – que, em 2003, avançou com a seguinte definição de terrorismo: «qualquer ação [...] destinada a causar morte ou graves lesões corporais a civis ou não combatentes, quando o propósito de tal ato, por sua natureza ou por seu contexto, for intimidar uma população, ou obrigar um governo ou uma organização internacional a fazer, ou abster-se de fazer, qualquer ato» (*apud* Marthoz 2018) – ou o caso da *Global Terrorism Database*, da University of Maryland (https://www.start.umd.edu/gtd/), que fornece dados sobre as ações terroristas – ver adiante.

Ainda no domínio da Defesa europeia, lemos, por exemplo, a seguinte análise:

> «A prevenção do radicalismo e a contenção do terrorismo islamista emergiram como prioridades estratégicas a nível da segurança europeia. Não obstante afetar apenas uma pequena minoria da população muçulmana na Europa, a radicalização apresenta desafios significativos para os Estados e as sociedades, os quais poderão não só ser expostos a atos violentos caso a radicalização conduza ao Islamismo radical jihadista, mas também em resultado da rejeição das normas democráticas de governo e de organização social e de princípios fundamentais como a diversidade, a igualdade e a liberdade» (Costa e Pinto, 2012:186).

E, da "Resolução sobre a urgência de novas medidas para lutar contra o terrorismo internacional", de 2018, no *Jornal Oficial da UE*, destacamos o conteúdo da alínea K, que se relaciona diretamente com o nosso trabalho de análise de notícias:

> «(…) com a utilização da Internet, do lado negro da Web, dos meios de comunicação social e das TIC, as organizações terroristas encontraram uma forma de divulgar a sua

[2] Ver Anexo 4.

> propaganda, obter financiamento e criar redes verdadeiramente mundiais sem precisarem de uma base física».

Também em Marthoz (2018: 12-14), igualmente se chama a atenção para o papel da informação no âmbito do terrorismo:

> «O grupo Estado Islâmico (…) propõe uma "narrativa" sedutora de heroísmo e virilidade, por vezes retransmitida inadvertidamente pela mídia tradicional. (…) [que] nem sempre considera suas responsabilidades nesse grande jogo de propaganda (…). Além de emergências e notícias de última hora, a cobertura do terrorismo exige capacidades especiais investigativas e analíticas sobre temas de grande complexidade que afetam a política internacional, as relações internas de poder político, a religião e o crime transnacional. "O terrorismo é provavelmente uma das áreas em que a competência profissional é mais necessária", observam Michel Wieviorka e Dominique Wolton na obra "Terrorisme à la une". (…) Portanto, os riscos são consideráveis: é uma questão de evitar contribuir para essa polarização fatal por meio de atalhos, frases imprudentes, estigmatização e generalizações».

São vastíssimas as organizações[3] e as publicações disponíveis na Internet sobre esta problemática, sendo que a leitura de várias delas (que tentámos selecionar, em termos de fiabilidade) nos ajudaram a confirmar a nossa convicção sobre a importância de primeira ordem do rigor na informação e, no caso da tradução da informação, da responsabilidade imensa que incumbe ao tradutor.

Centrando a nossa pesquisa nos discursos do líder da Organização que nós, como autores deste Relatório, tomámos a liberdade de apelidar de *Organização Terrorista Daech* (*OTD*)[4], começámos por pesquisar textos produzidos por esta Organização, com vista a comparar o original com as traduções que foram feitas pela imprensa francesa e pela portuguesa entre 2012 e 2015. Dada a vantagem de termos o árabe marroquino como língua materna, o árabe clássico como língua de ensino e formação, e o francês e o

[3] Note-se a existência do *European Counter Terrorism Centre*, no âmbito da Agenda Europeia para a Segurança relativa ao período de 2015-2020.
[4] Daqui para a frente, esta Organização passará a ser designada apenas por *OTD*.

português como línguas que conhecemos bem; dado, ainda, termos na nossa base cultural um bom conhecimento do Islão e do Sagrado Livro do Corão, acreditamos poder contribuir para um melhor conhecimento da responsabilidade dos tradutores, no contexto em causa.

A referida pesquisa, iniciada em finais de dezembro de 2015, foi bem sucedida, já que conseguimos encontrar quase todos os discursos e sermões do chefe da Organização Terrorista Daesh, proferidos até então, em língua árabe clássica (o uso do árabe clássico/do árabe literário modernizado faz parte da estratégia de abrangência da população de, pelo menos, 22 países árabes onde a língua partilhada é esta). De igual modo, conseguimos ainda algumas traduções/excertos de tradução dos mesmos em francês e em português (ver Introdução ao Cap. II).

Mas o horizonte desta investigação ficou muito sombrio quando se deram, em Paris, os atentados de 13 de novembro de 2015. Acordámos um dia a ver que os portais eletrónicos tinham sido selados pelas Autoridades de Segurança, em França, e, ainda mais, que tinha sido proibida a publicação ou a tradução de qualquer discurso vindo de elementos da *OTD*, em França e em Portugal.

Foi um duro revés para o nosso projeto, dado que o *corpus* não estava totalmente recolhido e que os nossos objetivos incluíam uma análise mais abrangente.

Contudo, para não abandonar este domínio do trabalho – que nos parece contribuir bastante para a reflexão sobre o papel social do tradutor e da tradução – foi necessário redirecionar a linha de trabalho. Recorremos, assim, a outra vertente possível deste projeto, que consiste no estudo do léxico relativo ao terrorismo nas notícias sobre a *OTD* publicadas nas duas imprensas já citadas, tendo os originais em árabe como texto-fonte. Para tal, constituímos um *corpus*-amostra composto por três *subcorpora*-amostra.

Esta recolha constitui agora o núcleo do presente trabalho e implica a análise das escolhas lexicais feitas pelos jornalistas.

Mas será que estas escolhas são efetivamente escolhas pessoais? Ou obedecem muito simplesmente à adoção da tradição já firmada na imprensa e na sociedade do respetivo país? Veja-se o exemplo da predominância de uma destas designações, consoante o enquadramento da notícia em português e francês: *Estado Islâmico, EI, Isis*

ou *Daech.* Ou será que os jornalistas só se limitam a replicar o que lhes chega das agências noticiosas internacionais? E mais, será que, independentemente dessas escolhas serem da responsabilidade do jornalista ou das agências, haverá sempre um tradutor competente nas línguas que usa e, eventualmente, especializado na matéria que traduz, dando apoio aos jornalistas nacionais e às agências internacionais? Assim, qual será o nível da qualidade da tradução relacionada com a temática das mensagens terroristas, na imprensa?

Não sendo possível senão levantar hipóteses sobre todas as questões acima referidas, é, contudo, possível analisar a última delas – o nível da qualidade da tradução que está por detrás do léxico especializado e usado no *corpus* reunido – e ainda determinar as preferências lexicais em cada uma das imprensas, a francesa e a portuguesa, através da comparação dos textos nas duas línguas.

Desde já, queremos deixar aqui registado que o que mais tem instigado a nossa persistência em realizar o presente Relatório de Projeto é o sangue inocente que tem sido e vem sendo derramado todos os dias pelos terroristas.

Partimos de um relatório[5] do *Institute for Economic and Peace* (IEP) que refere que, desde 2000 até à sua publicação, em 2016, cerca de 61.000 ataques terroristas, em várias partes do mundo, mataram mais de 140.000 pessoas e que, em 2015, o número de seres humanos que perderam a vida em consequência de atos violentos foi quase nove vezes superior ao do ano de 2000. De acordo com os dados referidos, este Instituto, que anualmente elabora um índice do terrorismo mundial, considera que foi atingido um nível histórico do terrorismo em novembro de 2015. No seu relatório de 2020, o *Global Terrorism Index* (p. 15) fornece o gráfico seguinte:

[5] http://visionofhumanity.org/app/uploads/2017/02/GPI-2016-Report_2.pdf - consultado pela última vez em 02 de julho de 2015.

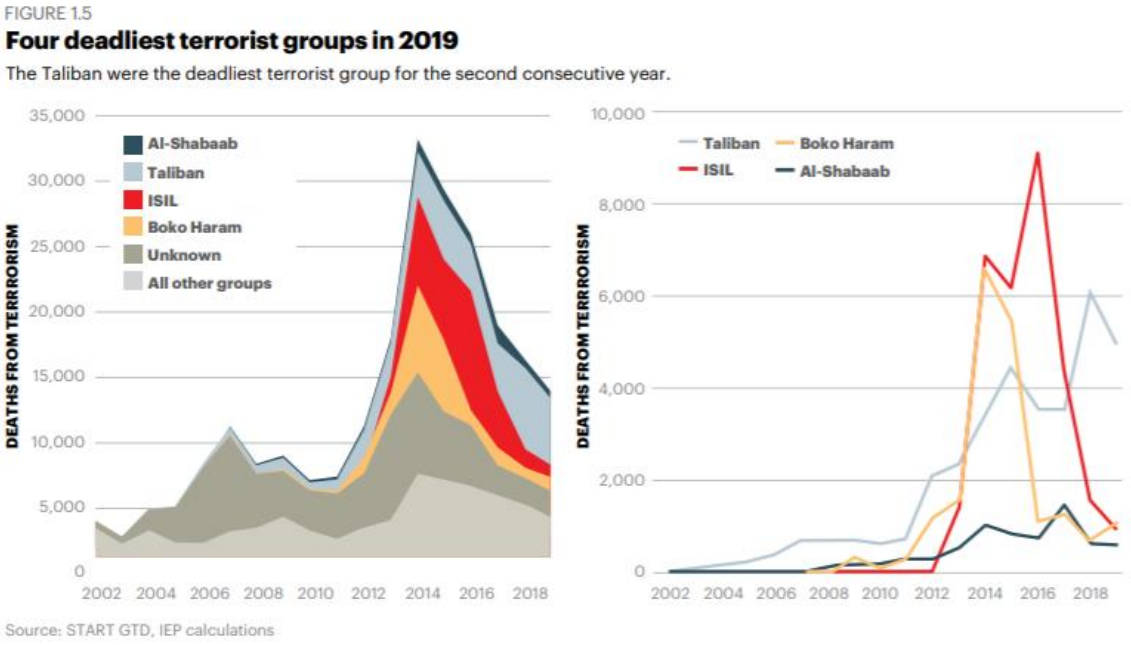


Figura 1 – Os quatro grupos terroristas mais mortíferos (Fonte: GTI 2021)

Além do número crescente dos combatentes que se juntaram às fileiras da *OTD*, os dados dos atos terroristas foram e são alarmantes. Vejamos os dados seguintes, da *Global Terrorism Database*, relativos a 1970-2013, a 2015 e ao período de 2012 a 2019. Os pontos vermelhos mostram a intensidade dos ataques terroristas no mundo e as diferentes zonas atingidas:

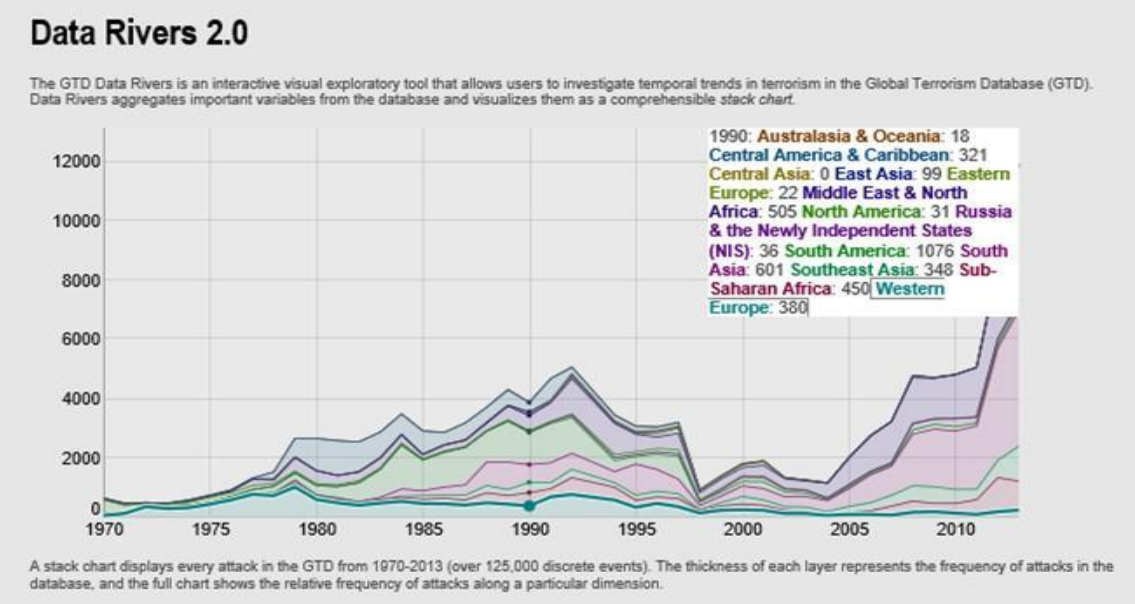


Figura 2 – Ataques terroristas (125.000 incidentes), no período 1970-2013.

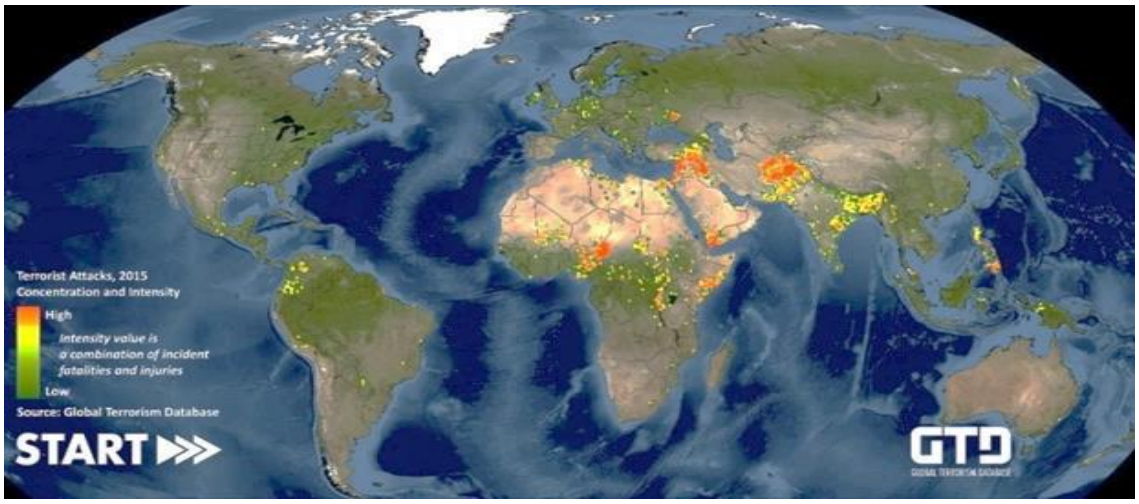


Figura 3 - Ataques terroristas em 2015, concentração e intensidade.

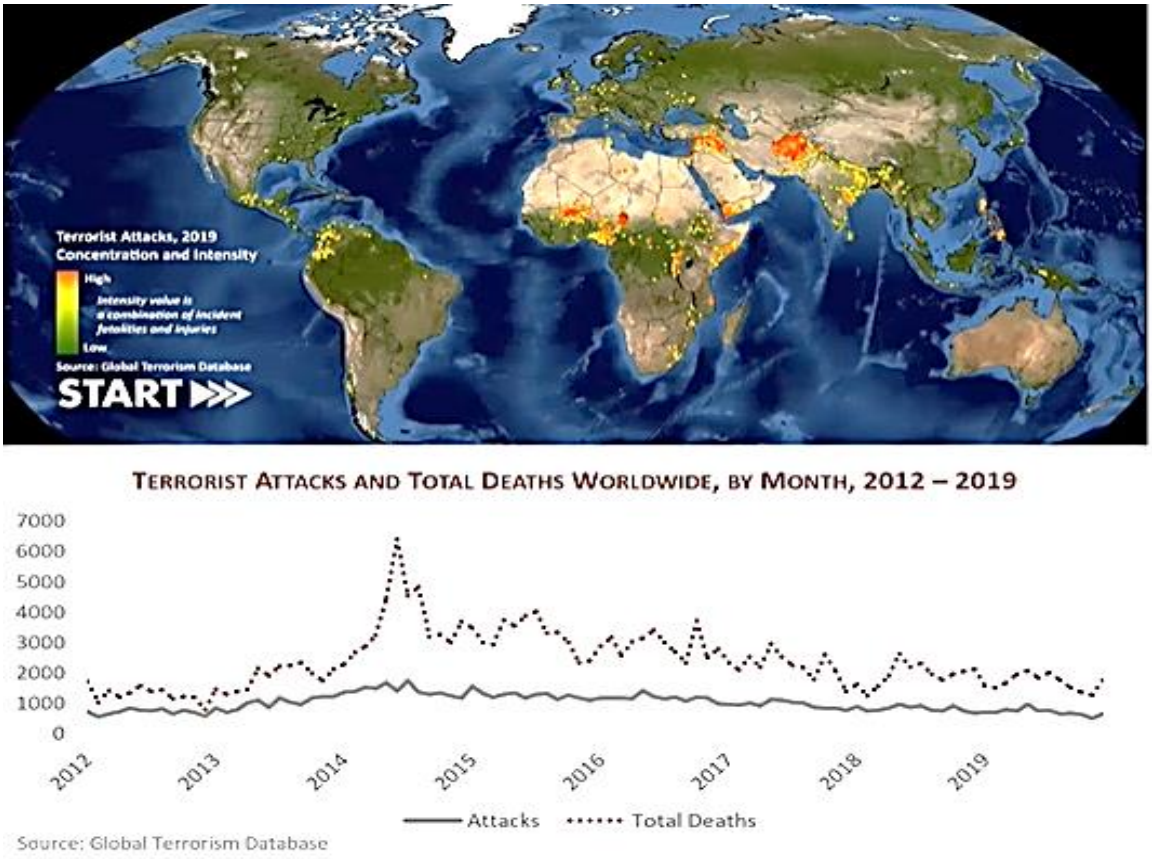


Figura 4 – Ataques terroristas e número de vítimas mortais em 2012-2019.

Como é sabido, estes incidentes implicam vagas muito importantes de refugiados, nomeadamente na zona mediterrânica (e outros fenómenos que desestabilizam a paz e a prosperidade no mundo), como descrito, por exemplo, no *Global Peace Index 2021*)[6]:

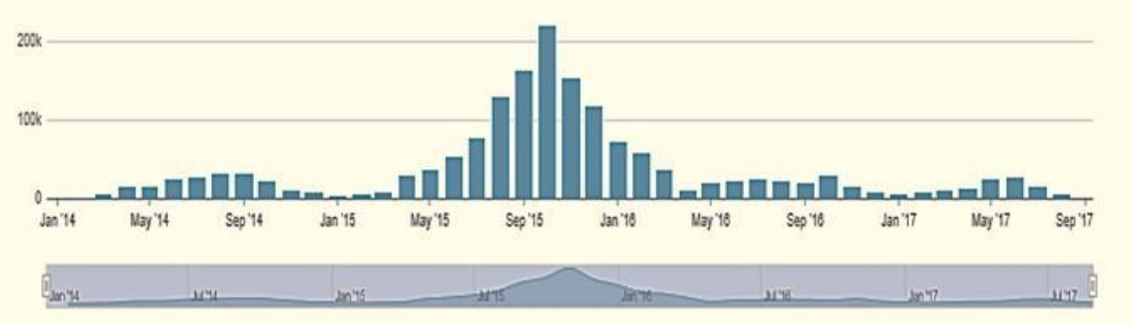


Figura 5 – Chegadas de refugiados na zona do Mediterrâneo (janeiro, maio, setembro de 2014 a 2017).

[6] http://data2.unhcr.org/en/situations/mediterranean

Por um lado, podemos depreender que o perigo do terrorismo se espalha cada vez mais por todo o mundo e, por isso, questionamos, a este respeito, outros dados para saber donde vem esse mal. Por outro lado, para compreender onde foi recrutado o maior número de pessoas, especialmente na Europa, consultamos e transcrevemos, após tradução nossa, as estatísticas da Organização *The Soufan Group* (TSG)[7]:

Países	Contagem Oficial	Data	TSG 2014 Números	TSG 2014 Números	Repatriados
Afeganistão		Jan. 2015	50		
Albânia	90	Maio 2015	100-200		
Argélia	170	Maio 2015	200-250	c. 200	
Argentina		2012	23		
Austrália	120	Out. 2015	255	c. 250	
Áustria	300	Out. 2015	233		70
Azerbaijão	104+	Maio 2015	216		49
Bélgica	470	Out. 2015	470	c.250	118
Bósnia	330	Out. 2015	217		51
Brasil	3	Jul. 2015			
Camboja	1	Jun. 2015			
Canadá	130	Out. 2015		30	
China	300	Nov. 2014			
Dinamarca	125	Out. 2015	100-150	100	62
Egipto	600+	Jan. 2015	1000		
Finlândia	70	Aug. 2015	70-100	c. 30	25+
França	1700	Mai, 2015		c.700	c.250
Geórgia		Jul. 2015	50		
Alemanha	760	Nov. 2015		270	200+
Malásia	100	Nov. 2015			5+
Maldivas	200	Maio 2015	20-100		
Moldávia	1+	Jan. 2015			
Montenegro		Set. 2015	30		

[7] https://www.soufangroup.com/

Marrocos	1200	Out. 2015	1500	C. 1500	
Países Baixos	220	Out. 2015	210	120	40
Nova Zelândia	5 to 10	Mar. 2015	6		
Noruega	81	Out. 2015	60	40-50	
Paquistão	70	Aug. 2015	330		
Filipinas	100	Aug. 2015			
Portugal		2015	12		
Qatar		Dez. 2015	c.10		
Roménia	1+	Mar. 2015			
Rússia	2400	Set. 2015		c. 800	
Arábia Saudita	2500	Out. 2015		c. 2500	

Tabela 1 – Recrutamento de terroristas em 2015, data do início do presente trabalho.

França, por exemplo, parece representar um ambiente profícuo para o recrutamento de combatentes, cujo número de pessoas recrutadas até 2014 para as fileiras da *OTD* atingiu 1700; por sua vez, de Portugal 12 pessoas foram para *OTD*, dados não oficiais, o que significa que podem ser mais ou menos pessoas a juntarem-se a este grupo de terroristas. Estes dados levam qualquer investigador a abandonar a hipótese de que o recrutamento destas pessoas seja apenas direto, para pesquisarem outras vias de recrutamento, entre as quais o impacto do discurso da *OTD* em língua árabe sobre os recentes recrutados e a manipulação da tradução pela própria *OTD* e pelos outros intervenientes.

2. A evolução cronológica da denominação da organização aqui chamada *OTD*

O processo de escolha do nome para uma organização, considerada sucessora da *Al-Qaeda*, com o intuito de impor uma identidade sociopolítica nova, passou por várias etapas terminológicas, tornando cada vez mais essa organização atraente para alguns simpatizantes e mais emblemática para muitos políticos, jornalistas e tradutores.

Em 2004, os líderes da OTD batizaram-se com o nome de *Organização Base da Jihad na Terra dos dois Rios, o Tigre e o Eufrates* (*Tanzim Qaedat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn*;تنظيم قاعدة الجهاد في بلاد الرافدين.).

A organização começou por manifestar a sua plena fidelidade ao grupo terrorista da *Al-Qaeda* de Osama Bin Laden; na altura, esta organização surgiu durante a ocupação americana do Iraque, como um grupo que luta contra as forças da referida ocupação, algo que atraiu, inicialmente, muitos cidadãos iraquianos e que os levou a enfrentar os ocupantes do seu país. Rapidamente, esta organização expandiu a sua influência e tornou-se numa das milícias mais fortes na cena anárquica iraquiana.

Em 2006, Abu Musab Al-Zarqawi apareceu num vídeo a anunciar a formação do Conselho de Mujahideen Achura (مجلس شورى المجاهدين) e foi morto no mesmo mês do seu anúncio. Após a sua morte, foi substituído por Abu Hamza Al-Muhajir como o novo líder do grupo, no Iraque. Nos finais de 2006, foi formada uma organização militar que – para além de revelar os seus objetivos através do seu autoproclamado nome, *Estado islâmico no Iraque*, e do seu próprio chefe autonomeado Abu Omar al-Baghdadi –, juntou todos os grupos radicais espalhados no território iraquiano. A organização alcançou a denominação plena de *Estado Islâmico no Iraque e na Síria*, quando Al-Baghdadi aproveitou a crise política que eclodiu na Síria e o caos que lá se vivia, para anunciar a sua entrada na linha de confronto na Síria, junto com outras organizações ligadas à *Al-Qaeda*. Assim, declarando guerra ao regime sírio sob o lema "Vitória dos Sunnis na Síria", a organização de Al-Baghdadi encontrou um espaço fértil no território sírio para praticar os seus crimes e a sua expansão, além de explorar o caos para alcançar os seus objetivos e expandir a sua influência. Esta autodenominação de *Estado Islâmico no Iraque e na Síria* manteve-se durante os cinco anos seguintes. No final de 2011, a organização tornou-se mais forte, após o seu estreito relacionamento com a *Frente Al-Nusra*, que era vista como um grupo fiel à *Al-Qaeda* e uma das organizações mais fortemente armadas e mais fortes na Síria.

Em abril de 2013, numa notícia publicada no site Shumoukh Al-Islam (شموخ الشام), Abu Bakr al-Baghdadi anunciou a fusão da sua organização com o grupo *Jabht Al-Iraque* (جبهة العراق), passando a organização a chamar-se *Estado Islâmico no Iraque e no Levante*, englobando assim os seis países que formam o Levante – Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre.

Em 27 de maio de 2013, Khaled Al Haj Saleh, jornalista e ativisita sírio, inventou uma denominação de conotação pejorativa e repulsiva para o autoproclamado *Estado Islâmico*. Criou uma espécie de acrónimo, ao usar as primeiras sílabas das quatro palavras que formavam a denominação *Dawlat al Iraque e Sham Al Islamiya* (*Estado Islâmico do Iraque e do Levante*), obtendo *DAICHA* (داعش). Na altura, esta denominação foi criticada por vários jornalistas e linguistas árabes, já que reconhecia implicitamente a existência de um estado ilegítimo. Umas semanas depois, Khaled Al Haj avançou com a nova denominação *Daech*, expressão esta que fonéticamente, em árabe, é muito semelhante ao verbo *dahasa*, o qual significa "pisotear, esmagar". Esta designação passou a ser usada global e genericamente, apesar dos líderes da *OTD* a considerarem ofensiva e repulsiva.

No início de 2014, o autoproclamado *Estado Islâmico no Iraque e no Levante*, no confronto com o exército iraquiano e com o regime sírio, conseguiu uma série de expansões geográficas e militares, que levaram o chefe da organização a alterar, mais uma vez, o nome da estrutura para *Estado Islâmico* (EI) e para o qual se proclamou califa.

Em finais de 2014, a agência noticiosa francesa AFP, seguindo o exemplo do seu Governo, optou pelo acrónimo *Daesh* ou *Daech*, na sua política de redação, esclarecendo, com estas palavras, a sua decisão:

> «Consideramos o termo "estado islâmico" inadequado por duas razões: antes de mais, não é um estado real, com fronteiras e reconhecimento internacional; em segundo lugar, para muitos muçulmanos, os valores reivindicados por esta organização não são de forma alguma islâmicos» (t. n.).

Por sua vez, o próprio diretor da redação declarou que não queria o nome “estado islâmico” nos artigos publicados sobre esta organização, para não enganar o público” (t. n.).

Os canais árabes começaram por usar o termo "estado islâmico" mas abandonaram a expressão, ainda em 2014, por causa da sua conotação positiva, especialmente para o mundo muçulmano. O canal *Al Arabiya*, por exemplo, optou pelo acrónimo *Daech*.

Em síntese, a denominação desta organização teve a seguinte linha cronológica e de alargamento geográfico da própria denominação:

Figura 6 - Evolução histórica da denominação da *OTD*

2.1 A polémica sobre a denominação e a nossa opção pela denominação *OTD*

Barack Obama, ex-Presidente dos EUA, ao discursar perante o Congresso do seu país, em 2014 e em várias ocasiões, evitou usar a designação "estado islâmico", utilizando a denominação antiga em inglês do grupo, *ISIS*, salientando que «ISIS não é nem estado nem islâmico». Acrescentou que «nenhum Estado, nem mesmo os cidadãos governados pelo ISIS, reconhecem esta organização como Estado» (t. n.).

David Cameron, ex-Primeiro-Ministro do Reino Unido, disse, no seu Parlamento, em dezembro de 2015, que o seu Governo se iria juntar à França para nomear o grupo terrorista de *Daesh* em vez de *ISIL*.

Tony Abbott, ex-Primeiro-Ministro australiano, em 2015, anunciou que passaria a referir-se ao grupo "estado islâmico" com o termo *Daesh*, argumentando que esta designação privava o grupo de qualquer legitimidade entre os muçulmanos.[8]

Em Portugal, entre 2011 e 2015, vários responsáveis oficiais usaram nomes diferentes para designar esta organização. Assim, Rui Machete, ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, usou a designação *Grupo Radical Estado Islâmico.*[9]

Os Serviços de Segurança, em Portugal, usaram sempre *Grupo Estado Islâmico*.[10] Cavaco Silva, ex-Presidente português, usou em várias ocasiões a designação *O autoproclamado Estado Islâmico Daesh*. Pedro Passos Coelho, Ex-Primeiro-Ministro de Portugal, chamou a esta organização *Terror sem Rosto.*

[8] https://www.theguardian.com/world/2015/jan/12/tony-abbott-say-hell-now-use-daesh-instead-of-isil-for-death-cult-but-why, consultado pela última vez em 2 de novembro de 2015.
[9] https://sicnoticias.pt/especiais/ei/2014-10-31-Rui-Machete-avisa-que-portugueses-envolvidos-no-Estado-Islamico-sao-terroristas, consultado pela última vez em 2 de novembro de 2015
[10] Relatório anual de Segurança Interna (RASI), http://www.ansr.pt/InstrumentosDeGestao/Documents/Relatório%20Anual%20de%20Segurança%20Interna%20(RASI)/RASI%202015.pdf, consultado pela última vez em 2 de novembro de 2015.

Foi a partir de 2011 que esta organização conheceu o seu apogeu e com ele começou a guerra das designações para este grupo, por parte de várias foguras públicas e entidades.

No que nos diz respeito, a nós tradutores, andamos numa permanente procura de uma posição neutra e clara em relação à escolha da denominação adequada para esta organização terrorista. Contudo, muitos de nós seguem a confusão gerada por certos meios de comunicação social e tratamos, frequentemente, a *OTD* como *Estado Islâmico*, à semelhança da RTP, da SIC, do *Público*, do *Correio da Manhã*, ou usamos *Daesh*/ *Daech*, como a *Revista Sol*, ou ainda recorremos à sigla ISIL/ISIS, tal como os ingleses.

Daqui se depreende que não tem havido uniformização no uso da denominação e, quanto a nós, parece-nos que, pela confusão que se tem constatado, dificilmente se chegará algum dia a um consenso sobre uma única designação para esta organização. A constante mudança da própria denominação, devido ao alargamento do território ocupado, implica uma multiplicidade de opções na escolha da denominação adequada, por parte de políticos e meios de comunicação social, para esta organização.

Sintetizando a terminologia usada em Portugal e no mundo:

Sol	Público	Diário de Notícias	Jornal de Notícias	Expresso	Correio da Manhã	Visão	RTP	SIC	TVI
Daesh	EI (Estado Islâmico)								

Quadro 1 - Designação da *OTD* por alguns meios de comunicação social em Portugal, até 2015

Mundo Árabe	Portugal	França	Reino Unido	EUA
Daesh	-EI* -Grupo Radical -EI -Terror sem Rosto -Grupo de EI	Daesh	ISIL	ISIS

*Quadro 2 – Designação maioritariamente usada

ONU	Espanha	China	Turquia
-ISIS -Eiil Daesh- Isil[11]	Organización Terrorista DAESH	达伊什(Daesh)	Irak ve Şam İslam Devleti IŞİD

Quadro 3 - Designação da *OTD* usada por alguns meios de comunicação social no mundo, até 2015

A constante mudança da própria denominação (ver Fig. 6, acima), implica uma multiplicidade de opções na escolha da denominação adequada, por parte de políticos e meios de comunicação social, para esta organização.

Para se ter uma noção ainda, da tradução do termo *Daesh* apresentada pelos tradutores automáticos, cada vez mais utilizados, consultámos aqueles que são mais frequentemente usados pelo público. Para tal, escrevemos em árabe, no espaço do texto de partida, o termo داعش (*Daesh*), considerado o mais consensual pelos países árabes e por alguns países ocidentais, e assim chegámos ao seguinte resultado:

Denominação árabe	Google Tradutor	Bing Tradutor	Yahoo!	Babel Fish	SYSTRAN Translate
(Daesh) داعش	Isis	ISIS	EIIL, Daesh, EIIL, EI, Estado Islâmico, ISIS, ISIL, Daesh, Jihadistas	Isis	EIIL, Daesh

Quadro 4 – Ferramentas de tradução automática e a designação da *OTD*

Sabendo-se que a terminologia, em geral, desempenha um papel importante no aparecimento ou mudança de conceitos ou ideias, esse elemento reveste particular importância na comunicação, na política e até na linguística. Nesta linha de pensamento, as organizações terroristas estão plenamente conscientes da importância da denominação

[11] *Rapport du Secrétaire général sur le sort des enfants touchés par le conflit armé en Iraq*, (Relatório do Secretário-Geral sobre o destino das Crianças afectadas pelo conflito armado no Iraque, https://undocs.org/fr/S/2015/852. Consultado pela última vez em 15 de julho de 2017.

e da forma como propagandear a sua terminologia e fazê-la chegar a um público mais vasto. Estas organizações recorrem, diretamente, ao uso da sua própria máquina mediática, e, indiretamente, aos meios de comunicação social, dos países árabes e europeus, os quais, de forma inconsciente, acabam por apoiar a divulgação dessa terminologia minada e por colaborar no alcance dos objetivos pretendidos. Consequentemente, a propaganda da *OTD* conseguiu, num curto espaço de tempo, ressuscitar um grande número de termos e expressões para cobrir e até justificar todas suas as práticas e ações.

Quanto a nós, na qualidade de tradutores, ficamos perante a exigência de uma pesquisa mais atenta para lutar, em tempo útil, contra a propaganda terminológica desta organização que chegou a vários países onde a língua árabe é minoritária. A corrida para a adoção de uma denominação adequada à ação terrorista levou muitos de nós a precipitarmo-nos numa tradução cega da designação adotada pela própria *OTD*, gerando maiores confusões.

Vejamos, a este propósito, o caso dos tradutores anglófonos, que adotaram a transcrição direta da designação desta organização e chegaram ao resultado *ISIS*, isto é, a tradução do árabe para o inglês de *Islamic State in Iraq and Syria*. Este acrónimo foi o mais utilizado pela imprensa anglófona para identificar este grupo, e teve uma consequência fatal para uma grande Farmacêutica dos Estados Unidos, cujo nome já era *ISIS* (vide Anexo 2). A conotação negativa que se refletia na partilha deste nome entre a própria empresa e a *OTD*, obrigou a Farmacêutica a mudar para "IONIS PHARMACEUTICALS, Inc.", suportando todos os custos de registo e demais despesas inerentes ao processo de alteração do seu nome. Também a livraria "ISIS BOOKS & GIFTS", fundada há quase quarenta anos em Englewood, no Colorado, USA, teve de mudar de nome para evitar novos atos de vandalismo tal como os comentários insultuosos na sua página de Facebook, feitos por pessoas que a confundiam com a organização terrorista ou pensavam que estava associada ao grupo ISIS. Citamos, por último, o caso da operadora americana de pagamento *online*, *ISIS*, que anunciou a mudança do seu nome, para evitar que fosse associado à *Organização Terrorista Daech*.

A *OTD* está bem ciente deste imenso prejuízo que tem causado no mundo, quer seja pela destruição com as armas e as bombas quer seja pelo impacto das palavras que tem gerado para propagandear a sua política. Essas palavras têm provocado uma guerra terminológica sem fim à vista, entre as quais tem estado a denominação "estado islâmico", usada pela própria *OTD* e que não tem sido uma ação nada inocente; antes pelo contrário, demonstra a vontade em levar os outros a traduzi-la diretamente para *ISIS*, *ISIL* e até *DAECH*, para que estes acrónimos desaguem no reconhecimento da organização como estado. A propaganda terminológica da *OTD* pode explicar-se, por um lado, pelo desejo da organização de ser reconhecida como estado e, por outro lado, para que ela se possa aproveitar da carga histórica e simbólica do acrónimo *ISIS* o qual representa, para além do nome da empresa farmacêutica americana, o nome da deusa egípcia Ísis que «ajudava os mortos a entrarem no pós-vida da mesma forma que tinha feito com Osíris, [sendo] também considerada a mãe divina do faraó»[12]. Esta semelhança de simbolismo terá enganado, com toda a certeza, um maior número de lobos solitários nas terras do *Tio Sam* e no resto do mundo, se fizermos uma relação com a associação que a *OTD* proclama entre a morte pela causa e a promessa do paraíso para os mártires. Todos conhecemos as últimas palavras de bombistas que se fizeram explodir, em nome desse ideal.

2.1.1 A razão da denominação por nós proposta: *Organização Terrorista Daesh*

Convém, neste ponto, e após termos focado a questão da designação da organização em diferentes contextos, explicitar as razões da nossa opção de denominação da mesma.

Na procura de um nome que pudesse ser uma proposta nossa para designar esta organização, fomos analisar várias sugestões lusófonas, já que o português é a nossa língua do trabalho, verificando que a maioria dos meios de comunicação social decalcavam a designação autoproclamada pela própria organização, a saber, Estado Islâmico ou apenas a sigla *EI*, mas também *Daech* como expressão de conotação pejorativa para esta organização. Mas deparámo-nos com alguns exemplos inéditos, como o de Nuno Rogeiro, que usou *DEDI*, isto é, *Dito Estado Dito Islâmico*, ou o dos Serviços

[12] https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dsis

de Segurança de Portugal, que optaram por *Grupo Estado Islâmico*, ou ainda o do ex-Primeiro-Ministro de Portugal, Pedro Passos Coelho, que recorreu, em várias ocasiões, à expressão *Terror sem Rosto*.

Na presença de uma tal profusão de nomes usados e perante a ausência da adoção consensual de um nome, que leve em consideração a evolução histórica e linguística desta organização, entendemos dever, na qualidade de tradutores, responsáveis e imparciais, apresentar a nossa proposta, que se pretende sem apologias, a qual temos vindo a usar no presente Relatório: *Organização Terrorista Daech*, com a respetiva abreviatura, *OTD*.

Para melhor esclarecer a nossa escolha, vamos definir cada elemento que forma o conjunto de palavras da sigla *OTD* e para tal decidimos consultar dicionários. No *Dicionário Verbo*, das definições apresentadas para a palavra "Organização", podemos ler: «4. Associação de pessoas que, para prossecução de fins comuns se constituam numa entidade estável, dispondo de órgãos próprios, organismo, Associação, Sociedade… Acrescenta-se que Organização é uma palavra de origine grega "*organon*" que significa instrumento, utensílio, órgão ou aquilo com que se trabalha». Transpondo esta definição para a *OTD*, constatamos que esta organização é realmente uma estrutura composta por pessoas, que dispõe de todos os órgãos de gestão, desde administrativos, mediáticos e militares, que tem como objetivo expandir o seu poder e conquistar mais terras.

Quanto ao adjetivo "Terrorista", o mesmo Dicionário refere: «1. Que pratica ou defende o terrorismo. Uma rede. Um Grupo [terrorista]. 2. Que visa o terrorismo ou que nele se inspira (...)», e também define "Terrorismo" como: «(...) Prática de atos de violência física ou psicológica, contra pessoas ou instituições, por grupos, clandestinos que procuram alterar a ordem instituída e impor a sua. O [terrorismo] é ameaça à segurança dos cidadãos".

A escolha da denominação por nós efetuada, de *Organização Terrorista Daech*, tem, assim, apoio semântico, quanto às duas primeiras palavras e é consentânea com os fins desta organização, nomeadamente, aqueles que foram lançados publicamente pelo seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, nos seus sermões e discursos – estes contrariam o Direito à Vida de todos os seres humanos, algo que é citado e preservado na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e está plasmado em todas as Constituições de todos os

países, incluindo as dos regimes mais ditatoriais deste mundo. Com efeito, o apelo deste líder a derramar sangue dos inocentes para atingir os seus objetivos só pode ser definido como ação terrorista.

Por último, a escolha do termo *Daech*, como terceira palavra para a denominação escolhida, traduz, pela sua carga semântica altamente negativa, como nome comum em língua árabe, como já referimos[13], a vontade da esmagadora maioria dos povos árabes, e também a nossa, e a de todos quantos nos opomos a esta organização no mundo árabe-islâmico, em denunciar a sua natureza e de ver esta organização esmagada e extinta, o mais brevemente possível. Cremos, também, traduzir o desejo de todos os homens de bem que, no mundo, desejam o mesmo.

Conforme referimos anteriormente, o termo *Daech* é um possível acrónimo para *al-Dawlat al-Islamiya fi al-Iraq wa Sham*, mas, para a nossa proposta de denominação para esta organização, nós usamos daech como palavra e não como acrónimo.

Queremos ainda salientar, como contributo linguístico para o conhecimento do árabe, que, nesta língua, o acrónimo não é usual e que os dois únicos exemplos conhecidos no mundo árabe são os casos referentes às organizações políticas e militares da *FATH* (*Frente para a Libertação da Palestina*) e do *HAMAS* (*Movimento de Resistência Islâmica da Palestina*), que têm sido amplamente usados e difundidos tanto por jornalistas como por políticos. Para melhor demonstrar a formação destes dois acrónimos, diremos que o primeiro resulta da junção de três letras em árabe, que, juntas, já significam "conquista" ou "inauguração", e cuja formação e leitura se fazem de modo reverso. Mesmo assim, esta composição é incongruente, porque o acrónimo em questão junta as primeiras letras ou sílabas do nome *Frente* e constrói uma palavra com sentido. Neste processo de combinação de letras ou sílabas para *FATH*, não foi respeitada a regra geral da formação do acrónimo, dado que *FATH* está formado ao inverso, ou seja, o "H" é a primeira letra da primeira palavra que é *Frente* (حركة), enquanto o "T" representa a primeira letra da palavra *Tahrir* (التحرير), isto é, *Libertação*, e por último a sílaba "FA", que diz respeito à primeira sílaba do adjetivo gentílico *Falestinia* (الفلسطينية), e quer dizer

[13] Relembre-se que a fonética da palavra *Daech*, na língua árabe, corresponde ao verbo DAHASSA (دهس), o qual significa "esmagar com os pés".

Palestiniana. Com o acrónimo *HAMAS*, que, por si só, quer dizer "entusiasmo", em árabe, não acontece o mesmo processo de formação inversa, visto que é formado pela junção da primeira sílaba do primeiro elemento desta designação "HA" à primeira sílaba da segunda palavra "M", à qual se junta a primeira sílaba da terceira palavra "AS".

Cabe-nos rematar afirmando que não é intenção nossa criar mais uma designação para esta organização, mas sim contribuir, com o nosso estudo e investigação, para propor uma designação, segundo nós, mais adequada, baseada em investigação; e, assim, talvez, alertar colegas de profissão e jornalistas para a importância da questão, para unificar o nome desta organização, para facilitar a sua identificação em todo o mundo e para ajudar a compreender quão absurda e inaceitável é a existência desta organização terrorista.

Antes de passarmos ao Capítulo I, e voltando às motivações para a elaboração deste trabalho, na qualidade de tradutor, desde há muito refletimos sobre a origem do mal que constituem, neste quadro geral associado ao recrutamento terrorista, as traduções do discurso da *OTD*. Daí nasceu a necessidade de investigar este campo, que, sublinhe-se, foi muito pouco abordado por investigadores universitários.

Assim, e em suma, na expectativa de esclarecer o nosso ponto de vista sobre esta questão, elaborámos o presente Relatório de Projeto, que intitulámos: *A Contribuição da Tradução para a Prevenção e Luta contra o Terrorismo. Estudo de Caso com base na Comparação de Artigos da Imprensa Escrita Árabe, Portuguesa e Francesa – Período 2012/2015.*

3. Estrutura do Relatório de Projeto

Nas secções 1 e 2 desta **Introdução,** foi abordada a relevância da tradução no domínio da difusão das notícias sobre a ideologia do terrorismo, do contexto histórico em que surgiu a organização terrorista cuja declarações e respetivas traduções analisamos neste Relatório. Foi brevemente focado o impacto que têm as traduções para a área de segurança pública e estatal, e para a paz, devido ao perigo que constitui uma tradução inadequada ou manipulada de textos produzidos por terroristas. Foi, igualmente,

justificado o nosso interesse em trabalhar esta área, centrando-nos no léxico associado ao terrorismo e constante dos textos analisados em árabe, português e francês.

No **Capítulo I,** apresentamos uma abordagem, nas suas vertentes histórica e teórica, da tradução como atividade humana, focando, entre outros aspetos, a questão da fidelidade na tradução, com destaque para a problemática da tradução dos termos islâmicos, de árabe para português.

No **Capítulo II**, abordamos os problemas lexicais constantes do *corpus* reunido, o qual apresentamos, refletindo sobre problemas e soluções alternativas, que tentamos justificar, para a tradução de árabe para português de algumas sequências, com incidência no léxico especializado na área do terrorismo. Fazemos uma reflexão sobre os vários tipos de texto usados para a divulgação das declarações dos terroristas e sobre os problemas que levanta a sua tradução em francês e em português, sugerindo uma tradução alternativa e neutra, consoante o contexto original em árabe. São também focadas, de quando em vez, algumas questões morfológicas e sintáticas.

No **Capítulo III**, desenvolvemos um estudo sobre erros na tradução, com ênfase posta em questões que, quando ligadas à tradução de pronunciamentos ou de textos escritos em que está implicado o foro religioso ou ideológico, adquirem particular importância: é o caso do termo *Jihad*, que é, quanto a nós, o termo mais polémico, nos textos traduzidos. De forma complementar, focamos casos de erros de tradução com consequências nomeadamente judiciais, na perspetiva da qualidade da mão do tradutor, nas traduções que elabora, e do impacto, por vezes tremendo, que uma tradução não conseguida pode ter.

Nos **Comentários Finais**, fazemos uma síntese das ideias-chave focadas neste Relatório e propomos vias de trabalho futuro, refletindo brevemente sobre uma questão que não tratámos, pelos condicionamentos a que a proibição da divulgação das mensagens da *OTD* nos obrigou, mas que consideramos muito interessante: a da tipologia dos textos desta e de outras organizações congéneres.

CAPÍTULO I

ABORDAGENS HISTÓRICAS E TEÓRICAS DA TRADUÇÃO

> « la pratique de la traduction ne pourra jamais se soustraire au risque de l'interprétation du sens » (Delisle, 1993: 127).
>
> « on ne peut pas ignorer le fait que les traducteurs mobilisent des connaissances et des compétences hyperspécialisées lors de la traduction littéraire ou non-littéraire » (Badea, 2010: 4)

Introdução

Quando traduzimos, procuramos, através desta atividade, alcançar a perfeição e dar singularidade ao nosso trabalho, recorrendo a múltiplas estratégias e técnicas que fazem da nossa criatividade algo compreensível e familiar para quem consulte a nossa produção. Para esse efeito, o tradutor, no seu dia-dia, é confrontado com vários dilemas representados por dois textos, sendo que cada texto tem a sua força e a sua gravidade que atraem o profissional de tradução para o seu campo lexical e semântico. Para explicar melhor este fenómeno, abordamos também alguns tópicos sobre o aspeto teórico da tradução e recorremos aos contributos de vários especialistas nesta área.

Antes de mais, citamos aqui uma definição de tradução que consideramos mais adequada ao nosso objeto de estudo e que é a seguinte:

> «Traduzir quer dizer compreender **o sistema interno de uma língua** e **a estrutura de um texto** dado nessa língua, e **construir um duplo do sistema textual** que, sob uma

certa descrição, possa **produzir efeitos análogos no leitor»** (Eco, 2005: Introdução; destaques nossos).

Esta definição estabelece quatro elementos essenciais: o primeiro consiste no profundo conhecimento da língua de chegada e da língua de partida (no caso do nosso estudo, é o conhecimento dos sistemas internos do árabe e do português, com o francês como língua de comparação); o segundo é conhecer, analisar, a estrutura do texto de partida; o terceiro consiste na construção de um duplo do sistema textual, ou seja, na construção de um novo texto, em que, na procura da fidelidade, se pode, por vezes, cometer alguma infidelidade (mas uma infidelidade pode corresponder a um ato de fidelidade, pelo que a primeira será apenas aparente), com vista a, justamente, se chegar ao quarto ensinamento: criar no destinatário-leitor um efeito equivalente ou muito aproximável do efeito do texto-fonte.

O conhecimento do sistema interno da língua de chegada passa pelo domínio do sistema lexical e das propriedades semânticas das palavras; o léxico é, na nossa opinião, um elemento fundamental. No caso das traduções dos enunciados dos terroristas da *OTD*, não se trata de pedir ao tradutor que use a sua arte, idealizando um texto fiel mais interessante e elegante, mas, pelo contrário, que seja sobretudo muito rigoroso no domínio do léxico, o que se justifica pela enorme responsabilidade da tarefa, que pode mudar o destino de muitos seres humanos.

Além disso, é um facto que a estrutura do texto nos leva, obviamente, a escolher a estratégia mais adequada para conseguir um texto de chegada que desempenhe o papel de um duplo sistema textual face ao conteúdo do texto original, nomeadamente quando se trata do discurso político, que faz parte da categoria dos discursos incitativos que visam principalmente convencer o recetor e que se definem pela sua função conotativa.

Havendo uma opinião generalizada que considera ainda pertinente que o tradutor produza, através da sua atividade, efeitos análogos sobre o leitor, relativamente a estes efeitos muitos se interrogam sobre o dilema do tradutor, que é saber se a tão esperada "fidelidade" é exigida na tradução deste tipo de discursos, e mais, até que ponto podemos produzir um texto de chegada com os mesmos efeitos análogos e sem deixar margem ao aparecimento da mesma manipulação patente no texto de partida. Para responder a esta

inquietação, faremos, de seguida, uma breve abordagem mais teorizante do papel da tradução e uma síntese da história desta atividade.

1. O papel da Tradução, nas suas múltiplas facetas

A tradução constitui uma atividade humana que acompanhou o desenvolvimento social e humano e que continua a ser um meio de comunicação entre nações e povos que se expressam em línguas distintas. A tradução surgiu como uma necessidade, também, para a melhor consecução de determinadas atividades humanas, quer elas fossem culturais, económicas, militares ou até religiosas. A tradução foi capaz de levar muitas pessoas para além das suas fronteiras geográficas e assim poderem interagir com outros povos. A tradução, em suma, é um importante fator de desenvolvimento da civilização e da formação da mente humana, das línguas e do pensamento, abrindo portas ao que estava antes fechado.

Se a era em que vivemos é caracterizada pela globalização multifacetada e pela importância que atribui à dimensão universal e à necessidade de comunicar, é impossível para qualquer sociedade fechar-se ao resto do mundo e viver em espaços cerrados. Portanto, é necessário que esta mesma sociedade participe em experiências de tradução para alcançar essa abertura e enriquecer a sua comunicação com o exterior. Como tal, a tradução baseia-se num diálogo próprio e assenta igualmente no diálogo com o resto do mundo, com o objetivo de alcançar toda uma comunicação partilhada, favorecer a coexistência dos povos e ter um papel necessário na convergência e entrelaçamento de povos e nações.

A existência da língua "do outro" foi sempre uma barreira de comunicação, na maioria das civilizações, religiões e filosofias, face às diferenças de interpretação destas mesmas línguas entre as pessoas. É sob este ponto de vista que a tradução veio agir na abertura destas línguas e dos seus falantes ao outro, expandindo a memória e o imaginário do ser humano, numa viagem longa através dos tempos e dos lugares, sem se recorrer apenas aos modos mais diretos de comunicação interpessoal, e isso só no caso de haver conhecimento alargado de várias línguas nos mesmos espaços.

Assim, a tradução não é apenas uma ferramenta de transmissão e de conversão do texto original, mas também uma vasta área de inovação, de criatividade e de acompanhamento para a evolução dos povos e o contacto entre as civilizações, é uma atividade que visa o desenvolvimento e o progresso de todas as nações. No fundo, a tradução está fortemente presente no processo educativo, quer seja em disciplinas literárias, científicas ou artísticas.

Reconhece-se ainda à tradução uma relação de dependência a diferentes estruturas linguísticas, realidades culturais e psicológicas, *frames* sociais e complexas situações étnicas.

Como é sabido, o estudo científico dos problemas de tradução tornou-se mais importante no pós-Segunda Guerra Mundial e após a propagação das correntes do existencialismo na literatura, na filosofia e no teatro. A tradução é, portanto, uma atividade cultural e política muito relevante. Não é um mero ato técnico, separada do conjunto dos mecanismos do desenvolvimento histórico e cultural das sociedades. A tradução é um processo que abrange a soma desses elementos, a fim de reconstruir uma determinada produção intelectual ou reproduzi-la numa nova língua, uma vez que se refere a um contexto histórico e a um padrão cultural de especificidade.

Por estas razões, é natural que haja receios no ato de traduzir, do ponto vista da fidelidade e da boa prática tradutora. Entre eles, o da adequação e fidelidade lexical, porque a presença de vocabulário específico – e, por vezes, real ou aparentemente intraduzível – em alguns textos de partida implica o 'drama' da sua passagem infiel para o texto traduzido, o que torna o desafio de uma tradução fiel apenas num sonho.

Decidimos abordar, no nosso trabalho, a tradução dos discursos políticos dos terroristas porque consideramos que comporta, em si mesma, aspetos de maior sensibilidade e de maior complexidade, sobretudo numa era em que *o terrorista não é aquela pessoa que sabe somente vestir um colete e espoletar uma bomba, mas é mais de que isso: o terrorismo no nosso cotidiano tornou-se uma ameaça multifacetada,*

aproveita a arma e a palavra para seguir em frente na realização pura e dura dos seus objetivos[14].

Perante esta especificidade, a atividade da tradução vê-se confrontada, por um lado, com o desafio do perigo de estar à partida manipulada e, por outro lado, com o facto de ser feita por pessoas com pouco profissionalismo, o que pode levar

> – a produzir traduções altamente erradas que resultam na distorção dos textos originais;
> – a cair nas armadilhas de certas tendências manipuladoras, sejam elas racistas ou terroristas, para facilitar a passagem de ideologias políticas ou religiosas e acelerar a sua difusão entre os indivíduos, na sociedade.

Tudo isto faz com que a tradução mergulhe no abismo e numa série de problemas e dificuldades, tanto ao nível da qualidade dos trabalhos produzidos como ao nível do valor da fidelidade dos trabalhos realizados pelos seus profissionais, em relação ao texto de partida. Abordaremos agora, sumariamente, a tradução do ponto de vista histórico, antes de expor algumas teorias da tradução consideradas, por nós, mais consentâneas com o nosso labor.

1.1 Breve abordagem histórica da Tradução

É do conhecimento geral que a tradução oral e a tradução escrita são, sem dúvida, muito antigas e sabemos que, mesmo antes de descoberta a técnica de impressão na China, foram encontradas traduções que nos remetem para a época do Egito Antigo e da Babilónia. Como foi acima referido, a tradução, como atividade humana, não tem um início histórico bem definido, uma vez que começou, plausivelmente, desde a primeira comunicação cultural entre estranhos, com intermediação de um intérprete/tradutor, e desde a primeira interação civilizada entre duas línguas e culturas diferentes[15].

[14] Fonte desconhecida, em língua árabe (tradução nossa).
[15] A seguir, retomamos a informação obtida em diferentes textos, como El Medjira (2001), Santos (2003), Mauri (2008), entre outros, que vamos indicando.

Em Ballard (2013), encontra-se vasta informação sobre a história da tradução, desde a Antiguidade e relacionando interpretação com tradução propriamente dita e reconhecida como tal. Nessa obra, pode ler-se (p. 20) que as primeiras traduções assinadas surgiram em Roma, sendo um escravo grego liberto o primeiro europeu conhecido como tradutor (da *Odisseia*, por volta de 240 a.C.).

1.1.1. Antiguidade (… - 476 d.C.)

A época romana caraterizou-se pela tradução massiva de trabalhos científicos e literários gregos, destinados à sociedade romana e ao império. Reconhece-se ainda a esta época o mérito da tradução dos livros sagrados, Torá e Bíblia. Os primeiros conceitos sobre a tradução surgiram muito cedo, com Cícero (106 – 43 a.C.), Horácio (65 - 8 a.C.), Séneca (4 a.C. – 65 d.C.), entre outros. Com uma longa atividade tradutora, já Cícero falava sobre a tradução *do sentido e não da palavra*, contrariando assim os seus antecessores que tinham considerado a tradução como atividade baseada no chamado *verbum pro verbo*. Cícero, na sua qualidade de tradutor, foi o primeiro a chamar a atenção para o facto de as traduções terem de obedecer ao objetivo primordial de atrair o público-alvo, também numa perspetiva de enriquecimento do vocabulário da língua de chegada.

Numa fase já mais posterior, apareceu Eusebius Sophronius Hieronymus (347-420 d.C.), mais conhecido por São Jerónimo (hoje, patrono dos tradutores). Ele traduziu a Bíblia, assim como vários outros livros religiosos, diretamente do hebraico, afirmando, na linha de Cícero, que tinha como meta a tradução do sentido e não da palavra («É o sentido que é preciso verter e todo o sentido e não as palavras» (t. n.)[16]). Esta teoria de São Jerónimo conseguiu manter-se até à Idade Média, altura em que outros teóricos retomaram esta questão.

Usando as próprias palavras do investigador Bento Silva Santos,

> «na Idade Média, algumas reservas foram expressas sobre a teoria dominante na tradução, a que só transmitia o sentido, como explica Boécio (ca. 480-524), figura

[16] Citado por Nassima El Medjira, http://docplayer.fr/43095185-Fidelite-en-traduction-ou-l-eternel-souci-des-traducteurs.html (2001: 2).

> importante no contacto entre a cultura do mundo clássico e a do mundo medieval e tradutor do Grego para o Latim: «Para que a tradução não seja uma corrupção da realidade, deve-se traduzir letra a letra» (Santos 2003:189).

Ballard (2008: 26) refere que o trabalho de S. Jerónimo, de "retradução" de textos sagrados, a partir do grego (em particular do Novo Testamento, criticada por muitos, entre os quais St. Agostinho), realizado no Médio Oriente, nasce de uma atividade comparatista entre línguas e traduções, aspeto a que o autor atribui a maior importância, e que subescrevemos. Ballard acrescenta que a ideia, já presente em S. Jerónimo, de que o conhecimento das línguas em presença é fundamental para o ato de traduzir «vai a par com a consciência de uma exegese que conduz à consciência das ligações que a leitura tece com a interpretação, sob todas as suas formas» (p. 30; t.n.).

No domínio da tradução de obras religiosas, nesta época, Sto. Agostinho (354 – 430 d. C.) é referido por vários estudiosos da história da tradução.

Avançando no tempo, passemos a alguns nomes de referência, do séc. XVI em diante.

1.1.2. Idade Moderna (1453-1789)

Na época do Renascimento, Etienne Dolet (1509-1546), tradutor, é também visto como o primeiro teórico ocidental a tentar formular uma teoria da tradução quando expõe que «o tradutor tem de compreender perfeitamente o sentido e o assunto do autor que ele traduz». Podemos assim dizer que estas palavras foram uma primeira tentativa e até uma iniciativa para teorizar a tradução, na sua obra *La Manière de bien traduire d'une langue en aultre* (1540)[17] e igualmente em outras, sendo que «Seu projeto propunha uma unificação da língua vulgar, e nele a tradução recebe o status de co-formadora da cultura nacional ao oferecer em língua romance as obras gregas e latinas tornadas literatura francesa, em bom francês» (Mauri, 2008: 69). Como refere Mauri (*idem*: 70), na

[17] *Facsimile* disponível em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k106073c.image

perspetiva de Dolet, e – acrescentamos nós – de forma muito interessante, já se encontra o conceito de "desconstrução/reconstrução", no ato tradutório:

> «o tradutor-autor, servindo-se dos recursos retóricos que oferece a língua de chegada, reconstruirá 'criativamente' no produto final os elementos anteriormente desconstruídos por meio da compreensão do sentido».

Pela importância desta figura da Renascença, época em que a língua francesa ganha grande relevância (sob Francisco I), como o vernáculo a expandir, reproduzimos a seguir os "cinco princípios" da sua teoria da tradução (*apud* Mauri, 2008, t. n.), de que destacamos a regra 2, para efeitos da nossa argumentação posterior, neste Relatório:

1. Compreender o sentido e o tema do autor que é traduzido;

2. Conhecer perfeitamente a língua do autor que é traduzido e a língua em que é traduzido;

3. Traduzir *ad sententiam*;

4. Utilizar a língua comum;

5. Observar a harmonia do discurso (a cadência oratória).

Segundo El Medjira (2008), também no século XVI, Joachim Du Bellay (ca. 1522-1560), considerando que a tradução correta é aquela que se preocupa com o sentido, recusou-se, contudo, a aplicar o mesmo princípio à tradução da poesia, para ele intraduzível, a menos que o tradutor possuísse as mesmas competências poéticas do poeta-autor. Com efeito, na sua obra *Deffense et illustration de la langue françoyse* (1549), Du Bellay escreve, no Cap. VI (mantemos a transcrição do original francês, neste caso, chamando a atenção para a presença da dicotomia "traditeur/traducteur"):

> «Mais que dirai-je d'aucuns, vraiment mieux dignes d'être appelés traditeurs, que traducteurs ? vu qu'ils trahissent ceux qu'ils entreprennent exposer, les frustrant de leur gloire, et par même moyen séduisent les lecteurs ignorants, leur montrant le blanc pour le noir : qui, pour acquérir le nom de savants, traduisent à crédit les langues, dont jamais ils n'ont entendu les premiers éléments, comme l'hébraïque et la grecque : et encore pour

> mieux se faire valoir, se prennent aux poètes, genre d'auteurs certes auquel si je savais, ou voulais traduire, je m'adresserais aussi peu, à cause de cette divinité d'invention, qu'ils ont plus que les autres (…)» (destaque nosso).[18]

Jacques Amyot (1513-1593), por seu turno, acrescentou ao mundo da tradução uma nova conceção, ao elaborar a chamada *Teoria da Adaptação*, que evoca a necessidade da criatividade no texto traduzido e que podemos comprovar nestas suas palavras: «não basta traduzir o autor, mas é necessário procurar esforçar-se por dar um toque de criatividade»[19].

Na época, esta teoria de Amyot criou uma grande polémica entre aqueles que trabalhavam na tradução. Segundo Balliu (1995:13-15), Amyot, como Dolet, tiveram um papel importante na fixação da língua francesa, em particular do léxico, via a sua produção como tradutores; a autora cita esta passagem da Introdução de Amyot à tradução de *Vidas paralelas* de Plutarco, publicada em 1559, ilustrativa da relevância do conceito de adaptação e de utilização de um vernáculo adequado (mantemos o original):

> « [les mots] qui sont les plus propres pour signifier la chose dont nous voulons parler... qui sonneront le mieux à l'aureille, qui seront plus coutumièrement en la bouche des bien-parians, qui seront bons français et non estrangers ».

Considera Amyot que, ao traduzir os originais gregos, e não recorrendo às respetivas traduções latinas, lança um movimento de independentização dos tradutores franceses das características linguísticas dos originais, o que não acontecia quando os textos usados eram as traduções latinas do grego, sendo o latim considerado uma língua estruturalmente mais próxima do francês.

Balliu (*idem*) considera, enfim, que Amyot está na origem de uma mudança radical, ao considerar que o leitor precisa de ser considerado, no trabalho de tradução para a língua que este conhece, 'adaptando-se' as traduções ao tempo e assim garantindo a sua aceitação.

A Época Clássica, delimitada entre meados do século XVI e princípio do século XVIII, foi o momento da História com mais traduções na Europa, especialmente as de

[18] Texto completo em https://www.axl.cefan.ulaval.ca/francophonie/Du_Bellay.htm
[19] *Apud* El Medjira (2011).

obras antigas, marcado por uma estética de retorno e enaltecimento da cultura clássica greco-romana. Graças à contribuição teórica de Nicolas Perrot d'Ablancourt (1606-1664 – poliglota e tradutor de muitos clássicos), com as *Belas Infiéis*[20], bem como à criação da Academia Francesa, em 1635, de que d'Ablancourt era membro, os tradutores da época queriam enriquecer as suas línguas através de obras da Idade Antiga, ao ter em consideração as teorias de Cícero e de São Jerónimo, que tinham como princípio o objetivo «não a mesma quantidade, mas o mesmo peso»[21]. Não raras vezes, na altura, era tido em conta este princípio para justificar o recurso às técnicas de adição e supressão de algumas palavras do texto original e de assim conseguir, na perspetiva do tradutor, uma desejada coerência e beleza de estilo no texto de chegada, num francês que procurava estandardizar a sua identidade (para o que contribuiu a publicação da *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*, em 1660). Ou seja, a beleza e o bom gosto deviam primar sobre a total fidelidade ao original (inclusivamente quando se tratava de traduzir textos bíblicos, segundo Balliu (1995:20).

Citando Delisle e Woodsworth (1995: 148),

> "d'Ablancourt expõe os princípios que o guiaram: os cortes, acrescentos, arranjos e modernizações do texto original são realizados em nome do bom gosto, das regras da *bienséance* e das diferenças entre as línguas e culturas. Mas outra finalidade está também presente, ao traduzir deste modo: moldar e polir a língua francesa, que vai então atingir a sua maturidade. O facto é que as suas traduções agradavam muito aos seus contemporâneos» (t. n.).

Foi ainda nesta época que Alexander Tytler (1747-1813) publicou o primeiro ensaio sobre tradução, *Essays on the Principles of Translation*[22] (Londres, 1791) que, de acordo com Lawrence Venuti (TYTLER, apud Lefevère, 1992ª, p.128), já preconizava que

[20] Denominação atribuída à tradução do grego Lúcio (séc. II) realizada por d'Ablancourt com o título *Histoire Véritable*. Ver secção 1.3.1 deste Capítulo, sobre a fidelidade em tradução.
[21] *Apud* Santana (2002).
[22] Edição facsimilada da edição de 1907 disponível em https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/6622/essay-on-the-principles-of-translation.pdf?sequence=3&isAllowed=y

> «Uma boa tradução é aquela na qual o mérito do trabalho original é tão completamente transfundido numa outra língua, sendo tão distintamente apreendido e tão profundamente sentido por um nativo do país ao qual esta língua pertence, como o é por aqueles que falam a língua do trabalho» (Tytler, 1907: 8-9; t. n.).

1.1.3 Idade Contemporânea

No século XVIII e em todo o século XIX, os grandes tradutores alemães, tais como Goethe (1749-1832), Humboldt (1767-1835), Novalis (1772-1801), Scheiermacher (1768-1834) e Nietzsche (1844-1900), optaram sempre pela tradução literal.

Já no século XX, é de salientar que foi apenas na década de 70, e com o trabalho de James S. Holmes (1924-1986), que os Estudos Teórios da Tradução começaram a ser considerados uma Disciplina. A partir de então, as reflexões sobre as questões teóricas da tradução expandiram-se e diversas linhas de pensamento tradutológico delinearam-se, tornando-se ramos teóricos sistematizados, que oferecem ao tradutor estratégias de tradução ou se configuram como vertentes essencialmente filosóficas.

Por seu turno, Rudolf Steiner (1861-1925), na transição do século XIX para o XX, resumiu as teorias da tradução desde o início até a época moderna em três categorias:

- a **primeira categoria** visa a tradução literal, na qual se procura o equivalente no dicionário, usando-o no texto de chegada;
- a **segunda categoria** é o eixo principal da transferência fiel e a reconstrução livre do texto de partida. O tradutor, neste caso, transfere o original e constrói um novo texto livremente adaptado na língua de chegada. Este último texto adquire a sua autonomia;
- a **terceira categoria** é a simulação, a recriação, a liberalização e a adição ou supressão, uma vez que isto vai desde a compatibilidade absoluta com o texto de chegada até à procura dos equivalentes mais adequados, a imitação recorrendo à tradução livre que produz, por vezes, um texto que é apenas uma referência ao texto original.

Na perspetiva de compreender melhor as diferentes teorias da tradução, vamos aqui expor algumas dessas teorias e conhecer melhor alguns autores da traductologia contemporânea.

Atualmente, apesar da prática da tradução ser muito antiga, existe consenso entre muitos teóricos para que não se possa falar de 'teoria da tradução' antes dos meados do século XX, já que vários estudos publicados sobre a tradução ficaram apenas como registos de ideias pessoais dos próprios tradutores, decorrentes da sua experiência de tradução e do espírito da época. Assim, nos nossos dias, o mérito da existência da ciência da tradução fica muito a dever-se aos estudos científicos que foram traduzidos e fizeram desta disciplina um ramo da Linguística Comparada, chamado Traductologia.

Desde 1970 até agora, a Traductologia tem feito avanços notáveis, graças a vários teóricos modernos.

A questão da tradução literal é abordada abaixo, evocando alguns defensores da mesma, mas é essencial esclarecer que a tradução literal não significa tradução palavra por palavra, o célebre *mot à mot*, como alguns pensam. A tradução literal tem em conta a diferença entre os distintos sistemas linguísticos internos e entre sistemas culturais. Obedece à construção de frases segundo o padrão da língua de partida e, se a língua de chegada o permitir, são idênticas às daquela mesma língua. Visa ainda conservar um mínimo da estrutura das frases originais, a fim de não afetar o sentido, mantendo o mais próximo possível o estilo de autor. De seguida, traçamos as linhas essenciais dos trabalhos de quatro grandes nomes que praticaram a tradução literal, entre muitos teóricos da tradução.

1.1.3.1 A Interculturalidade na Tradução, segundo John Catford

Linguista escocês de grande renome, foi, durante a Segunda Guerra Mundial, professor de inglês na Grécia, no Egito e na Palestina e fundou a Escola de Linguística Aplicada, na Universidade de Edimburgo. John Catford (1917–2009), ao contrário do que é hoje sabido sobre a tradução, vista como uma intervenção intercultural entre duas línguas, encara a tradução como um ato de substituição das unidades lexicais de uma

língua de partida por unidades lexicais de uma língua de chegada, tal como se depreende destas suas palavras:

> «A tradução pode ser definida da seguinte forma: a substituição de material textual em uma língua (S[ource]L[anguage]) por material textual equivalente em outra língua (T[arget]L[anguage]). (...) O problema central da prática de tradução é o de encontrar equivalentes de tradução na TL. Uma tarefa central da teoria da tradução é a de definir a natureza e as condições de equivalência de tradução» (1965: 20-21; t. n.)

Mas o autor refere uma ideia muito importante, neste seu livro: «textos e itens da língua fonte são sobretudo mais ou menos traduzíveis, mais do que absolutamente traduzíveis ou do que intraduzíveis» (1965: 93; t. n.).

Segundo Catford (1965), existem três categorias da tradução, embora cada uma possa ser adotada consoante a tipologia do texto traduzido:

- a **primeira categoria** é a tradução por volume de palavras, isto é, quando as palavras do texto de partida são todas traduzidas para o texto de chegada, algo que não existe quando se fala de tradução parcial;
- a **segunda categoria** é a tradução de elementos gramaticais e lexicais entre a língua de partida e língua de chegada, considerando Catford este processo como improvável, vista a complexidade de alcance de elementos gramaticais e lexicais simétricos, em termos de monossemia e polissemia, entre as línguas de partida e de chegada;
- a **terceira categoria** acontece quando a tradução é limitada e segue apenas a ordem estrutural da língua fonte, conservando os seus morfemas, palavras, frases ou orações completas.

Nesta ótica catfordiana, a tradução é conceituada de maneira "intencionalmente ampla" como «a substituição de material textual numa língua fonte (LF) por material textual equivalente noutra língua meta (LM)» (Catford,1980: 22). O autor esclarece que a escolha lexical "material textual" é feita de modo a ressaltar que não se trata da tradução de um "texto" inteiro, mas sim de uma substituição por equivalentes da LM. O processo

de tradução segue, segundo o mesmo autor, dois procedimentos: o primeiro é a inclusão completa de todos os termos (isto é, todas as palavras são traduzidas) e o segundo é a inclusão incompleta ou parcial (isto é, nem todas as palavras do texto são traduzidas).

1.1.3.2 As teorias inovadoras de Antoine Berman

Antoine Berman (1942–1991) foi filósofo, tradutor, crítico literário e teórico da tradução; inspirou-se nos românticos alemães, em particular em Schleiermacher e Goethe, que, na época, eram considerados os mais críticos da tradução etnocêntrica[23] e hipertextual[24]. Tendo em conta que Berman já tinha refutado chamar o seu próprio trabalho de teoria, há que dizer que é na categoria dos teóricos que ele se inscreve, com as suas ideias e reflexões que prevalecem ainda, na tradução literal, sobre outras técnicas e estratégias da tradução. Assim, vejamos que o próprio Berman, na obra *L'Epreuve de l'étranger* (1984:54), encara a tradução como «uma operação onde intervém massivamente a literatura e até a 'literarização', a 'sobre-literatura'» (t. n.).

Para Berman, a tradução deve ser ética é não etnocêntrica, poética e não hipertextual e pensante. Traduzir, para ele, é um exercício ao mesmo tempo ético, poético e filosófico, sendo que o objetivo da tradução é o diálogo entre línguas e culturas distantes. Esse diálogo abrirá portas para o 'estrangeiro', através do enriquecimento de palavras estrangeirizantes, algo que não existe na tradução etnocêntrica. Esta vê apenas as culturas como completas e antigas, e que não precisam de nada mais para sobreviver e crescer.

Podemos comprovar este conceito de Berman nestas suas próprias palavras quando afirma que:

[23] *Etnocêntrica* significa aqui: o trabalho da tradução que faz convergir tudo para a sua própria cultura, com as suas normas e valores, e que considera o estrangeiro como negativo ou, no máximo, bom para ser incorporado, acomodado, a fim de aumentar a riqueza da cultura de chegada. Contrariamente, segundo os referidos pensadores, a tradução deverá ser marcada por abertura ao 'outro', ao diálogo intercultural e interlinguístico: «abrir no nível da escrita uma certa relação com o Outro, fecundar o Próprio através da mediação do Estrangeiro» (Berman, 1984:16; t.n.).

[24] *Hipertextual* remete para qualquer texto gerado por imitação, paródia, *pastiche*, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto já existente.

> «Toda a cultura gostaria de bastar-se a si própria para, a partir dessa autossuficiência imaginária, poder ao mesmo tempo brilhar sobre os outros e apropriar-se do seu património» (*idem*: 16; t. n.).

Antoine Berman era contra a ideia que predominou durante séculos na área da tradução e que sugeria que o objetivo da tradução consistia na captação, na inclusão e na adaptação do sentido com as características da língua de chegada para tornar o texto uma produção local, e assim levar o leitor a acreditar que o escritor original escreveu a sua obra na forma de uma tradução. O tradutor é capaz de apagar os traços da transferência, embora permita ao texto traduzido ser escrito numa língua normativa que não deve permitir a existência de alteridade lexical ou semântica no texto de chegada.

Neste contexto, Antoine Berman demonstra que o trabalho analítico do tradutor sobre as suas próprias traduções introduz no texto traduzido elementos de deformação, que surgem de forma consciente ou inconsciente, desviando a tradução do texto original e agindo, de forma negativa, sobre a qualidade final da tradução. A análise de traduções, e a sua experiência como tradutor, permitiu-lhe chegar a um conjunto de 13 tendências deformantes, que passamos a enumerar:

- A racionalização
- A clarificação
- A expansão
- O enobrecimento e popularização
- O empobrecimento qualitativo
- O empobrecimento quantitativo
- A homogeneização
- A destruição dos ritmos
- A destruição das redes significantes subjacentes
- A destruição dos sistematismos
- A destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares
- A destruição das locuções e idiotismos
- O apagamento das sobreposições das línguas.

Estas tendências deformantes apresentam um estudo interessante e analítico sobre a crítica a tradução, mostrando que a ação do tradutor pode conduzi-lo a um afastamento do original, desvirtuando os seus sentidos. Em síntese, as tendências deformantes dizem respeito a alterações sintáticas, lexicais e culturais que, em prol de uma eventual adequação ao sistema de chegada e de uma clarificação gramatical/lexical, redundam, de forma não desejável, numa expansão/alongamento do texto, numa retórica e estética mais acessível à vulgarização da tradução ou, pelo contrário, numa redução/empobrecimento do original, através da destruição de vários dos seus aspetos identificadores.

1.1.3.3 A Relação de Coabitação na tradução, segundo Henri Meschonnic

Poeta francês, linguista, teórico da poesia e da tradução, Henri Meschonnic (1932–2009) ficou muito conhecido como tradutor do Antigo Testamento, que traduziu diretamente do hebraico para o francês. Ao adotar a linha de tradução de textos bíblicos, Meschonic quis manter fidelidade à função poética, inerente aos próprios textos originais, ao tentar reproduzir efeitos poéticos com outras intenções que não religiosas[25]. Segundo ele, a tradução não se deve vergar às necessidades e ao agrado de um dado tipo de destinatário, mas sim satisfazer qualquer destinatário.

Meschonnic definiu de forma muito inovadora e interessante a tradução literal, considerando a operação de traduzir como uma "mutação" do texto original, rejeitando toda a operação de "anexação" no decurso do trabalho de tradução e defendendo que o tradutor deve olhar o texto a traduzir como uma unidade complexa e não apenas como uma sequência de elementos linguísticos, palavras, frases, enunciados, por importante que seja considerar a estrutura linguística do mesmo. O tradutor tem de captar o ritmo, organizador do discurso e elemento fundamental para a significação. Assim, para a reflexão tradutória, preconiza um olhar de relação textual, de textos e respetivas estruturas linguísticas no seu todo e entre si, de coabitação. A "anexação", ou seja, a 'absorção' do

[25] https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Meschonnic; HENRI MESCHONNIC - Encyclopædia Universalis, http://www.universalis.fr/encyclopedie/henri-meschonnic/, consultado pela última vez em 02/3/2016. Meschonnic notabilizou-se com a publicação da tradução do Antigo Testamento e de várias obras, entre quais há que destacar: *Critique du Rythme* (1982), *Poétique du Traduire* (1999) e *La Rime et la Vie* (1986).

texto de origem, destrói essa relação, fazendo perigar as distinções linguísticas e culturais, o que conduz a dizer que o trabalho do tradutor não deve apagar-se e que não deve ser apagada a relação que se cria entre textos (ver Meschonnic, 1972).

Apesar de longa, consideramos importante a seguinte citação de dois excertos do texto de 1972, "Propositions pour une poétique de la traduction", visto que concentram, de forma muito clara, aspetos centrais do pensamento de Meschonnic e que permitem relacionar as suas posições com a de contemporâneos e de antecessores, alguns dos quais já evocamos acima ou ainda incluiremos adiante:

> «Traduzir um texto não é traduzir língua, mas sim traduzir um texto na sua língua, o qual é texto pela sua língua, sendo a língua, ela própria, pelo texto. (…) De acordo com a historicidade do ato de traduzir, uma tradução é tradução-introdução até acontecer – se é que pode acontecer – o momento de uma tradução-texto» (p. 53; t. n.).
>
> «A relação poética entre texto e tradução implica um trabalho ideológico concreto contra a dominação estetizante (a "elegância literária") que se materializa numa prática subjetiva de supressões (supressão de repetições, por exemplo), acrescentos, alterações de ordem, transformações, em função de ideias feitas sobre a língua e a literatura, as quais caracterizam a produção dos tradutores como produção ideológica, sendo que a produção textual é sempre, pelo menos em parte, anti-ideológica» (p. 54; t. n.).

1.1.3.4 Lawrence Venuti e a Defesa da Visibilidade do Tradutor

Professor de Literatura moderna, Tradições poéticas de língua inglesa e de línguas estrangeiras, Teoria e história da tradução e Tradução literária, na Universidade de Temple, nos Estados Unidos, Venuti (1953–) publicou, em 1995, o seu livro *The Translator's Invisibility*, que expõe a importância da visibilidade ou invisibilidade do tradutor.

Já na sua obra *The Scandals of Translation* (1998), Venuti denuncia posicionamentos que levam a uma visão marginalizante do trabalho de tradução e aborda a questão da ética da tradução; mostra uma certa simpatia pelas ideias de Antoine Berman, ao defender a "tradução estrangeirizante" (*Foreignizing translation*), no sentido de contrariar qualquer estratégia de tradução pró-domesticação, na qual, segundo Venuti, o

tradutor se torna "invisível". Ora, o que defende Venuti é a "visibilidade" do tradutor, através da estrangeirização, mediante o uso de termos originais e de estruturas sintáticas que dão uma segunda vida ao texto de partida. Advoga um novo tipo de estratégia chamada "tradução resistente" e recusa qualquer simplificação ou o recurso a textos explicativos à margem da tradução.

Venuti insistiu também na chamada "honestidade excessiva" do tradutor, ou seja, o tradutor deve conservar todos os termos e características estrangeiras do texto de partida e de os transmitir assim como estão para a língua de chegada, uma vez que assim mostrará a sua honestidade no novo texto. Consequentemente, o tradutor permanece fiel à sua função e torna-se participante da mudança na cultura de chegada.

Embora muito sucintas, e deixando de parte muitos outros nomes que poderiam citar-se, cremos que estas referências a alguns teóricos da tradução são importantes para balizar o nosso próprio trabalho, já que as consideramos, cada uma com o seu contributo, como uma importante base de reflexão para a tradução de textos polémicos, como os do nosso *corpus*, a qual exige determinar, em particular, se há, da parte do tradutor, a intenção da preservação ou não da identidade e da particularidade do texto estrangeiro, e que opções estão implicadas e são possíveis. Certo é que a análise rigorosa do texto de partida, a consciência das etapas (da historicidade) da tradução e o cuidado em produzir um texto «pelo menos em parte, anti-ideológic[o]», como acima citado (Meschonnic, 1972: 54), são muito importantes.

Na secção seguinte, centramo-nos, justamente, nessa questão específica ao nosso trabalho, a qual podemos definir como *questionamento sobre as opções de tradução, face a textos revestidos de crucial importância para a segurança mundial e para a paz da Humanidade.*

1.1.3.5 - Amparo Hurtado Albir

Professora catedrática de Tradutologia na Universidade Autónoma de Barcelona, é uma referência nesta área de pesquisa, na formação de tradutores e na da avaliação da tradução. Integra, como investigadora principal, o Grupo PACTE (Process in the

Acquisition of Translation Competence and Evaluation) da mesma Universidade, que visa construir um modelo de competência de tradução. Autora de numerosa bibliografia, desenvolve, na obra de 2011, Traducción y traductología: introducción a la traductología, uma proposta de abordagem da tradução fundamentada em diferentes tipos de ângulos de análise (linguística, textual, cognitiva e sociocultural - sócio-histórica - comunicativa), que, em articulação, permitem uma ação integrada, por parte do tradutor, face à complexidade do objeto de trabalho, encarado como um ato de comunicação muito particular.

No Capítulo II desta dissertação, inspiramo-nos fortemente nas propostas desta autora, para a análise aí apresentada.

1.2 A Fidelidade na Tradução

Traduzir textos cujo autor é a *OTD*, ou os seus simpatizantes, requer do tradutor uma estratégia muitíssimo atenta às escolhas que faz, analisando o texto de partida de forma extremamente rigorosa, quer linguística quer cultural quer ideologicamente. O que significa, neste caso, a fidelidade perante o texto original?

A fidelidade, embora seja bem explicada nos dicionários linguísticos, permanece um termo vago e ambíguo no mundo de tradução. Que tipo de fidelidade é exigido no processo de tradução? Quais são os limites da subjetividade do tradutor face ao texto de partida? Será que a escolha de equivalentes funcionais é suficiente para alcançar um nível maior da fidelidade e, claro, menos 'traição'?

Sem respostas a estas perguntas, é óbvio que o tradutor, quando se dedica mais ao conteúdo do texto e visa respeitá-lo no texto de chegada, será, eventualmente, acusado de negligência formal, e, quando se consagra à funcionalidade do seu texto e usa da sua liberdade na escolha dos equivalentes funcionais, para agradar o seu leitor, será, igualmente e acaso, culpado de traição ao texto de partida. O dilema está, deontologicamente, ligado à submissão indiscutível da soberania do texto fonte, como se o tradutor fosse um simples transmissor neutro de algo que se impõe, partindo de uma entidade e indo para outra sem marcas ou visibilidade do próprio transmissor.

É de questionar, a este respeito, a viabilidade de existência da fidelidade na tradução em geral e de perguntar: como deve o tradutor lidar com os dilemas Fidelidade *versus* Liberdade, Subjetividade *versus* Objetividade, Equivalência formal *versus* Equivalência dinâmica e Visibilidade *versus* Neutralidade? Considerando a tradução como um modo de pensamento e uma recriação independente, como podemos exigir uma total fidelidade ao tradutor?

Para responder a estas questões, tentaremos, numa primeira fase, definir, linguisticamente, o conceito de fidelidade, passando de seguida a uma abordagem histórica deste termo, para finalmente falarmos sobre a fidelidade na tradução dos textos da *OTD*.

1.2.1 Definição de Fidelidade

O *Dicionário Verbo da Língua Portuguesa* (2008) define *fidelidade* como ***1.*** *Qualidade do que é fiel.* ***2****. Comportamento da pessoa que não engana nem trai a confiança nela depositada* (…). Por seu turno, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003) define-a da seguinte forma: ***1*** *característica, atributo do que é fiel, do que demonstra zelo, respeito quase venerável por alguém ou algo, lealdade* (...) ***5*** *compromisso rigoroso com o conhecimento, exatidão, sinceridade* (…).

A fidelidade, como conceito não especializado, é definida em ambos os dicionários como um comportamento que alguém deve adotar perante outros ou perante algo e, mais de que uma simples deontologia profissional ou rigor académico, é um verdadeiro compromisso. O tradutor, sujeito deste nosso Relatório, é chamado a assumir dois compromissos: o primeiro, respeitar rigorosamente a mensagem do autor; o segundo, comprometer-se com o efeito que a sua tradução deixará na mente do leitor.

Podemos enquadrar os textos do discurso da *OTD* no que podemos chamar de ‘textos-armadilha’. Estes textos-armadilha têm várias finalidades, embora comportem em si mesmos, quase sempre, manipulações várias na sua base. Perante esta tarefa de os traduzir e com a gigantesca responsabilidade de ser fiel à sua função sem ser manipulado pelo próprio autor do texto de partida, diremos, parafraseando o *Dicionário Verbo da*

Língua Portuguesa (2008), que o tradutor deve comportar-se como pessoa que não engana nem trai a confiança nele depositada não só pelo autor, mas também pelos futuros leitores. Essa função do tradutor foi bem definida por Rosemary Arrojo (1992) quando disse que o tradutor não está a ser fiel ao autor, mas sim às convicções e visões do mundo de quem lê o produto final desse trabalho:

> «Nossa tradução de qualquer texto (...) será fiel não ao texto 'original', mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos» (Arrojo, 1992: 44).

No entanto, é fundamental não omitir nem desproporcionar as características linguísticas do texto de partida e da sua adaptação rigorosa ao texto de chegada.

O conceito de fidelidade na tradução desde sempre foi bastante ambíguo. Para alguns, a tradução é fiel ao texto original quando o conteúdo geral do texto de chegada respeita a soberania do texto de partida; para outros, a verdadeira fidelidade ao texto traduzido está na tradução literal, ou seja, na tradução palavra por palavra.

No livro *Interpréter pour traduire*, as coautoras, Seleskovitch e Lederer, afirmam que uma boa tradução se preocupa em passar o sentido com o mesmo impacto produzido no texto de partida. Com base nesta premissa, é possível falar de uma fidelidade semântica e ficar consciente de que, para além disso, o conceito de fidelidade está intimamente associado ao de moralidade humana e de ética profissional. Sendo assim, vemo-nos perante dois novos conceitos de tradução, ser fiel ao autor com uma tradução literal ou ser fiel ao leitor com uma tradução livre.

Numa abordagem histórica da fidelidade, sabe-se que, desde o século III a.C., quase todos tradutores literais eram "*fidus interpres*", porque o objetivo dos primeiros tradutores cristãos, que traduziram a Bíblia, foi transmitir as palavras sagradas de Deus. Assim, as suas traduções vieram a servir moralmente e fielmente o texto fonte, algo que foi rejeitado por Etienne Dolet, quando afirmou que «o tradutor não deve ser um verdadeiro escravo do texto-fonte, uma vez que deve evitar qualquer literalidade» (Dolet 1540:44).

O século XVII, em França, em particular, foi considerado a era dourada do movimento chamado *Les Belles Infidèles,* e esta expressão estava ligada sobretudo à geração de Gilles Ménage, que a lançou por ocasião da sua leitura das traduções dos clássicos de d'Ablancourt, quando disse: «Lembrou-me uma mulher que eu amei na cidade de Tours: era bonita, mas infiel». Daí surgiu a palavra "traição" em todas as traduções[26]. A razão para a existência deste tipo de tradução, naturalizante, são as causas históricas e sociais da ocultação do que é contrário ao gosto, à moral e às ideias dos tempos. Mas, quando dizemos 'esta é uma tradução fiel', é-o para quem? E para quê? Nida (1964), nas pegadas de alguns teóricos, escreveu: «As traduções são como as mulheres; para serem perfeitas, devem ser fiéis e belas ao mesmo tempo» (t. n).

O conceito da fidelidade é fundamental e subjacente à teoria da tradução, no sentido em que a fidelidade é determinada pela existência de uma relação de interligação entre o texto-fonte e a sua tradução.

O linguista Georges Mounin escreveu um livro intitulado *Les Belles Infidèles*, em 1952, onde comentou vários métodos de tradução, ilustrando-os, e chegou à conclusão que existem dois modelos de tradução: a dos "vidros transparentes" e a dos "vidros coloridos" (*les verres transparents et les verres colorés*). O primeiro método dá a impressão de que o tradutor escreveu na língua do autor, sem marcas culturais e linguísticas estranhas, o que nos aproxima da forma das "*belas infiéis"*; no segundo, e sem qualquer sentido de traição, o tradutor deve interpretar o texto de uma forma objetiva, a fim de levar o leitor a sentir que está frente ao texto que foi escrito pelo próprio tradutor. A partir daqui, podemos observar com Mounin duas maneiras de lidar com o texto original no momento da tradução: o primeiro método dá prioridade ao texto-alvo, em termos da sua língua e história; o segundo método dá prioridade ao texto original (ou texto de partida), sendo a tradução um processo de recriação, embora sem trair o espírito da fonte, requerendo «dar a ilusão que o texto, traduzido por uma espécie de *pastiche*

[26] *Belles Infidèles* é uma expressão atribuída a um período no qual os tradutores para a língua francesa do século XVII traduzem os autores gregos e latinos modificando as formas e os conteúdos para agradar aos gostos e respeitar o decoro da época. O procedimento consiste em suprimir as passagens muito chocantes, em enobrecer, reescrever de modo a satisfazer os preceitos dos leitores franceses dessa época.

extremamente subtil e não caricatural, se lê ainda na sua língua original» (*idem*: cap. IV, 90).

1.3 O desafio de traduzir textos da *OTD*

Traduzir do árabe para uma língua que não é semítica[27] leva a muitas dificuldades e algumas estão principalmente relacionadas com a rigorosa compreensão do sentido das palavras e do peso histórico, religioso e cultural das mesmas no mundo árabe e islâmico. Sabemos que, principalmente no domínio do léxico, os termos islâmicos pertencem a uma linguagem muito própria e específica, que, por seu turno, pertence a um campo semântico com características próprias, o chamado domínio religioso. Com efeito, os termos ditos islâmicos foram introduzidos na língua árabe através da Revelação do Corão, das próprias palavras e ações do Profeta Maomé e ainda pela jurisprudência dos sábios muçulmanos. Destas fontes surgem a maior parte dos novos conceitos e termos espalhados, inicialmente, no mundo árabe e, posteriormente, no resto do mundo.

Outra das dificuldades com que nos podemos deparar é a falta de uma troca adequada e de um permanente contacto entre a língua árabe e as demais línguas, do ocidente – neste contexto, as trocas culturais não são evidentes. Já Catford se debruçou e sintetizou esta problemática da tradução entre culturas, nestas palavras:

> «Falar sobre a intraduzibilidade cultural é referir apenas e de uma outra forma a intraduzibilidade colocacional: a impossibilidade de encontrar uma colocação equivalente no TL. E este seria um tipo de intraduzibilidade linguística.» (Catford,1965: 101; t. n.).

Acresce que o uso de metáforas, com estruturas próprias (muito frequentes nos textos de teor religioso e veiculadoras de cultura e tradição), trazem consigo uma carga que exige conhecimento desse domínio específico, por parte do tradutor. Como é sabido, no discurso religioso perpassam, em termos de retórica, o *logos* (argumentos do domínio

[27] As línguas semíticas mais comuns são a língua árabe, o amárico, o aramaico, o hebraico e a língua tigrínia. https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_sem%C3%ADticas, consultado pela última vez em 3 de fevereiro de 2015.

da lógica) e o *pathos* (argumentos do domínio emocional), sendo que metáforas, imagens e parábolas são muito relevantes para o domínio do *pathos*[28].

No caso da tradução de textos em árabe para português, a intraduzibilidade dos termos islâmicos deve-se, principalmente, ao confronto de dois sistemas linguísticos distintos, ou seja, sistemas e culturas diferentes inseridos numa realidade atual, dos nossos dias, e com um legado histórico pouco partilhado, desconhecido de muitos. O significado das palavras está, naturalmente, armazenado na mente do indivíduo, e é resultado de uma série de experiências individuais e coletivas, relacionadas com *frames* sociais. Este facto pode gerar diferentes interpretações, que variam de pessoa para pessoa, até num mesmo ambiente; mas, num quadro mais alargado, há um certo consenso social. No caso dos termos religiosos, esse consenso pode ser mais alargado, se os referidos termos não forem manipulados, com outras intenções.

Aqui está, mais uma vez, o papel imprescindível do tradutor. Neste tipo de tradução, ele terá que dar o seu melhor para obter o equivalente que, de uma forma ou outra, conserve o mesmo sentido e o mesmo impacto, para lidar com a cultura do novo ouvinte, no novo ambiente. Cabe-nos, assim, dizer que o tradutor, na sua função, terá ainda de criar uma imagem nítida e correta do sentido da palavra e do discurso.

No entanto, nos dias de hoje e no que diz respeito à tradução de termos islâmicos, é muito difícil que o tradutor de árabe para português concilie a escolha do equivalente adequado para o termo a traduzir. Conforme já referimos, a causa da dificuldade de trabalhar com este tipo de tradução é que a maioria desses termos não tem equivalentes diretos noutras línguas, no caso que nos interessa aqui, em português e mesmo em francês. Por isso, esses termos não aceitam equivalentes que correm o risco de esvaziar a palavra do seu sentido primitivo, dadas as diferenças culturais e intelectuais, entre a civilização árabe-islâmica e a civilização cristã, sendo grave existirem algumas traduções erradas, que podem mudar o futuro de pessoas, de povos ou do mundo (veja-se, a este propósito,

[28] A este propósito, encontrámos um artigo interessante de McCormack, de 2014, "Ethos, Pathos, and Logos: The Benefits of Aristotelian Rhetoric in the Courtroom", na *Washington University Jurisprudence Review*, 7 (1), que se relaciona com as questões judiciais que focamos no Capítulo III. Disponível em https://openscholarship.wustl.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=&httpsredir=1&article=1107&context=law_jurisprudence, consultado em 2015.

o caso do prisioneiro iemenita de Guantánamo, que comentamos no Capítulo III). Assim, perante a inexistência de equivalentes adequados, o tradutor vê-se muitas vezes obrigado a 'pedir emprestado' um termo a outras línguas congéneres ou a explicar o intraduzível, com notas de rodapé, servindo-se de paráfrases na língua de chegada.

1.3.1 Contributo do Islão para o enriquecimento do vocabulário da língua árabe

Tal como descreve Bakhtin/Volochinov, a língua é geralmente: «um fenômeno social, histórico e ideológico, no qual a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial» (Volochinov, 1986: 95).

A língua árabe, antes do Islão, tinha menos riqueza linguística, comparando-a com a língua que temos após a chegada do Islão. O Corão, como texto escrito sagrado para os muçulmanos, representa uma grande revolução para o mundo árabe. Logo na chegada do Islão, o Corão não era obviamente um texto escrito, mas a difusão da sua mensagem, a Revelação de Deus a Maomé, acontecia naturalmente através da oralidade. Ao longo de vários anos, Maomé foi recebendo as Revelações de Deus, as quais são os fundamentos do Islão contidos no Corão. O próprio Maomé divulgava as Revelações oralmente, e assim conseguiu mudar uma grande parte da vida social, religiosa, económica, política e até linguística da comunidade residente na Península Arábica e fora dela, ficando a língua árabe assim muito mais enriquecida. Com efeito, Maomé, nesse processo de transmissão, introduziu todo um conjunto de novos conceitos e novas palavras que foram uma grande fonte e um grande legado do Islão para a língua árabe.

No entanto, convém não esquecer que a entrada destas novas palavras, destes novos significados e conceitos, ao criar uma enorme riqueza lexical, também acarretou muitas dificuldades e confusões para a sua assimilação e consequente compreensão. E, se, por um lado, essas ambiguidades se fizeram logo sentir nas primeiras traduções, mais estranho será constatar que, passados séculos, elas continuam presentes nas traduções de hoje. Podemos, a este propósito, referir palavras como *Hijrah, Suna, Jihad, Califa, Zakat, Charia* e tantas outras, que continuam a gerar confusão e polémica na sua interpretação, no seu uso e na sua tradução. Como, no nosso entender, estas palavras carecem de uma

definição consensual, que revele neutralidade e que as possa estabilizar, elas são objeto de análise posterior neste Relatório e têm especial destaque no nosso Glossário.

1.3.2 A Clarificação como proposta para a tradução de termos do Islão

A clarificação é definida como um acréscimo de informações para explicar o intraduzível. Esse acréscimo ou elemento adicional é fornecido pelo tradutor, na forma de uma breve explicação do intraduzível e sempre no intuito de restringir a polissemia, presente na maioria dos termos islâmicos, conduzindo a uma leitura monossémica passível de ser compreendida pelo leitor. A este propósito, julgamos pertinente citar aqui as palavras do poeta norte-americano Galway Kinnell, quando afirma: «A tradução deve ser um pouco mais clara do que o original» (t. n.) [29]. Muitos são os tradutores que, em várias ocasiões, se manifestaram sobre a polissemia dos termos religiosos de foro islâmico, revelando que estes, não tendo equivalentes nas línguas de chegada, exigem uma leitura muito atenta. Na impossibilidade de conseguir uma tradução fiel e por respeito aos seus leitores, os tradutores vêem-se na necessidade de recorrer, muitas vezes, à clarificação desses mesmos termos, em notas de rodapé ou breves explicações para melhor compreensão, por parte do leitor não-árabe e/ou não-muçulmano da mensagem do autor. De facto, como é sabido, estes tipos de recursos servem, frequentemente, para explicar ou informar, mas também refletem amplamente as condições da intraduzibilidade de um termo ou de uma frase.

Esta prática é frequente na tradução de textos árabes com termos e referências islâmicas, onde as notas de rodapé são, normalmente, o reflexo das dificuldades que esses termos ou referências levantam ao tradutor para as transpor para a língua alvo. Mas é preocupante, no uso desse tipo de notas explicativas ou de rodapé, que nem todos os tradutores tenham competência para explicar os termos.

[29] Citado por Gresset, num artigo de 1983, "L'anglais américain. Aspects de la traduction littéraire / American English. Aspects of Literary Translation", publicado na *Revue française d'études américaines*, N.º 18.

No nosso caso, trabalhando com fragmentos de artigos de jornais, recorrer a este tipo de notas para uma melhor clarificação torna-se pouco viável e, provavelmente, até pouco exequível; este tipo de meio de comunicação, este tipo de texto, impõe condicionamentos ao tradutor, que não poderá recorrer livremente à clarificação, vendo-se geralmente obrigado a usar o termo original. É um facto que termos como os evocados acima (*Charia*, …) já entraram no léxico noticioso na sua forma original (ou com grafias adaptadas), o que não tem como corolário que os conceitos em causa sejam adequadamente captados.

Antes de passarmos ao próximo capítulo, deixamos aqui uma opinião, que partilhamos, e que chama a atenção para os níveis macro e micro do texto sob tradução. Embora longa, parece-nos interessante:

> «A tradução dos média não é uma atividade imparcial, como parece. (…) [Em certos contextos], a ideologia desempenha um papel significativo (...) no nível macro do discurso; na mesma linha, o nível microtextual também é significativamente explorado, seja a favor da ideologia por detrás de uma determinada figura/organização ou contra uma ideologia rival. (…) A manipulação no nível microtextual é estabelecida por meio de vários procedimentos de tradução, como explicitação, adição, omissão, expansão e neutralização. Embora deva ser reconhecido que a seleção dos textos a traduzir é geralmente a escolha do diretor ou do conselho editorial de um meio de comunicação, as manipulações nos textos estão sempre sob o controle do tradutor; (…) especialmente no nível micro, as mudanças são tão subtis que podem facilmente ser enganosas. Se, geralmente, é neste nível que os tradutores desfrutam de um certo grau de liberdade, essa liberdade não deve levar à manipulação ideológica. Em vez disso, espera-se que os tradutores preservem a imparcialidade e respeitem o seu profissionalismo (…) [evitando que] os produtos de tradução fornecidos (…) possam não ser uma versão totalmente precisa dos textos originais» (Birot, 2015: 38-39; t. n., destaque nosso).

Fazemos ainda notar que, na nossa tradução, recorremos à *Tradução do Sagrado Livro o "Corão"*, de HELMI, Nasr (2002), editado por Complexo do Rei Fahd para Imprimir o Alcorão Nobre, Al-Madinah Al-Munauarah, K.S.A.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DE FRAGMENTOS DA TRADUÇÃO DE ARTIGOS DE JORNAIS ÁRABES
ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA DOS TERMOS DO *CORPUS*-AMOSTRA

> «[concebe-se] a tradução como uma operação linguístico-cognitiva caracterizada por uma contínua negociação de sentido entre signos e sistemas socioculturais» (Tricás Preckler, 2004:59)

Introdução

A nossa abordagem tem por suporte artigos de diferentes tipologias recolhidos na imprensa escrita, com periodicidade variada, em língua árabe, língua portuguesa e língua francesa. Remete-se para os Anexos.

Os textos franceses não serão objeto de análise ao mesmo nível dos portugueses; terão a função, muito importante, de serem elementos de comparação entre o árabe, língua de partida, e o português, língua de chegada. A escolha do francês, implicitamente uma segunda língua de chegada, deve-se ao facto de que a maior parte dos artigos analisados no nosso estudo mostram que o conteúdo é idêntico entre estas duas línguas latinas de tradução (e, naturalmente, deve-se ao facto de dominarmos essa língua, não descartando, portanto, que uma outra língua europeia pudesse, igualmente, servir para comparação).

Nas suas declarações, os membros da *OTD* referem-se muitas vezes ao Corão e à Suna e até recorrem com frequência e, pior, de forma descontextualizada, ao uso de frases

retiradas destas duas fontes. Perante estas declarações, um tradutor português que pretenda traduzir os textos desta organização deverá obviamente traduzir estas frases sagradas. Ora, nessa tarefa, ele será confrontado e surpreendido pela ausência de equivalentes na área da tradução de textos islâmicos, tanto em Portugal como nos países de língua portuguesa. A inexistência, quase absoluta, de dicionários bilingues de árabe e português, a par da falta de traduções fidedignas dos textos sagrados islâmicos, de árabe para português, nas prateleiras das bibliotecas ou livrarias nacionais e até mundiais, podem facilmente levar à confusão e à fácil manipulação do próprio tradutor e, consequentemente, dos seus leitores.

Com o intuito de abordar os aspetos lexicais/semânticos dos fragmentos que escolhemos nos artigos jornalísticos selecionados, veiculadores de ideologia e com os intuitos já referidos, apresentamos, em primeiro lugar, uma lista dos títulos desses artigos, nas três línguas escolhidas, com a data de publicação e o nome do respetivo jornal que os publicou.

Antes de mais, gostaríamos de relembrar aqui que, após os atentados ao jornal Charlie Hebdo, a 7 de janeiro de 2015, agências, jornalistas e tradutores viram-se impedidos, pelo Ministério da Administração Interna francês, de traduzir parcial ou integralmente todo e qualquer tipo de intervenções da *OTD* (vide Anexo 1).

É necessário salientar que os artigos dos jornais mencionados contêm dois tipos de campos lexicais, um ligado à informação típica da escrita jornalística e outro ligado ao discurso religioso. Em alguns artigos, tanto em francês como em português, estamos em presença de uma tradução à letra do conteúdo quantitativo fonte, isto é, o volume de palavras presentes em língua árabe e na língua de tradução é equivalente. Contudo, a maior parte deles correspondem, de facto, à produção de um texto próprio que recorre ao discurso indireto ou indireto livre das comunicações ou sermões da *OTD*, por vezes de forma massiva. Nesses casos, o jornalista já é intérprete do original.

O objetivo desta primeira abordagem é o estudo qualitativo dos termos árabes que foram traduzidos da língua de origem para as línguas francesa e portuguesa, com o intuito de analisar a sua ocorrência dentro da vertente temporal, lexical e semântica. Iniciámos, assim, o presente estudo com a recolha do léxico presente nos excertos de cada *subcorpus*.

Textos do *corpus* (três *subcorpora*) - Títulos dos Artigos Jornalísticos selecionados

n.º Art.	Títulos em árabe			Títulos em português			Títulos em francês		
		Data	Fonte		Data	Fonte		Data	Fonte
1	بعباءة سوداء وساعة رولكس... الخليفة في أول ظهور علني صادم!	07/07/2014	al-maraabimedias.net/	O misterioso chefe islâmico apareceu pela primeira vez.	2014/07/05	AFP e Público	Abou Bakr Al-Baghdadi Première apparition du chef de l´Etat Islamique.	2014/07/07	Paris Match
2	"الخليفة البغدادي" زعيم الدولة الإسلامية" يدعو المسلمين للهجرة الى دولته.	02/07/2014	AFP	Líder do grupo extremista Estado Islâmico pede a muçulmanos para emigrarem.	2015/05/14	Observador	Irak : le Chef de l´Etat Islamique appelle les musulmans à rejoindre son « califat ».	2014/07/01	Le monde.fr
3	داعش يعدم الرهينة البريطاني آلن هننغ… ولندن تتوعد.	04/10/2014	Al Arabiya.net	Daesh decapita mais um cidadão britânico.	2014/10/03	TSF Rádio Notícias	Daesh revendique la décapitation d´un otage britannique.	2014/09/14	LaDepeche.fr
4	داعش تعلن قيام الدولة الإسلامية وتبايع أبوبكر البغدادي خليفة للمسلمين.	30/06/2014	AFP	Grupo islâmico anuncia criação de califado no Iraque e na Síria; entenda (cf. nota abaixo)	2014/06/03	BBC	L´EIIL annonce la création d´un califat islamique.	2014/06/30	AFP
5	حرب المصطلحات في الغرب حول داعش وما يسمى الدولة الإسلامية.	01/10/2014	www.islammaghribi.com	Estado Islamico ou Daesh? Guerra de palavras, guerra de legitimidades.	2015/11/24	Público	Daesh-État islamique : la guerre des noms a commencé.	2014/09/22	Le Point

n.º Art.	Títulos em árabe			Títulos em português			Títulos em francês		
		Data	Fonte		Data	Fonte		Data	Fonte
6	فيديو. «البغدادي» يعلن التمدد الى السعودية ومصر واليمن وليبيا والجزائر.	13/11/2014	Al Massriyoun	Líder do Estado Islâmico pede ataques em todo o mundo	2014/11/13	Jornal de Notícias	Baghdadi vante l´expansion du califat dans le monde arabe	2014/11/13	AFP
7	رويترز: المقاتلون الأجانب يسعون لإقامة دولة إسلامية في سوريا شاء من شاء.	2013/01/12	Achrq al awssat	Que país desejam os rebeldes sírios criar?	2013/05/31	Voz da Rússia	Les rebelles étrangers pour un Etat islamique en Syrie.	2013/01/14	Le Monde
8	مفتي مصر: تنظيم "داعش" خطر على الإسلام.	2014/07/12	www.alwassatnews.com	O Grande mufti do Egito condena os atos do Estado Islâmico.	2014/09/09	Zenit, Igreja Católica	Le grand mufti d´Egypte condamne l´Etat islamique en Irak	2014/08/14	Urbi&Orbi La documenta-tion catholique
9	الطوارق يقيمون دولة إسلامية في شمال مالي.	2012/12/17	Al Arabiya.net	Rebelião proclama “Estado Islâmico” no norte do Mali.	2012/05/27	Diário de Notícias	Mali : les rebelles touaregs proclament un État islamiste.	2012/05/27	Le Figaro
10	منشور جديد لـ "داعش". أسئلة وأجوبة حول سبي ومواقعة "النساء الكافرات" جنسيا.	2014/12/13	https://aawsat.com/	Estado Islâmico publica um guia para escravidão sexual com 27 dicas em como capturar e estuprar não-muçulmanas	2014/12/26	Internacional Business Times	L´Etat islamique publie un guide sur le traitement des femmes esclaves.	2014/12/11	La-Nouvelle –Gazette-Française

Quadro 5 – Conteúdo do *Corpus*

Nota: A aparente incongruência deste título é desvendada no próprio *link* https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140630_entenda_califado_an_hb

1. Procedimentos metodológicos

A fim de comparar quantitativa e qualitativamente as unidades ou sequências lexicais nos diferentes fragmentos que escolhemos nos artigos selecionados, presentes no Quadro, acima, para cada uma das três línguas, seguimos o procedimento que passamos a descrever, na subsecção abaixo.

Como se verifica no referido Quadro, as datas das traduções em português e francês são muito próximas daquelas das comunicações da *OTD*, preocupação que tivemos na fase de recolha. Os suportes dessas traduções são vários, entre jornais quotidianos, jornais semanários e revistas, todos de grande difusão, nos respetivos países. Relativamente aos originais/textos-fonte, em árabe, os suportes são jornais de Egito, Arabia Saudita e Marrocos ou agências noticiosas.

Todos têm como tema principal o terrorismo e a *OTD* e foram escolhidos tendo em conta a riqueza linguística do artigo e a permanência de termos polémicos traduzidos ou transcritos na língua de chegada.

Uma primeira análise mostra desde logo a diversidade dos títulos, em português e francês, relativamente a uma mesma notícia. E isso entende-se porque, como explicámos na Introdução a este Capítulo, a maioria dos textos em português e francês constituem uma notícia, redigida pelo jornalista, onde estão presentes, em maior ou menor quantidade, citações do texto-fonte. Apesar disso, e prevendo uma dúvida possível de surgir na mente do leitor deste Relatório, devemos dizer que, sendo nosso objetivo analisar o léxico utilizado, esse mesmo léxico está presente quer no corpo da notícia quer no seu título. Logo, o facto de os textos de chegada poderem não ser estritamente traduções da totalidade do texto-fonte não impede este tipo de estudo. Permite, isso sim, analisar a forma como a terminologia islâmica percorre o mundo jornalístico e, assim, o divulga junto do público leitor e, por outro lado, como são encontrados os equivalentes dos termos árabes, nas traduções dos originais.

Assim, o conjunto de textos tanto em língua portuguesa como em língua francesa, contendo excertos de tradução direta ou indireta do texto árabe, são considerados como textos de chegada, no que diz, em geral, respeito ao léxico utilizado e, em particular, aos excertos traduzidos.

Convém, igualmente, relembrar que os textos franceses não são analisados ao mesmo nível que os portugueses, são uma 'ponte', apenas, mas muito útil, como

tentaremos mostrar. A sua função é mostrar como não só em Portugal, mas também num outro país europeu (em que o assunto é "quente", porque já foi vítima de graves e múltiplos atentados terroristas, sendo a opinião pública, como em Portugal, totalmente contra o terrorismo), a escolha das traduções de termos usados pelos terroristas se reveste de grande importância social e política.

Antes de passarmos, na subsecção seguinte, aos fragmentos de tradução sobre os quais trabalhámos – visando a análise das opções tradutórias de léxico e as limitações encontradas, em nosso entender, tal como justificadas na subsecção 1.2, abaixo –, apresentamos uma tradução dos títulos em árabe, para facilitar o confronto com os textos nas duas línguas românicas. Assim, vejamos:

n.º Art.	**Título em Árabe**	**Tradução em Português**
1	بعباءة سوداء وساعة رولكس... الخليفة في أول ظهور علني صادم!	Vestido de *Abaya* preta e usando um *Rolex*… o Califa no primeiro e surpreendente aparecimento em público.
2	"الخليفة البغدادي زعيم الدولة الإسلامية" يدعو المسلمين للهجرة الى دولته.	O Califa Al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico apela aos muçulmanos para emigrarem para o seu Estado.
3	داعش يعدم الرهينة البريطاني آلن هننغ… ولندن تتوعد.	O Daesh decapita o prisoneiro britânico Alan Henning…Londres ameaça com retaliação.
4	داعش تعلن قيام الدولة الإسلامية وتبايع أبوبكر البغدادي خليفة للمسلمين.	O Daesh declara a instauração do Estado Islâmico e elege Abu Bakr Al-Baghdadi como Califa dos muçulmanos.
5	حرب المصطلحات في الغرب حول داعش وما يسمى الدولة الإسلامية.	A guerra das terminologias no Ocidente acerca do Daesh e do chamado Estado Islâmico.
6	فيديو. «البغدادي» يعلن التمدد الى السعودية ومصر واليمن وليبيا والجزائر.	Vídeo. «Al-Baghdadi» declara expandir-se para a Arabia Saudita, o Egito, o Iémen, a Líbia e a Argélia.
7	رويترز: المقاتلون الأجانب يسعون لإقامة دولة إسلامية في سوريا شاء من شاء.	Reuters: Os combatentes estrangeiros do Daesh pretendem instaurar na Síria um Estado Islâmico quer se queira quer não.
8	مفتي مصر: تنظيم "داعش" خطر على الإسلام.	O Mufti do Egito: a Organização "Daesh" é perigosa para o Islão.
9	الطوارق يقيمون دولة إسلامية في شمال مالي.	Tuaregues instauraram um Estado Islâmico no norte do Mali.
10	منشور جديد لـ "داعش". أسئلة وأجوبة حول سبي ومواقعة "النساء الكافرات" جنسيا.	Novo panfleto do "Daesh". Perguntas e Respostas sobre como cativar e ter sexo com "mulheres não crentes".

Quadro 6 – Conteúdo do *Corpus*: tradução dos títulos em árabe

1.1 Levantamento de fragmentos da tradução dos artigos ligados à *OTD*

No que diz respeito à metodologia da extração do léxico presente nos artigos jornalísticos em causa, começámos por dividir o *corpus* consoante a língua do artigo e juntámos dentro de cada *subcorpus*, por língua, o conjunto dos respetivos dez artigos. Depois desta recolha, chegámos a um vasto número de dados que passamos a apresentar nos quadros seguintes. Remetemos para os Anexos 5, 6 e 7 (pp.166-221).

Como fica claro, a seguir, selecionamos apenas palavras plenas (nomes comuns e próprios, adjetivos e verbos), e léxico apenas associado à *OTD*, dado o objetivo desta investigação. Note-se que o número de itens encontrados é muito variável, atingindo, nalguns casos, um elevado número.

(i) Artigo de jornal n.º 1

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	الخليفة	Chef	Chefe
2	ظهور	Apparition	(optou por forma verbal) Aparecer
3	خليفة	Chef de l´Etat islamique	Chefe islâmico
4	زعيم	Chef de l´Etat islamique	Líder do Estado Islâmico do Iraque e do Levante
5	الجهادي	Jihadiste/Djihadiste	Jihadista
6	المسلمين	Musulmans	Muçulmanos
7	موقع يعنى بأخبار الجهاديين	Site jihadiste	Site jihadista
8	أمير الدولة الاسلامية	Le « calife » de « l´Etat Islamique »	Chefe dos muçulmanos em todo o mundo
9	تنظيم	Groupe	ISIS

Quadro 7 - Levantamento de nomes do artigo n.º 1

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	دعا	Appeler	Exigir
2	نشر	Poster	Publicar
3	أطاع	Obéir	Obedecer
4	قال	Lancer	Dizer
5	إرتدى	Porter	Vestir
6	أعان	Aider	Ajudar
7	نصح	Conseiller	Aconselhar
8	سدد	Mettre sur le droit chemin	Meter no caminho certo
9	ولي	Désigner pour diriger	Designar para dirigir
10	رأى	Penser	Pensar
11	على حق	Avoir raison	Ter razão

Quadro 8 - Levantamento de verbos do artigo n.º 1

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	الإسلامية	Islamique	Islâmico
2	جهادي	Jihadiste	Jihadista
3	المتطرف	Sunnite	Sunita
4	خير / أفضل	Meilleur	Melhor
5	باطل على	Tort	Errado

Quadro 9 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 1

(ii) Artigo de jornal n.º 2

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	الخليفة/ زعيم	Chef	Líder
2	الدولة الإسلامية	Etat Islamique	EIIL/Estado Islâmico/ Grupo Extremista/ Estado Islâmico do Iraque e do Levante /Califado
3	الهجرة	(Rejoindre) /se rendre	Emigração /Hijrah
4	الدولة	«Califat »	Autoproclamado Califado
5	تنظيم	Etat Islamique	Grupo Extremista Estado Islâmico
6	دار الإسلام	Maison de L'Islam	Estado Islâmico
7	خليفة للمسلمين	Calife	Líder
8	المسلمين	Musulmans	Muçulmanos
9	الخلافة	----------	Califado
10	دول أخرى	Le monde	
11	الثأر	(Venger)/Guerre Sainte	Vingança / Jihad / Guerra Santa
12	النفير	----------	Vinda

Quadro 10 - Levantamento de nomes do artigo n.º 2

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	دعا	Appeler	Pedir
2	هاجر	Rejoindre	Imigrar
3	ثـأر	Venger	Lutar

Quadro 11 - Levantamento de verbos do artigo n.º 2

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	أول	----------	Primeiro
2	الإسلامي	Islamique	Islâmico
3	المتطرف	----------	Extremista

Quadro 12 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 2

(iii) Artigo de jornal n.º 3

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	عامل إغاثة	Travailleur humanitaire	Trabalhador humanitário
2	داعش	Etat Islamique/le groupe jihadiste/l´organisation islamiste/EI/Daesh (Acronyme arabe de l´EI, NDLR*) / organisation de la lâcheté et de l´objection.	Estado Islâmico/ grupo extremista/ EI
3	متطرف	Terroriste	Militante
4	الرهينة	Otage	Refém
5	القتل	Assassinat	Morte
6	إعدام	Décapitation	Decapitação
7	----------	Punir	Represália
8	تنظيم	Organisation / groupe Djihadiste	Grupo extremista
9	ذبح	Assassinat	Morte
10	قاتل	Jihadiste	Militante

* NDLR: Note de rédaction (Nota da Redação)

Quadro 13 - Levantamento de nomes do artigo n.º 3

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	تبنى	Revendiquer	Anunciar
2	أعدم	Condamner/ Décapiter	Executar
3	يظهر	----------	Mostrar / aparece
4	أصدر	----------	Avançar/publicar
5	لاحق	Capturer	Capturar

Quadro 14 - Levantamento de verbos do artigo n.º 3

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	إرهابي/ متطرف	Djihadiste de Daesh	Jihadista
2	الرهينة البريطاني	Otage britannique	Cidadão britânico
3	وحشي	Macabre	----------

Quadro 15 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 3

(iv) Artigo de jornal n.º 4

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	داعش	EIIL	Grupo Islâmico/Isis (sigla em Inglês) /IS
2	الخلافة الإسلامية	"Calife"	Califado
3	قيام	Création/rétablissement	Criação
4	الدولة الإسلامية	Jihadiste	Grupo militante
5	إمام	Chef des musulmans	Líder dos muçulmanos
6	الخليفة	"Calife"	"Califa Ibrahim"
7	البيعة	Allegiance	Lealdade
8	السيطرة	Conquise	----------
9	حلم	Rêve	----------
10	أمل	Souhait	----------
11	مجاهد	Djihadiste	----------
12	مسلم	Musulman	----------

Quadro 16 - Levantamento de nomes do artigo n.º 4

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	أعلن	Annoncer	Anunciar/ proclamar
2	بايع	Prêter allégeance	Jurar lealdade
3	توسع	Prendre de larges pans de territoire	Estender
10	إلغاء (O jornalista árabe optou pela forma nominal)	Abolir	Abolir

Quadro 17 - Levantamento de verbos do artigo n.º 4

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	----------	Ottoman	Otomano

Quadro 18 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 4

(v) Artigo de jornal n. º5

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	الدولة الإسلامية/ما يسمى بالدولة الإسلامية	Etat islamique	Estado Islâmico/ Daesh
2	داعش	Daesh/Egorgeurs Daesh	Daesh
3	سفاحي داعش	L´ennemi de l´Islam	----------
4	الدولة الإسلامية في العراق والشام	Dawlat al- Islamiyah f´al Iraq wa Bellad al-sham	Ad-dawla al-islamiyah fi´l-Iraq wa-sh-Sham
5	جماعة	Groupe Terroriste / organisation	Grupo
6	تسمية	Connotation/appellation	Conotação
7	المصطلح/اللقب	Nom/acronyme	Palavra/termo
8	زعيم	Chef	Líder
9	حرب	Guerre	Guerra
10	قوة	Force	Força
8	----------	Propagande	Propaganda
9	الخلافة	Calife	Califa
10	الإسلام	Islam	Islão
11	الشريعة	Sharia (loi islamique	----------
12	داحس/داعس	Daes/dahes	Dahes
13	داحس والغبراء	Dahes wal Ghabra	Dahes wal Ghabra (ou Dahes e El Ghabra)
14	الدولة الإسلامية	EIIL/EI/ISIL	ISIS/ ISIL/Organização Terrorista Daesh
15	لسان	Langue	Língua

Quadro 19 - Levantamento de nomes do artigo n.º 5

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	قطع	Couper	Cortar
2	----------	Entretuer	Guerrear
3	----------	Menacer	Ameaçar
4	----------	Unir	Converter
5	صراع (o autor do texto optou pela forma nominal)	Conflit (o autor do texto optou pela forma nominal)	Conflituar

Quadro 20 - Levantamento de verbos do artigo n.º 5

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	العثماني	Ottoman	Otomano
2	الإجتماعي	Social	Social
3	سلبية	Péjorative	Negativa

Quadro 21 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 5

(vi) Artigo de jornal n.º 6

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	أعلن	Vante	Divulgar
2	تمدد	Expansion	Expandir
3	انباء	----------	Rumores
4	مقتل	----------	Morte
5	غارة	----------	Ataque / bordeamento
6	زعيم	Leader/dirigeant	Líder
7	تنظيم	Organisation	Grupo terrorista
8	البيعة	Serment d´allégeance	----------
9	المجهادين	Djihadiste	Mujahidin
10	الصليبية	----------	Cruzada
11	----------	Partisant	----------
12	تقجير	----------	Erupção
13	بركان	----------	Vulcão
14	الجهاد	----------	Jiad
15	التحالف	Allié	Coligação
16	الحملة	Campagne	Ataque

Quadro 22 - Levantamento de nomes do artigo n.º 6

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	أعلن	Vanter	Divulgar
2	تردد	----------	Provocar
3	تمدد	Étendre	Expandir
4	قبل	----------	Aceitar
5	زحف	----------	Marchar
6	رأى	----------	Dizer
7	فشل	----------	Falhar
8	خاطب	----------	Pedir

Quadro 23 - Levantamento de verbos do artigo n.º 6

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	قيادة	----------	Liderada
2	منسوب/محسوب	----------	Atribuído
3	يخير	----------	Estar bem /Estar em Condições
4	جريح	----------	Ferido
5	الدولي	----------	Internacional

Quadro 24 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 6

(vii) Artigo de jornal n.º 7

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	المقاتلون	Rebelle	Rebelde/ insurreto
2	الأجانب	Etranger	Sírios
3	الدولة الإسلامية	Etat islamique	EI
4	مقاتل	Combattant	Oposicionista/oponente/pessoa
5	إسلامي	Djihadiste	----------
6	ثائر	Révolutionnaire	Rebelde / extremistas
7	مدني	Civil	Civil
8	إحترام	Respect	----------
9	إنظباط	Discipline	----------
10	----------	Arme	Arma
8	نظام	Régime	Regime
9	السوري	Syrien	Criminoso
10	عزم	Volonté	----------
11	الشريعة	La loi islamique – Charia	Lei da Sharia
12	الغرب	Occident	----------
13	المعارضة	Rebillion	Oposição interna
14	الديمقرطية	Démocracie	Democracia
15	العلمانية	Laïcité	Estado laico
16	لحية	Barbe	----------
17	بندقية	Mitraillette	----------
18	سبيل الله	Projet	----------
19	عمل	Métier	----------
20	سائق	Chauffeur	----------
21	أذربجان	Azerbaïdjan	----------
22	شارة	Badge	----------
23	شعار	Slogan	----------
24	----------	Djihad	----------
25	ستالين	Staline	----------
26	كرم الجبل	Karm al Jabal	----------
27	حرية	Liberté	Liberdade
28	طلام	Discours	----------
30	أمريكا	Amérique	----------

31	فصيل	Faction	----------
32	سقوط	Chute	Derrubamento
33	رؤية	Approche	----------
34	تطرف	Extrémisme	Diferença
35	جماعة	Groupe	----------
36	بينية	Stature	----------
37	----------	Camaraderie	----------
38	وحدة	Unité	----------
39	----------	Coallition	Coligação
40	جبهة النصرة	Front al Nousra	----------
41	منظمة	Organisation	----------
42	قائد	Chef	----------
43	مجلس	Conseil	----------
44	عقيد	Colonel	----------
45	محافظة	Province	----------
46	فكر	Philosophie /idéologie	----------
47	كتيبة	Brigade	----------
48	مجاهد	Mojahid	----------
49	التوحيد	Al Taouhid	----------
50	الشام	Al Cham	Nova Síria

Quadro 25 - Levantamento de nomes comuns do artigo n.º 7

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	يحاول	Oser	Proceder
2	صور	Identifier	----------
3	يطيل	Prolonger	----------
4	يرضى	Plaire	Desejar
5	أقام	Créer	Edificar / instaurar
6	أطاح	Renverser	Derrubar
7	يثير قلق	Inquiéter	Recear
8	يدعم	Appuyer	Tomar conta
9	لا يقبل	Rejeter	Levar a sério
10	يخشى	Craigner	Duvidar
11	قاتل مع	Partager	Partilhar /solidarizar
12	يدافع	Protéger	Proteger-se

Quadro 26 - Levantamento de verbos do artigo n.º 7

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	يغطي رأسه	Voilé	----------
2	يعلو	Orné	----------
3	يتمتع	Erodé	----------
4	شديد	Extrême	----------

Quadro 27 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 7

(viii) Artigo de jornal n.º 8

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	مفتي	Mufti	Mufti
3	كيان	Groupe djihadiste	Grupo
4	قيمة	Principe	Valor
5	قائد	Leader	Líder
6	----------	Mal	Atrocidade
7	كيان	----------	Milícia
8	الحرب على	----------	Eliminação
9	تنظيم	----------	Miliciano
10	سلطة	Autorité	Autoridade
11	مجلس	Conseil	Conselho
10	بدعوى	----------	Objetivo
11	شريعة	----------	Lei islâmica
12	قيام	----------	Estabelecimento
13	الخلافة	----------	Califado
14	خليفة	----------	Califa
15	خليفة المسلمين	----------	Chef dos muçulmanos em todas as partes do mundo
16	كيان	----------	Bandos / organização
17	خطر	Danger	Perigo
18	متربصين	----------	Cooperação

Quadro 28 - Levantamento de nomes do artigo n.º 8

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	----------	Condamner	Condenar / acusar
2	----------	----------	Apontar
3	يخرق	Violer	Violar
4	قال	----------	Pronunciar-se
5	وصف	----------	Qualificar

Quadro 29 - Levantamento de verbos do artigo n.º 8

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	إرهابي	Djihadiste	Terrorista
2	مسلم	Musulman	Muçulmano
3	إسلامي	----------	Religioso
4	فاسد	Corrumpu	Corrupto
5	متطرف	Extrémiste	Extremista
6	----------	----------	Tremendo

Quadro 30 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 8

(ix) Artigo de jornal n.º 9

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	متمرد	Rébellion	Rebelião
2	طوارق	Touareg	Tuaregue
3	دولة إسلامية	Etat islamique	Estado islâmico
4	حركة	Mouvement	Movimento
5	دمج	Fusion	Fusão
6	----------	Union	----------
7	إدماج	Mariage	----------
8	حركة	Groupe	Organização
9	ازواد	Azwad	Azwad
10	أنصار	Ansar	Ansar
11	الدين	Dine	Dine
12	تصريح	Communiqué	Comunicado
13	حل	Dissolution	Dissolução
12	إقامة/ إنشاء	Création	Criação
13	مجلس	Conseil	Conselho
14	كتيبة	Guérilla	Guerrilha
15	محادثة	Négociation	Negociar (o autor optou pelo uso do verbo)
16	----------	Division	Diferença
17	هجوم	Affrontement	Guerra
18	تقارب	Rapprochement	----------
19	القاعدة	Al-Qaida	Al-Qaeda
20	الشريعة	La charia	----------
21	تفاهم	Protocole	Protocolo
22	إتفاق	Accord	Acordo
23	إستقال	Indépendance	----------
24	القرآن والسنة النبوية	Le Coran et la sunna	----------
25	مصدر التشريع	Source de droit	----------
26	صراع	Conflit	----------

27	محادثة	Discussion	----------
28	عضو	Membre	----------
29	رئيس	Dirigeant	----------
30	زعيم	Chef/Leader/ Maître	----------
31	جماعة	Communauté	----------
32	السونغاي	Songhaïs	----------
33	العرب	Arabe	----------
34	بيان	Annonce	----------
35	إطلاق النار	Tir	Tiro
36	إرتياح	Joie	----------
37	مستقبل	Futur	----------
38	قيادة	Direction	----------
39	كثيبة	Troupe	----------
40	هيمنة	Conquête	----------
41	متمرد/جهادي	Combattant	----------
42	هيمنة	Prise du pouvoir	----------
43	----------	Choix	----------
44	السيطرة	Reprise	----------
45	قرب	Proximité	Proximidade
46	الإسلام	Islam	----------
47	----------	Vue	Argumento
48	حوار	Dialogue	----------
49	----------	Cohésion	----------
50	حل	Solution	Solução

Quadro 31 - Levantamento de nomes do artigo n.º 9

- Verbos

N. º	**Árabe**	**Francês**	**Português**
1	أعلن	Proclamer	Proclamar
2	نشر	Annoncer	Anunciar /difundir
3	يقود	Mener	Dirigir
4	فرض	Imposer	Obrigar
5	حث	Préciser	----------
6	توصل	Trouver	Suceder
7	جمع	Accueillir	----------
8	تجنب	Ignorer	----------
9	مثّل	Se présenter	----------
10	يأتي	Revenir	----------
11	شن هجوما	Battre	----------
12	أنشأ	Restaurer	----------
13	رفض	Rejeter	----------
14	فاوض	Négocier	Negociar
15	وافق/ ساند	Saluer	Acolher

Quadro 32 - Levantamento de verbos do artigo n.º 9

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	متطرف	Fanatique	Radical
2	سياسي	Politique	Político
3	مسلح	Armé	Armado
4	الإستقلالي	Indépendantiste	----------
5	إرهابي	Fratricide	Terrorismo
6	علماني	Laïc	----------
7	إنتقالي	Transitoire	Transitório
8	إسلامي	Islamiste	Islamista
9	وطني	National	Nacional
10	إسلامي	Islamique	Islâmico

Quadro 33 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 9

(x) Artigo de jornal n.º 10

- Nomes

N. º	Árabe	Francês	Português
1	مسلح	Disciple/milicien	Militante
2	تنظيم الدولة الإسلامية في العراق والشام	État islamique/Groupe djihadiste	Estado Islâmico
3	منشور	Guide	Panfleto
4	فتوى	Fatwa/ traitement	Dica
5	الجنس	Sexe	Sexo
6	أسئلة	Questions	Perguntas
7	أجوبة	Réponses	Respostas
8	معهد الشرق الأوسط للبحوث الإعلامية في واشنطن	----------	Instituto de Pesquisa de Mídia Oriente Médio de Washington
9	غير مسلمة	Prisonnière/ femme esclave/ détenue /marchandise /propriété	Escrava / Mercadoria
10	النساء الكافرات	Non croyantes	Mulheres
11	النساء والفتيات	Femmes e fillettes	Mulheres
12	داعش	Daesh	Daesh/EI
13	ممارسة	Relation/rapport/contact physique	Relação
14	إجازة	Possibilité	Permissão
15	الأقلية اليزيدية	----------	Etnia Yazidi
16	مرحلة الطفولة/ لم تبلغ الحلم	Vierge/puberté	Puberdade
17	كفر	Manque de foi	Descrença
18	شرعية	Légitime	Credibilidade
19	الصدمة	Indignation	Rumor
20	سبي	Traitement	Escravidão
21	المعروف باسم	----------	Conhecido com o nome
22	منشور	Fatwa	Publicação

Quadro 34 - Levantamento de nomes do artigo n.º 10

- Verbos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	وزع	Publier /produire	Lançar
2	سبي	Capturer	Capturar
3	مواقعة / وطء	Abuser/ profiter	Utilizar
4	يتضمن	Expliquer	Definir
5	إختطاف	Avoir	Conquistar
6	يصدر	Diffuser	Imprimir
7	إعتبر	Prévoir	Considerar
8	يتضمن	Avoir	Incluir
9	يجيز	Permettre	Permitir
10	يشرع	Encourager	Legalizar
11	يفرض	Imposer	Tomar posse
12	سمح	Donner	Deixar

Quadro 35 - Levantamento de verbos do artigo n.º 10

- Adjetivos

N. º	Árabe	Francês	Português
1	المرتدة	----------	Apóstata
2	السبية	Captive	Cativa
3	الجنسية	Sexuel	Sexual

Quadro 36 - Levantamento de adjetivos do artigo n.º 10

1.2 Análise dos dados do *Corpus*

Através do processo de levantamento do léxico presente nos artigos nas três línguas em causa, podemos concluir que o vocabulário usado para descrever a tremenda ação da autoproclamada *OTD*, especialmente da tradução do árabe para o português, revela limitações em encontrar o equivalente certo para designar uma palavra ou outra na língua de chegada.

O jornalista/tradutor português parece estar fechado numa estrutura linguística estável que não sofre o impacto das mudanças lexicais, semânticas ou históricas da língua de partida. Por exemplo, a própria *OTD* mudou de nome em 2014 de *Estado Islâmico no Iraque e no Levante* para uma aparente e mais enganadora designação simplificada, a de *Estado Islâmico* (EI). Ao contrário dos franceses, os autores dos artigos escritos em língua portuguesa continuam a repetir a antiga denominação desta organização terrorista.

Outra questão que chama a nossa atenção, através do estudo comparativo entre as três línguas, é a maneira como lidam os autores de textos portugueses com a polissemia

das palavras árabes, também desconhecidas pelo leitor. Por exemplo, no caso de palavras do domínio religioso parece haver um fraco conhecimento ao nível da tradução das palavras desse âmbito.

Muitas pistas poderiam ser desenvolvidas, a partir apenas do levantamento de léxico associado à *OTD*. Contudo, vamos centrar-nos na questão da fidelidade, na subsecção seguinte, e dos traços semânticos de alguns termos, na subsecção 1.2.2.

1.2.1. Devemos ser fiéis na tradução dos textos da *OTD*? Análise de alguns fragmentos segundo Padrões de Fidelidade

Como já foi referido na Introdução a este Capítulo, a maioria dos artigos jornalísticos sobre a *OTD* que foram publicados entre 2012 e 2015 são compostos por dois subtextos: no primeiro, existem citações dos membros desta organização; no segundo, encontra-se a tradução direta ou indireta do texto árabe.

É de prever que, ao traduzir literal e fielmente os referidos discursos, se possa cair na armadilha deste grupo, isto é, na divulgação gratuita da sua mensagem, e que se transmita de igual forma aquilo que a mencionada organização terrorista quer mesmo levar ao mundo e aos seus futuros recrutas através dos tradutores, dos jornalistas e até dos políticos.

Se olharmos com atenção os discursos da *OTD* vemos que englobam frases sagradas do Corão e da Suna, mas também contêm referências a alguns eventos históricos do mundo islâmico. Ao analisar os artigos do nosso *corpus*, podemos verificar também que refletem abertamente tanto o seu pensamento como o seu *modus operandi* e seu quotidiano.

No nosso *corpus*, constata-se imediatamente uma manipulação do leitor. Ao traduzir, por exemplo, no artigo n.º 1, a denominação "الدولة الإسلامية " por "Estado Islâmico", estamos de modo consciente a dar legitimidade a esta organização, ao considerá-la como Estado com a existência de um governo representado pelo autoproclamado *Califa*. Desta forma, vemo-nos perante o primeiro dos quatros elementos consagrados no Direito Internacional para reconhecer a legitimidade de um estado soberano, sendo dois de natureza material (território e povo) e os outros de natureza formal (governo e reconhecimento internacional). Com a tradução de "في العراق و الشام" por "no Iraque e no Levante" destaca-se o elemento territorial. De igual modo, ao traduzir cegamente "الخليفة" por "*Califa*", o puzzle da legitimidade internacional fica aqui quase completo, tendo em conta a carga histórica dos termos *califa* ou *califado* no mundo

islâmico e que significam a existência de um estado com um povo leal e comprometido com o seu califa. Por último, quando o tradutor acrescenta, também às cegas, a frase "guerra contra o Estado Islâmico" ou "combater o Estado Islâmico", com o "E" da palavra *Estado* em maiúscula, ele entrega de bandeja à *OTD* o último elemento do reconhecimento internacional como estado soberano, reconhecido plenamente pela sociedade mundial.

No estudo feito nos artigos do nosso *corpus*, particularmente no que se refere à fidelidade nas traduções feitas do árabe para o português, mas também o francês, tentámos ver se existia alguma subjetividade nas traduções e se foram respeitados os conceitos de Hurtado Albir (1990) e que nós tomámos a liberdade de designar por "padrões", neste nosso Relatório.

Para este efeito, recolhemos do nosso *corpus* alguns fragmentos dos artigos em língua árabe e aplicámos estes padrões às traduções dos artigos nas outras duas línguas, para conseguir saber se existe, verdadeiramente, alguma fidelidade neste processo de tradução.

Apresentamos de seguida o quadro com a seleção dos diferentes fragmentos recolhidos. Adiante, quando analisamos cada um dos fragmentos selecionados, propomos a nossa própria tradução do fragmento em causa.

N.º Art.	**Fragmento em Árabe**	**Tradução em Francês**	**Tradução em Português**
1	أطيعوني ما أطعت الله فيكم.	Obéissez-moi tant que **vous** obéissez à Dieu en vous.	Obedeçam-me **tanto quanto** obedecem a Deus.
2	يا أيها المسلمون في كل مكان من إستطاع الهجرة الى الدولة الإسلامية فليهاجر فإن الهجرة الى دار الإسلام واجبة.	Demande à tous les musulmans de se rendre dans son « État islamique » **de part et d´autre de la frontière irako-syrienne**, **s´installer** dans «la maison de l´Islam» est un devoir.	Apelamos a todos os muçulmanos, em todos os lugares do mundo, para realizarem a hijrah (emigração) para o Estado Islâmico ou lutar na sua terra onde quer que seja", disse.
3	يلغى إسم العراق والشام من مسمى الدولة في التداولات	L´EIIL, qui se fait appeler désormais "État islamique."	O grupo militante Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Isis, Sigla em

	والمعاملات الرسمية ويقتصر على اسم الدولة الإسلامية.		Inglês) anunciou **a criação de um califado**, ou Estado Islâmico.
4	الحملة العسكرية الصليبية التي تقودها واشنطن ضد "داعش" ستفشل.	La compagne des alliés contre L´EI était **un échec.**	O Estado Islâmico (EI) nunca perderá luta **"nem que só tenha um soldado**" e avisa que a coligação internacional chegará a um momento em que **terá que enviar tropas terrestre.**
5	سوريا ستكون إسلامية ودولة قائمة على الشريعة لن نقبل غير ذلك، الديمقراطية والعلمانية مرفوضتين كليا.	La Syrie sera un État islamique où régnera la charia et nous **n´accepterons rien d´autre**.	…Estar instaurado ali um regime democrático ou as leis da sharia não correspondem à verdade. É mentira.
6	وعن شروط وط ء السبية، أو "الأمة"، من قبل مالكها" إذا كانت بكر فله أن يطأها مباشرة إما إذا كانت ثيبا فلا بد من استبراء رحمها" أي الانتظار عليه حتى تحيض مرة أو مرتين على الأقل، وذلك للتأكد من أنها غير حامل.	Le groupe djihadiste souligne la possibilité d´**avoir des relations sexuelles** avec **ces femmes**. « Si c´est une vierge, son propriétaire peut avoir des relations sexuelles avec elle **immédiatement,** mais si elle ne l´est pas, son **utérus doit être purifié** ».	Permissão de estuprar uma mulher cativa "imediatamente após tomar posse dela" e permitindo "relações sexuais com mulheres que não atingiram a puberdade se ela já puder ter relações".

Quadro 3 - Fragmentos recolhidos do *Corpus*

O tradutor de artigos redigidos inicialmente em árabe deve saber, e muito bem, que traduz textos manipulados, e só será totalmente capaz de os traduzir quando conhecer bem não apenas as duas línguas como as duas culturas e (sobretudo, neste caso) as referências culturais que subjazem ao discurso da *OTD* ou as referências evocadas por este discurso. Ser um profundo conhecedor da cultura e da sociedade árabe em geral, nos seus principais fundamentos, e do Corão em particular, são condições importantes para uma interpretação adequada dos textos-fonte e a seguir para a sua tradução.

Assim, o primeiro passo no processo de tradução é a compreensão do texto original, com o entendimento do que o autor quer dizer com dado termo e não outro; nesta fase, o léxico é um objeto de análise fundamental e é primordial encontrar o equivalente correto, com toda a carga que pode transportar. No passo seguinte, passa-se para o processo de extração de linguagem chamado "conceitualização" (Lederer, 1981; Le Féal, 1998), terminando com a produção do texto na língua de chegada.

É nesse sentido que Hurtado Albir (1990: 210-211) afirma que, no conceito de tradução, o discurso do autor é baseado no conhecimento do destinatário. Segundo a autora, esse conhecimento deve ser partilhado com o leitor e o processo deve ter em consideração vários tipos de contextos, que podemos agrupar e passaremos a designar por *padrões*, assim distribuídos:

- Contexto Situacional do Texto
- Contexto Verbal
- Contexto Cognitivo
- Contexto Histórico-Social

Em suma, a intervenção do tradutor, na interpretação destes géneros de textos analisados no presente trabalho, requer capacidades linguísticas, mas sobretudo uma ampla compreensão sobre a cultura, os fundamentos e os objetivos do autor do texto de partida. Nestes textos, a tradução/adaptação do texto-fonte ao público leitor é uma tarefa linguisticamente muito delicada e socialmente muito importante. Ou seja, procurar equivalência linguística, cultural e conceptual, ser um fiel intermediário, levanta muitas questões.

O processo de interpretação tem de estar presente na escolha da forma de traduzir o texto. Há aqui o dilema entre os métodos literal e interpretativo: quando o tradutor recorre ao método literal, limita-se a traduzir apenas com as suas habilidades linguísticas, traduz apenas o idioma; mas quando usa o método livre, traduz o texto-fonte de forma interpretativa e consegue adaptar ou até criar os equivalentes adequados. Neste caso, intervém na criação do texto de chegada com a totalidade do seu conhecimento, o que não afasta a possibilidade de esses dois métodos poderem ser articulados e encontrados frequentemente no mesmo texto-alvo.

A fim de empregar estes métodos, é óbvio que o tradutor deve ter conhecimentos suficientes da língua-fonte e da língua-alvo, e não só: deve-se esforçar no conhecimento

de outra ou outras línguas em que o mesmo texto tenha sido traduzido, traduções que servem como testemunho da sua própria e boa escolha.

De seguida, aplicamos os padrões de análise acima referidos a fragmentos textuais, comparando os originais com os atestados em francês e português, e tendo presente a seguinte questão, da maior importância: «Contrastando as soluções que oferecem os tradutores, é possível detetar uma rede de mecanismos linguístico-cognitivos de carácter interpretativo» (Tricás Preckler, 2004: 66; t. n.). Fazemos notar, contudo, que nos parece que a fronteira entre o Padrão cognitivo e o Padrão histórico-social é por vezes pequena, mas tentámos, ao longo da análise, mostrar essa diferença.

(1) Fragmento n.º 1

- Texto original em árabe:

"أطيعوني ما أطعت الله فيكم "[30]

- Texto do artigo em francês:

Obéissez-moi tant que vous obéissez à Dieu en vous.[31]

- Texto do artigo em português:

Obedeçam-me tanto quanto obedecem a Deus.[32]

- Proposta de tradução nossa

Obedeçam-me a mim na mesma medida em que eu, em relação a todos vós, obedeço a Deus.

i. Padrão 1 – Contexto Situacional do Texto

O chefe terrorista pede aos seus seguidores para lhe obedecerem, assim como ele próprio obedece a Deus.

O tradutor francês equivocou-se no segundo sujeito: em vez de manter "je" (eu), utilizou erradamente "vous" (vocês), quando o correto será dizer: **Obéissez-moi, tant que *j'obéis à Dieu à votre égard*.**

Este fragmento não é original, já que o chefe da *OTD* recorre às palavras por demais célebres do primeiro companheiro do Profeta Maomé, Abu Bakr Siddik, quando este

[30] Vide Anexo 5, Texto 1.
[31] Vide Anexo 6, Texto 1.
[32] Vide Anexo 7, Texto 1.

afirma, no seu discurso, por ocasião da sua investidura ao Califado Islâmico, em Medina, no ano 634:

> «Também devem saber que a imoralidade não se espalha dentro de um povo sem que Alá o aflija com uma calamidade. Obedece-me, desde que eu obedeça a Deus e ao seu mensageiro. Se eu não desobedecer a Alá e ao seu mensageiro, não me devem obediência» (t. n.).

Tanto o tradutor francês como o tradutor português não traduziram a seguinte oração constante no texto original: "assim como obedeço a Alá no tratamento que tenho para convosco".

ii. Padrão 2 – Contexto Verbal

O contexto verbal respeita o contexto da oração no texto árabe.

iii. Padrão 3 – Contexto Cognitivo

Para melhor enquadrar o contexto cognitivo, vejamos primeiro uma possível definição das palavras 'contexto' e 'cognição'. Por um lado, o contexto é visto como "a relação que liga o texto às circunstâncias em que ele ocorre, lugar e tempo, cultura do emissor e do recetor, e que permitem a sua correta compreensão."[33] Por outro lado, a cognição é encarada como "o ato ou processo de conhecer, que envolve a atenção, a perceção, a memória, o raciocínio, o juízo, a imaginação, o pensamento e a linguagem."[34]

No caso do fragmento em análise, foi respeitado o contexto cognitivo em ambas as línguas de chegada, porque, na versão árabe, o chefe da *OTD* refresca a memória dos seus ouvintes através do uso do verbo "obedecer", levando-os assim a pensar no texto sagrado Corão. É de referir que o verbo "obedecer" está literalmente repetido mais de 35 vezes no Corão e foi também usado várias vezes pelo Profeta e seus companheiros.

Tais factos revelam que existe, neste fragmento, um contexto cognitivo que legitima aos olhos dos seus ouvintes o autoproclamado *Califado* do Chefe Al-Baghdadi.

Em consequência, os autores dos textos de chegada, quer em francês quer em português, traduziram fielmente o texto árabe, transmitindo literalmente aos leitores este contexto cognitivo.

[33] https://pt.wikipedia.org/wiki/Contexto, consultado pela última vez em 25 de junho de 2016.
[34] https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogni%C3%A7%C3%A3o, consultado pela última vez em 25 de junho de 2016.

iv. Padrão 4 – Contexto Histórico-Social

Sobre este padrão, ambas as traduções conservam o lado histórico e social do texto original, que consiste na preservação dos traços discursivos de Al-Baghdadi e que levam o leitor a acreditar no renascimento do modo de governação de *Califado.* Este modo de governação surgiu após a morte do Profeta Maomé, em 632, e durou até o fim do regime de califado, em 1924. O chefe da *OTD* fez assim com que os seus seguidores concordassem com o regresso do *Califado* (que significa "sucessão", em árabe), como um novo sistema de governação. O *Califa* é apresentado, deste modo, como o sucessor do Profeta, age como chefe da nação e líder da *Umma* – isto é, da comunidade de muçulmanos – e tem o poder de aplicar a lei islâmica, ou seja, a *Charia*.

(2) Fragmento n.º 2

-Texto do original em árabe:

"يا أيها المسلمون في كل مكان من استطاع الهجرة الى الدولة الإسلامية فليهاجر فإن الهجرة الى دار الإسلام واجبة"[35].

- Texto do artigo em francês:

*Demande à tous les musulmans de se rendre dans son « État islamique » **de part et d´autre de la frontière irako-syrienne.** S´installer dans « la maison de l´Islam » est un devoir, assure-t-il.*[36]

- Texto do artigo em português:

Apelamos a todos os muçulmanos, em todos os lugares do mundo, para realizarem a hijrah (emigração) para o Estado Islâmico ou lutar na sua terra onde quer que seja.[37]

- Proposta de tradução nossa

Ó! muçulmanos, onde quer que estejais, quem puder emigrar para o Estado Islâmico que emigre, porque a emigração para a casa do Islão é um dever.

[35] Vide Anexo 5, Texto 2.
[36] Vide Anexo 6, Texto 2.
[37] Vide Anexo 7, Texto 2.

i. Padrão 1 – Contexto Situacional do Texto

O contexto situacional neste pedido do chefe Al-Baghdadi aos muçulmanos para se deslocarem para a *Casa do Islão*, do ponto de vista da análise discursiva, é uma mensagem para que os muçulmanos de qualquer canto do mundo façam *hijrah*, ou seja, que emigrem, se puderem; mas, ao mesmo tempo, garante o chefe da *OTD* que a *Hijra* para a *Casa do Islão* é um dever.

Na tradução francesa foi respeitado o contexto situacional, uma vez que a interjeição "يا" (ya), que é usada na língua árabe para o chamamento de quem está próximo ou distante, foi traduzida de forma fiel com o uso da expressão "De part et d´autre de la frontière irako-syrienne". Com efeito, no seu discurso, Al-Baghdadi faz um apelo a todos os muçulmanos que estão aquém e além das fronteiras iraquianas e sírias para imigrarem para o autoproclamado Estado. Contudo, o local para onde vão os recrutas não é, segundo o texto original, o **seu** "Estado islâmico", isto é, o [meu**]** "Estado islâmico", mas sim o "Estado islâmico" apenas com artigo definido, sem determinante possessivo.

Na tradução portuguesa, não foi respeitado o contexto situacional, dado que o tradutor recorreu primeiro, e mal, à estrangeirização, usando o substantivo *Hijrah*, para logo de seguida recorrer, e bem, à domesticação, com a escolha do termo *emigração*, apresentando assim um equivalente formal para a palavra árabe. No nosso entender, o recurso à estrangeirização foi totalmente desnecessário, já que *emigração* traduz na sua essência *hijrah*. Contudo, esta palavra árabe não saiu inconscientemente da boca de Al-Baghdadi, foi usada intencionalmente, apesar de o seu contexto situacional estar redondamente errado. Há que referir que *Hijrah*, em termos islâmicos, sempre foi 'sair de Meca para outro lugar' e o chefe da *OTD* está a chamar os muçulmanos de todas as partes do mundo para se juntarem a ele e ao estado islâmico que está nas terras do Iraque e da Síria. Por isso, o tradutor, ao estrangeirizar, foi manipulado e não cumpriu o seu dever de fidelidade ao leitor e de neutralidade de funções, na tradução do sentido de certas palavras que carregam em si muito mais do que um simples significado, tal como se verifica num dicionário ou numa consulta rápida na Internet.

ii. Padrão 2 – Contexto Verbal

No âmbito deste Contexto, queremos destacar a tradução adequada do texto francês e que consiste na substituição do verbo árabe "هاجر" (emigrar) pelo verbo *se rendre*, sendo que este verbo francês apresenta, dentro das suas várias aceções, o sentido

de deslocar-se, mudar de lugar, isto é, sair ou ir de um sítio para outro. Com esta escolha lexical, o tradutor francês não se deixou manipular, afastando-se desta forma de toda e qualquer conotação religiosa que a palavra *hijra* contém no mundo islâmico.

Ao usar o verbo *s'installer*, o tradutor francês esquiva-se pela segunda vez à manipulação da palavra *hijra*, usada pelo chefe da *OTD*. Há que reconhecer que este exercício, se é um ato consciente do tradutor, corresponde a uma capacidade invejável de não se deixar manipular, de cumprir rigorosamente uma tradução pragmática e ser fiel ao seu leitor. Contudo, esta escolha pode ter sido mera coincidência, já que se trata de verbos de uso corrente, em francês; mas, mesmo assim, esta tradução sai muito valorizada, dado que a *OTD* não vê o efeito pretendido das suas palavras, nunca inocentes nem inofensivas.

Na tradução portuguesa, observa-se uma interpretação inadequada da palavra *dever*, mencionada no texto original quando foi enunciado que a *hijrah* é um dever; o tradutor português usou duas frases ligadas pela conjunção de coordenação "ou", [*realizarem Hijrah (emigração) para o Estado Islâmico ou lutar na sua terra onde quer que seja*], para transmitir o mesmo sentido da frase do texto original, *a Hijra para a Casa do Islão é um dever*. É de salientar que a segunda frase coordenada do texto português nem sequer foi referida no texto original.

iii. Padrão 3 – Contexto Cognitivo

O chefe da *OTD*, ao discursar numa mesquita, pretende recriar e reavivar todo um ambiente religioso na memória dos seus ouvintes, pedindo-lhes ainda que se juntem ao seu estado, por ele intencionalmente equiparado à "Casa do Islão". Ele leva os ouvintes a acreditarem que a dita "Casa do Islão" existe na realidade e ressurge uma outra vez no território conquistado por ele e os seus seguidores, terroristas da *OTD*. A expressão *casa do Islão* foi conservada na tradução francesa, mas omitida na portuguesa.

iv. Padrão 4 – Contexto Histórico-Social

O termo que foi usado no texto de partida é *Hijra* (em árabe هجرة), o qual, de acordo com os dicionários do Islão (como, por exemplo, o *Novo Dicionário do Islão, Palavras, Figuras e Histórias*, LOPES, 2002), significa a « emigração de Maomé de Meca para Medina (cidade que antes se chamava Yatrib)». Com a *Hijra* (também grafado *hégira*), o ano 622 da era cristã tornou-se o Ano Um do Calendário Hégira, acontecimento capital na história da religião muçulmana, que é atualmente seguida em todo o mundo por cerca de 1.200 milhões de crentes.

Esta *Hijra* teve, e ainda tem, uma importante carga histórica no mundo do Islão, facto este metaforicamente evocado por Al-Baghdadi, quando pede aos muçulmanos que se juntem à sua organização, cumprindo assim o dever religioso e histórico consagrado na deslocação do Profeta Mamoé de Meca para Medina. Ao usar o verbo *se rendre*, o tradutor francês não respeita este contexto histórico, e não transmite fielmente a carga histórica do termo *Hijra*. Em contrapartida, o tradutor português respeitou este traço histórico, ao recorrer ao uso do verbo *emigrar*.

(3) Fragmento n.º 3

- Texto do original em árabe:

"يلغى اسم العراق والشام من مسمى الدولة في التداولات والمعاملات الرسمية ويقتصر على اسم الدولةالإسلامية"[38]

- Texto do artigo em francês:

*L´EIIL, qui se fait appeler désormais "**État islamique**."*[39]

- Texto do artigo em português:

*O grupo militante Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Isis, Sigla em Inglês) anunciou **a criação de um califado**, ou Estado Islâmico.*[40]

- Proposta de tradução nossa:

Anunciamos a retirada dos nomes Iraque e Levante do nome do nosso Estado em todas as transações e atos oficiais, ficando apenas Estado Islâmico.

i. Padrão 1 – Contexto Situacional do Texto

A *OTD* é fruto de um movimento terrorista que jurou fidelidade à Al-Qaeda, em 2004, e adotou o nome de *Tanzim Qaedat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn*, o que se traduz por Organização da Base de Combate na Terra dos Dois Rios. Esta terra dos dois rios refere-se à terra do Rio Tigre e Rio Eufrates. Em 2013, quando a área de atuação da *OTD* se estendeu à Síria, esta organização passou a autoproclamar-se *Estado Islâmico do Iraque e do Levante* (*ISIL*, na sigla em inglês, ou *ISIS*, quando o último S se refere diretamente à Síria ou *al-Sham* (Levante)"[41]. No entanto, em junho de 2014, o grupo muda

[38] Vide anexo 5, Texto 4.
[39] Vide anexo 6, Texto 4.
[40] Vide anexo 7, Texto 4.
[41] http://visao.sapo.pt/actualidade/mundo/2015-12-11-Toda-a-verdade-sobre-o-Daesh, consultado pela última vez em 8 de junho de 2017.

a sua designação para *al-dawla al- islamiya,* isto é, o estado islâmico, eliminando os restantes termos. Com todas estas designações e siglas, alguns países europeus passaram a usar, em 2014, o termo "daech", que no fundo é um possível acrónimo para a denominação árabe de *al-Dawlat al-Islamiya fi al-Iraq wa Sham*. A tendência para usar "daech" por parte dos países que não falam árabe tem mais a ver com o facto de saberem que se trata de um hábito que enerva o inimigo, pela semelhança ao verbo "Daes"((دحس, "esmagar algo", ou ao substantivo "Dahes", que pode ser traduzido como "aquele que semeia a desordem". A este propósito, chegou até a ser notícia, no jornal britânico *Mirror,* que a organização terrorista ameaçou «cortar as línguas de todos aqueles a quem ouvisse usar o termo Daech»[42].

Os tradutores dos textos em português e em francês acertaram ao preservar a cronologia histórica da designação da *OTD,* embora o tradutor português tenha acrescentado indevidamente a denominação de "califado", já que esta não foi mencionada no texto de partida. Com este acréscimo, o tradutor confere à designação "estado islâmico" a legitimidade de califado, o que dá a impressão de que esta organização terrorista é uma continuidade do califado do Profeta Maomé.

ii. Padrão 2 – Contexto Verbal

Para este Contexto, a observar apenas que, na tradução portuguesa, foi introduzida a expressão «a criação de um califado», palavras estas inexistentes no texto original.

iii. Padrão 3 – Contexto Cognitivo

É por demais sabido que as palavras ou expressões podem ter várias interpretações e mais ainda, provavelmente, quando se fala de religião. Para além da definição inerente à própria confissão religiosa, haverá sempre outra ou outras interpretações feitas para fins políticos ou maquiavélicos. Assim sendo, é caso para lembrar o ditado francês, "Le diable est dans les détails" (o diabo reside nos pormenores). É que, na tradução do adjetivo/substantivo árabe (islamia*)* إسلامية por "islâmico", em ambas as traduções, podemos constatar que este termo apenas remete para a religião muçulmana enquanto a palavra árabe *islamia* engloba não só a religião muçulmana, mas também a nação, *Umma* em árabe, que professa o Islão.

[42] "ISIS has reportedly threatened to 'cut out the tongues' of anyone it hears using the term". Disponível em: https://www.mirror.co.uk/news/world-news/what-daesh-mean-isis-threatens-6841468 .

No que concerne ao termo *islâmico* e tendo em conta que a língua portuguesa oferece mais dois adjetivos alusivos ao Islão, a saber, *islamista* e *islamita*, decidimos indagar as diferenças de sentido entre estes adjetivos. Nesta pesquisa, encontramos no *site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* um esclarecimento para ajudar no uso dos termos *islamista* e *islamita* quando utilizados como nomes, que julgamos assaz pertinente e passamos a transcrever:

> «Maria Regina Rocha[43], por seu lado, considera que "islamita é a forma legítima em português, pelo que considera igualmente incorreto o termo "islamista". Argumenta que o francês não distingue entre crente do Islão e militante do islamismo, porque possui as palavras "islamique" e "islamiste", que se aplicam a ambos os casos. Assim sendo não aceita que se crie em português um segundo termo, quando em francês "islamiste" se refere aos dois "islamismos", o religioso e o político. Mais, considera que falar em «radicais islâmicos» é criar uma expressão que encerra um juízo de valor que descura a possibilidade de estes alegados «radicais» julgarem que atuam enquanto seguidores do Islão".[44]

Curioso, sendo de realçar que, tanto em português como em francês, os termos "islâmico" e "islamique" são apenas adjetivos em ambas as línguas, ao passo que "*islamia",* em árabe, tanto é adjetivo como é substantivo. Para cobrir esta situação de dupla função morfológica só os termos "islamista" ou "islamiste" e "islamita" apenas na língua portuguesa.

iv. Padrão 4 – Contexto Histórico-Social

Em junho de 2014, a adoção do novo nome, "Estado Islâmico", para a sua organização pelos membros da *OTD,* é um fator determinante na guerra de palavras entre o ocidente e esta organização. Com esta nova denominação, que permite designar o grupo terrorista apenas pela sigla "EI", a *OTD* leva os seus seguidores a acreditarem que a expansão da organização, vista como um estado, é uma realidade e que o território é cada vez mais acolhedor e que cabem lá todos os seguidores. A designação agora escolhida leva a pensar que o dito "Estado Islâmico" não está limitado e confinado entre os dois rios, Tigre e Eufrates (designação inicial adotada por este grupo, em 2004), ou que existe

[43] Citado em: https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ainda-o-termo-islamista/17689 , consultado pela última vez em 5 de junho de 2015.
[44] https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ainda-o-termo-islamista/17689, consultado pela última vez em 5 de junho de 2015.

só no Iraque e na Síria (também designado por Levante), anterior denominação, também ela escolhida em 2014.

O tradutor francês, ao traduzir *islamia* por "islamique" com "i" minúsculo, esvazia o termo da sua legitimidade, até no âmbito da soberania, à luz do Direito Internacional. No texto em português, *islamia* está traduzido por "Islâmico" com o "i" em letra maiúscula, o que, na nossa opinião, acaba por dar importância à *OTD*; isto já para não mencionar o acréscimo ou invenção da outra denominação enganosa, que é "o califado". Seria caso para afirmar que o tradutor português foi 'mais papista do que o Papa'.

(4) Fragmento n.º 4

- Texto do original em árabe:

"الحملة العسكرية الصليبية التي تقودها واشنطن ضد [داعش] ستفشل[45]"

- Texto do artigo em francês:

La campagne des alliés contre L´EI était ***un échec***. [46]

- Texto do artigo em português:

O Estado Islâmico (EI) nunca perderá a luta ***"nem que só tenha um soldado****" e avisa que a coligação internacional chegará a um momento em que* ***terá que enviar tropas terrestres***.[47]

- Proposta de tradução nossa:

A cruzada liderada por Washington contra [Daesh] vai falhar

i. **Padrão 1** – Contexto Situacional do Texto

Em ambas as traduções, foi respeitado o contexto situacional do texto, sabendo que o fragmento original, em árabe, foi proferido numa altura em que os aliados, liderados pelos Estados Unidos da América, começaram a usar a força aérea para combater a *OTD.*

ii. **Padrão 2** – Contexto Verbal

O tradutor francês conservou na sua tradução o que o chefe da *OTD* quer dizer, ao usar um tempo e um modo verbal adequados a esta situação, a saber, o *imparfait e o*

[45] Vide Anexo 5, Texto 6.
[46] Vide Anexo 6, Texto 6.
[47] Vide Anexo 7, Texto 6.

indicatif (pretérito imperfeito do indicativo), do verbo auxiliar *être* (*ser*), na forma *était*, com uma projeção no futuro, projeção essa vulgarmente chamada *passé prospectif* (passado prospetivo), porque, à data do discurso, os aliados já tinham atacado a *OTD* e ainda continuariam a atacar. Com esta forma verbal, o tradutor francês conseguiu transmitir a mensagem de Al-Baghdadi, que usou em árabe o futuro, mas referiu no seu discurso que os ataques dos aliados já tinham começado antes. O tradutor português, mesmo com os excessos do vocabulário que adotou, não conseguiu transmitir a mesma mensagem com o simples uso do futuro do indicativo.

iii. Padrão 3 – Contexto Cognitivo

O termo "الصليبية" (as cruzadas), que foi evocado pelo chefe da *OTD*, na versão árabe, não foi sequer evocado em nenhuma das traduções, que apenas falam da guerra dos aliados contra o *OTD*. Contudo, o objetivo de Al-Baghdadi é refrescar a mente dos seus seguidores sobre o perigo dos aliados que lideram as novas cruzadas contra os países muçulmanos. O recurso à metonímia "cruzadas" desperta a memória dos ouvintes e leva-os a pensarem no iminente perigo e na vingança.

iv. Padrão 4 – Contexto Histórico-Social

Em ambas as traduções, o contexto histórico foi omitido. Contudo, no fragmento original, o chefe da organização terrorista refere a guerra dos aliados contra o seu grupo como sendo as novas cruzadas, já que as primeiras aconteceram na Idade Média, entre 1096 e 1100, com a chegada de tropas armadas aos territórios islâmicos. Este acontecimento histórico, objeto e assunto de muitas obras europeias, foi também retratado com muita acuidade, na perspetiva árabe, por Amin Maalouf, autor libanês, no seu livro, *As cruzadas vistas pelos Árabes.*[48]

(5) Fragmento nº 5

- <u>Texto do original em árabe</u>:

"وعن شروط وطء السبية، أو "الأمة"، من قبل مالكها" إذا كانت بكر فله أن يطأها مباشرة، أما إذا كانت ثيبا فلا بد من استبراء رحمها"، أي الانتظار عليه حتى تحيض مرة أو مرتين على الأقل، وذلك للتأكد من أنها غير حامل."[49]

- <u>Texto do artigo em francês</u>:

[48] Trad. de Germiniano Cascais Franco, 2013.
[49] Vide Anexo 5, Texto 10

Le groupe djihadiste souligne la possibilité d´avoir des relations sexuelles avec ces femmes. « Si c´est une vierge, son propriétaire peut avoir des relations sexuelles avec elle immédiatement, mais si elle ne l´est pas, son utérus doit être purifié ».[50]

- Texto do artigo em português:

  Permissão de estuprar uma mulher cativa imediatamente após tomar posse dela e permitindo relações sexuais com mulheres que não atingiram a puberdade se ela já puder ter relações.[51]

- Proposta de tradução nossa:

  Relativamente às condições para ter sexo com mulheres cativas, ou com "escravas" pelo seu dono, se for uma virgem, pode imediatamente ter sexo com ela, mas se não for virgem, ele deve esperar até que o seu útero seja limpo, isto é, esperar até que ela seja menstruada, pelo menos uma ou duas vezes para se certificar de que ela não está grávida.

i. Padrão 1: Contexto Situacional do Texto

O contexto situacional deste texto árabe leva-nos a conhecer o destino e a vida das mulheres prisioneiras da *OTD*. Esta organização publicou o guia *Questões e Respostas sobre as Mulheres Cativas*, que estabelece as regras de conduta para que os combatentes deste grupo saibam como e quando podem violar as mulheres cativas.

Em termos de tradução, não constatamos qualquer problema de fidelidade neste contexto, já que ambas as traduções conseguem uma transferência adequada das condições de vida destas mulheres cativas às mãos dos seus donos.

ii. Padrão 2: Contexto Verbal

A autorização de ter relações sexuais com mulheres cativas foi referida na tradução francesa como "possibilité", associada a "souligne", e pela forma perifrástica verbal "peut avoir"; na portuguesa, ocorre "permissão" e o gerúndio "permitindo". No nosso entendimento, o tradutor francês acertou com ambas as escolhas, sendo que a forma perifrástica reflete que os combatentes tinham sempre esta liberdade de ter relações sexuais com as suas cativas, mas, com o guia *Questões e Respostas sobre as Mulheres*

[50] Vide Anexo 6, Texto 6.
[51] Vide Anexo 7, Texto 6.

Cativas, as regras ficaram mais explícitas para os violadores. Por sua vez, o tradutor português, pelas suas escolhas, nomeadamente ao usar o verbo *permitir* no gerúndio, pode levar o leitor a pensar que as relações sexuais estavam proibidas antes da publicação deste guia. De facto, o gerúndio não marca tempo, por si só, mas associado a "permissão", sem mais, pode levar a uma interpretação futura, e, consequentemente, a pensar-se que as relações sexuais entre terroristas e as suas escravas estavam proibidas, antes da publicação deste Guia.

iii. Padrão 3: Contexto Cognitivo

Logo após a adoção da última e atual autodenominação (Estado Islâmico), com o objetivo de atrair mais e mais recrutas para as suas fileiras militares, os dirigentes da *OTD* publicaram um guia sobre as mulheres cativas, com regras de conduta para os combatentes que se tornarão seus donos. Por um lado, esta publicação mostra a presença efetiva de mulheres, ainda que cativas, disponíveis para os seus seguidores e, por outro lado, legitima a prática sexual entre os combatentes e essas mulheres cativas. As regras plasmadas nesse guia levam os combatentes a acreditarem na vitória e no êxito das suas ações e, consequentemente, a quererem convencer novos recrutas e mostrar que a *OTD* ganhou a sua guerra e até está a dividir o espólio. Os tradutores cumpriram o requisito da fidelidade ao transmitir este contexto cognitivo.

iv. Padrão 4: Contexto Histórico-Social

A ONU denunciou em várias ocasiões as violações sistemáticas, no norte do Iraque, de milhares de mulheres e raparigas, membros da minoria *Yezidi*, que foi severamente afetada pelas atrocidades da *OTD*. Muitas delas foram oferecidas aos combatentes desta organização como uma recompensa ou mercadoria para satisfazerem as suas necessidades sexuais. Como resposta às críticas à *OTD* e sua propaganda (que visa recrutar mais combatentes de todo o mundo) e com o intuito de mostrar poder aos seus futuros membros, a organização mandou produzir e publicar o referido guia e explica ainda o seu ponto de vista em relação ao destino e estatuto destas mulheres. É sabido que as mulheres que têm filhos recebem uma certa proteção da Organização, mas sobretudo as filhas destas uniões são, muitas vezes, vendidas como escravas, usadas como 'homens-bomba' ou como escudos humanos, se não mortas.[52]

[52] A este propósito: encontrámos dois textos interessantes, no Diário de Notícias: um de 09/06/2014, intitulado "Não às violações como arma de guerra - uma causa para a nossa geração", https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/nao-as-violacoes-como-arma-de-guerra---uma-causa-

Neste contexto, os tradutores de ambas as línguas conseguiram transmitir o desejo da *OTD*.

Em síntese, podemos concluir que algumas traduções feitas dos fragmentos e dos textos dos artigos de jornais dos membros da *OTD* respeitaram os quatro contextos, mas algumas não obedeceram às regras básicas da fidelidade. Para melhor ilustrar até que ponto os requisitos da fidelidade foram cumpridos, elaborámos o quadro a seguir, que nos permite melhor visualizar o grau de fidelidade dos tradutores franceses e portugueses na transferência do conteúdo dos diferentes fragmentos.

	Traços Lexicais		Traços Semânticos		Padrão 1		Padrão 2		Padrão 3		Padrão 4	
Art	PT	FR	PT	FR	PT	FR	PT	FR	PT	FR	PT	FR
1	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+
2	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	+
3	-	+	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+
4	+	+	+	+	+	+	-	+	-	-	-	-
5	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+
6	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+

Quadro 35 - Traços lexicais e semânticos e padrões de fragmentos do *corpus*: grau de fidelidade

Como se pode verificar no quadro acima, os tradutores portugueses são menos fiéis, obtendo, nesta avaliação, muito mais traços de " – " do que os franceses.

1.2.2 Os traços semânticos dos termos terroristas citados nas traduções de notícias sobre a *OTD*

As publicações eletrónicas da *OTD*, como forma de propaganda oficial desta organização, são consideradas mais complexas do que as publicações nos diferentes meios de comunicação tradicionais. Com efeito, o estudo analítico desta propaganda permite compreender o processo de radicalização e violência que derrama bastante sangue em vários países.

para-a-nossa-geracao-3962102.html ; outro de 07/05/2016, intitulado "A violação como arma de guerra; os filhos do Estado Islâmico", https://www.dn.pt/mundo/a-violacao-como-arma-de-guerra-os-filhos-do-estado-islamico-5161873.html

A estratégia desta propaganda planeada, minuciosamente, pela *OTD* serve-se de muitas ferramentas eletrónicas, tais como computador, telemóvel e outros equipamentos informáticos, e das várias redes sociais, entre as quais estão *Facebook, Twitter, Instagram, Google+, Youtube, ...* Ao recorrer a estes meios, a *OTD* quer ser vista como uma organização reformadora, com uma nova visão revolucionária do mundo transmitida pela sua propaganda. De facto, esta estratégia de radicalização visa aqueles indivíduos que lutam e querem entrar no mundo revolucionário. Para tal, é usado todo um discurso manipulador na língua original desses indivíduos e seguramente na tradução desse discurso. Esta estratégia pretende ainda vitimizar alguns países islâmicos e árabes, semear o ódio, propagar e instigar à violência dentro de outros países e nações, rejeitando os seus princípios mais elementares de democracia, liberdades e garantias.

Se, por um lado, a propaganda desta organização aposta na radicalização, por outro lado, ela quer assentar o seu discurso na legitimação da sua liderança, através da sacralização e heroísmo da sua imagem e da conotação de termos selecionados e proclamados para se autodesignarem. Mais, as suas leis, práticas sociais e princípios são sempre apresentados conformes à *Charia*. Esta propaganda discursiva usa assim todo um léxico e toda uma semântica da área religiosa, histórica e marcial, a saber, *mártires, califa, califado, jihad, soldados, casa da guerra, casa da paz, …*

A partir da análise desta propaganda discursiva, organizamos uma amostra, para perceber como a *OTD* recrutava novos combatentes para semearem mais terror e violência. Depois de o mundo inteiro ter começado a conhecer as estratégias desta organização terrorista e o seu *modus operandi* – o qual é visível a vários níveis, tanto na sua propaganda como muito especialmente na comunicação discursiva do seu líder –, o discurso da *OTD* enveredou por outro tipo de ação, *mutatis mutandis* baseado numa seleção léxico-semântica mais apelativa para atrair mais combatentes para as suas fileiras e conseguir mais 'lobos solitários' em todo o mundo.

Os traços semânticos que cada termo desta seleção apresenta é uma estratégia, bem desenhada e bem desenvolvida, para atingir os objetivos e fins que esta organização tem levado a cabo desde 2014, ano da sua criação. Sistematicamente, o chefe desta organização foi alicerçando o seu discurso na cultura religiosa, aludindo sempre ao Corão, à Suna e evocando ainda termos bem-sonantes, tais como *sagrado, paraíso* ou *heroísmo*.

A atividade tradutora desta propaganda discursiva exige que o tradutor faça uma análise minuciosa dos textos e que comece esta análise pelos domínios linguísticos da Fonologia/Prosódia (caso se trata de comunicações orais), Morfologia, Sintaxe e

Pragmática, antes de se centrar nas caraterísticas da Semântica do conteúdo do próprio texto. Por outras palavras, é preciso decifrar os traços semânticos das palavras, para ser mais fácil encontrar equivalentes dentro do mesmo campo semântico.

Seguindo a nossa análise da propaganda discursiva da *OTD* e de acordo com algumas teorias semânticas, sabemos que o significado de uma palavra pode ser decomposto num conjunto de traços semânticos. Mas é caso para perguntar se os tradutores conservaram esses traços semânticos e até que ponto conseguiram preservar a mensagem inicial dessa organização. Para tal, fizemos um levantamento sucinto (ver quadro abaixo), mas que julgamos ilustrativo, dos traços semânticos presentes nas palavras ditas polissémicas do texto de partida e dos seus equivalentes nas línguas de chegada. Para melhor exemplificar, peguemos numa das palavras mais polissémica do nosso *corpus*, a palavra *Jihad* que tem, quanto a nós, os seguintes traços semânticos: [+esforço, +religião, +guerra].

Termo em Árabe	**Tradução em Português**	**Traços semânticos em Árabe**	**Traços semânticos em Português**	**Resultado**	**Termo alternativo**
Al Jihad الجهاد	Guerra Santa	[+ esforço] [+religião] [+luta interna] [+purificação do espírito]	[+guerra] [+esforço] [+religião] [+santidade]	Divergência	Guerra
		[+esforço] [+religião] [+guerra defensiva] [+guerra ofensiva]			
Khalifa خليفة	Califa	[+religião] [+líder] [+ legitimidade] [+sucessão]	[+religião] [+líder] [+ legitimidade] [-sucessão]	Divergência	Líder
Jihadi جهادي	Jihadista	[+homem] [+combatente] [-religião]	[+homem] [+religião] [+combatente]	Divergência	Combatente
Alhijra الهجرة	Hijra	[+religião] [+deslocação] [+permanência]	[+religioso] [+peregrinação] [+recrutamento]	Divergência	Deslocação
Albaia البيعة	Lealdade	[+religião] [+pacto] [+fidelidade]	[+dedicação] [-pacto] [+fidelidade]	Divergência	Pacto político e social

Charia الشريعة	Lei de Charia	[+religião] [+caminho] [+lei divina]	[+religião] [+lei] [+charia]	Divergência	Regulamento interno da *OTD*
Al Taouhid التوحيد	Unicidade	[+religião] [+unicidade] [+deus]	[+religião] [+unicidade] [+deus]	Convergência	Unicidade de Deus
Al cham الشام	Nova Síria	[+território] [+países] [+oriente]	[+território] [-países] [+síria]	Divergência	Levante
Mufti مفتي	Mufti	[+homem] [+religião] [+sabedoria]	[+homem] [+religião] [+líder]	Divergência	Autoridade islâmica consultativa[53]
Almurtada المرتدة	Apóstata	[+homem] [+religião] [+abandono]	[+homem] [+religião] [+abandono]	Convergência	Apóstata

Quadro 37 - Relações de convergência e de divergência entre o texto original e a sua tradução

As divergências presentes no quadro mostram claramente a impossibilidade de encontrar um termo adequado ao contexto. É que, se os tradutores, ao lidarem com estes termos polémicos, parecem, por um lado, não dominar bem os campos semânticos e os traços das palavras evocadas nos artigos de jornais escritos em língua árabe, por outro lado, a escrita jornalística parece carecer notoriamente da visibilidade de tradutores competentes para este tipo de tradução, tradutores esses que devem conhecer a origem destes termos chamados polémicos, tal como a sua evolução linguística e a sua carga histórica.

1.3 Proposta de soluções para escapar às armadilhas da OTD, na tradução dos seus discursos

Nesta subsecção, visamos abordar algumas estratégias úteis para evitar sermos levados pelas armadilhas presentes nos textos dos terroristas, na nossa procura de uma tradução correta.

Antes de propormos soluções, vamos primeiro relembrar algumas das armadilhas linguísticas desta organização que aparecem, no texto original em árabe, sob a forma de termos de cariz maioritariamente religioso e bélico, termos esses que podem ser, no nosso entender, mais atraentes e apelativos quando são traduzidos por profissionais que não dominam as técnicas ou estratégias de tradução da cultura árabe-islâmica. Veja-se o caso

[53] https://www.britannica.com/topic/mufti , consultado pela última vez em 12 de maio de 2015.

do termo *Jihad* quando traduzido por *Guerra Santa*, no qual, como já referido, a expressão fica suavizada, menos violenta com a presença do adjetivo *santa*, que para muitos será muito convidativo e atraente.

Assim sendo, seria conveniente que quem traduz este tipo de propaganda discursiva fizesse uma pesquisa cuidadosa e estudasse as técnicas e as estratégias que melhor permitem escapar às armadilhas verbais introduzidas por esta organização nos seus textos. Posto isto, passaremos agora a propor as soluções que consideramos mais eficazes e mais fiáveis para ultrapassar as sinuosas e insinuantes armadilhas nos textos a traduzir da *OTD*.

(i) Solução 1: **A prevalência do uso da Equivalência Dinâmica sobre o da Equivalência Formal**

A *equivalência formal, a representação de uma correspondência direta entre o termo original e o seu correspondente formal no texto alvo*, é um método que leva o tradutor a decifrar primeiramente o significado das palavras no texto-fonte para ser, de seguida, capaz de transmitir literalmente (palavra por palavra) a mensagem na língua de chegada, sendo obrigatório nessa tarefa o perfeito domínio das línguas fonte e alvo. Por outras palavras, a equivalência formal é uma reprodução idêntica da estrutura frásica e das unidades gramaticais do texto de partida. Assim, o tradutor, ao adotar esta técnica, preservará as frases e orações e manterá quase todas as características linguísticas do original e até a mesma pontuação do texto. Tendo em conta a impossibilidade de encontrar equivalentes que possuam os mesmos traços semânticos, o tradutor pode recorrer às notas de rodapé, ao acréscimo ou até à elaboração de um pequeno glossário. Pode ainda recorrer ao corte de algumas passagens, entre outras técnicas ou estratégias, o que dará, no caso da tradução dos discursos da *OTD*, um conteúdo discursivo pobre e superficialmente traduzido.

Quanto à *equivalência dinâmica, considerada, por muitos, como um processo de tradução que requer do tradutor várias competências e habilidades para que ele seja capaz de lidar com o texto de partida na sua totalidade*: o texto, neste caso, não é apenas um componente de cariz linguístico, mas também cultural. Tendo em conta que este tipo de tradução não vai resultar num simples texto traduzido, mas vai para além disso, isto é, vai tornar-se numa produção natural e pragmática da mensagem inicial, é de salientar que o tradutor tem a obrigatoriedade de encontrar um equivalente natural que não deixe margem nenhuma para o público-alvo duvidar que o texto produzido é a tradução de outro texto escrito originalmente noutra língua.

No nosso entender, o uso da equivalência dinâmica deve prevalecer sobre o da equivalência formal como solução para demonstrar, de forma neutra e objetiva, as armadilhas que estão por detrás da mensagem da *OTD*. Com efeito, por um lado, os textos da *OTD* estão repletos de termos religiosos, como, *Jihad*, *Charia*, *Califa*, ou de expressões lexicalizadas (Bouchard, 1997), tais como "fazer *Hégira*", ou ainda de sequências com valor muito específico, como "ter relações sexuais com mulheres que não atingiram a puberdade", "prestar lealdade ao *Califa*"; por outro lado, o nosso público-alvo divide-se entre pessoas que querem, por mera curiosidade, obter informações sobre esta organização e outras que podem com facilidade "morder o anzol", isto é, a mensagem da *OTD* e tornar-se futuros recrutas ou lobos solitários ligados a esta organização. Ou seja, o não saber exatamente por quem vai ser lida a tradução e qual o impacto que ela vai ter constitui uma pressão suplementar sobre o tradutor eticamente consciente do seu papel. Daí, a necessidade de neutralidade e de objetividade.

Para além da adoção da solução de *equivalência dinâmica*, dever-se-á recorrer a outra técnica que é a *adaptação* do texto de chegada para melhor proteger o trabalho do tradutor da presumível manipulação da *OTD*. Nessa perspetiva, a solução residirá numa tradução e numa adaptação, ao mesmo tempo, passando pelas técnicas, competência e intuição do bom tradutor, que conseguirá adaptar o texto da *OTD* à realidade da sociedade para a qual a tradução é dirigida, no nosso caso, a portuguesa.

Para ilustrar esta nossa posição, apresentamos em forma de contraponto o caso noticiado no jornal eletrónico "O Observador" [54] relativo ao perfil que foi traçado para os doze combatentes portugueses recrutados em Portugal e que se juntaram às fileiras da *OTD*. Aí, pode-se verificar que a maioria dos 12 combatentes portugueses que foram ao encontro da *OTD*, foram alvo desta influência e manipulação linguística da *OTD*; claro que a língua da pesquisa foi o inglês, facto provado no próprio artigo de jornal, mas também foi o português, como língua da tradução dos discursos da *OTD*.

(ii) Solução 2: A adaptação dos termos polémicos à cultura do público-alvo

A adaptação é, segundo Bastin (1993), « o processo de expressar um sentido com vista a recriar um equilíbrio comunicacional que foi rompido pela tradução» (t.n.).[55] Assim sendo, a adaptação será um ato de traduzir de forma mais personalizada e subjetiva, tendo em conta, geralmente, as intenções presentes no texto de partida e o impacto dessas

[54] https://observador.pt/2015/11/18/quem-sao-os-jihadistas-portugueses-do-estado-islamico/
[55] Na Conclusão, s/ número de página.

intenções sobre os leitores do texto de chegada; no nosso caso, as intenções dos discursos do chefe da *OTD* e o impacto dessas intenções sobre o público-alvo português.

O tradutor, perante estes textos polémicos, pode recorrer à adaptação como estratégia de tradução, uma vez que existem duas realidades linguísticas, culturais e pragmáticas distintas: a primeira, no texto de partida, visa a propagação dos objetivos terroristas com vista a conquistar mais simpatizantes e recrutas; a segunda é visível no ambiente do leitor que poderá tornar-se num alvo fácil da mensagem dos terroristas, perante a escassez dos recursos linguísticos, tais como dicionários bilingues de Árabe / Português e de fontes ou obras fidedignas sobre o Islão, em particular, e o mundo islâmico em geral.

A solução, neste caso, é recorrer à adaptação que, no nosso entender, estará dentro da definição dada por Jean Delisle (1999: 8-9):

> «A adaptação é um procedimento da tradução que consiste na substituição de uma realidade sociocultural da língua de partida por uma realidade própria à sociocultural da língua de chegada» (t. n.)[56].

De acordo com este procedimento, o tradutor pode substituir (ou reposicionar) a realidade sociocultural dos enunciados da *OTD* pela realidade sociocultural da sociedade portuguesa, isto é, substituir o discurso incitador à violência por outro discurso descritivo desta violência e informativo sobre as consequências inerentes à mensagem dos terroristas. É de referir aqui o exemplo da expressão idiomática citada no panfleto distribuído pela *OTD* sobre a violação das mulheres cativas que, ao ter o título traduzido da mesma forma como foi enunciado em árabe, está a divulgar o discurso incitativo da *OTD* para violar mulheres da etnia *Iazidi*. Contudo, se traduzirmos o título desta forma: *Guia sobre como violar mulheres vítimas* da *OTD*, estamos a desvendar os atos de violência da *OTD*. Outro exemplo que se pode apresentar a este propósito é o título do artigo número 3 do *corpus* em português, no Anexo 5, "Daesh decapita mais um cidadão britânico", e que, para nós, nesta perspetiva da adaptação, deveria ser traduzido por estas palavras: "A Organização Terrorista Daesh decapita mais um ser humano de nacionalidade britânica", porque se trata de um ser humano, com nome (Alain Henning), e, para além disso, com um perfil meritório de ajudar no trabalho humanitário que diariamente é desenvolvido pelas ONG, nas zonas de conflito.

[56] *Apud* Lavaur, Jean-Marc ; Șerban, Adriana (2011) *Traduction et médias audiovisuels.* Paris: Presses Universitaires du Septentrion.

A adaptação não pode, assim, dedicar-se apenas à parte cultural da mensagem terrorista, deve centrar-se também na parte linguística, já que o tradutor de árabe para português trabalha com línguas que pertencem a dois ramos linguísticos bem distintos, o *Semítico* para o árabe e o *Indoeuropeu-Românico* para o português. Esta diferença relativa às características das línguas bem como o recurso à adaptação para resolver o desafio da especificidade deste tipo de tradução já foram objeto de estudo e ficaram bem patentes na obra *Métodos de Tradução*, de Vinay e Darbelnet (1995: 30), quando afirmam:

> «A tradução divide-se em tradução literal (palavra por palavra) quando se trata de línguas do mesmo grupo linguístico (por exemplo o *latim*), e tradução oblíqua que é uma tradução livre, e que pode não obedecer à regra de semelhança da estrutura frásica entre língua de chegada e língua de partida» (t. n.; destaques nossos).

A este respeito, sugerimos a tradução dos discursos da *OTD* com uma adaptação minuciosa do conteúdo discursivo, com o objetivo de garantir sempre o direito de acesso à informação, embora esta mesma informação tenha que ser adaptada à realidade sociocultural da sociedade recetora, porque a decisão de não traduzir deixa, no nosso entender, o campo livre aos lobos solitários para agirem, interpretarem e divulgarem na sombra a mensagem terrorista a seu bel-prazer.

Retomamos, aqui, de Bastin (1993), um conjunto de ideias interessantes sobre o tipo de adaptação à disposição do tradutor:

> «[há] uma distinção essencial entre a **adaptação pontual**, que
>
> - se aplica apenas a certas partes do texto;
> - está diretamente ligada à língua do texto original;
> - é uma tática do tradutor, em casso muito concretos;
> - é facultativa (embora aconselhável), dado o seu alcance limitado sobre o efeito do texto global,
>
> e a **adaptação global**, que
>
> - afeta a totalidade do texto de chegada;
> - (…) é estranha ao texto original;
> - é estratégica, ao veicular como prioridade o objetivo geral do tradutor, i.e., a sua visão;
> - é necessária porque a sua ausência implica a inutilidade da obra ou uma rutura de equilíbrio comunicacional.» (p. 478; t. n.)

Entre estes dois extremos, sem dúvida é possível encontrar um meio termo, um compromisso, em função de cada caso concreto.

O objetivo do nosso Relatório é mostrar como um tradutor pode adaptar a cultura e a terminologia dos terroristas à sociedade recetora dessa mensagem, sem ferir a sensibilidade dos leitores e sem desrespeitar a liberdade de acesso à informação. Por estes motivos, discordamos com a decisão tomada em França, quando, em 2014, foi proibida a tradução parcial ou integral dos discursos da *OTD*.

Sugerimos, então, no âmbito desta Solução, o recurso a uma estratégia que, por um lado, seja descritiva, isto é, recolha os fragmentos ou os termos que precisem de ser adaptados, e que, por outro lado, seja argumentativa, isto é, pesquise as motivações, as práticas e o *modus operandi* desta organização.

Consideramos também premente resolver ainda a questão da escolha entre domesticar a tradução dos textos da *OTD* ou optar pela sua estrangeirização.

(iii) Solução 3: A Domesticação como estratégia mais eficaz na tradução, com vista a contornar a ação manipuladora da *OTD*

Seguindo a mesma linha de análise dos pontos anteriores e sempre nesta desafiante tarefa de propor uma estratégia eficaz para traduzir textos da *OTD*, vemo-nos obviamente confrontados com um duplo sistema linguístico e cultural entre a língua de partida (árabe) e língua de chegada (português), para além de uma mais que evidente diferente estrutura frásica entre ambas as línguas, a qual nega a hipótese de recorrer a um decalque de estruturas frásicas[57].

Com efeito, sabemos que não se pode traduzir da mesma forma do árabe ou do francês, por exemplo, para o português, mas o desafio torna-se mais árduo quando temos conhecimento da existência de três tipos de árabe, a saber, o clássico – com origem do legado literário e poético árabe pré-islâmico e do Corão –, o modernizado – também conhecido como árabe literal usado nos meios de comunicação, na literatura e nos discursos e atos oficiais – e, finalmente, o dialetal que difere de um país árabe para outro ou de uma zona do mesmo país para outra. Como a *OTD* recorre ao uso de uma mestiçagem de árabe clássico, ao citar versículos do Corão ou ensinamentos do Profeta, e de árabe literário modernizado, a conservação da estrutura frásica fica mais complicada.

[57] É de referir, no entanto, que existem relações estruturais entre o árabe e o português que podem vir a ser objeto de uma outra pesquisa.

Constatamos, nas nossas pesquisas, a ausência quase absoluta de contacto linguístico e cultural entre o árabe e o português, salvo os modestos vocábulos introduzidos na língua portuguesa pela presença longínqua dos árabes na Península Ibérica[58] .

Para além do dever do tradutor de levar a bom porto o texto de chegada ao leitor, o facto de não haver reconhecimento linguístico em dicionários ou em registos linguísticos pode também deixar o tradutor de árabe para português dilacerado e até aterrado, de acordo com as palavras de Herbulot (1997:104), quando disse que

> «A responsabilidade da qual pretendo falar, aquela que apavora e dilacera o tradutor, é a que [ele] assume perante o leitor, e é primordial a partir do momento em que nos aventuramos no domínio do pragmático»; e ainda «a primeira obrigação de todo o tradutor (…) [é a de] ser um leitor inteligente, interessado, curioso, crítico».

O dilema do tradutor dilacerado será mesmo o de escolher entre domesticar alguns termos árabes no vocabulário português, uma vez que o leitor português não está preparado para receber termos novos e difíceis de pronunciar, devido, por exemplo, ao uso de algumas letras e de sílabas de notável diferença no seu tempo da duração silábica, no árabe, elemento complexo para os falantes de língua portuguesa. Para tal, vejamos, como exemplo, o caso da quinta letra "ح" (hà) e da nona letra do Alfabeto Árabe " غ " (gháin) que representam uma dificuldade na sua realização fonética para não falantes do árabes. Por outro lado, caberá ainda mencionar que a tipologia sintática do árabe é diferente da do português, já que a frase verbal árabe segue esta ordenação: Verbo + Sujeito + Objeto (é uma língua VSO), enquanto o português é fundamentalmente uma língua de Sujeito + Verbo + Objeto (SVO). Esta diferença na ordenação sintática vai condicionar o tradutor a ter que optar mais pela estratégia da domesticação da tradução do que pela da estrangeirização.

Na tradução de árabe para português, e muito particularmente na tradução de textos da *OTD,* defendemos e preconizamos a domesticação em detrimento da estrangeirização e juntamo-nos à investigadora Marcelle de Souza Castro para também afirmar que

[58] Consideramos que os vocábulos entrados em português ficaram, infelizmente, sem reconhecimento linguístico evolutivo, facto que se verifica na escassez de dicionários e de registos linguísticos de outra ordem, sistemática e alargadamente estudados na perspetiva da projeção da língua árabe na língua portuguesa. Apesar de existirem referências ao legado lexical em gramáticas e outras obras, enquanto empréstimos desde há muito adaptados ao português, geralmente estes resumem-se à listagem de palavras soltas, algumas hoje de pouco uso (ou de uso apenas regional e limitado a realidades como a agricultura, por exemplo) e até em via de extinção.

> «uma tradução domesticadora é aquela que procura apagar as opacidades geradas pela diferença entre as duas culturas e línguas em contato, de forma a tornar a leitura mais fluente e, de certa forma, facilitá-la. A domesticação transmite a ilusão de preservação do espírito do autor original na tradução» (Castro, 2007:92).

Ao domesticar um texto, o tradutor transmite ao leitor a sua decisão individualizada de preservar o espírito original do autor, mas com um toque pessoal que elimina quaisquer opacidades. Sabemos que, como tantos outros, Lawrence Venuti é um sério crítico da estratégia da domesticação ao defender que «quanto maior for a aproximação do texto final com a língua alvo e sua cultura, sem qualquer obstáculo para o leitor, menor será sua proximidade com a cultural original» (Venuti *apud* Castro 2007:92), mas se seguirmos o ponto de vista venutiano, o tradutor, através da estrangeirização, aproximará mais facilmente o leitor do texto original e, no caso da tradução de textos da OTD, mais aproximará o leitor dos objetivos implícitos desta organização.

Por outras palavras, o tradutor, ao confrontar a desigualdade das trocas culturais entre o texto-fonte em árabe com a sua nova identidade em português – e mais, ao confrontar-se com um texto complexo da autoria da *OTD* –, terá desafios a resolver que numa qualquer outra tradução nem sequer se colocam.

Assim, não podemos aceitar nem defender a estrangeirização, porque não cumpre o papel ético e pragmático dessa heterogeneidade cultural e linguística. O tradutor deverá então optar pela domesticação, com a adaptação adequada da sua tradução à realidade sociocultural portuguesa.

A naturalidade da tradução, característica exigida estrategicamente pela domesticação, não entrega ao leitor um texto minado e não oferece à *OTD* uma divulgação grátis da sua propaganda. Por estes motivos, acreditamos que a boa tradução, no caso da tradução de textos da *OTD*, será aquela que recorrerá à domesticação da tradução de forma eficiente e pragmática, para melhor lapidar os termos desses textos e assim escapar também às armadilhas dessa organização.

1.3.1 Proposta de termos alternativos para a tradução de textos da *OTD*

As metodologias, estratégias e técnicas propostas como soluções, no ponto anterior, podem resumir-se como recursos associados, na medida do necessário, à equivalência dinâmica, à adaptação e à domesticação, todos eles resultado de um trabalho de análise e de reflexão sobre o material a traduzir. Podemos considerar que formam, em conjunto, uma estratégia única e eficaz para contornar os fins da *OTD*. Todo o tradutor, para o bom

cumprimento da sua função, precisa de aperfeiçoar as suas competências linguísticas, estudar as técnicas e conhecer as estratégias de tradução, domínios imprescindíveis para serem usados na transferência de significados de forma natural e profissional de uma língua para outra.

Após recorrermos às técnicas e estratégias propostas para a tradução e tendo em conta a definição que foi dada por Chesterman (1997: 89) para estratégias da tradução, «formas explícitas de manipulação textual possíveis de serem observadas no produto de tradução em comparação com o texto de partida» (t. n.), chamamos aqui a atenção, novamente, para o uso destas estratégias durante o processo de tradução, como resposta às várias dificuldades que enfrenta o tradutor na sua árdua tarefa de alcançar um texto coerente e pragmaticamente adequado.

Depois de pesquisarmos os termos a adotar para escapar à *mão invisível* da *OTD*, insistindo sempre sobre a questão da fidelidade, decidimo-nos por uma estratégia pragmática para as nossas traduções dos termos da *OTD*, tendo em conta a imprescindível visibilidade do tradutor através da domesticação do produto final. Quanto a nós, a domesticação será eficiente para levar, ao leitor, a mensagem dos terroristas, mas uma mensagem na qual ficam expostas e visíveis as intenções linguísticas e culturais da dita organização.

Passamos, mais abaixo, a apresentar a nossa proposta de adoção de termos alternativos, na tradução de textos da *OTD*. Antes, porém, achamos necessário especificar alguns aspetos do léxico que nos ocupa, a partir da pergunta: *a distinção entre léxico comum e de especialidade é operativa, no contexto das publicações da OTD?*

Nos textos de origem, encontramos léxico que podemos considerar como léxico comum (palavras plenas nominais, adjetivais e verbais), que poderia estar presente em muitas outras tipologias de texto jornalístico, e relativamente ao qual podem levantar-se questões como a sinonímia, por relativa que seja, entre uma palavra árabe e uma portuguesa (veja-se o cuidado a ter com os chamados "falsos amigos", se o tradutor não dominar as duas línguas e culturas em presença e não investigar suficientemente). Contudo, dada a natureza destes textos que estudamos, será que, no próprio léxico aparentemente comum, não haverá intenções ideológicas conducentes à manipulação da opinião e à divulgação da mensagem terrorista? Como já ficou evidente neste Relatório, nada é inocente, nos textos da *OTD*.

Mas, no âmbito deste trabalho, podemos considerar que lidamos, sobretudo, com um 'léxico especializado', *stricto* e *lato sensu* (i.e., neste segundo caso, o conceito de

'léxico especializado' poderá certamente, em parte, recobrir o conceito de 'léxico comum', ao serem utilizadas palavras não inocentes, por parte da Organização). E isto porque existe uma terminologia terrorista, que é delimitável quando se observa uma grande quantidade de textos/sermões da mesma, e que incide nas denominações escolhidas para as entidades que são enaltecidas (organizações, personagens e locais, por exemplo). Nesta perspetiva, cada termo utilizado assume uma carga significativa específica, própria do enquadramento em que é utilizada e da finalidade para a qual é usada.

No domínio mais propriamente lexical, nem só problemas ligados à unidade palavra estão em causa; também as combinatórias lexicais (conjuntos de palavras geralmente associadas, no uso, formando uma quase-unidade lexical) e as expressões idiomáticas podem ser fonte de problema, na atividade de tradução, visto que está em causa a existência de significados específicos, em geral culturalmente motivados.

1.3.1.1 Nomes próprios e de função

No quadro da nossa proposta de adoção de termos alternativos, neste ponto centramo-nos na questão dos nomes próprios e de função, propondo o seguinte:

a) Substituição do Termo *Estado Islâmico* por *Organização Terrorista Daesh.*

Motivo da proposta: pôr em evidência que esta organização terrorista não tem, nem de longe nem de perto, qualquer relação com o Islão nem com os países que fazem parte dos territórios ilegalmente invadido pela *OTD*. Apesar de não seguir o que é habitual no mundo árabe, onde o uso de siglas ou acrónimos para designar organizações, sejam legais ou ilegais, não é vulgar, propomos a sigla *OTD*, dado que no mundo dito ocidental essa é uma prática corrente.

b) Substituição do termo *Califa* por *Chefe*

Motivo da proposta: no Islão, um governante, para chegar ao cargo supremo de *Califa*, tem que seguir uma destas duas vias:

(i) ser selecionado e eleito pelo povo, o qual, para demonstrar a sua lealdade para com o novo Califa, terá de fazer a *bay'ah*, isto é, o seu juramento de fidelidade;

(ii) suceder ao mandato do pacto do antigo Califa, de modo a que o guardião confie o califado a um particular, depois dele.

No entanto, ao longo da história, houve membros de tribos, tais como os *Banou Ummaya* ou os *Abbassi*, que se autodesignaram como califas através da força e da

violência e se impuseram como governantes. Nesta situação, o povo não elege, é obrigado a obedecer. De igual modo, AbuBakr Al-Baghdadi se intitulou *Califa*, chegando a este título sem o voto e sem o consentimento da população.

Pelos argumentos expostos, consideramos que o termo que melhor assenta a uma pessoa que está à frente de uma organização terrorista é *Chefe* e nunca *Califa*.

c) Substituição do termo *Califado* por *Organização* ou G*rupo*

Motivo da proposta: optamos pelo termo *organização* em vez de *califado* pelos argumentos já expostos para a substituição do termo *Califa* por *Chefe*, acrescentando ainda que a existência de um califado deve ser proclamada pelos muçulmanos em todo o mundo. Como tal, nunca um grupo de pessoas, que tendo usurpado o título de *Califa* para autodesignar a sua organização de *califado,* terá a força legal ou o poder legítimo para proclamar universalmente a sua organização de *califado*.

Julgamos também pertinente referir que *califado* palavra corrente significa, em árabe, *sucessão* e foi aplicada ao sistema de governação que surgiu após a morte do Profeta Maomé, em 632, tendo durado até 1924, apesar da governação controversa e discutível de alguns califados durante esse período. AbuBakr Al-Baghdadi, ao intitular-se *Califa*, apelou aos seus seguidores que aceitassem o regresso do c*alifado* como um sistema alternativo de governação. Como, num *califado*, o *Califa* é o sucessor do Profeta, age como governante e líder da *Comunidade Muçulmana* e tem o poder de aplicar a lei islâmica, Al-Baghdadi quis ser o legítimo sucessor do Profeta para os muçulmanos sem nunca, por eles, ter sido escolhido e eleito.

Tendo em conta que os muçulmanos não foram consultados para a restauração deste antigo modelo de governação e não foram respeitados os princípios básicos para a criação de um Califado, mas sobretudo tendo em conta que a *OTD* é uma organização que espalha o terror, a violência e a destruição, propomos que no lugar de Califado se use o termo Organização ou Grupo.

d) Substituição do termo *Alá* por *Deus*

Motivo da proposta: Ao escolher a domesticação da tradução, é preferível utilizar o termo *Deus* é não *Alá* nas traduções dos textos da *OTD*, já que o uso do termo *Alá* vai muito mais ao encontro das metas da *OTD* e confere legitimidade à sua propaganda. Por si só, o termo *Alá* chama mais a atenção dos leitores portugueses para o aspeto islâmico dos textos da *OTD*, por isso propomos que não se use a palavra *Alá* mas que seja usada a palavra *Deus*.

e) Substituição do termo *Charia* por R*egulamento Interno* da *OTD*.

Motivo da proposta: A língua árabe define a palavra *Charia* como *caminho reto e justo*. O Islão assume a *Charia* como o sistema das normas objetivas que os muçulmanos devem seguir para organizarem a sua vida e respeitarem a vida dos outros. Com efeito, para o Islão, a *Charia* não são só as leis divinas, constantes no Corão, mas também são os grandes ensinamentos do Profeta Maomé, presentes na Suna, e toda a jurisprudência dos Sábios muçulmanos, formulada no *Ijtihad* e no *Fiqh*.

Num artigo da UNESCO[59] pode ler-se, a propósito do *Ijtihad*,

> «O processo de transformação da charia em lei divina derivou de um esforço para interpretá-la, chamado de ijtihad. Foi o resultado de reflexões realizadas por eminentes juristas islâmicos, que se propuseram "traduzir" os versos corânicos em normas legais. (…) É essencial que se entenda que a constituição da charia, considerada como uma autoridade ou corpo de leis fixo que transcende o tempo e a história, serve principalmente aos interesses de regimes autoritários. Esses regimes encontraram a permanência de seu poder político em uma lei que é imune à mudança».

Quanto ao *Fiqh*, é um conjunto de Leis Islâmicas, que incidem em Teologia e Credo, Relações de Devoção e Interpessoais e Cultivo do espírito.

As ações da *OTD* nunca se poderiam enquadrar dentro das leis sagradas e não só da *Charia*, porque são ações que dependem meramente de um regulamento interno subjetivo que gere a vida dentro dessa organização. Prova disso é o guia de violação das mulheres, publicado em 2015 pela *OTD*, para legitimar a prática sexual com as mulheres cativas, dado que o ato sexual está regulamentado dentro da *Charia* islâmica e em lado nenhum se confirma que é permitida a violação de mulheres. Já agora, na lei muçulmana tem que haver consentimento para o casamento e para a consumação da relação sexual. Por esta razão, propomos a adoção da expressão *Regulamento Interno* da organização no lugar de *Charia* ou *das Leis de Charia*.

f) Substituição do termo *Umma* por *Seguidores*

Motivo da proposta: Ao instaurar o *Califado* e autoproclamar-se *Califa*, Al-Baghdadi decidiu considerar os seus seguidores como uma nova *Umma* (povo), recorrendo ao termo *Umma* com o intuito de estender o seu poder a todos os países onde

[59] https://pt.unesco.org/courier/abril-junho-2017/o-que-charia-nao-e , consultado em 2017.

vivem muçulmanos, isto é, a verdadeira *Umma*. Como este conceito está a ser abusado e manipulado, claramente, achamos que o termo *Umma* deve ser apenas traduzido por *Seguidores*.

g) Substituição do termo *Wali* por *Chefe*

Motivo da proposta: Em árabe, o verboولى (*wala*) significa oferecer amizade sincera e assistência. O conceito define as relações de tutela exercidas por uma pessoa ou entidade, que vai desde a autoridade dos pais ou familiares de um menor até um tutor legal ou um governador, com o objetivo de cuidar e preservar os bens e interesses de uma dada pessoa ou de um dado grupo. Na história do Islão, o *Wali* era designado pelo *Califa* para governar uma região, pertencente ao *Califado*. Ora, se no contexto da *OTD* não existe sequer um *Califa* legalmente nomeado como é que se pode falar ou nomear a figura do *Wali*. Mais uma vez queremos chamar a atenção para o uso abusivo e indevido de determinados termos, nos textos desta organização terrorista, e como tal propomos que *Wali* seja traduzido por *Chefe*.

h) Substituição do termo *Jihad* por *Combate, guerra ou luta*

Motivo da proposta: Do ponto de vista morfológico, a palavra *Jihad* está presente nos dicionários portugueses como nome feminino e é definida, por quase todos, como *guerra santa*. Enquanto em árabe a palavra جهاد (*Jihad* e, em francês, *Djihad*) reveste a forma de substantivo masculino e não é sumariamente definida como *guerra santa*, diferentemente dos dicionários de ambas as línguas românicas. Com efeito, se, por um lado, podemos verificar que na língua árabe o termo *Jihad* vem do infinitivo do verbo جاهد (*Jahada*), que significa *dar o melhor de si*, *esforçar-se* ou *exercer o esforço máximo para alcançar algo nobre*, por outro lado, podemos confirmar que o Corão e a Suna assumem *Jihad* como uma luta interna, que pode ser travada por cada pessoa num esforço contra os maus espíritos ou na luta contra os seus maus impulsos, para além de também ser assumida como uma luta defensiva contra os invasores.

Ao longo da História, podemos estudar muitas guerras travadas em nome da *Jihad* e quase todas foram apenas e só luta armada, facto que permitiu a muitos que se aproveitassem dessa *Jihad* como disfarce para justificarem as suas guerras ilegítimas ou para alcançarem os seus objetivos pessoais. De igual modo, a *OTD*, como organização terrorista que é, quer impor-se e por isso usa o termo *Jihad* como capa de legitimação das suas ações, consideradas ilegítimas por muitos povos e pela esmagadora maioria dos

muçulmanos. Ao analisar as ações da *OTD*, é notório que essas ações são todas sanguinárias e visam concretizar exclusivamente uma agenda terrorista, o que não corresponde ao sentido original nem à contextualização islâmica do termo *Jihad*. Como tal, achamos que as ações da *OTD* nunca devem ser associadas a Jihad, mas sempre a *combate* ou *luta* ou, no máximo, a *guerra*, mas sem o epíteto 'santa'.

Em síntese, construímos, assim, a presente amostra, a partir do nosso *corpus*, de termos alternativos para a tradução de determinados termos islâmicos com o objetivo de contribuir na luta contra o terrorismo da *OTD*. Sabemos que é um tema vasto, mas começámos por termos que consideramos serem palavras-chave para a expansão ou não do ideário terrorista. Como tal, para mais e melhor contornarmos a manipulação linguística da *OTD*, julgamos que também os tradutores podem e devem adotar os termos da nossa proposta.

Apesar de a nossa lista ser apenas uma pequena amostra, gostaríamos que ela fosse considerada como uma alavanca para outras sugestões e propostas a serem desenvolvidas, indo no sentido de criar um dicionário de equivalentes adequados para os termos polémicos do Islão, termos estes uns dos alvos de reflexão no nosso trabalho de tradução para a língua portuguesa.

Dentro dos muitos e variados termos polémicos, aparece a palavra *Jihad* que, quanto a nós, é o termo mais polémico e por isso controverso. Na tentativa de esclarecer a história e a polissemia de *Jihad*, no capítulo seguinte, estudaremos este termo e faremos uma chamada de atenção para erros que se cometem na hora de traduzir textos árabes para certas línguas europeias.

CAPÍTULO III

ERROS NA TRADUÇÃO DE ALGUNS TERMOS ÁRABES E SUAS CONSEQUÊNCIAS

> «Erros de tradução (...) [são] uma ofensa contra: 1. A função da tradução, 2. A coerência do texto, 3. O tipo ou forma do texto, 4. As convenções linguísticas, 5. As convenções e condições culturais-situacionais específicas, 6. O sistema linguístico». (Rahmatillah, 2013: 17[60]; t. n.)

Introdução

Em todo o mundo, é facto que a atividade da tradução se defronta constantemente com a existência de erros de tradução. No caso da tradução de termos árabes, muitos desses erros são verdadeiramente grosseiros e acabam por implicar situações de grande gravidade. Neste contexto, e na qualidade de tradutores, é interesse nosso contribuir para a redução de erros e problemas de tradução que facilitam e promovem a difusão dos objetivos dos terroristas.

No presente Capítulo, propomos uma análise mais aprofundada do termo *Jihad*, como caso particularmente sujeito a erro de tradução. A nossa proposta quer afirmar-se como um elemento de contracorrente no processo de radicalização da mensagem de ódio e de terrorismo veiculado a partir da língua árabe para a língua portuguesa, língua recetora dos textos da *OTD*. Assim, primeiro, abordaremos a polissemia da palavra *Jihad* em si mesma e nas suas traduções mais polémicas, em português, para chegar a um consenso sobre o equivalente pragmaticamente mais adequado na língua portuguesa. A seguir, e para ilustrar as consequências que uma tradução incorreta do conteúdo discursivo pode ter, não só da *OTD* como noutros casos, evocaremos alguns factos acontecidos que

[60] Citando Sigrid Kupsch-Losereit, *in* Nord, C. (1997) *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Amsterdam: Rodopi. Não tivemos acesso ao referido texto.

implicam a língua árabe e chamaremos a atenção para a importância do profissionalismo dos tradutores e do seu conhecimento da legislação que deve guiar a sua atividade.

1. A tradução de *Jihad*: o dilema da melhor escolha, evitando o erro

Como já vimos ao longo deste Relatório, a tradução de textos da autoria da *OTD* é uma tarefa árdua. Esta nossa visão baseia-se na abundância de termos polémicos presentes no discurso dos dirigentes desse grupo, abundância essa intencional e manipuladora, para melhor influenciar o pensamento do público-alvo, sobretudo quando estes termos, ao serem traduzidos, respeitam devidamente a fidelidade linguística. Entre estes termos, ditos polémicos, aparece a palavra *Jihad*, a qual tentaremos definir, nos parágrafos seguintes, e, em simultâneo, expor as nossas dúvidas em relação à tradução mais adequada para a língua portuguesa.

1.1. Definição de *Jihad*

A escolha terminológica é a pedra basilar para alcançar uma tradução correta e depende estreitamente da natureza do texto traduzido, do tipo de domínio, do contexto sociohistórico e da modalidade da própria criação terminológica.

O tradutor português de textos produzidos inicialmente em língua árabe pela *OTD* fica confrontado com uma série de desafios linguísticos, entre os quais está a palavra polémica *Jihad*, usada pela *OTD*.

Na sua pesquisa, o profissional da tradução recorre primeiro às definições presentes nos dicionários bilingues que, em geral, definem o termo em causa como *Guerra Santa*. Assim, a maior parte das definições com registo oficial fazem com que a palavra *Jihad* seja difundida e publicada nos meios de comunicação social revestindo, essencialmente, a capa duma ação bélica e marcial, chamando-se aos seus agentes *jihadistas*. Depois, o tradutor, se fica insatisfeito com as definições dadas pelos dicionários, escolhe o caminho mais simples que é o do recurso à estrangeirização. Assim, com esta escolha, o tradutor não contribui apenas para a divulgação da estratégia da *OTD* mas, pior ainda, para além de morder o anzol, ele vai também partilhar o isco com a estrangeirização. Com efeito, ao agir desta forma, o tradutor, sem querer, coloca-se numa posição de colaborador da *OTD*, e, mais, coloca, consequentemente, toda a sua responsabilidade civil e profissional em risco.

Portanto, parece-nos que o tradutor que pensa estar, com a sua decisão estrangeirizante, a esquivar-se de qualquer responsabilidade linguística, moral ou ética, não deixa de ser apenas um simples profissional e sem qualquer visibilidade.

Para nós, o tradutor deve ir mais longe na sua decisão e domesticar a palavra através da escolha do equivalente adequado, porque a tradução faz do seu autor um fazedor de opiniões e de história. É do conhecimento geral que, normalmente, as discussões sobre termos linguísticos acarretam opiniões políticas, religiosas e sociais, processo este que permite a correção de conceitos e até de interpretações. No caso concreto do termo *Jihad*, vários linguistas que deram uma definição e uma explicação para este termo, isto é, que não se deixaram levar pela estrangeirização, foram além dessa estratégia e deram uma opinião própria de como o termo pode e deve ser traduzido.

Fazemos, então, uma síntese dos contributos a que um tradutor sério e consciente do seu papel pode recorrer. Sendo de cultura árabe, poderá lidar com mais facilidade com as fontes disponíveis.

1.1.1 Jihad no Pensamento Islâmico

O termo *Jihad* aparece 26 vezes no Corão, várias vezes nos ditos do Profeta Maomé e muitas vezes nas narrativas dos sábios Ahmad Ibnou Hanbal, no livro "*Musnad*", e Abu Dáwud, no livro "*Suna*". A título de exemplo, podemos encontrar, nos ditos do Profeta Maomé, a definição *lato sensu* da palavra *Jihad* no seguinte *Hadite* "aquele que contrata a Jihad é chamado Mujãhíd, é alguém que luta contra si próprio em obediência a Deus".

Assim, por um lado, a *Jihad* foi interpretada como luta contra os desejos e caprichos individuais e, por outro lado, foi usada para servir a sociedade em relação às regras já estabelecidas. No entanto, a *Jihad* não se relaciona exclusivamente com conflito e guerra; existe no Corão outro termo para designar a luta contra o outro que é "Qital"قتال , isto é, "combater com as armas". Ora, como o termo *Jihad*, cada vez mais, se perde nas nuances interpretativas dos tradutores, é com toda a imparcialidade da nossa parte e objetividade que apresentamos aqui um conjunto de três definições adotadas por vários escritores e teólogos muçulmanos:

A *Jihad* é um esforço individual de luta contra si mesmo.

A *Jihad* é a luta pela expansão da palavra de paz do Islão.

A *Jihad* é a luta contra os infiéis invasores, na defesa das terras e casas dos muçulmanos.

Contudo, depois do 11 de setembro de 2001, os terroristas têm atacado, por iniciativa e decisão unilateral, também o mundo árabe, para além do ocidental, assumindo o papel de defensores de um Islão que a maioria dos muçulmanos não reconhece e intitulando-se *Jihadistas* – sem, para tal, disporem de qualquer nomeação ou procuração da comunidade muçulmana. Na ausência de uma única liderança religiosa no mundo muçulmano[61], os terroristas aproveitam-se da polissemia do termo *Jihad* e da sua interpretação subjetiva para se revoltarem contra todas as estruturas sociais, políticas e religiosas.

Ibn Khaldun, grande erudito, historiador, filósofo e autor árabe (1332-1406), da época do Al-Andaluz, esclarece que, de ponto de vista jurisprudencial muçulmano, «A classificação da *Jihad* como guerra pode ser a resposta a uma invasão» (1377: 271; t. n.)[62]; isto é, para este historiador, a reação da *Umma* deve ir no sentido de defender o país contra invasores nas guerras de agressão agravada ou de destruição. Neste caso, a declaração da guerra tem um único motivo, a legítima defesa.

Ainda dentro do contexto do pensamento islâmico, para a definição de *Jihad*, queremos referir que o Corão dedica a este termo estas duas *Ayat*:

> «E, quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontreis, apanhai-os e sediai-os, e ficai à sua espreita, onde quer que estejam.

[61] A este propósito, vejam-se alguns excertos da entrevista a Khalid Jamal, um dos líderes da Comunidade Islâmica de Lisboa, publicada no *Observador*, em 2018 (https://observador.pt/especiais/khalid-jamal-faz-falta-lideranca-no-islao/): «O Islão caracteriza-se por ser uma religião que não tem uma autoridade central, piramidal e hierarquizada à semelhança do Vaticano, e portanto não tem um líder que, no fundo, responda por todos os muçulmanos. Eu tenho uma posição muito própria em relação a isso, e acho que faz falta. Faz falta liderança. Aliás, esse é um dos desafios que eu aponto como algo que o Islão terá de resolver nos próximos tempos. (…) Em relação às autoridades, acho que faz falta, mas correríamos muitos riscos. Se, por um lado, os muçulmanos com uma autoridade central ganham a mais-valia de poderem falar a uma só voz, tendo alguém, pacifista, que nos representa, temos outro problema: o da legitimidade. Quem? Muitos muçulmanos não se reveem em determinados líderes religiosos e reservam-se o direito de dizer "em meu nome, não". Os muçulmanos podem oferecer alguma resistência e acharem que não existe um líder que os faça representar. A acrescer a isto, o Islão também tem uma multiculturalidade e uma diversidade que o caracteriza. Não só porque tem uma corrente sunita e uma xiita, como também vai beber inspiração a várias culturas. Esse é outro dos problemas. Escolhia-se um árabe? Um indiano? Um europeu? Esse é um dos problemas que faz com que não exista uma autoridade».

[62] Ibn Khaldun, Muqaddimah,: An Introduction to History (137), translated by Franz Rosenthal (Princeton, 1967 [first ed. 1958]),

Então, se se voltam, arrependidos, e cumprem a oração e concedem *az-zakāh*, deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordiador» (9:5).[63]

«Ó Profeta! Luta contra os renegadores da Fé e os hipócritas, e sê duro para com eles. E sua morada será a Geena. E que execrável destino» (9:73).[64]

Tal como para todas as *Ayat*, que são a Revelação do Corão, a razão de ser das duas citadas acima prende-se com as causas de factos reais vividos numa determinada época, causas estas conhecidas entre os muçulmanos por *Asbab Al-nuzul*-أسباب النزول . Por outras palavras, as *Ayat* ou a Revelação do Corão têm sempre uma base factual e temporal, daí que não é permitido interpretar *Ayat* fora do seu *Asbab Al-nuzul*.

1.1.1.1 A *Jihad* defensiva e a *Jihad* ofensiva

A *Jihad* no Islão, na sua vertente bélica, é principalmente defensiva, isto é, não pode ser declarada para forçar outros povos a converterem-se ao Islão. Citamos a este respeito as palavras do teólogo muçulmano lbn Taymiyah (1263-1328): «A Jihad é defensiva porque a paz é uma posição de facto nas relações entre muçulmanos e não-muçulmanos» (t. n.)[65].

Com efeito, na história do Islão, as vinte e sete batalhas do Profeta Maomé contra adversários foram todas declaradas direta ou indiretamente pelo próprio inimigo. Ibn Taymiyah esclarece ainda que a luta, através da *Jihad*, é uma resposta para aqueles que atacam os muçulmanos. No Islão, é proibido matar alguém apenas porque é um não-muçulmano. A *Jihad* é uma ação defensiva para proteger a pátria, se for atacada por inimigos.

A *Jihad* ofensiva tem como propósito não o ato de forçar as pessoas a mudarem a sua fé, mas o de impor aos outros Estados o cumprimento dos seus compromissos relativos aos acordos de segurança das fronteiras e a manutenção de laços de vizinhança pacíficos com os Estados Adjacentes. Por outras palavras, a *Jihad* ofensiva tem como objetivo manter as fronteiras entre o Estado muçulmano e o(s) Estado(s) vizinho(s) como uma *Terra de Paz e de Convívio*, chamada pelos muçulmanos *DÃR Al-Hudnah*, e não uma *DÃR Al-Harb*, isto é, uma *Terra de Guerra*. Mas, por exemplo, o tristemente famoso

---

[63] «فَإِذَا ٱنسَلَخَ ٱلْأَشْهُرُ ٱلْحُرُمُ فَٱقْتُلُواْ ٱلْمُشْرِكِينَ حَيْثُ وَجَدتُّمُوهُمْ وَخُذُوهُمْ وَٱحْصُرُوهُمْ وَٱقْعُدُواْ لَهُمْ كُلَّ مَرْصَدٍۚ فَإِن تَابُواْ وَأَقَامُواْ ٱلصَّلَوٰةَ وَءَاتَوُاْ ٱلزَّكَوٰةَ فَخَلُّواْ سَبِيلَهُمْۚ إِنَّ ٱللَّهَ غَفُورٌ رَّحِيمٌ(5)»

[64] «يَا أَيُّهَا النَّبِيُّ جَاهِدِ الْكُفَّارَ وَالْمُنَافِقِينَ وَاغْلُظْ عَلَيْهِمْۚ وَمَأْوَاهُمْ جَهَنَّمُ. وَبِئْسَ المصِيرُ(73)»

[65] Para a declaração de Ibn Taymiyyah, veja-se Livnat (2010).

Sayyid Qutb, considerado o maior impulsionador do fundamentalismo islâmico (sunita), incita a uma *Jihad* violenta contra todas as sociedades apóstatas, não submissas à lei corânica[66].

1.1.2 Ponto de vista de autores ocidentais sobre a *Jihad*

Querendo que a nossa pesquisa abranja não só o pensamento islâmico, mas também outras opiniões sobre o termo *Jihad*, apresentamos, neste ponto, alguns autores ocidentais que escreveram sobre a *Jihad*. A seleção destes autores visa mostrar a variedade de opiniões existentes sobre a escolha terminológica na tradução da palavra.

(i) Bernard Lewis

- Nota sobre o Autor

Bernard Lewis (1916-2018), autor da obra *The Political Language of Islam*, de 1988, foi um académico britânico especialista em história do Islão e na interação entre o Islão e o Ocidente. De origem judaica, Lewis foi professor emérito da cátedra *Cleveland E. Dodge* de Estudos do Próximo Oriente da Universidade de Princeton[67].

- Opinião do Autor sobre termo *Jihad*

Na referida obra de 1988, refere-se à *Jihad* como:

> «um dos mandamentos básicos da fé, é uma obrigação imposta por Deus a todos os muçulmanos. A *Jihad*, como guerra ofensiva, é uma obrigação da Comunidade muçulmana como um todo chamado em árabe *Fard kifaya*. Como guerra defensiva, a *Jihad* torna-se uma obrigação pessoal de qualquer muçulmano adulto, isto é, *Fard ayn*; nesta situação, o governante muçulmano pode fazer uma convocação geral às armas e apelar ao chamado em árabe *Nafir amm*» (73; t. n.).

(ii) David Cook

- Nota sobre o Autor

David Cook[68] (1966) é professor de Religião, na Rice University, e especialista nos assuntos do Islão. Licenciou-se na Universidade Hebraica de Jerusalém e doutorou-se na Universidade de Chicago, em 2002. É especialista em História e Desenvolvimento Islâmico Primitivo, em Literatura e Movimentos Apocalípticos Muçulmanos (clássicos e

[66] Para a declaração de Qutb, veja-se Qutb (1964), pp. 20–21.
[67] https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernard_Lewis
[68] https://reli.rice.edu/faculty/david-cook, consultado pela última vez em 30 de julho de 2015.

contemporâneos) e em Islão Radical. Autor de várias obras, entre as quais, *Muslim Apocalyptic*, *Understanding Jihad*, *Contemporary Muslim Apocalyptic Literature*, *Martyrdom in Islam*, e *Understanding and Addressing Suicide Attacks*.

- Opinião do Autor sobre o termo *Jihad*

Como especialista em assuntos islâmicos, David Cook, na sua obra *Understanding Jihad*, de 2015, aborda grande parte da polémica da palavra Jihad, a qual ele define e esclarece, ao mesmo tempo, nestes termos:

> «[a *Jihad*] não implicava necessariamente combates reais. À medida que as conquistas começaram a mover-se para regiões mais distantes, muitos muçulmanos não conseguiram (provavelmente, em alguns casos) abandonar as suas casas e famílias para irem lutar. É provável que a definição islâmica de "Jihad" tenha sido alargada como resultado do seu significado original para abranger "luta" ou "esforço". Embora a maioria dos *Ayat* do Corão sejam inequívocos quanto à natureza da *Jihad* prescrita – a grande maioria deles referem "aqueles que acreditam, emigram e lutam no caminho de Deus" (ver 2:218, 8:73, 9:20, 49:15) –, alguns parecem descrever a *Jihad* como luta puramente espiritual» (59, 297, 310,858).

Além destas palavras sobre a essência da *Jihad*, David Cook explica que a forma como os textos islâmicos recentemente traduzidos apresentam a *Jihad* ao leitor muitas vezes transporta uma visão ambígua sobre a doutrina islâmica. Cook coloca a *Jihad* interna e espiritual no nível mais alto da religião islâmica e considera que o pretexto dos grupos radicais de usar a *Jihad* para fazerem guerras é apenas um modo de justificar essa violência.

(iii) Ana Rojo e Iraide Ibarretxe-Antuñano

- Nota sobre as duas Autoras

Ana Maria Rojo López é Professora de Metodologias de Tradução, na Universidade de Múrcia, em Espanha. Publicou vários livros e é tradutora de espanhol e de inglês.

Iraide Ibarretxe-Antuñano é Professora Catedrática na Universidade de Zaragoça, em Espanha, autora de vários livros sobre Linguística e Semântica e co-autora, com Ana Rojo, do livro *Cognitive Linguistics and Translation. Advances in some Theoretical Models and Applications*, de 2013.

- Opinião das Autoras sobre o termo *Jihad*

Na obra *Cognitive Linguistics and Translation, Advances in Some Theoretical Models and Applications*, as especialistas em tradução tiveram o cuidado de incluir um capítulo do livro sobre a *Jihad* levada a cabo pelo Irão para contruir o país; nesse capítulo, é defendido que o uso da *Jihad* nem sempre está ligado à guerra, mas, em várias situações refere-se ao esforço e à dedicação para alcançar sucesso. No caso do Irão, relaciona-se com a criação de novas instituições no país ou novas construções. E, assim, nesse texto, para uma definição clara sobre o termo *Jihad*, é retomada a definição dada pelas autoras para este termo, que passamos a citar e se refere a esse tipo de uso de *Jihad*:

> «Em certo sentido, o uso de *Jihad* pode ser visto como intrinsecamente metafórico, porque ao longo do tempo o seu significado foi regularmente alargado a novos domínios, como resultado da junção analógica inerente a esse mapeamento conceptual ou alinhamento estrutural, ou seja, mapeamento do domínio da guerra e da construção. As atividades encontradas em ambos os domínios acabam sendo vistas como obrigações religiosas, que envolvem, por um lado, a luta contra os infiéis e, por outro lado, a luta contra a pobreza, etc... Ou seja, o zelo religioso associado ao conceito de *Jihad*, por exemplo, para se referir a uma guerra santa, é mapeado aqui em domínios como a construção, elevando-os a causas sagradas» (2013, 350; t. n.).

Assim, a *Jihad*, que é um dever religioso e moral, é, no entanto, e cada vez mais, utilizada, no discurso político internacional como metáfora para toda e qualquer ameaça feita por um grupo terrorista; por seu turno, os terroristas reivindicam sempre a *Jihad* como pretexto e disfarce para levar a efeito os seus atos terroristas e se justificarem aos olhos dos muçulmanos. Chega-se, assim, a um uso marcado pelo empobrecimento semântico de uma palavra que, como acabámos de ver, é polissémica.

1.1.3. Traduzir Jihad em português por *guerra santa, guerra justa* ou *combate virtuoso*

Por ser uma palavra polissémica – cuja tradução depende, estreitamente, dos padrões avançados no Capítulo I deste Relatório, como requisitos para provar a fidelidade no trabalho de tradução (o contexto verbal, o contexto situacional, o contexto cognitivo e contexto histórico) –, a palavra *Jihad* é traduzida a maior parte das vezes, em português, por "Guerra Santa", "Guerra Justa" ou "Combate Virtuoso".

Ora, esta estratégia de domesticação não obedece, no nosso entender, aos padrões referidos. Primeiro, porque se verifica o desrespeito pelo caráter linguístico e polissémico da palavra *Jihad* na sua língua de origem, facto que limita a sua polissemia e reflete a fraca pesquisa histórica e cognitiva do termo. A seguir, porque o tradutor não tem o cuidado de confrontar o contexto cultural da palavra *Jihad* com o dos seus possíveis equivalentes, em português. Com efeito, ao traduzir indevidamente uma palavra criada no ambiente cultural islâmico por uma expressão nascida no ambiente cristão europeu, o tradutor também desrespeita o contexto histórico e situacional.

Para chegar ao equivalente adequado ao termo *Jihad*, sugerimos que os tradutores pesquisem, sem recurso a perífrases ou explicações, os termos e os contextos ligados à área à qual a *Jihad* se refere. Assim, eles poderão optar por usar somente a palavra "guerra"; este termo, ao entrar no ouvido do não-falante de árabe, como tradução da *Jihad* tão proclamada pelos terroristas, torna evidente que os atos bárbaros, por eles praticados, nada têm de santo, justo ou virtuoso. Desta forma, os tradutores não estarão a satisfazer os interesses dos terroristas, nem a contribuir para legitimar os seus atos terroristas.

Finalmente, é de notar que o termo *Jihad*, tanto na teologia como na hermenêutica árabes, corresponde a um conceito polissémico que, tal como tantos outros termos islâmicos, precisa de ser bem estudado, com cuidado e neutralidade, para conseguir uma forma domesticada na tradução em português. Esta domesticação deve respeitar tanto as caraterísticas da cultura árabe e muçulmana como as características da cultura europeia e cristã, mas tudo isto deve ser feito dentro da criatividade e dos limites do esforço do tradutor.

1.2 Segmentos do *corpus* com o termo *Jihad*

Nas últimas duas décadas, a palavra *Jihad* não teve a sua justa tradução, e, por parte das organizações terroristas, foi usurpada como se de um verdadeiro pilar do Islão se tratasse. Ora, por mais que se queira, nunca a *Jihad* é referenciada no Corão como um dos cinco pilares do Islão, isto é, os atos ou práticas da própria religião muçulmana e que são a conversão, a oração, o jejum, dar esmola e, se for possível, ir a Meca, uma vez na vida.

Para o Islão, *Jihad* não é uma prática, mas sim um conceito criado para garantir os valores de segurança, paz e liberdades. Mas os terroristas trabalharam para esvaziar os *Hadith* do Profeta de seus contextos cognitivos e históricos para de seguida justificarem

a sua interpretação errónea. Alguns deles esforçaram-se por fazer da *Jihad* um pretexto de empurrar os não-muçulmanos contra os muçulmanos, criando consequentemente situações de islamofobia; além de legitimar a *Jihad* contra os países ocidentais, declaram estes países como *kufar*, isto é, não crentes. No quadro abaixo, fazemos uma comparação entre conceito da *Jihad* na opinião da Comunidade Islâmica e na opinião da *OTD*:

Componentes da *Jihad*	**Visão da maioria dos muçulmanos**	**Visão radical da *OTD***
Definição abrangente do Conceito *Jihad*	Abranger a correção do mal pelo coração, por dar a sua opinião sobre este mesmo mal; quando nada disso resulta, poder recorrer à luta, dentro das regras da guerra.	A *Jihad* é apenas a guerra contra os infiéis, quer sejam de confissão muçulmana ou de outras crenças.
Objetivo da *Jihad*	A *Jihad* é um meio e não é um objetivo. Os meios disponibilizados para o efeito devem respeitar as regras, como: não associar a *Jihad* ao combate para alcançar dados propósitos, tendo em conta que o abandono do combate em si e o recurso à solução pacífica é considerado pelo Islão como dever de todos os muçulmanos e também como *Jihad pura*.	A *Jihad* tem um objetivo intencional para si mesma, e é um dever de cada muçulmano e de cada país muçulmano alcançar esse objetivo; mas a sua obrigação deve ir além e visar conquistar mais terrenos e Homens.
A *Jihad* é ato defensivo ou ofensivo	*Jihad* incita a nação muçulmana a defender o Islão e os muçulmanos, e nunca teve como propósito expandir e agredir os outros. A *Jihad*, na sua vertente bélica, está ultrapassada neste mundo governado pelas regras da paz da ONU, onde todos países membros devem defender pacificamente os seus interesses.	A *Jihad* é puramente ofensiva e levada a cabo contra todo o mundo e continua a sua ação até todos os infiéis se renderem ou pagarem a *Jizia*[69] e viverem em paz; a Jihad é o único caminho para realizar justiça e defender-se contra invasores.

Quadro 38 - Análise de segmentos com o termo *Jihad*

Citamos, por fim, e para fechar esta parte do Relatório de Projeto, parte de um artigo publicado pelo The Carter Center, ONG fundada pelo ex-Presidente Carter e sua esposa, que vem a propósito do trabalho de análise e reflexão que tentámos levar a cabo neste trabalho:

> «Ao compreender-se (…) o modo como o Daesh explora estrategicamente os media locais e ocidentais para os seus fins, torna-se possível ter um passo de avanço sobre esta organização violenta» (p. 12; t. n.)[70].

[69] Imposto pago pelos não muçulmanos como taxa para estabelecerem residência nas terras muçulmanas.

[70] https://www.cartercenter.org/resources/pdfs/peace/conflict_resolution/countering-isis/dabiq-report_fr.pdf , consultado em 2021.

2. Impacto social dos erros de Tradução

Tal como comentámos acima, os erros nas traduções divergem uns dos outros, na sua natureza; no entanto, todos convergem para um resultado que, seja ele de que tipo for, sempre atingirá o sujeito implicado nessa tradução. Muitas pessoas e até países já viram o rumo das suas vidas mudar pelo simples facto de que houve erros de tradução.

Apresentamos abaixo alguns exemplos de erros na tradução de árabe para inglês, italiano e para outras línguas europeias.

Caso 1: Iemenita preso durante 13 anos em Guantánamo por Erro do tradutor de árabe

Em junho de 2002, Emad Hassan, iemenita de 36 anos, era estudante na Universidade de Faisalabad. Hassan foi detido no Paquistão durante uma operação de busca a várias casas habitadas maioritariamente por estudantes e após um alerta feito às autoridades paquistanesas sobre a presença de um indivíduo que partilhava a casa com o Hassan e que tinha contacto com a organização terrorista *Al-Qaeda*.

Hassan foi transferido de imediato para a base militar norte-americana então sediada no Afeganistão, onde o exército americano estava em guerra contra os simpatizantes da referida organização islamista. Na presença de um tradutor de língua árabe, durante a inquirição, foi-lhe perguntado se pertencia à *Al-Qaeda* ao que Emad Hassan respondeu que sim, que pertencia à *Al-Qaeda*. O tradutor interpretou mal o depoimento do Emad como se este confessasse estar em contato com a organização terrorista; contudo, Emad tinha dito apenas que pertencia à cidade iemenita também ela chamada *Al-Qaeda* e que fica no sul do país, a 220 km da capital Sanaa.

Dias depois, Emad Hassan foi transferido para a prisão de Guantánamo, onde os tradutores que lá trabalhavam esclareceram o mal-entendido linguístico entre o nome da cidade e o do grupo terrorista, mas sem acreditar na versão de Hassan. Apesar de nunca ter sido acusado de qualquer crime, Emad Hassan permaneceu preso durante os 13 anos seguintes, por um mero erro do tradutor de língua árabe.

Caso 2: Suplicar Deus em árabe, com uma má tradução para italiano, leva a prisão em Itália

O segundo exemplo de erros na tradução, remonta aos anos 2010, num caso que foi conhecido na imprensa italiana como o *Caso de Yara* (*apud* Capuano, 2013). A vítima

deste erro de tradução é um imigrante marroquino de 26 anos, chamado Mohamed Fikri, que foi o único suspeito no assassínio da menina italiana Yara Gambirasio, de 13 anos.

Nas escutas telefónicas feitas pelas autoridades italianas ao telemóvel de Mohamed Fikri e na conversa com um dos seus familiares, Mohamed tinha dito em árabe "Deus me perdoe" الله يغفر لي , uma expressão idiomática usada por todos os marroquinos no final de uma conversa telefónica no sentido de suplicar Deus pelo perdão. O tradutor, por ignorância da cultura marroquina, traduziu a expressão como se Mohamed tivesse dito "Deus, deixe-me confessar", o que levou à acusação do jovem norte-africano pela morte de Yara. As investigações subsequentes chegaram à conclusão da inocência de Mohamed Fikri e confirmaram que tinha havido um erro cometido por um tradutor, tendo sido a acusação de Mohamed definitivamente arquivada.

Caso 3: Egípcio incriminado nas traduções italianas e absolvido nas traduções espanholas do mesmo texto

Rabei Osman El Sayed, “O Egípcio”, nasceu no Egito em 1971. Foi considerado o alegado cabecilha do ataque de Madrid de 11 de março de 2004; foi extraditado temporariamente para Espanha e depois enviado para Itália em 18 de abril de 2005, onde foi condenado a 10 anos de prisão por pertencer a um gangue armado. Viveu em Madrid com 'O Tunisino', o alegado mentor ideológico dos ataques.

Em 2007, a defesa do “Egípcio” pediu ao tribunal de Madrid uma nova apreciação do seu processo, com recurso a uma nova tradução das escutas que alegaram que “o Egípcio” reivindicou a responsabilidade pelo massacre de Madrid. Foram chamados para o efeito dois tradutores de língua árabe para a língua espanhola, que transcreveram pela segunda vez as conversas telefónicas do acusado Rabei Osman El Sayed, que chegaram à conclusão de que a tradução italiana tinha "erros graves" e tinha sido feita com "leveza e pouca responsabilidade" para criar um contexto que não existia realmente. Segundo os dois tradutores, "90% da transcrição pouco tem a ver com traduções italianas".

Os segundos tradutores explicaram ao tribunal que houve erro na interpretação dos seus colegas, nomeadamente no que toca a etimologia da palavra *Qaeda* pronunciada nas escutas do “ Egípcio” quando referiu, na sua conversa telefónica com um dos seus amigos, o termo "*qaidun*" – este é ouvido na fita, é o plural de um substantivo que provém de uma citação corânica no versículo 24 da sura *al Mesa*, quando o profeta Moisés solicitou às pessoas do seu povo para se juntarem a Ele e combaterem o Faraó e estas responderam "*Ó Moisés! Jamais entraremos nela, enquanto nela permanecerem. Vai, então, tu e teu*

Senhor - e combatei. Por certo, nós aqui ficaremos assentados"[71]. "Assentados" corresponde ao árabe *qaidun*, termo usado para se referir a alguém que se mantém sentado, fica quieto num mesmo lugar, fica para trás ou não participa em algo, mas não tem nada a ver com a organização da *Al-Qaeda*, que significa em árabe "a Base".

Considerando essa última tradução e na base do princípio *ne bis in idem*, que significa que ninguém pode ser julgado mais do que uma vez pela prática do mesmo crime, como o "Egípcio" já tinha sido preso e condenado, em 2006, em Itália, a 10 anos de prisão, como membro de uma organização terrorista, os juízes do Supremo Tribunal Espanhol decidiram absolvê-lo.

O Ministério Público espanhol, insatisfeito com a absolvição do arguido, avançou que os juízes do Supremo Tribunal Espanhol deram maior credibilidade aos tradutores de árabe para espanhol, ignorando as anteriores transcrições que foram feitas pela própria polícia, nas quais o acusado confessava a autoria dos crimes, confirmada anteriormente nas traduções do árabe para o italiano.

Como refere James Reason, professor e psicólogo, relativamente ao erro, que é parte do comportamento humano, 'erro' é «um termo genérico para abranger todas as ocasiões em que uma sequência planeada de atividades mentais ou físicas não consegue alcançar o seu resultado pretendido, e quando essas falhas não podem ser atribuídas à intervenção de alguma força maior» (1990: 29; t. n.). O autor distingue erros que possam surgir no cumprimento de ações planeadas (intencionalidade da ação) e que «não atinjam o objetivo pretendido, porque não se realizam de acordo com o plano ou porque o próprio plano é inadequado para atingir o objetivo. Estes erros podem, portanto, acontecer nas ações de planear, armazenar ou executar a ação» (*idem*: 9; t. n.). Retomando da referida obra o esquema abaixo, aqui renumerado como Figura 7, a par das "ações não intencionais", que têm por detrás uma falha de atenção ou de memória, Reason identifica as "ações intencionais" como uma violação das normas, que advêm do desrespeito pelas regras ou da falta de conhecimentos, podendo até configurar atos de sabotagem:

[71] «قَالُوا يَا مُوسَىٰ إِنَّا لَنْ نَدْخُلَهَا أَبَدًا مَا دَامُوا فِيهَا ۖ فَاذْهَبْ أَنْتَ وَرَبُّكَ فَقَاتِلَا إِنَّا هَاهُنَا قَاعِدُونَ»

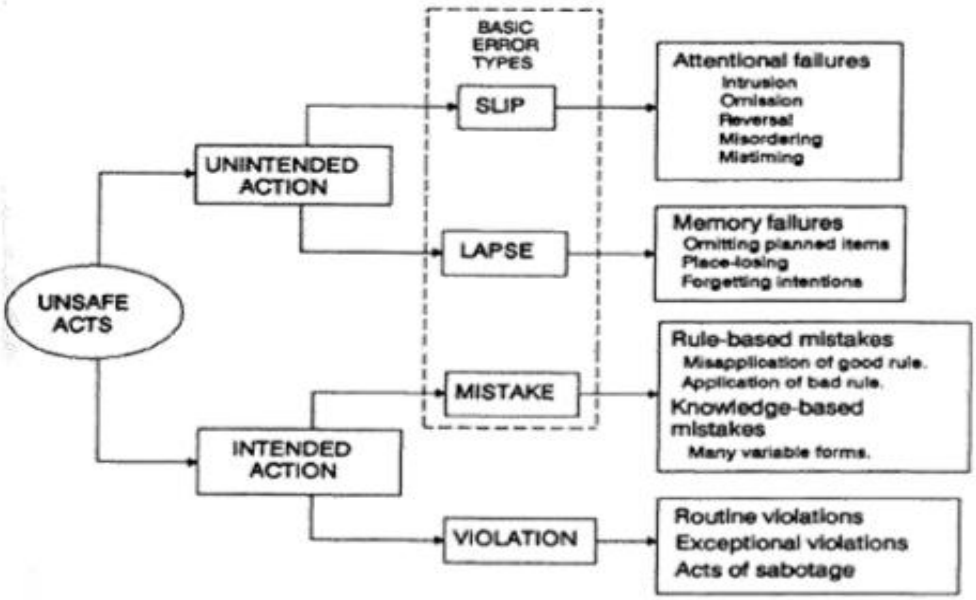


Figura 7 – "Ações inseguras", segundo J. Reason (1990)

Os erros que correspondem a "ações intencionais" representam uma disfunção no planeamento da ação e estão relacionados com tarefas que requerem um nível de controlo muito maior, baseado em regras ou competências específicas. Este tipo de conhecimento, aqui focado muito pela rama, ajuda à consciencialização do tradutor, quanto ao grau de atenção e controlo que deve exercer na sua atividade, mas mostra também que nem sempre aquilo a que chamamos 'erro' é um simples "erro" humano, podendo ser intencional.

2.1 O Erro do ponto de vista jurídico, na atividade de tradução

Sempre na linha da defesa do profissionalismo requerido dos tradutores, chamamos aqui a atenção para o facto de que a atividade da tradução em Portugal, contrariamente ao resto do mundo, peca pela ausência de enquadramento jurídico-legal e pela falta de estatuto do tradutor ajuramentado. Esta ausência deixou o campo livre para qualquer pessoa que, com conhecimentos básicos de uma língua, possa e até insista em ser tradutor e aproveitar-se, ao mesmo tempo, da inexistência de um arsenal jurídico que regulamente, previna e puna os que cometem erros profissionais na área da tradução e muito especialmente no âmbito da tradução jurídica e da tradução de discursos políticos, religiosos ou outros.

Veja-se, a propósito, o caso de erro na tradução jurídica, publicado pelo Jornal de Notícias, a 25 de julho de 2017, e que motivou o título que se vê abaixo:

Lisboa

Erro na tradução "condena" pais de menina chinesa a pena de morte

25 Julho 2017 às 18:02

TÓPICOS
Queda
China
Justiça

A tradução da acusação dos pais da menina chinesa de cinco anos, que morreu após cair do 21.º andar de um edifício no Parque das Nações, em Lisboa, refere que os arguidos foram "condenados à pena de morte".

Figura 8 – Consequências judiciárias de erros na tradução jurídica

Em Portugal, o erro na tradução não tem tido as consequências punitivas merecidas, facto este que é obviamente o resultado direto ou indireto do vazio legislativo existente. Contudo, o autor do erro na tradução incorre no crime de negligência que está previsto no Código Penal Português no seu art.º 15.º.

Em Portugal, para além de ser crime de negligência, o erro na tradução é também considerado crime de atividade e de resultado, isto é, crime que pressupõe a produção de um resultado inesperado, contratualmente ou eticamente, no seio da atividade da tradução. É ainda visto como erro na tradução tudo o que se possa enquadrar nos seguintes factos:

- a violação de uma cláusula ou de cláusulas num contrato ou noutro meio vinculativo de prestação de serviços de tradução que prevê a obrigatoriedade de entrega ou a execução de tradução sem erros pelo tradutor, salvo força maior.

- a má prestação do serviço de tradução que possa causar danos diretos e reais ao cliente ou aos outros destinatários, esses danos gerados pelo erro do tradutor podiam ter sido evitados se não tivesse havido essa prestação.

Em suma, em Portugal o erro na tradução é encarado dentro do âmbito da responsabilidade civil contratual do tradutor, porque quando este profissional não respeitar as cláusulas vinculativas estará a cometer um crime; ou seja, um erro

proveniente da violação de um dever legalmente reconhecido dá, ao cliente ou a terceiros, o direito de apresentar queixa-crime alegando a existência do nexo de causalidade exigível entre os referidos danos e a conduta do tradutor no cumprimento defeituoso das suas obrigações contratuais. O tradutor incorrerá assim num processo penal, na base da teoria da lei da responsabilidade civil emergente de crime, isto é, quando o tradutor não atuar com a diligência devida e violar a relação contratual firmada entre ele e o cliente (cf. o artigo 129.º do Código Penal). A responsabilidade civil do tradutor também será apreciada em processo penal, conforme consta do artigo 483.º do Código Civil, se o queixoso, na sua petição, alegar apenas a responsabilidade que emerge da violação do direito de outrem ou qualquer outra disposição legal destinada a proteger interesses alheios, com dolo ou mera culpa, da qual resultem danos.

Estes aspetos levam-nos a evocar, a seguir, a questão central da deontologia.

2.2 O Erro do ponto de vista deontológico, na atividade de tradução

Constatamos no dia-a-dia que o erro na tradução não depende só da formação e experiência do tradutor, depende também do incumprimento dos padrões estabelecidos pelas diretivas da União Europeia, pelos estatutos e regulamentos internos das associações de tradutores e das empresas de tradução em Portugal.

A natureza deontológica do erro na tradução merece da nossa parte uma sucinta apresentação das diretivas, estatutos e regulamentos internos considerados como padrões na área da tradução e que devem ser respeitados pelos tradutores.

A atividade da tradução, tal como outras profissões, sofre com a imprudência, a imperícia e a negligência dos tradutores devido à falta de formação académica ou de profissionalização destes e, se calhar mais ainda, devido à inexistência em Portugal de todo um enquadramento jurídico que delimite fronteiras para os excessos e abusos. Relembremos, a propósito, as definições destes três erros, tão comuns na tradução em geral, e que podemos encontrar na *Infopédia/Dicionário Porto Editora*, a saber:

A **imprudência** é o *ato ou dito irrefletido com possíveis consequências desagradáveis ou perigosas*; a **imperícia** é *a falta dos conhecimentos profissionais normalmente necessários*; a **negligência** é *a ação ou dito de pessoa desleixada ou desinteressada*. Para este termo, o dicionário refere também o âmbito jurídico ao definir a negligência como *o ato de omitir ou esquecer algo que devia ter sido feito de maneira a evitar um facto que produz lesão ou dano*.

2.2.1 Diretivas europeias, Estatutos, Códigos de Ética e de Deontologia e Regulamentos internos, na área da Tradução

Em harmonia com países da União Europeia, os padrões que gerem a atividade da tradução em Portugal diretivas da União europeia que regulamentem o trabalho de tradução e a seguir serão destacadas algumas referências sobre a responsabilidade civil dos tradutores, e que podem ser considerados como referência no que diz respeito à qualidade da tradução.

No intuito de garantir o direito à informação e também ao acesso dos seus cidadãos às instituições judiciárias nos países membros, a União Europeia estabeleceu um conjunto de Diretivas que regulamentam o trabalho de tradução, as quais estão apresentadas no portal eletrónico do Instituto Camões[72] e dizem respeito a:

Empresas de tradução
- UNE-EN ISO 9000, 9001, 9002, 9004
- UNI 10574:1996 (Itália)

Apresentação de traduções
- ISO 2384:1977

Serviços de tradução
- DIN 1200
- ÖNORM D 1200:2000 (Áustria)
- EUATC Quality Standard for Translation Services

Edição de traduções
- NBR 10526

Contratos de tradução
- DIN 2345:1998 (Alemanha)

Define os conceitos mais importantes da tradução, documenta o processo e estabelece os direitos e as obrigações de tradutores e clientes, e estabelece os parâmetros para os contratos de tradução.
- ÖNORM D 1201:2000 (Áustria)

Terminologia
- ISO 12616:2002

[72] http://cvc.instituto-camoes.pt/tradumatica/normas-e-procedimentos-na-qualidade-da-traducao-dp8.html#.X4BSpNBKgdU

Define os elementos necessários para garantir a qualidade e consistência da informação terminológica utilizada na tradução.
Os outros padrões que foram publicados sobre terminologia são:
- ISO 639:1988 (ISO 639-1 Alpha-2 e Alpha-3) Normas de idiomas
- ISO 704:2000 Trabalho terminológico: Princípios e Métodos
- ISO 860:1996 Trabalho terminológico: Harmonização de Conceitos e Termos
- ISO 1087-1:2000 Vocabulário: Teoria e Aplicação
- ISO 1087-2:2000 Vocabulário: Aplicações Informáticas
- ISO 1951:1997 Símbolos Lexicográficos
- ISO 12199:2000 Ordenação Alfabética de Dados Terminológicos
- ISO 12200:1999 Formato de Intercâmbio de Terminologia (MARTIF)
- ISO/FDIS 12616 Terminografia para a Tradução (em elaboração)

Serviços de tradução e interpretação
- ISO 12616:2002

Define os elementos necessários para garantir a qualidade e consistência da informação terminológica utilizada na tradução.

Documentação
- ISO 8879

Linguística
- Alfabeto DIN 5007
- Ortografia DIN 5008

2.2.2 Estatutos, Códigos de Ética e Deontologia e Regulamentos internos das Associações de Tradução em Portugal

Em Portugal, para defender e zelar pelos seus direitos, há vários organismos que congregam os profissionais de tradução e as empresas de tradução, a saber:

Associação Portuguesa de Tradutores (APT); Associação de Profissionais de Tradução e de Interpretação (APTRAD); Sindicato Nacional dos Tradutores (SNT); Conselho Nacional de Tradução (CNT); Associação Portuguesa de Empresas de Tradução (APET); Associação de Tradutores da Administração Pública (ATAP).

Partindo de uma consulta do portal eletrónico destas seis Associações para conhecer os diferentes Estatutos, Códigos de Ética e Deontologia e Regulamentos internos, elaborámos uma tabela com informações referentes à responsabilidade deontológica dos tradutores, que apresentamos aqui:

Associação	**Referências à Responsabilidade deontológica**
Associação Portuguesa de Tradutores (APT)	Referência no *Código deontológico*: ARTIGO 8° O Tradutor é responsável perante o autor e a entidade solicitadora da tradução pela qualidade do trabalho. Uma boa tradução é a que se lê como um original, sem deixar perceber a existência de um intermediário.
Associação Portuguesa de Empresas de Tradução (APET)	Não consta qualquer referência.
Associação de Tradutores da Administração Pública (ATAP)	Não consta qualquer referência
Associação de Profissionais de Tradução e de Interpretação (APTRAD)	Referência no *Código de Ética e Deontologia:* Ponto 7. Responsabilidade civil profissional Recomenda-se ao tradutor e/ou intérprete a celebração e manutenção de um seguro de responsabilidade civil profissional enquanto exercer as suas funções, tendo em conta a natureza e o âmbito dos riscos inerentes à sua atividade.
Conselho Nacional de Tradução (CNT)	Não consta qualquer referência
Sindicato Nacional dos Tradutores (SNT)	Referência nos *Estatutos:* CAPÍTULO V - Responsabilidade Profissional Art. 7° - O tradutor é responsável civil e penalmente por atos profissionais lesivos ao interesse do contratante de seus serviços, cometidos por imperícia, imprudência, negligência ou infrações éticas.

Tabela 2 - Referências à Responsabilidade deontológica dos tradutores nas Associações portuguesas

COMENTÁRIOS FINAIS

Como referido, no início deste Relatório de Projeto, a nossa motivação maior para tratar o tema dos discursos terroristas da *OTD* deve-se à consciência de que a nossa situação particular (falante de árabe, conhecedor da religião muçulmana e da cultura de base em que esta se inscreve e tradutor) nos situa numa posição privilegiada para, com a nossa reflexão e pesquisa, participar na defesa de uma prática de tradução fundamentada no conhecimento da temática dos textos-fonte, do seu enquadramento cultural, *lato sensu*, e das línguas em causa.

Como defendemos ao longo do Relatório, a mensagem terrorista veiculada através da imprensa, pelo seu poder manipulador, persuasivo e instigador de ações violentas, constitui um perigo para os Direitos Humanos, podendo atingir cidadãos de bem, nomeadamente jovens em situação instável, que são apanhados nas malhas de uma organização sem escrúpulos.

O presente Relatório procurou, assim, contribuir para um modelo de pesquisa e de análise passível de resolver os problemas de tradução para português de termos árabes polissémicos, frequentemente geradores de polémica conceptual/lexical e com forte impacto social e político. Sem querermos ser presunçosos, muito gostaríamos que este nosso trabalho pudesse ser visto como contributo para uma espécie de "guia de boas práticas" para a tradução de textos com características de manipulação ideológica.

A estrutura interna deste Relatório visou, em sequência, os seguintes aspetos:

- Na **Introdução,** destacar o nosso interesse em trabalhar esta área, centrando-nos no léxico associado ao terrorismo e constante de textos por nós recolhidos e analisados, em árabe, português e francês, dada a importância que reconhecemos à tradução enquanto veículo de notícias marcadas pela ideologia do terrorismo; o contexto histórico em que surgiu a organização terrorista *OTD* e alguns dados sobre a sua atividade; as questões levantadas pelas suas sucessivas denominações, internas e externas. A Introdução corresponde, portanto, a uma primeira abordagem do tema que selecionámos para o trabalho;

- No **Capítulo I**, fazer uma revisão da literatura sobre Tradução que, embora não exaustiva, foi selecionada enquanto particularmente útil para o nosso trabalho. Nesse sentido, apresentámos alguns autores e/ou tradutores que, pela sua reflexão teorizante ou

teórica, nos ajudaram a enquadrar o nosso próprio trabalho. Tentámos, com esses contributos, a esclarecer a nossa própria posição, face ao desafio que é traduzir textos da *OTD*, refletindo sobre conceitos centrais como o de fidelidade na tradução e suas múltiplas facetas e implicações;

- No **Capítulo II**, destacar o facto de que ao bom tradutor são exigidos conhecimentos das línguas em presença, das suas culturas, e ainda um trabalho muito importante de análise das escolhas linguísticas, da ideologia subjacente e das intenções do autor do texto-fonte, assim como do enquadramento em que o mesmo foi produzido. Neste Capítulo, o mais longo do Relatório, apresentámos o material recolhido expressamente para este trabalho e que constitui o nosso *corpus*, e analisámos vários aspetos que esse *corpus* nos fornece. Assim, fizemos um levantamento de léxico (palavras plenas e nomes próprios) associados ao terrorismo, nos textos do *corpus*, comparando as soluções de tradução em português e francês, relativamente ao correspondente texto árabe da *OTD*; fizemos, também um levantamento de fragmentos de texto, que analisámos em função, ainda, da fidelidade na tradução, utilizando padrões de análise que nos pareceram adequados, a partir de Hurtado Albir (1990) – contextos situacional, verbal, cognitivo e histórico-social do texto original e na sua tradução. Por fim, apresentámos soluções para escapar às armadilhas presentes nos textos de teor terrorista. Neste domínio, chamámos a atenção para o facto de que traduzir literal e fielmente os discursos dos terroristas leva, muito provavelmente, a cair nas armadilhas ideológicas dos mesmos, defendendo que, para o evitar, é indispensável uma profunda compreensão do léxico utilizado. Assim, fizemos a análise léxico-semântica de alguns termos-chave, polissémicos e geralmente difíceis de compreender por um não falante de árabe, o que pode ajudar a compreender as implicações tradutórias em jogo e a prevenir más traduções e manipulações indesejadas. Igualmente nessa linha, propusemos algumas soluções estratégicas para ultrapassar as armadilhas presentes nos textos da *OTD*: a prevalência da Equivalência Dinâmica sobre a Equivalência Formal; a adaptação dos termos polémicos à cultura do público-alvo; a Domesticação. Fizemos, também com o mesmo intuito, uma proposta de adoção de termos alternativos aos nomes próprios e de função usados nas traduções analisadas.

Em suma, defendemos uma tradução/adaptação do texto-fonte ao público leitor, realizada com o máximo rigor linguístico, cultural e conceptual e isento de armadilhas;

- No **Capítulo III**, pôr em evidência o largo espetro de repercussões dos erros de tradução, exemplificando com eventos reais e associando essa questão à necessidade de formação e de recurso a tradutores competentes. Para exemplificação, também, desenvolvemos a análise do termo *Jihad*, um dos mais polémicos e mais sujeitos a erros grosseiros, nas traduções. Para melhor definir "erro" do ponto de vista linguístico, fizemos uma rápida comparação com aquilo que, em termos retóricos, geralmente se denomina "vícios de linguagem" e prejudica a qualidade da tradução.

Foram muitos os constrangimentos que limitaram ou atrasaram a nossa investigação, nomeadamente o facto de que este campo de pesquisa é muito pouco estudado em Portugal, sendo notória a escassez de recursos lexicográficos (estes limitam-se a alguns ensaios de autores que não fazem parte nem da área de tradução nem da área da lexicografia). Um outro constrangimento consistiu na pobre bibliografia sobre a tradução entre o árabe e o português. Alguns destes constrangimentos foram ultrapassados por uma pesquisa minuciosa, interdisciplinar e multilingual, que deu, finalmente, como resultado, o estabelecimento de uma nova ponte, embora segura por pilares de uma terceira língua, que liga o foro terminológico árabe e o seu equiparado em português.

Em termos de tradução de árabe para português, acreditamos que o Relatório contribui de algum modo para o aprofundamento do conhecimento e para a compreensão de alguns conceitos que precisam, certamente, de um mais profundo estudo e uma mais especializada formação dos tradutores.

Como é natural, o trabalho sobre os textos da *OTD* fez-nos pensar na questão da sua tipificação ou categorização, tema que gostaríamos de ter desenvolvido.

Lamentavelmente, não pudemos encaminhar a nossa pesquisa como previsto inicialmente – fazer um estudo mais abrangente de um *corpus* vasto de textos produzidos pela *OTD*, e não restrito a aspetos lexicais, mas incluindo uma reflexão sobre os vários tipos de texto usados para a divulgação das declarações dos terroristas e sobre aspetos sintáticos dos mesmos, conforme a projeto inicial, apresentado para inscrição da Dissertação. Como referido na Introdução inicial a este Relatório, a proibição da divulgação das comunicações da Organização impossibilitou a prossecução do objetivo inicial, a meio do percurso.

No entanto, na perspetiva de sugerir trabalho futuro neste domínio, nosso ou de outrem, como um assunto que valerá ser desenvolvido e ser matéria para publicações, em

Portugal, deixamos aqui alguns elementos sobre a questão da tipologia desses textos, embora de forma muito breve.

A pesquisa exploratória que fizemos, na Internet, tentando encontrar artigos sobre a tipologia ou sobre os géneros textuais mais encontrados no material de difusão escrita terrorista, deu muito poucos frutos. Durante essa pesquisa, encontrámos alguns textos que focam o discurso religioso, como é o caso de Torresan (2007). Sem querer, de modo algum, comparar a instituição religiosa analisada em Torresan com a organização terrorista de que nos ocupamos, entendemos que esta leitura trouxe alguma luz a uma possível caracterização dos discursos da *OTD*, por ambos terem uma vertente de prescrição religiosa e de mobilização de massas. Nesse artigo, o autor refere que, no âmbito da Semiótica de Greimas, e concretamente no quadro da construção do (sentido do) discurso, ocorrem, no nível da narrativa, *manipulação*, *competência*, *performance* e *sanção*, em fases sucessivas: a manipulação visa conduzir o destinatário a fazer ou a querer dada coisa; a competência refere-se ao 'poder' atribuído ao destinatário para a realização do avançado na fase de manipulação; a performance e a sanção da ação, seja recompensa ou castigo, têm lugar quando, manipulados e capacitados, os destinatários agem de determinada forma (p.98). Acrescenta o autor que, ainda segundo Greimas, estão em jogo quatro estratégias, a saber *sedução* (elogiando os lados positivos e as capacidades do interlocutor), *provocação* (apontando lados negativos dos interlocutores, que deles se devem livrar), *tentação* (estimulando as capacidades positivas dos interlocutores, para que façam o que é sugerido), *intimidação* (apontando sanções, caso os destinatários não cumpram o ordenado) (p. 98), sendo a sedução e a tentação as armas mais fortes para o convencimento dos interlocutores, segundo o autor. Reproduzimos, abaixo o quadro-síntese retirado do mesmo artigo (p.99), aqui renumerado:

Manipulação por:	Posição do destinador	Posição dos destinatários desejada pelo destinador
Sedução	Imagem positiva do destinatário	Querer fazer
Provocação	Imagem negativa do destinatário	Dever fazer
Tentação	Imagem positiva da ação do destinatário	Querer fazer
Intimidação	Imagem negativa da ação do destinatário	Dever fazer

Quadro 3

Fonte: O autor.

Figura 9 – As quatro estratégias de Greimas, *apud* Torresan (2007)

De forma convergente com a nossa investigação, Torresan (*idem*: 100) destaca como um dos elementos essenciais, para a construção de um discurso persuasivo, a escolha do léxico, para além das técnicas argumentativas e seus apoios linguísticos, que neste Relatório não desenvolvemos, pelas razões apontadas.

Por seu lado, Grácio (2011) fornece uma posição de Bourdieu que igualmente nos interessa, sobre o poder das palavras: segundo o autor, Bourdieu afirma que «um tal poder vem sempre de fora da linguagem e se liga às condições institucionais de produção e de recepção do discurso» (p. 200). Esta reflexão é muito importante para melhor percebermos, no caso do nosso *corpus*, a utilização de palavras comuns do árabe com uma carga semântica específica no discurso terrorista, a qual lhe é atribuída pela ideologia e suas finalidades, no âmbito textual e de 'fora da linguagem'.[73]

Verificamos que, no nosso *subcorpus* da *OTD*, é marcadamente explícita a expressão de uma "verdade" ou "realidade" que não deixa margens para questionamento, apenas se verbaliza de uma forma que pretende ser convincente, simultaneamente apelativa e impositiva, como uma crença partilhada e não suscetível de discussão. Assim, e embora existam elementos de argumentação, ficámos curiosos em esclarecer se se trata propriamente de textos argumentativos, dado que não existe contra-argumentação interna ao texto, como estratégia, nem perguntas retóricas visando maior explicitação das

[73] A referida tese parece-nos um contributo muito válido para um estudo futuro sobre a questão da argumentação.

verdades expostas, nem intenção dialógica, dado que o alvo da mensagem não é suposto ter margem para se exprimir, refutando ou concordando.

Também num outro texto, de Kella (2004), sobre o discurso político, encontrámos algumas pistas que poderiam ser exploradas, tentando aplicá-las ao discurso terrorista. Retomamos as perguntas de investigação presentes nesse texto:

> «Hoje admitimos que vivemos numa "sociedade do espetáculo" e defendemos a ideia de que o discurso político faz parte de uma produção e encenação social muito particular. As perguntas que nos colocamos ao longo deste trabalho são as seguintes: 1) Retórica - argumentação: termos opostos ou imbricados? 2) O discurso político é um monólogo ou identifica-se com diálogo e interação comunicacional? 3) Podemos considerar que todo enunciado (político) inclui sempre o objetivo de persuasão? 4) Os auditores do discurso político são recetores passivos ou construtores de sentido? (…) "Por meio do seu discurso, o orador esforça-se por impor as suas representações, as suas formulações e por orientar uma ação" (Charaudeau, Maingueneau, 2002: 505)» (p. 672; t.n.).

Fica a questão em aberto e a sugestão de uma necessária investigação na área deste tipo específico de discurso, como sugerido abaixo.

Neste contexto, e pensando no futuro, sugerimos algumas ações que podem ajudar a esclarecer as ambiguidades na tradução de termos de origem árabe islâmica para português, a saber:

(i) A criação de uma disciplina académica especializada na tradução árabe-português, integrada num curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e incluindo uma unidade de tradução de termos islâmicos, que deveria abranger um público de estudantes da área de Tradução, de Jornalismo e de Linguística. Este seminário, que propomos, poderia ser intitulado *Tradução e Estudo Léxico-semântico dos Termos usados na Linguagem Terrorista*. Sugerimos, ainda, um outro Seminário centrado na Análise do Discurso e dedicado à análise dos discursos dos terroristas, das várias *frames* sociais desta matéria discursiva.

Com este tipo de formação, teríamos uma equipa especializada nas traduções polémicas que podem surgir no futuro, dada a lamentável persistência de organizações e estruturas terroristas.

Seria, assim, possível acompanhar, de forma permanente, a entrada de novos termos no português por via da divulgação da estratégia terrorista, e assim alertar a

sociedade através de *Newsletters* ou outra ferramenta de edição, por meios eletrónicos, e através dos colóquios e eventos que seriam organizados para divulgar a sua atividade letiva e formativa.

No fundo, tratar-se-ia de uma espécie de "observatório" em permanente atividade de atualização do conhecimento, nesta área.

(ii) A elaboração de um novo dicionário que, certamente, colmatará o vazio que conhece Portugal nesta área, visto que os únicos dicionários existentes em língua portuguesa são na maioria publicados por autores brasileiros e por editoras do Brasil, a saber:

- *Dicionário Português-Árabe*, da autoria de Alphonse Nagib Sabbagh, 2004;
- *Dicionário Árabe-Português*, da autoria de Alphonse Nagib Sabbagh, 2011;
- *Dicionário de Arabismos na língua portuguesa*, da autoria de Adalberto Alves, 2011;
- *Novo Dicionário do Islão*, de Margarida Santos Lopes, 2010.

Temos conhecimento de um projeto para elaboração de um novo dicionário bilingue, *Dicionário de Português Europeu-Árabe Padrão*, em parceria do CLUNL-Universidade Nova de Lisboa e do Instituto de Estudos Hispano-Lusófonos de Rabat (IEHL), mas, que saibamos, não há ainda resultados disponíveis.

A criação destes, tão desejáveis, recursos lexicográficos seria/será um grande suporte para os tradutores. Conforme dito por Bentaher (2009)[74], «Um sólido conhecimento de uma determinada cultura só é possível se acompanhado por um domínio da língua que lhe subjaz».

(iii) A criação, ainda, de um grupo de investigação, espaço de reflexão e diálogo *Think Tank* sobre os mais importantes temas da tradução, com trabalho de tradução de obras fundamentais para a área (nomeadamente o livro sagrado Corão e os ditos do Profeta, para além de obras de autores incontornáveis na área da exegese e de algumas obras francesas e norte-americanas – por exemplo, as obras de David Cook sobre o Islão), e também com a elaboração de um glossário especializado na área,

[74] http://hdl.handle.net/10451/450

fornecendo à sociedade portuguesa e aos tradutores, em particular, ferramentas para traduções adequadas e realistas dos termos ligados a cultura árabe islâmica usados pelos terroristas.

Este trabalho seria de grande valia para o conhecimento dos tradutores.

(iv) Numa linha complementar de trabalho, gostaríamos de ver aprofundada a questão da tipologia a atribuir ao textos-sermões da *OTD*, cuja importância já referimos acima.

Em síntese, foi nosso desejo que este Relatório de Projeto sobre a contribuição dos tradutores para a luta contra o terrorismo pudesse ser encarado como uma porta aberta para futuros estudos multidisciplinares, que, nesta área, procurem tipificar não só o discurso desta Organização, mas também corrigir e alargar a base de conhecimento sobre o mundo árabe islâmico, através do estudo, bem como através do recurso a de investigação adequadas a este objeto. Os tradutores, que são responsáveis, consciente ou inconscientemente, por uma grande parte da divulgação da informação dos terroristas, deverão ter a formação, os recursos bibliográficos e também participar num espaço de *Think Tank* para a troca de ideias que os preocupem.

Este Relatório foi uma ocasião para chamar a atenção, ainda, para o facto de que o tradutor estará impedido de assegurar a sua função como verdadeiro profissional de tradução, e intermediário entre culturas, enquanto a sociedade portuguesa, através do poder legislativo, não lhe reconhecer um estatuto oficial, de Tradutor Ajuramentado. Com a figura de Tradutor Ajuramentado e conforme consta dos termos do n.º 2 do Art. 92.º do Código de Processo Penal Português, "Quando houver de intervir no processo pessoa que não conhecer ou não dominar a língua portuguesa, é nomeado, sem encargo para ela, intérprete idóneo". Aqui, a parte estrangeira que não domina a língua portuguesa tem direito a um tradutor também intérprete, sempre que necessário; as traduções realizadas neste âmbito têm que ter a qualidade suficiente para garantir a equidade do processo. Mas na realidade, em Portugal, a profissão de tradutor é uma profissão livre, isto é, não existe uma forma de exigir comprovação da sua qualidade. Tal exigência só poderá ser assegurada com a introdução do estatuto do Tradutor Ajuramentado, que será um profissional possuidor de competências académicas necessárias para certificar as suas

traduções, garantindo, assim, que as traduções realizadas por si apresentam a terminologia correta e adequada.

O tradutor, graças a esta desejável legislação, será considerado um verdadeiro mediador e protetor dos direitos dos indivíduos e da sociedade como um todo; assim como um soldado que protege as fronteiras do seu país, o tradutor, além de proteger a sua fronteira linguística contra qualquer intruso linguístico indesejável e prejudicial, pode ainda antecipar a entrada correta de vocabulário através da tradução para uma outra língua de livros e obras do mundo árabe islâmico, e vice-versa.

Para finalizar, partilhamos uma opinião retirada de um texto produzido no quadro da ONU, que nos inspira fortemente e nos permite fechar o círculo deste Relatório, que se iniciou com a expressão do nosso profundo desejo de participar, ao lado de tantos outros, como tradutor e estudioso do papel da tradução, na defesa dos princípios humanitários:

> «Tradutores e intérpretes unem as pessoas. Desempenham um papel importante na comunicação global, promovem o entendimento entre as nações e constroem pontes entre culturas díspares. Considerada em seu nível mais elevado, a tradução é uma profissão significantemente humanitária. (...) os tradutores têm de providenciar uma precisão imaculada, pois a vida das pessoas depende da forma como traduzem. (...) tradutores e intérpretes protegem a diversidade linguística e aproximam-nos da paz e unidade globais» (Oaster, 2017; t. n.)[75].

[75] Brian Oaster, "The Translators and Interpreters Who Keep The UN Running". Publicado em 16/10/2017, em https://www.daytranslations.com/blog/translators-and-interpreters-un/

REFERÊNCIAS

Sitologia

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/islamico-vs-islamita/23568

Encyclopædia Universalis - HENRI MESCHONNIC, http://www.universalis.fr/encyclopedie/henri-meschonnic/

Global Peace Index 2021. Institute for Economics & Peace, Sidney. Disponível em https://www.visionofhumanity.org/wp-content/uploads/2021/06/GPI-2021-web-1.pdf

Global Terrorism Database. https://www.start.umd.edu/global-terrorism-database-gtd-2020-update

Global Terrorism Index 2020. https://www.economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2020/11/GTI-2020-web-2.pdf

Jornal Oficial da União Europeia 15.11.2018. RESOLUÇÃO sobre a urgência de novas medidas para lutar contra o terrorismo internacional (2018/C 415/04). https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:22018P1115(04)&from=MT

The Soufan Group. https://www.soufangroup.com/; http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/06/TSG-Foreign-Fighters-in-Syria.pdf

Wikipedia HENRI MESCHONNIC, https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Meschonnic

Dicionários

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, ed. 2015.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, ed. 2001.

Dicionário Verbo da Língua Portuguesa, ed. 2008.

LOPES, Margarida Santos (2002) *Novo Dicionário do Islão. Palavras, Figuras e Histórias*. Lisboa: Casa das Letras (1ª Edição).

SABBAGH, Alphonse Nagib (2004) *Dicionário Português-Árabe*. Beirute: Librairie du Liban Publisher.

_____ (2011) *Dicionário Árabe-Português*. Rio Bonito, RJ: Almádena, Fundação Biblioteca Nacional.

ALVES, Adalberto (2011) *Dicionário de Arabismos na língua portuguesa*. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Obras e artigos

ARROJO, Rosemary (1992) A questão da fidelidade. *In* ARROJO, Rosemary (org.) *O signo desconstruído. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Oficina de tradução. São Paulo: Ática, pp. 37-45.

BADEA, Georgiana I. (2010) Traductologie et traduction. Méthodologie(s) et méthodes. *In* RADULESCU, Mihaela *et al.* (coords.) *La Méthodologie de la recherche scientifique - composante essentielle de la formation universitaire.* Bucareste UTCB: Ars Dicendi, pp. 281-292. Disponível em https://www.academia.edu/1877331/Traductologie_et_traduction._Methodologie_s_et_metdodes

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin [1929]) (2009) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 12.ª ed.

BALLARD, Michel (2013) *Histoire de la traduction*. Repères historiques et culturels. Bruxelles : De Boeck Supérieur.

BALLIU, Christian (1995) Los Traductores Transparentes historia de La Traducción en Francia durante El Período Clásico. *Hieronymus Complutensis*, Nº1 : 9-51. Disponível em https://cvc.cervantes.es/lengua/hieronymus/pdf/01/01_009.pdf

BASTIN, Georges L. (1993) La notion d'adaptation en traduction. *Meta*, 38 (3): 473-478. Disponível em https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1993-v38-n3-meta341/001987ar.pdf

BERMAN, Antoine (1984) *L'Epreuve de l'étranger*. Paris : Gallimard.

BIROT, Sabir Hasan (2015) The Role of Ideology in Translation: A Study of the Kurdish Media. *Papers in Translation Studies*. Cambridge Scholars Publishing: 24-46. Disponível em: file:///F:/Users/Win7/Downloads/ebin.pub_papers-in-translation-studies-1443872288-9781443872287.pdf

BOUCHARD, Chantal (1997) A locução: problema de tradução. *In* JORGE, Guilhermina (coord.) *Tradutor Dilacerado, Reflexões de Autores Franceses Contemporâneos sobre Tradução*. Lisboa: Edições Colibri - Coleção Voz de Babel, pp. 139-140.

CAPUANO, Romolo G. (013) *111 errori di traduzione che hanno cambiato il mondo*. Viterbo: Stampa Alternativa. Disponível em

https://pt1lib.org/book/4250280/e384a1?id=4250280&secret=e384a1

CASTRO, Marcelle de Souza (2007) "Tradução Ética e Subversão: desafios práticos e teóricos". Dissertação de Mestrado em Letras, PUC-Rio de Janeiro. Disponível em https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-72357/traducao-etica-e-subversao--desafios-praticos-e-teoricos

CATFORD, John Cunnison (1965) *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford: Oxford University Press.

CHESTERMAN, Andrew (1997) *Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.

COOK, David (2015) *Understanding Jihad*. Berkeley: University of California Press

COSTA, Sandra Liliana; PINTO, Maria do Céu (2012) A Problemática da Radicalização Islamista: Desafios Conceptuais e Dificuldades Práticas no Contexto Europeu. *Nação e Defesa*, N.º 132 – 5.ª Série: 171-191. Disponível em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7692/1/NeD132_SandraLilianaCosta_MariadoCeuPinto.pdf

CRUZ, Melanie (2017) "A luta contra o terrorismo na União Europeia: Desafios na proteção dos direitos e liberdades fundamentais". Dissertação de Mestrado em Direito Internacional e Relações Internacionais, Faculdade de Direito da ULisboa. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/39752/1/ulfd135663_tese.pdf

DELISLE, Jean (1981) (ed.) L'enseignement de l'interprétation et de la traduction. *Cahiers de traductologie*, 4. Ottawa : Editions de l'Université d'Ottawa.

DELISLE, Jean ; LEE-JAHNKE, Hannelore ; CORMIER, Monique C. (coords.) (1999) *Terminologie de la traduction*/Translation Terminology/Terminología de la traduccción/Terminologie der Übersetzung. Amsterdam / Philadelphia : John Benjamin's Publishing Company.

ECO, Humberto (2005) *Dizer Quase a Mesma Coisa - Sobre Tradução*. Lisboa: Difel (trad. de *Dire presque la même chose*. *Expériences de traduction*, 2003).

EL MEDJIRA, Nassima (2001) Fidélité en traduction ou l'éternel souci des traducteurs. *Literary Translations*, Vol 5, Nº 4. Versão *online* disponível em https://translationjournal.net/journal/18fidelite.htm

_____ (2011) Fidélité en traduction ou l'éternel souci des traducteurs. Disponível em https://www.le-mot-juste-en-anglais.com/2011/07/fid%C3%A9lit%C3%A9-en-traduction.html

FURLAN, Mauri (2008) Étienne Dolet e o "modo de traduzir bem de uma língua a outra". *Cadernos de Tradução*, Vol. 1, Nº 21: 67-86. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/266105601_Etienne_Dolet_e_o_modo_de_traduzir_bem_de_uma_lingua_a_outra

GRÁCIO, Rui Alexandre L. M. (2011) "Para uma teoria geral da argumentação: questões teóricas e aplicações didácticas". Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Universidade do Minho. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12486/1/TeoriaArgumenta%C3%A7%C3%A3o.pdf

HERBULOT, Florence (1997) O tradutor dilacerado. *In* JORGE, Guilhermina (org.) *Tradutor Dilacerado. Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 103-112.

HOLMES, James S. (1988) The Name and Nature of Translation Studies. *In* HOLMES, James S. (ed.) *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, pp. 66-80.

HURTADO ALBIR, Amparo (1990) *La notion de fidélité en traduction*. Col. Tautologia n. º 5. Paris: Didier Erudition.

_____ (2011) *Traducción y traductología: introducción a la traductología.* Madrid: Ediciones Cátedra.

IBN KHALDUN (1377) *Muqaddimah: An Introduction to History.* Translation by Franz Rosenthal, Princeton, 1967 [1958].

JAKOBSON, Roman (1959/1966) On Linguistic Aspects of Translation. In Reuben Brower (ed.) *On Translation*. New York. OUP: 232-9. Disponível em https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/jakobson.pdf

JORGE, Guilhermina (org.) (1997) *Tradutor Dilacerado. Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*. Lisboa : Edições Colibri.

KELLA, Vassiliki (2004) Discours politique : argumentation et interaction communicationnelle ou rhétorique et monologue? *In* SUSO, Javier; LOPEZ, Rodrigo (coords.) *Le français face aux défis actuels : histoire, langue et culture*. Universidad de Granada- APFUE – GILEC, Vol I: 673-684. Disponível em https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=9372

LAROUZEE, Justin; GUARNIERI, Franck; BESNARD, Denis (2014) *Le modèle de l'erreur humaine de James Reason.* [Research Report] CRC WP 2014 24, MINES ParisTech. 44 p. <hal-01102402>

LEWIS, Bernard (1988) *The Political Language of Islam*. Chicago: The University of Chicago Press.

LEDERER, Marianne (1981) La pédagogie de la traduction simultanée. *In* DELISLE, Jean (ed.). *L'enseignement de l'interprétation et de la traduction*. *Cahiers de traductologie,* 4. Ottawa: Editions de l'Université d'Ottawa, pp. 47-74.

LIMA, Neumar (2012) O Princípio Cognitivo da Tradução. Anais eletrônicos: 2º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 5º CELLi - de Estudos Linguísticos e Literários. Em breve disponível em: http://www.cielli.com.br/

LIVNAT, Holtzman (2010) Human Choice, Divine Guidance and the Fitra Tradition: The Use of Hadith in Theological Treatises by Ibn Taymiyya and Ibn Qayyim al-Jawziyya. *In* HAQ, S. Nomanul; RAPOPORT, Yossef ; AHMEN, Shahab (eds.) *Studies in Islamism: Ibn Taymiyya and His Times*. Oxford: Oxford University Press.

MAALOUF, Amin (2013) *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*. Coimbra: Edições70 (trad. de Germiniano C. Franco de *Les croisades vues par les arabes*, 1983).

MARTHOZ, Jean-Paul (2018) [2017] *Terrorismo e a mídia - manual para jornalistas*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – França / Representação da UNESCO no Brasil. (trad. de *Terrorism and the media: a handbook for journalists*, 2017). Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265479

MBOUDJEKE, J. Guy (2004) Les images de la traduction : synthèse de quelques métaphores et comparaisons forgées pour décrire ou décrier la traduction. Suporte não indicado: 19-38. Disponível em https://ojs.library.dal.ca/initiales/article/viewFile/5152/4656

MESCHONNIC, Henri (1972) Propositions pour une poétique de la traduction. *Langages*, 28 : 49-54.

MOUNIN, Georges (1994) *Les Belles Infidèles*. Villeneuve d'Ascq : Presses Universitaires du Septentrion.

NASR, Helmi (2002) Tradução do Sagrado Livro o "Corão", Editado por Complexo do Rei Fahd para Imprimir o Alcorão Nobre, Al-Madinah Al-Munauarah, K.S.A. Disponível em http://www.islambr.com.br/wp-content/uploads/2019/03/alcorao_sagrado_helmi.pdf

NEWMARK, Peter (1976) The Theory and the Craft of Translation. *Language Teaching & Linguistics: Abstracts*, 9 (1), pp. 5-26.

NIDA, Eugène (1964) *Toward a Science of Translating, with Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: Brill. Disponível em https://books.google.pt/books?id=YskUAAAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=NIDA,+1964&hl=pt-PT&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=NIDA%2C%201964&f=false

QUṬB, Sayyid (1964) *Milestones*. Cedar Rapids, IA: Mother Mosque Foundation. Disponível em http://www.izharudeen.com/uploads/4/1/2/2/4122615/milestones_www.izharudeen.com.pdf

RAHMATILLAH, Kartini (2013) Translation errors in the process of translation. *Journal of English and Education,* 7 (1): 14-24. Disponível em https://journal.uii.ac.id › JEE › article › download

REASON, James (2013) *L'erreur humaine*. Paris: Presse des Mines. Collection économie et gestion (trad. de Jean-Michel Hoc de *Human Error*, 1990).

ROJO, Ana; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide (eds.) (2013) *Cognitive Linguistics and Translation. Advances in Some Theoretical Models and Applications*. Berlin: Mouton de Gruyter.

SANTANA, Vanete Dutra (2001) O tradutor como autor: transformação e sobre-vida do "original". Dissertação de Mestardo em Tradução, UNICAMP-Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269588/1/Santana_VaneteDutra_M.pdf

SANTOS LOPES, Margarida (2010) *Novo Dicionário do Islão*. Alfragide: Casa das Letras.

SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne (2014) [1984] *Interpréter pour traduire*. Paris: Les Belles Lettres. 5e édition revue et corrigée.

SILVA, Bento Santos (2003) Os argumentos de Boécio (ca. 480-524) pro e contra os universais no "Segundo Comentário à Isagoge de Porfírio". *Síntese, Revista de Filosofia*, 30 (97): 187-202.
Disponível em http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/496/919

SILVA, Wanessa Gonçalves (2007) "Por um projeto de tradução estrangeirizante: Dr. Faustus, uma tradução comentada e anotada". Dissertação de Mestrado. Disponível em

https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/90179/238715.pdf.txt;jsessionid=E36933BBBCED87BEE47053EEE00FC788?sequence=2

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves (2003) *A Tradução Retextualização: A Tradução numa Perspectiva Textual*. São Paulo: Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

TORRESAN, Jorge L. (2007) A manipulação do Discurso religioso. *Dialogia*, v. 6.: 95-105. Disponível em file:///F:/Users/Win7/Downloads/1109-3616-1-PB.pdf

TRICÁS PRECKLER, Mercedes (2004) De las representaciones mentales a la construcción del sentido en el acto traductor. *In* SUSO, Javier; LÓPEZ, Rodrigo (coords.) *Le français face aux défis actuels. Histoire, langue et culture*. Universidad de Granada- APFUE – GILEC, Vol I : 59-69.
Disponível em file:///F:/Users/Win7/Downloads/Dialnet-LeFrancaisFaceAuxDefisActuels-9372_2.pdf

TYMOCZKO, Maria (2010) [2007] *Enlarging Translation, Empowering Translators*. London. Routledge.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean (1995) *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company (trad. e ed. de J. Sager e M. J. Hamel de *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, 1958).

ANEXOS

ANEXO 1

Imagem retirada da Internet, do Portal da Agência France Presse, relativa à proibição das Autoridades de Segurança francesas de traduzir as comunicações da *OTD*.

12/04/2016 Islamic-News a été censuré pour l'analyse d'un discours publié - Politique - Numerama

TECH

Islamic-News a été censuré pour l'analyse d'un discours publié

Guillaume Champeau - 19 mars 2015

Recevez $50 Pour Votre Premier Trade.
Rejoignez UFX Et Profitez!

Le ministère de l'intérieur a expliqué les raisons du blocage d'Islamic-News, ordonné aux FAI sans le moindre contrôle judiciaire. Le site est accusé d'avoir commenté l'an dernier dans un article des extraits d'un discours du calife autoproclamé de l'Etat Islamique, et d'avoir permis à ses lecteurs de l'écouter.

Islamic News

L'essentiel de l'actualité dans le monde musul

On sait désormais pourquoi *Islamic-News.info*, qui se défend de toute apologie du terrorisme, a été bloqué sur ordre du ministère de l'intérieur, sans passer par une action judiciaire. Dans un article publié mercredi soir, Le Monde (qui lui-même constate que le site "*ne fait effectivement aucune apologie ouverte du terrorisme*") révèle que les services de l'Etat ont exigé des FAI qu'ils bloquent l'accès à l'ensemble du média couvrant l'actualité du monde islamique parce qu'il

Anexo 2

Imagem retirada do *site* de Notícias ao Minuto que relata a decisão da empresa farmacêutica *ISIS* em mudar o seu nome para *IONIS*

Empresa muda de nome por causa do Estado Islâmico

Decisão surgiu depois dos atentados terroristas em Paris no passado mês de novembro.

© DR

16:01 - 18/12/15 POR NOTÍCIAS AO MINUTO
(MAILTO:INFO@NOTICIASAOMINUTO.COM)
ECONOMIA ESTADOS UNIDOS (/MUNDO/TAG/ESTADOS-UNIDOS)

Fonte:https://www.noticiasaominuto.com/economia/506297/empresa-muda-de-nome-por-causa-do-estado-islamico

Chama-se Isis Pharmaceuticals, mas vai mudar de nome. De acordo com a Bloomberg, depois dos ataques do ISIS (sigla em inglês para Estado Islâmico do Iraque e da Síria) na capital francesa, a direção da empresa norte-americana decidiu alterar a sua designação e o seu símbolo.

PUB • CONTINUE A LEITURA A SEGUIR

Assim, irá passar a chamar-se Ionis Pharma, sendo que o símbolo da empresa na bolsa também mudará para Ions já no próximo dia 22 de dezembro.

A Isis Pharmaceuticals foi fundada em 1989. Agora, 26 anos depois, a biotecnológica norte-americana decide mudar o nome devido a um grupo terrorista organizada que tem causado milhares de mortos, em especial no Iraque e na Síria.

Anexo 3

Notícia da Rádio TSF sobre o recrutamento de tradutores de português e espanhol pela *OTD*

O grupo extremista Daesh lançou uma campanha na Internet para angariar pessoas que falem português ou espanhol para trabalharem como tradutores, **noticiou hoje o jornal espanhol El Mundo**.

"Queridos irmãos e irmãos, precisamos de irmãos e irmãs que falem português ou espanhol para nos ajudar no nosso projeto, se Alá quiser. Se falas uma destas línguas e queres juntar-te à nossa equipa de tradutores, por favor 'clica' aqui", lia-se na mensagem automática divulgada nas redes sociais -- principalmente o Twitter - desde junho.

Em maio, foram detetados dois novos canais informativos, um em português e outro em espanhol, criados pelo Daesh na rede Telegram, nos quais os seguidores do grupo radical podiam receber notícias atualizadas.

A Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) estava, em junho, a monitorizar um conjunto de pessoas, que comunicavam em português, no serviço de mensagens instantâneas Telegram.

O grupo usava a designação de "Nashir Português", numa referência à agência de notícias onde o EI publica os seus manifestos, a Nashir News Agency.

No mês passado, a polícia brasileira deteve dez pessoas por suspeitas de preparação de ataques durante os Jogos Olímpicos, que estariam ligadas ao grupo 'jihadista'.

Na véspera, Rita Katz, especialista norte-americana em contra terrorismo, avisou que extremistas islâmicos publicaram no Telegram recomendações de 17 técnicas para atentados terroristas durante os Jogos Olímpicos, que decorrem entre os dias 05 e 21 de agosto no Rio de Janeiro.

Na notícia, o jornal El Mundo refere que os serviços de inteligência espanhóis detetaram um forte aumento da atividade do Daesh em espanhol, nomeadamente com a divulgação de várias mensagens naquele idioma, o que está a ser entendido pelos especialistas como uma indicação de que Espanha continua na mira do grupo radical.

Anexo 4

Decisão da EU relativa à luta contra o terrorismo (2008)

Legislação disponível em: https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:32008F0919&from=EN

Jornal Oficial da União Europeia L 330/21

DECISÃO-QUADRO 2008/919/JAI DO CONSELHO

de 28 de Novembro de 2008

que altera a Decisão-Quadro 2002/475/JAI relativa à luta contra o terrorismo

«O CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA,

Tendo em conta o Tratado da União Europeia, nomeadamente o artigo 29.º, a alínea e) do n.º 1 do artigo 31.º e a alínea b) do n.º 2 do artigo 34.º,

Tendo em conta a proposta da Comissão,

Tendo em conta o parecer do Parlamento Europeu [(1)],

Considerando o seguinte:

(1) O terrorismo constitui uma das mais graves violações dos valores universais em que a União Europeia se funda: dignidade humana, liberdade, igualdade, solidariedade, respeito pelos direitos do Homem e pelas liberdades fundamentais. Representa também um dos ataques mais graves à democracia e ao Estado de Direito, princípios comuns aos Estados-Membros e nos quais a União Europeia assenta.

(2) A Decisão-Quadro 2002/475/JAI do Conselho, de 13 de Junho de 2002, relativa à luta contra o terrorismo [(2)] constitui a base da política antiterrorista da União Europeia. A obtenção de um quadro normativo comum a todos os Estados-Membros e, em especial, de uma definição harmonizada de infracção terrorista permitiram que a política antiterrorista da União Europeia se desenvolvesse e expandisse, no respeito dos direitos fundamentais e do Estado de Direito.

(3) A ameaça terrorista cresceu e evoluiu rapidamente nos últimos anos, os modos de actuação dos activistas e apoiantes do terrorismo mudaram, incluindo a substituição de grupos estruturados e hierarquizados por células semiautónomas com ligações ténues entre si. Estas células ligam redes internacionais e recorrem cada vez mais às novas tecnologias, em especial a internet.

(4) A internet é utilizada como fonte de inspiração e mobilização de redes terroristas locais e de indivíduos isolados na Europa, sendo igualmente fonte de informação acerca de meios e métodos terroristas, funcionando portanto como um «campo de treino virtual». As

actividades de incitamento público à prática de infracções terroristas, de recrutamento para o terrorismo e treino para o terrorismo multiplicaram-se, com custos e riscos muito baixos.

(5) O Programa da Haia sobre o reforço da liberdade, da segurança e da justiça na União Europeia, de 5 de Novembro de 2004, assinala que a eficiência da prevenção e do combate ao terrorismo, no pleno respeito dos direitos fundamentais, exige que os Estados-Membros não se limitem a assegurar a sua própria segurança, mas se concentrem igualmente na da União como um todo.

(6) O Plano de Acção do Conselho e da Comissão de aplicação do Programa da Haia sobre o reforço da liberdade, da segurança e da justiça na União Europeia [(3)] lembra que é necessária uma resposta global para combater o terrorismo, que as expectativas dos cidadãos relativamente à União não podem ser ignoradas e que a União não pode defraudar essas expectativas. Além disso, refere que a atenção se deve centrar nos diversos aspectos da prevenção, da preparação e da resposta, a fim de reforçar e, se necessário, complementar a capacidade dos Estados-Membros para combater o terrorismo, concentrando as actividades sobretudo no recrutamento, no financiamento, na avaliação dos riscos, na protecção de infra-estruturas críticas e na gestão das consequências.

(7) A presente decisão-quadro prevê a criminalização de infracções ligadas a actividades terroristas, de modo a contribuir para o objectivo mais genérico de prevenção do terrorismo através da redução da divulgação de material que possa incitar à prática de atentados terroristas.

(8) A Resolução 1624 (2005) do Conselho de Segurança das Nações Unidas insta os Estados a tomarem as medidas necessárias e adequadas e, de acordo com as suas obrigações decorrentes do direito internacional, a proibir, por lei, o incitamento à prática de actos terroristas e a prevenir tal conduta. Segundo a interpretação que consta do relatório do Secretário-Geral das Nações Unidas de 27 de Abril de 2006, com o título «Unidos contra o terrorismo: recomendações para uma estratégia antiterrorista global», a resolução atrás referida constitui a base para a criminalização do incitamento à prática de actos terroristas e ao recrutamento para esses fins, inclusive através da internet. A Estratégia Antiterrorista Global das Nações Unidas, de 8 de Setembro de 2006, refere que os Estados membros das Nações Unidas decidiram explorar formas e meios para coordenar esforços a nível internacional e regional a fim de lutar contra o terrorismo em todas as suas formas e manifestações na internet.

(9) A Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção do Terrorismo estabelece a obrigação de os Estados signatários criminalizarem o incitamento público à prática de infracções terroristas e o recrutamento e treino para o terrorismo, sempre que cometidos de forma ilegal e dolosa.

(10) A definição de infracção terrorista, incluindo as infracções relacionadas com actividades terroristas, deverá ser mais aproximada em todos os Estados-Membros, de forma a abranger o incitamento público à prática de infracções terroristas, o recrutamento para o terrorismo e o treino para o terrorismo, sempre que cometidos de forma dolosa.

(11) Deverão ser previstas sanções para pessoas singulares que tenham, de forma dolosa, incitado publicamente à prática de infracções terroristas ou procedido ao recrutamento para o terrorismo ou ao treino para o terrorismo e para pessoas colectivas que sejam responsáveis por tal incitamento, recrutamento ou treino. Estes comportamentos deverão ser punidos de forma idêntica em todos os Estados-Membros, mesmo que não sejam praticados através da internet.

(12) Atendendo a que os objectivos da presente decisão-quadro não podem ser suficientemente realizados unilateralmente pelos Estados-Membros e podem, pois, ser mais bem alcançados a nível da União, devido à necessidade de regras harmonizadas a nível europeu, a União pode tomar medidas em conformidade com o princípio da subsidiariedade consagrado no artigo 5.º do Tratado CE e referido no artigo 2.º do Tratado UE. Em conformidade com o princípio da proporcionalidade consagrado no artigo 5.º do Tratado CE, a presente decisão-quadro não excede o necessário para atingir tais objectivos.

(13) A União observa os princípios consagrados no n.º 2 do artigo 6.º do Tratado da União Europeia e retomados na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, nomeadamente nos capítulos II e VI. Nenhuma disposição da presente decisão-quadro pode ser interpretada como se destinando a reduzir ou restringir direitos ou liberdades fundamentais, como a liberdade de expressão, de reunião ou de associação, o direito ao respeito da vida privada e familiar, incluindo o direito ao respeito da confidencialidade da correspondência.

(14) O incitamento público à prática de infracções terroristas, o recrutamento para o terrorismo e o treino para o terrorismo são crimes dolosos. Deste modo, nenhuma disposição da presente decisão-quadro pode ser interpretada como se destinando a reduzir ou restringir a divulgação de informações com objectivos científicos, académicos ou de informação. A expressão de pontos de vista radicais, polémicos ou controversos em debates públicos acerca de questões políticas delicadas, incluindo o terrorismo, não é abrangida pela presente decisão-quadro, nomeadamente pela definição de incitamento público à prática de infracções terroristas.

(15) A transposição da criminalização ao abrigo da presente decisão-quadro deverá ser proporcional à natureza e às circunstâncias da infracção, no que respeita aos objectivos legítimos visados e à sua necessidade numa sociedade democrática, e deverá excluir qualquer forma de arbitrariedade ou de tratamento discriminatório,

APROVOU A PRESENTE DECISÃO-QUADRO: (…)»

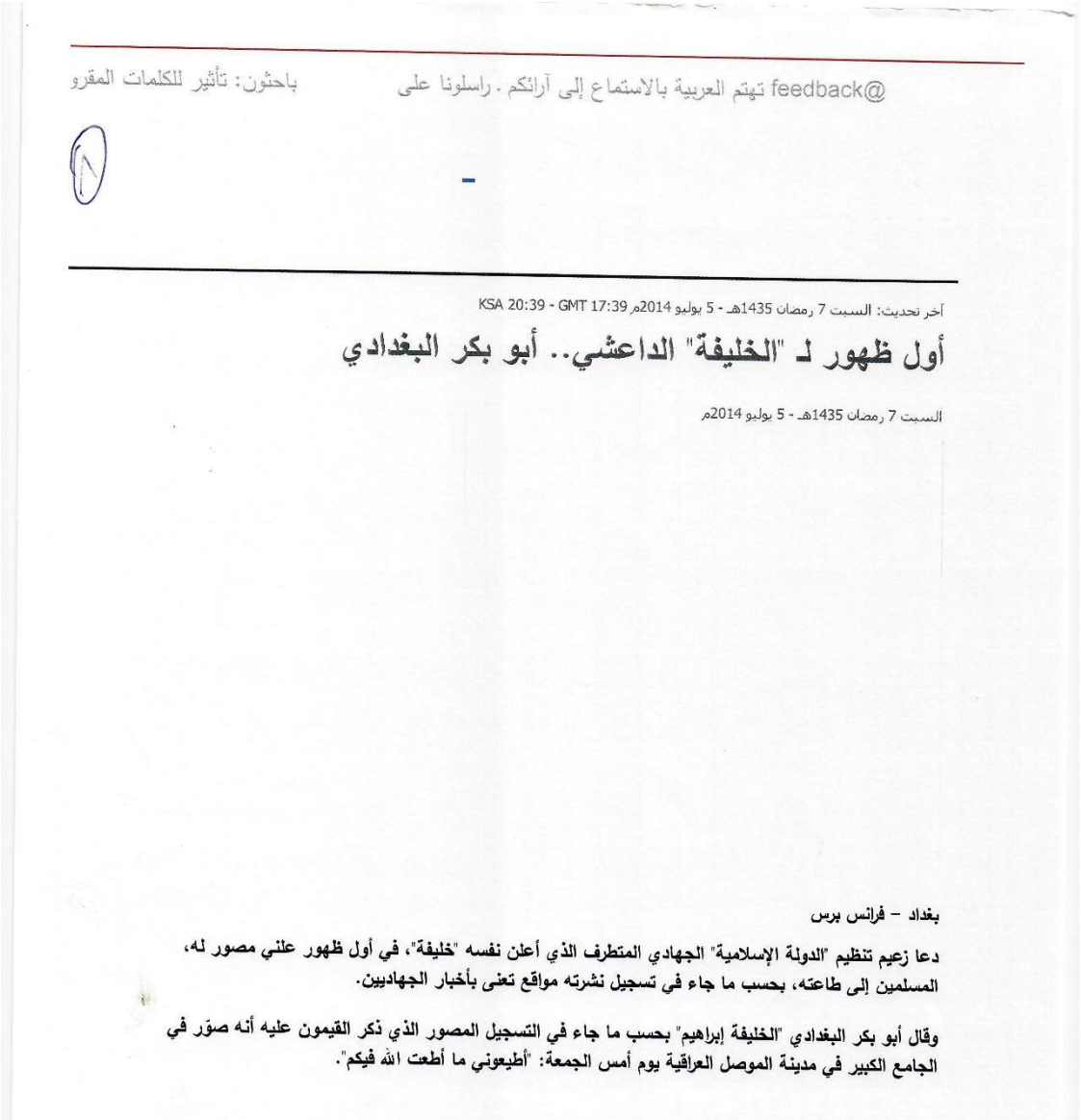
(1) Ainda não foi publicado no Jornal Oficial.

(2) JO L 164 de 22.6.2002, p. 3.

(3) JO C 198 de 12.8.2005, p. 1.

Anexo 5
Subcorpus em Árabe

Texto n.º 1



باحثون: تأثير للكلمات المقرو

feedback@ تهتم العربية بالاستماع إلى آرائكم . راسلونا على

-

آخر تحديث: السبت 7 رمضان 1435هـ - 5 يوليو 2014م GMT 17:39 - KSA 20:39

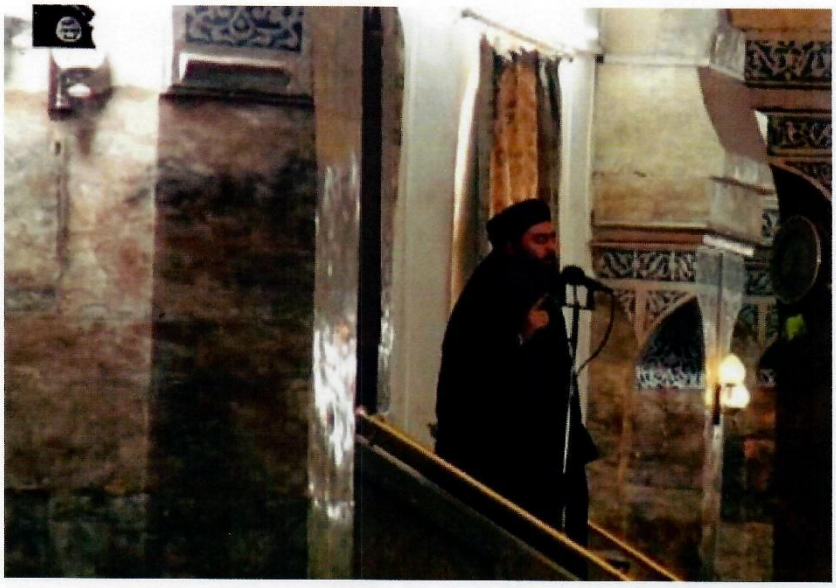
أول ظهور لـ "الخليفة" الداعشي.. أبو بكر البغدادي

السبت 7 رمضان 1435هـ - 5 يوليو 2014م

بغداد – فرانس برس

دعا زعيم تنظيم "الدولة الإسلامية" الجهادي المتطرف الذي أعلن نفسه "خليفة"، في أول ظهور علني مصور له، المسلمين إلى طاعته، بحسب ما جاء في تسجيل نشرته مواقع تعنى بأخبار الجهاديين.

وقال أبو بكر البغدادي "الخليفة إبراهيم" بحسب ما جاء في التسجيل المصور الذي ذكر القيمون عليه أنه صوّر في الجامع الكبير في مدينة الموصل العراقية يوم أمس الجمعة: "أطيعوني ما أطعت الله فيكم".



ويدا البغدادي مرتدياً ملابس وعمامة أثناء صعوده للمنبر، وظهرت على الشاشة عبارة "الخليفة إبراهيم أمير المؤمنين في الدولة الإسلامية".

وقال ان الله "أمرنا ان نقاتل اعداءه ونجاهد في سبيله لتحقيق ذلك واقامة الدين"، مضيفا "أيها الناس ان دين الله تبارك وتعالى لا يقام ولا تتحقق هذه الغاية التي من اجلها خلقنا الله الا بتحكيم شرع الله والتحاكم اليه واقامة الحدود ولا يكون ذلك الا بباس وسلطان".

وتابع البغدادي، الذي يتحدر من مدينة سامراء العراقية: "اخوانكم المجاهدين قد من الله عليهم بنصر وفتح ومكن لهم بعد سنين طويلة من الجهاد والصبر (...) لتحقيق غايتهم، فسارعوا الى اعلان الخلافة وتنصيب امام وهذا واجب على المسلمين قد ضيع لقرون".

وتابع: "لقد ابتليت بهذا الامر العظيم، لقد ابتليت بهذه الامانة، امانة ثقيلة، فوليت عليكم ولست بخيركم ولا افضل منكم، فان رايتموني على حق فاعينوني، وان رايتموني على باطل فانصحوني وسددوني، واطيعوني ما اطعت الله فيكم".

feedback@ تهتم العربية بالاستماع إلى آرائكم . راسلونا على

وفي مقطع الفيديو، بدت صورة البغدادي واضحة أثناء الخطبة والصلاة، ولكن صورة الواقفين في الصف الأول بالصلاة تم تعتيمها. والمرجح أن يكون هؤلاء من كبار قادة التنظيم.

كلمات دالّة

#البغدادي, #داعش, #الموصل, #الخلافة

© جميع الحقوق محفوظة لقناة العربية 2017

Texto n.º 2

"الخليفة البغدادي" زعيم "الدولة الإسلامية" يدعو المسلمين للهجرة إلى دولته

© صورتان لأبو بكر البغدادي/أ ف ب

آخر تحديث : 02/07/2014

بعد أن أعلن تنظيم الدولة الإسلامية في العراق والشام "داعش" قيام "الخلافة" الإسلامية وتنصيب أبو بكر البغدادي "خليفة للمسلمين"، دعا البغدادي في أول رسالة صوتية له بثت على مواقع جهادية المسلمين للهجرة إلى دولته، وتعهد بحماية المسلمين في أماكن أخرى.

دعا زعيم تنظيم **"الدولة الإسلامية"** الجهادي المتطرف أبو بكر البغدادي الذي نصب نفسه "خليفة للمسلمين" بعيد إعلان تنظيمه **"قيام الخلافة الإسلامية"**، المسلمين في كلمة صوتية جديدة للهجرة إلى دولته، وتعهد بحماية المسلمين في أماكن أخرى.

وقال البغدادي في أول رسالة صوتية له بثت على مواقع جهادية منذ إعلان تنظيمه الذي يسيطر على مناطق واسعة من سوريا والعراق "قيام الخلافة الإسلامية" الأحد، "يا أيها المسلمون في كل مكان من استطاع الهجرة إلى الدولة الإسلامية فليهاجر فإن الهجرة إلى دار الإسلام واجبة".

وأضاف "نحن نخص بندائنا طلبة العلم والفقهاء والدعاة وعلى رأسهم القضاة وأصحاب الكفاءات العسكرية والإدارية والخدمية والأطباء والمهندسين في كافة الاختصاصات والمجالات (...) فان النفير عليهم واجب لحاجة المسلمين الماسة إليهم".

وقال "يا جنود الدولة الإسلامية فإن إخوانكم في كل بقاع الأرض ينتظرون نجدتكم وينتظرون طلائعكم ويكفيكم ما وصلكم من مشاهد في أفريقيا الوسطى ومن قبلها في بورما (...) فوالله لنثأرن ولو بعد حين لنثأرن".

وتابع "إن لكم في شتى بقاع الأرض إخوانا يسامون سوء العذاب، أعراضا تنتهك ودماء تراق (...) فالهمة الهمة".

وأعلن تنظيم "الدولة الإسلامية في العراق والشام" الأحد "قيام الخلافة الإسلامية" وبايع زعيمه "خليفة للمسلمين".

وقال المتحدث باسم "الدولة الإسلامية" أبو محمد العدناني في تسجيل صوتي انه تقرر "إعلان قيام الخلافة الإسلامية وتنصيب خليفة دولة المسلمين ومبايعة الشيخ المجاهد أبو بكر البغدادي، فقبل البيعة وصار بذلك إماما وخليفة للمسلمين في كل مكان".

وأضاف "ننبه المسلمين انه بإعلان الخلافة صار واجبا على جميع المسلمين مبايعة ونصرة الخليفة إبراهيم (البغدادي) حفظه الله وتبطل شرعية جميع الإمارات والجماعات والولايات والتنظيمات التي يتمدد إليها سلطانه ويصل إليها جنده".

ويسيطر تنظيم "الدولة الإسلامية" على مناطق واسعة في شمال وشرق سوريا، وتمكن من توسيع انتشارها خلال الأسابيع القليلة الماضية إلى مناطق كبيرة في شمال وغرب وشرق العراق.

وكانت **"الدولة الإسلامية في العراق والشام"** أعلنت يوم الأحد الماضي "قيام الخلافة الإسلامية" وبايعت زعيمها **أبو بكر البغدادي** "خليفة للمسلمين في كل مكان".

وقال المتحدث باسم "الدولة الإسلامية" أبو محمد العدناني في تسجيل إن الدولة الإسلامية "ممثلة بأهل الحل والعقد فيها من الأعيان والقادة والأمراء ومجلس الشورى قررت إعلان قيام الخلافة الإسلامية وتنصيب خليفة دولة المسلمين ومبايعة الشيخ المجاهد أبو بكر البغدادي، فقبل البيعة وصار بذلك إماما وخليفة للمسلمين في كل مكان".

فرانس 24 / أ ف ب

نشرت في : 02/07/2014

Texto n.º 3

feedback@alarabiya.net 5/6 معامل التصحيح 27500 الترميز . أفقي 11823/ -

الأمم المتحدة: المدنيون المحاصرون في المدينة القديمة في #الموصل عرضة لأسوأ ؛

آخر تحديث: الأحد 10 ذو الحجة 1435هـ - 5 أكتوبر 2014م 09:40 GMT - 12:40 KSA

داعش يعدم الرهينة البريطاني آلن هننغ.. ولندن تتوعد

السبت 9 ذو الحجة 1435هـ - 4 أكتوبر 2014م

العربية.نت

تبنى تنظيم (داعش) في شريط فيديو إعدام الرهينة البريطاني آلن هننغ، حسب ما أورده موقع "سايت" الأميركي، الذي يهتم بشؤون الجماعات الإرهابية.

وأكد رئيس الوزراء البريطاني ديفيد كاميرون صحة شريط الفيديو الذي يظهر إعدام متطرفين للرهينة البريطاني.

كاميرون: قتل وحشي

وقال كاميرون "يظهر القتل الوحشي لآلن هننغ على يد داعش إلى أي مدى يتسم هؤلاء الإرهابيون بالوحشية والقبح."

وأضاف كاميرون: "عواطفي وصلواتي الليلة مع زوجة آلن باريرة وأطفالهما وكل من أحبوه"، وقال كاميرون بعد بث الفيديو الذي يعرض ذبح هننغ "ذهب آلن إلى سوريا للمساعدة في توصيل مساعدات إلى أناس من كل المذاهب في وقت الحاجة. وسنفعل كل ما في وسعنا لملاحقة هؤلاء القتلة وتقديمهم للعدالة."

وقال هولاند في بيان نشره الإليزيه ليل الجمعة-السبت إن "هذه الجريمة، كما سابقاتها، لن تبقى من دون عقاب".

صرخة في واد

وكانت زوجة عامل الإغاثة البريطاني آلن هننغ الذي يحتجزه "داعش" قالت قبل أيام إنها تلقت رسالة صوتية من زوجها.

وقالت باريرا هننغ في بيان أصدرته من خلال وزارة الخارجية البريطانية: "تلقيت رسالة مناشدة صوتية من آلان من أجل الإبقاء على حياته".

وقالت "لا ندري لماذا يتجاهل قادة (داعش) الظروف المحيطة بسجن آلن ولماذا يستمر التهديد لحياته"، مضيفة أن محكمة إسلامية برأت زوجها من تهمة التجسس.

كلمات دالّة

#داعش, #آلن هيننغ, #رهينة, #إعدام, #العراق, #سوريا, #لندن, #أوباما

© جميع الحقوق محفوظة لقناة العربية 2017

Texto n.º 4

داعش تعلن قيام "الدولة الإسلامية" وتبايع أبو بكر البغدادي خليفة للمسلمين

© أ ف ب - صورة ملتقط عن يوتيوب

آخر تحديث : 30/06/2014

أعلنت الدولة الإسلامية في العراق والشام (داعش) اليوم الأحد قيام "الخلافة" الإسلامية ومبايعة أبو بكر البغدادي "خليفة للمسلمين في كل مكان" وقال الناطق باسم التنظيم أنه تم إلغاء اسم العراق والشام من مسمى الدولة وتبديلها بتسمية "الدولة الإسلامية"

أعلنت **"الدولة الإسلامية في العراق والشام"** اليوم الأحد "قيام الخلافة الإسلامية" وبايعت زعيمها **أبو بكر البغدادي** "خليفة للمسلمين في كل مكان".

وقال المتحدث باسم "الدولة الإسلامية" أبو محمد العدناني في تسجيل إن الدولة الإسلامية "ممثلة بأهل الحل والعقد فيها من الأعيان والقادة والأمراء ومجلس الشورى قررت إعلان قيام الخلافة الإسلامية وتنصيب خليفة دولة المسلمين ومبايعة الشيخ المجاهد أبو بكر البغدادي، فقبل البيعة وصار بذلك إماما وخليفة للمسلمين في كل مكان".

وأضاف المتحدث "وعليه يلغى اسم العراق والشام من مسمى الدولة من التداولات والمعاملات الرسمية ويقتصر على اسم الدولة الإسلامية ابتداء من هذا البيان".

وتابع "ها هي راية الدولة الإسلامية، راية التوحيد عالية خفاقة مرفرفة تضرب بظلالها من حلب إلى ديالا وباتت أسوار الطواغيت مهدمة ورياتهم مكسرة (...) والمسلمون أعزة والكفار أذلة وأهل السنة سادة مكرمون وأهل البدعة خاسرة (...) وقد كسرت الصلبان وهدمت القبور، وقد عين الولاة وكلف القضاة، وأقيمت المحاكم، ولم يبق إلا أمر واحد، حلم يعيش في أعماق كل مسلم، أمل يرفرف له كل مجاهد (...) ألا وهو الخلافة".

وتسيطر الدولة الإسلامية في العراق والشام على مناطق واسعة في شمال وشرق سوريا، وتمكنت من توسيع انتشارها خلال الأسابيع القليلة الماضية إلى مناطق كبيرة في شمال وغرب العراق.

وكان تم الأربعاء الماضي مبايعة فصيل جبهة النصرة "القاعدة في بلاد الشام" لتنظيم "الدولة الإسلامية في العراق والشام" وذلك في مدينة البوكمال الواقعة على الحدود السورية-العراقية.

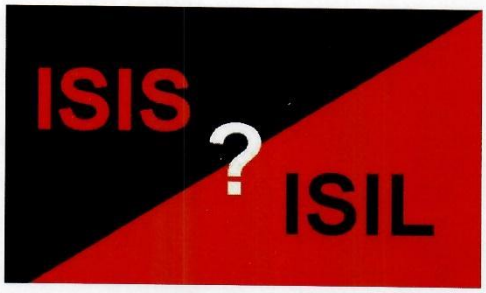
فرانس 24 / أ ف ب

نشرت في : 29/06/2014

Texto n.º 5

حرب المصطلحات في الغرب حول داعش وما يسمى الدولة الإسلامية

التفاصيل نشر بتاريخ الأربعاء, 22 تشرين1/أكتوبر 2014 08:36 كتب بواسطة: إسلام مغربي



كانت فرنسا أول الدول الأوروبية التي أبدت رغبتها الشديدة في دعم التحالف الدولي القائم على محاربة تنظيم "داعش" في الشرق الأوسط، وليس هذا وحسب، بل كانت الدولة الأوروبية الأولى التي قررت أن تعتمد في كل مراسلاتها الرسمية وخطاباتها الإعلامية وغيرها، مصطلح "داعش" للدلالة على تنظيم "الدولة الإسلامية في العراق والشام" الذي أعلن قيام "خلافته" زعيمها أبو بكر البغدادي في رمضان الماضي بالموصل.

صدر الموقف الفرنسي عن وزير خارجيتها لوران فابيوس منتصف الشهر الماضي أثناء كلمة ألقاها أمام الجمعية العامة الفرنسية بقوله: "هذه المجموعة الإرهابية ليست دولاً بتاتا، أطلب منكم عدم استخدام مصطلح "دولة إسلامية"، لأن هذا يُسبب خلطاً بين الإسلام والإسلاميين والمسلمين، هذا التنظيم الذي يُطلق عليه العرب اسم داعش، أحب أن أدعوهم أنا بسفاحي داعش". قبل أن يعتمد الأمر رسمياً في جميع البلاغات الصادرة.

ولم يُتفق منذ ذلك التاريخ الرسمي للإعلان الفرنسي وقبله بسنوات منذ إعلان التنظيم قيامه في سوريا والعراق تحت مسمى "الدولة الإسلامية في العراق والشام"، كذراع لتنظيم القاعدة في الشام عام 2004 وبعده، بعد إعلانه الانفصال في 2006، عن حقيقة مصطلح التسمية بتنظيم الدولة الإسلامية الذي يطرح معه مفاهيم قد توحي أحياناً بارتباط أفعال التنظيم بالمفهوم الحقيقي للدين الإسلامي، وهو ما اعترض عليه الكثيرون ممن اعتبروا الأمر ظلماً للإسلام، وهو براء منه، خصوصاً عندما يتم نشر واعتماد المصطلح إعلامياً بطرق قد يكون لها التأثير القوي على الوعي العام.

فالظهور القوي للمليشيات الجهادية المنتمية إلى التنظيم، والذي يقوده الزعيم البغدادي، منذ 2010، والتي استفادت في قوتها من الصراع المشتعل في سوريا، حصلت لها على اسم "الدولة الإسلامية" في إشارة إلى استرجاع الخلافة الإسلامية التي كان سقوطها من يد العثمانيين في 1924، معوضة مصطلح "تنظيم الدولة الإسلامية في العراق والشام"، والتي استلهم منه مصطلح داعش كاختصار، راق كثيرين ولم يعجب أصحاب التنظيم لحد جعلوا قائله كافراً بالله وبرسالتهم لتحقيره مهمة التنظيم، وهو المصطلح الذي كان قد استعمل إعلامياً بشكل رسمي لأول مرة عبر قناة العربية السعودية، كما يوضح ذلك الصحفي الفرنسي "آرمين آريف" في مقال له بعنوان "داعش - الدولة الإسلامية، بداية حرب الألقاب"، نشرته المجلة الفرنسية "لوبوان" (Le Point).

كان استعمال اسم داعش ولازال، حسب ما يشرح أيضاً الإعلامي بقناة فرانس 24 وسيم نصر، المتخصص في الشؤون الجهادية، ذات معان كبيرة، حيث إن استعماله والذي لا يحمل في ظاهره أية إشارة لمعنى "دولة" أو "إسلامية" كما أن لها دلالات سلبية"، وأيضاً لأنه يحمل تقارباً من المسميات التي أبدعها رواد "النت" العرب كـ"داعس" الذي يعني صاحب القدم الكبيرة الذي يهدم كل شيء، أو "داحس" الذي يعني في اللغة العربية إدخال اليد بين لحم وجلد الذبيحة لتفريقهما، وفي إشارة أيضاً إلى حرب "داحس والغبراء" التي تعتبر أعنف الحروب وأطولها في تاريخ الجاهلية قبل الإسلام بين القبائل العربية.

مصطلح داعش، والذي كان منذ إطلاقه في البداية مجرد اختصار لمسمى "الدولة الإسلامية في العراق والشام"، كان ولا زال يغضب المنتمين للتنظيم الجهادي حتى قبل أن يعرف لدى الأوساط الغربية، والتي كانت بدورها تستخدم اختصارات من قبيل " EIIL" عند الدول الفرنكوفونية أو اختصار " ISIS" أو "ISIL" عند الدول الأنجلو ساكسونية، حيث كانت

ويخلص كاتب المقال إلى أنه ومنذ أن قررت الولايات المتحدة الأمريكية ضرب معاقل تنظيم البغدادي، معتبرة أن التنظيم لا يمثل الإسلام ولا يمثل دولة، ولا حتى قبل ذلك عندما اقترح المستشار الأمريكي جون كيري تسمية التنظيم "عدو الإسلام"، حتى تناسلت التنازلات عن مصطلح "الدولة الإسلامية" لصالح مصطلح "داعش" الذي بدا أكثر قربا من اهتمامات جميع الجهات بما فيها العديد من الجهات الإسلامية، إلا من تلك القليلة التي بقيت متشبثة بالمصطلح الأول لأسبابها الخاصة.

وينقل آريف عن مديرة الأخبار في " وكالة فرانس بريس" "ميشيل ليريدون"، قولها : "نحن لا نستعمل مصطلح "الدولة الإسلامية" ببساطة، لأنه لا حدود لهذه الدولة ولا كيان لها ، ولأن الإسلام ليس هو هذه الجماعة"، مشيراً بقوله: ونحن في صحيفتي هذه التي أكتب فيها "لوبوان"، ما زلنا نستخدم مصطلح "تنظيم الدولة الإسلامية"، رغم أنه لا يجوز تسمية دولة بالتنظيم، هذا إن وجدت دولة أصلاً، لذا، فالواجب أن نتحلى بشيء من المسؤولية، فنحن من نصنع المصطلحات وليست المصطلحات هي التي تتحكم فينا".

المهدي حميش

Joomla SEO by AceSEF

Texto n.º 6

المصريون
صحيفة يومية مستقلة

(/)

فيديو.. «البغدادي» يعلن التمدد إلى السعودية ومصر واليمن وليبيا والجزائر

فيديو.. «البغدادي» يعلن التمدد إلى السعودية ومصر واليمن وليبيا والجزائر

فيديو. «البغد يعلن

13 نوفمبر 2014 - 05:21 م

في أول تسجيل صوتي منسوب له عقب تردد أنباء عن مقتله في غارة أمريكية بالعراق، أعلن زعيم تنظيم "داعش"، أبو بكر البغدادي، تمدد ما يسميه بـ"الدولة الإسلامية" إلى "بلاد الحرمين واليمن وإلى مصر وليبيا والجزائر"، لافتا إلى "قبول بيعة من بايع التنظيم في تلك البلدان".

وفي التسجيل الذي حمل عنوان "ولو كره الكافرون" وبثه أحد المواقع المحسوبة على التيار "السلفي الجهادي"، مساء اليوم، قال البغدادي: "نبشركم بإعلان تمدد الدولة الإسلامية إلى بلدان جديدة، إلى بلاد الحرمين (السعودية) واليمن وإلى مصر وليبيا والجزائر، ونعلن قبول بيعة من بايعنا من إخواننا في تلك البلدان، وإلغاء اسم الجماعات فيها، وإعلان ولايات جديدة للدولة الإسلامية وتعيين ولاة عليها، وكما نعلن قبول بيعة من بايعنا من الجماعات والأفراد في جميع تلك الولايات المذكورة وغيرها، ونطلب من كل فرد اللحاق بأقرب ولاية إليه، وعليه السمع والطاعة لواليها المكلف من قبلنا".

وتوعد البغدادي في التسجيل الصوتي، الذي بلغت مدته 17 دقيقة باستمرار "زحف المجاهدين حتى يصل روما".

ورأى أن "الحملة العسكرية الصليبية التي تقودها واشنطن ضد "داعش" ستفشل"، داعيا مؤيديه إلى "تفجير براكين الجهاد في كل مكان" مهما كان عدد المجاهدين.

وخاطب الأمة الإسلامية، قائلاً: "اطمئنوا ولا تصدقوا إعلامهم الكاذب وادعاءاتهم بقتلهم العشرات من المجاهدين كل يوم .. اطمئنوا أيها المسلمون فإن دولتكم بخير ولن يتوقف زحفها وسوف تمتد لو كره الكافرون".

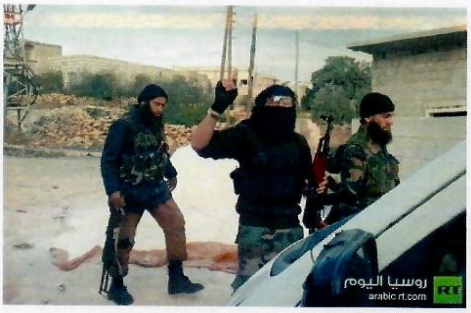
وكانت أنباء قد ترددت عن إصابة البغدادي بجروح، خلال غارة شنتها طائرات التحالف الدولي في الثامن من الشهر الجاري على إحدى مناطق محافظة الأنبار، غربي العراق.

Texto n.º 7

رويترز: المقاتلون الأجانب يسعون لإقامة دولة إسلامية في سورية شاء من شاء

09:23 2013-01-12 سورية أمن الشرق الأوسط PM

يقول مقاتلون إسلاميون أجانب تجمعوا حول نار في مبنى تعرض للقصف في حلب إنهم يقاتلون من أجل إقامة دولة إسلامية في سوريا سواء رضي المقاتلون المعارضون السوريون بذلك أم أبوا.



يقول مقاتلون إسلاميون أجانب تجمعوا حول نار في مبنى تعرض للقصف في حلب إنهم يقاتلون من أجل إقامة دولة إسلامية في سوريا سواء رضي المقاتلون المعارضون السوريون الذين يسعون للاطاحة بالرئيس بشار الأسد بذلك أم أبوا.

ومن بين رفاقهم الثوار والمدنيين حاز هؤلاء المقاتلون الأجانب الاحترام لانضباطهم الشديد واثاروا في الوقت نفسه مخاوف من أنهم قد ينقلبون على حلفائهم السابقين إذا سقط الأسد لمواصلة كفاحهم من أجل إقامة خلافة إسلامية.

وأبدى مقاتل تركي في حي كرم الجبل المدمر في حلب عزما لا يلين على إقامة دولة تحكمها الشريعة الإسلامية مما يثير قلق كثير من السوريين والغرب بل وداعمين في المنطقة للمعارضة المسلحة للأسد.

وقال المقاتل الذي عرف نفسه باسم خطاب "سوريا ستكون إسلامية ودولة قائمة على الشريعة ولن نقبل غير ذلك. الديمقراطية والعلمانية مرفوضتان كليا."

وحذر خطاب الذي هذب لحيته الكثة وكان يحمل بندقية كلاشنيكوف على كتفه كل من يحاول الوقوف في سبيل ذلك. وقال خطاب الذي ترك عمله كسائق ليقاتل لمدة عامين في أفغانستان "قبل أن يسافر إلى سوريا قبل نحو ستة اشهر "سنقاتلهم حتى لو كانوا ضمن الثوار أو غيرهم.

وخطاب عضو في وحدة تابعة لجماعة جند الله ولا يجيد العربية حيث تحدث داخل المبنى الذي تناثر فيه الركام من خلال مترجم سوري ورفض تصويره خشية التعرف

والحكومة التركية نفسها ذات جذور إسلامية لكنها تعارض بشدة الفكر الأصولي الذي يتبناه خطاب والمتشددون الذين يقاتلون إلى جانب جماعات المعارضة ضد الأسد في الصراع الذي أودى بحياة ما لا يقل عن 60 ألف شخص.

وأدرجت الولايات المتحدة جماعة جبهة النصرة في سوريا التابعة للقاعدة على قائمة المنظمات الارهابية في ديسمبر كانون الأول بعدما أعلنت مسؤوليتها عن تفجيرات في دمشق وحلب.

غير أن كثيرا من المعارضين المسلحين والسكان في حلب يقولون إن المخاوف بشأن الجهاديين مبالغ فيها. ويقولون إن الغرب يستغل ذلك لتبرير عدم إرساله أسلحة يحتاجها المعارضون المسلحون بشدة وهو ما يطيل سيطرة الأسد على السلطة.

وفي حلب أكبر مدن سوريا يبدو نفوذ الإسلاميين الأصوليين واضحا. ويتنقل كثير من المعارضين في شوارع المدينة المدمرة في سيارات تعلوها أعلام الإسلاميين السوداء التي تحمل شعارات دينية.

وتختلف الروايات بشأن مدى التنسيق بين الجماعات الأصولية ووحدات الجيش السوري الحر جماعة المعارضة المسلحة الرئيسية. ويشيد كثير من المعارضين بمهارات الجهاديين التي اكتسبوها في أفغانستان أو العراق ويقولون بأنهم من اشجع المقاتلين رغم ميلهم إلى العزلة. لكن بعضهم مجندون جدد في الجهاد في سوريا التي يسمونها بالشام.

ومن بين هؤلاء أبو الحارث (27 عاما) وهو شاب ممتلئ الجسم من أذربيجان تحدث في قاعدة للمعارضة المسلحة في حي كرم الجبل الذي يبدو من حجم الدمار الذي تعرض له كما لو أن زلزالا ضربه، وقال ابو الحارث الذي كان يرتدي قناعا ويضع شارة سوداء عليها شعار إسلامي مخيطة على ملابسه العسكرية الخضراء "هذه أول مرة أشارك فيها في الجهاد لأنه لا يوجد من هو أسوأ من بشار. حتى ستالين كان رحيما بالمقارنة معه".

وعلى الرغم من ذلك هناك مخاوف من رؤية هؤلاء المقاتلين الأجانب - الذين يصعب تقدير عددهم - لفترة ما بعد الأسد. ويمكن أن يؤدي رفضهم لدولة ديمقراطية في المستقبل الى تأجيج الخلاف مع كثير من السوريين الذين يقاتلون الرئيس الأسد.

وقال ابو معاوية (25 عاما) وهو مقاتل نحيل الجسم ذكر أنه من ريف حلب وقام بالترجمة للأجانب "كل هذا الكلام عن الحرية والديمقراطية والدولة العلمانية ودولة الحريات المطلقة مثل أمريكا والنظام الأوروبي .. الإسلاميون لا يأبهون بهذا الحديث مطلقا".

واضاف "توجد بعض الفصائل المقاتلة مثل الجيش السوري الحر على صلة بدول أخرى مثل تركيا والسعودية وقطر وهذه الدول على صلة بالقطب المسيطر .. الولايات المتحدة. "أمريكا ضد كل ما هو إسلامي. هذا واضح للجميع".

لكن ليس كل المقاتلين الأجانب يتبنون رؤية متطرفة ويلقون ترحيبا حارا من المقاتلين السوريين. وقال ابو أحمد الليبي الذي قاتل للاطاحة بمعمر القذافي في 2011 إنه جاء إلى سوريا مع مجموعة من 15 ليبيا قبل نحو ثمانية اشهر.

وصافح الليبي وهو رجل قوي البنية على علاقة طيبة للغاية مع المقاتلين السوريين في وحدته مراسلة صحفية وهو أمر نادر حتى بين الجماعات الإسلامية الرئيسية في سوريا. وقال إنه درب 40 سوريا في ليبيا قبل أن يأتي بهم وقدر عدد المقاتلين الليبيين في سوريا بنحو 200 مقاتل.

وفي حين اعترفت واشنطن بالائتلاف الوطني السوري المعارض باعتباره الممثل الشرعي الوحيد لسوريا فقد أغضب إدراجها جبهة النصرة على قائمة الارهاب كثيرا من زعماء المعارضة المسلحة. ويقول هؤلاء إن الجماعة تقاتل نفس العدو الذي يقاتلونه سواء كانت تتبنى فكرا متشددا أم لا.

ويعرف عن جبهة النصرة الانضباط الشديد ومن الصعب العثور على كثيرين ينتقدونها. وقال أبو عبده وهو مقاتل على إحدى الجبهات الكثيرة في حلب إنه سعى للانضمام إلى الجماعة لكنه رفض لكونه مدخنا.

ودافع العقيد عبد الجبار العقيدي قائد المجلس العسكري في محافظة حلب عن جبهة النصرة. وقال لرويترز في حديث في الأونة الخيرة "ربما نختلف معهم بشأن فكرهم" لكنه رفض تصنيف واشنطن لها كمنظمة إرهابية، وقال "انهم اشداء وأوفياء ... وفي النهاية يقاتلون النظام معنا. ونحن لم نشاهد منهم تطرفا .. لم يفعلوا اي شيء يثبت أنهم إرهابيون"، واضاف "كل من يقاتل النظام هو مجاهد وثائر ونقبل جبينه" وقال إن عددهم في حلب لا يتجاوز 500 فرد.

وعلى النقيض تراجع التأييد للجيش السوري الحر بين بعض السوريين في حلب بسبب بعض عمليات النهب.

وقال أبو أحمد الذي يقود وحدة في حلب تابعة لكتيبة التوحيد وهي جماعة كبيرة "أنظف وحدة على الأرض والتي لا يوجد أي فساد بين صفوفها هي جبهة النصرة. تتمتع الجماعة الآن بقاعدة شعبية. ربما كان فكرها بعيدا عن أيديولوجية الناس لكنهم بدأوا يحبون الجبهة لأنها عادلة. "الخوف الشائع بشأن جبهة النصرة يرجع إلى الترهيب الإعلامي. فكري مختلف عنهم لكن ينبغي أن اقول ما رأيته منهم."

لكن المخاوف من نشوب صراع داخلي ما زالت قائمة. وقتل قائد في كتائب الفاروق وهي إحدى أكبر جماعات المعارضة المسلحة في سوريا رميا بالرصاص يوم الأربعاء فيما قالت مصادر بالمعارضة إنه ربما كان انتقاما لمقتل زعيم في جبهة النصرة.

ويتوقع بعض المعارضين المسلحين مستقبلا أشد قتامة. وقال مقاتل يبلغ من العمر 24 عاما يعمل تحت اسم صقر ادلب "نخشى أن يحاولوا بعد سقوط النظام فرض رؤاهم على الشعب السوري. هدفهم هو أن تصبح سوريا دولة إسلامية والجيش السوري الحر يعارض ذلك"، ونفث المقاتل دخان سيجارته وهو يشير وسط جزء مدمر في حي السكري في حلب وقال "نخشى أن تثير جبهة النصرة وجماعات أخرى مثلها مشكلات بعد سقوط النظام".

وعلى النقيض من ذلك قال ابو أحمد إنه لا يخشى اندلاع صراع في المستقبل. وايدته زوجته التي تغطي رأسها دون وجهها قائلة "فكر جبهة النصرة فكر إسلامي وفي النهاية كلنا مسلمون".

وقال عدنان أبو رعد بينما كان يتابع حفاري قبور يجرفون التراب في بلدة اعزاز قرب الحدود التركية إنه في حين أن السنة يقودون الانتفاضة السورية فليس هناك ما يدعو للقلق بين الاقليات المسيحية والعلويين الشيعة، واضاف "أي صبي أو طفل أو امرأة سيقولون ان كل ما نريده دولة إسلامية. ولا يوجد فرق بين السنة أو المسيحيين أو العلويين. فقط السلام والامن للجميع."

Texto n.º 8

8

الوسط Alwasat
يومية سياسية مستقلة

العدد: 4357 | الثلثاء 12 أغسطس 2014م الموافق 16 شوال 1435هـ

مفتي مصر: تنظيم "داعش" خطر على الإسلام

نقلت وكالة أنباء الشرق الأوسط عن مفتي مصر شوقي علام قوله لوفد لبناني زائر اليوم الثلثاء (12 أغسطس/ آب 2014) إن تنظيم الدولة الإسلامية (داعش) خطر على الإسلام كما وصفه بأنه "كيان إرهابي".

وقال علام للوفد الذي يرأسه رئيس الوزراء السابق فؤاد السنيورة "من الخطأ الفادح أن نطلق على كيان إرهابي مثل داعش (تنظيم الدولة الإسلامية) وصف الدولة الإسلامية لأنها خالفت كافة القيم الإسلامية ومقاصد الشريعة العظمى."

وكان التنظيم أعلن قيام الخلافة الإسلامية كما أعلن قائده أبو بكر البغدادي أنه خليفة المسلمين.

ويمثل التنظيم تحديا قويا لسلطة الدولة في العراق وسوريا بعد أن استولى على مساحات واسعة من الأراضي فيهما. ويخشى مسؤولون في دول عربية أخرى -بينها مصر والسعودية- من أن يظهر نشاط للتنظيم المتشدد في أراضيها.

وقال علام "مثل هذه الجماعة المتطرفة تمثل خطرا على الإسلام والمسلمين وتشوه صورته (الإسلام) كما أنها تسفك الدماء وتعيث في الأرض الفساد مما يضعف الأوطان ويعطي الفرصة للمتربصين بنا لتدميرنا والتدخل في شؤوننا بدعوى الحرب على الإرهاب."

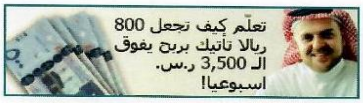
وربما يشير علام إلى هجمات جوية أمريكية خلال الأيام الماضية على قوات التنظيم في شمال العراق بعد اقترابها من أربيل عاصمة إقليم كردستان شبه المستقل وبعد أن دفعت ألوفا من الطائفة اليزيدية إلى اللجوء إلى جبل سنجار خشية تعرضهم للقتل إن لم يعتنقوا الإسلام.

المصدر: صحيفة الوسط البحرينية

تم حفظ الصفحة من الرابط: http://www.alwasatnews.com/news/911345.html

Texto n.º 9

العربية
Al Arabiya



آخر تحديث: الأحد 06 رجب 1433هـ - 27 مايو 2012م 14:28 GMT - KSA 17:28

الطوارق يقيمون دولة إسلامية في شمال مالي

تحالف مفاجئ بين حركة تحرير أزواد "العلمانية" وحركة أنصار الدين "السلفية"

الأحد 06 رجب 1433هـ - 27 مايو 2012م

Tweet J'aime 0 G+1 0 Pin it

العربية نت

أعلن المتمردون الطوارق وجماعة أنصار الدين الإسلامية الذين يسيطرون على شمال مالي منذ حوالى شهرين، اندماجهما وإقامة "دولة اسلامية" في المنطقة. بينما أعلنت الحكومة المالية رفضها التام" لإقامة هذه "الدولة الاسلامية"، كما صرح المتحدث باسم الحكومة حمادون توري.

ويشكل "محضر اتفاق" بين المجموعتين، منعطفا كبيرا في شمال مالي الشاسع الذي لا يخضع لسلطة باماكو منذ نهاية مارس الماضي.

وتم التوصل إلى "محضر الاتفاق" بعد أسابيع من المفاوضات التي كانت شاقة في بعض الأحيان بين الجانبين اللذين يختلفان في اهدافهما وعقائدهما.

وقال الاتفاق إن "حركة أنصار الدين والحركة الوطنية لتحرير أزواد يعلنان حلهما في أزواد (منطقة شمال مالي) وانشاء المجلس الانتقالي للدولة الاسلامية في أزواد".

وأضاف "نحن جميعا نؤيد استقلال ازواد، ونوافق جميعا على اعتبار الإسلام ديانة، للكيان الناشئ والقرآن والسنة النبوية هما "مصدر التشريع"، واندماج الحركتين واعلان الدولة الاسلامية هما النقطتان الرئيسيتان في الوثيقة.

وأثار نبأ التوصل الى هذا التفاهم ارتياحا باحتفالات واطلاق نار ابتهاجا، على ما روى سكان لوكالة فرانس برس، في غاو التي أجرى فيها مسؤولون من الحركتين محادثاتهم منذ أيام عدة وكذلك في تمبكتو حيث سمع إطلاق نار أيضا.

وبعد حركتي التمرد اللتين قام بهما الطوارق في 1990 و2000، شنت الحركة الوطنية لتحرير ازواد الاستقلالية العلمانية، منتصف كانون الثاني/يناير هجوما على الجيش المالي اتسع نطاقه مع دخول أنصار الدين التي تدعو إلى فرض الشريعة في جميع انحاء مالي، الساحة.

وساندت حركة أنصار الدين التي يقودها زعيم تمرد الطوارق السابق إياد آغ غالي، على الأرض جهاديين من تنظيم القاعدة في المغرب الإسلامي، وهيمن التنظيمان في الشمال على حساب الحركة الوطنية لتحرير أزواد.

وكان شمال مالي بأكمله سقط بأيدي مجموعات مسلحة التي استفادت من الانقلاب الذي وقع في 22 آذار/مارس في باماكو.

Texto n.º 10

بالعربية

الشرق الأوسط

منشور جديد لـ"داعش".. أسئلة وأجوبة حول سبي ومواقعة "النساء الكافرات" جنسياً

الشرق الأوسط

آخر تحديث السبت, 13 ديسمبر/كانون الأول 2014; 07:08 (GMT +0400).

العراق | داعش | سوريا | مكافحة الإرهاب | حقوق المرأة

مرسى هو خارج، وهو القاضي الذي عينته
الجيش هو فعل المصريين،وم

دبي، الإمارات العربية المتحدة (CNN)- هل يجوز للمسلمين سبي واحتجاز النساء والأطفال من غير المسلمين؟.. الإجابة هي "نعم"، بحسب منشور جديد وزعه مسلحو تنظيم "الدولة الإسلامية في العراق والشام" على عدد من المساجد بمدينة الموصل، شمالي العراق، مساء الجمعة.

وهل يمكن "وطء" النساء والفتيات من غير المسلمات، حتى وإن كن مازلن في مرحلة الطفولة؟.. الإجابة أيضاً "نعم"، وهل يمكن بيعهن أو منحهن كهدايا للغير؟.. لا تختلف إجابة هذا السؤال عن غيره

١٥

وفوجئ المصلون في المدينة العراقية، التي تخضع لسيطرة داعش، بعشرات المسلحين من عناصر التنظيم يقومون بتوزيع المنشور الجديد عقب صلاة "المغرب"، في الساعات الأولى من مساء الجمعة، وجاء المنشور الملون في شكل أسئلة وأجوبة حول سبي النساء ووطئهن جنسياً.

وأكد ثلاثة شهود عيان، تتحفظ CNN على ذكر أسمائهم لأسباب أمنية، أن منشور داعش أصاب السكان بـ"الصدمة"، وذكر أحدهم أن "الناس بدأوا يتجمعون في مجموعات صغيرة، للحديث عن هذا المنشور"، وأضاف: "الناس في حالة صدمة، لكن لا أحد يمكنه أن يفعل شيئاً."

ويبدو أن المنشور قد جرت طباعته في وقت سابق من أكتوبر/ تشرين الأول، أو نوفمبر/ تشرين الثاني الماضيين، حيث بثه تنظيم داعش على أحد المواقع التابعة له، إلا أن الجدل احتدم حوله مجدداً، بعد نشره على موقع "معهد الشرق الأوسط للبحوث الإعلامية"، بالعاصمة الأمريكية واشنطن.

وفكرة قيام مسلحي داعش باختطاف وبيع واغتصاب النساء والأطفال، قد لا تشكل مفاجأة للكثيرين، حيث ظهرت مثل هذه الأفكار منذ بدء التنظيم المتشدد حملته للتوسع في سوريا والعراق، ومنها قصص مفزعة رواها عدد ممن ينتمون للأقلية "الأيزيدية" في شمال العراق.

ومما كشفت عنه تلك الروايات، عمليات قتل وتعذيب مدنيين أبرياء، ليس لسبب إلا لأنهم يرفضون الانضمام لداعش، أو لرفضهم القوانين التي يفرضها التنظيم، ويقول إنها تستند للشريعة الإسلامية، ومنها تشريع يجيز لمسلحيه قتل الصحفيين وموظفي وكالات الإغاثة باسم الدين.

إلا أنه من النادر أن يصدر التنظيم منشوراً ملوناً في شكل أسئلة وأجوبة، تتضمن فتاوى تجيز اختطاف النساء والأطفال، باعتبار أنهم "سبايا"، بل ويشرع ممارسة عناصر الجنس معهن، على اعتبار أنهن "ملك أيمانهم"، وكذلك يسمح لهم ببيعهن أو تقديمهن كـ"هبة" للغير.

ويبدأ داعش منشوره بسؤال: "ما هو السبي؟"، ليجيب بأنه "ما أخذه المسلمون من نساء أهل الحرب"، وأكد في الإجابة على سؤال آخر "جواز سبي الكافرات كفراً أصلياً، كالكتابيات والوثنيات"، إلا أنه لفت إلى اختلاف العلماء في "سبي المرتدة"، أي التي ارتدت عن الإسلام.

وعن شروط "وطء السبية"، أو "الأمة"، من قبل مالكها، ذكر المنشور، المنسوب لداعش، أنه "إذا كانت بكراً فله أن يطأها مباشرةً، أما إذا كانت ثيباً فلابد من استبراء رحمها"، أي الانتظار عليها حتى تحيض مرة واحدة على الأقل، وذلك للتأكد من أنها غير حامل.

وفي سؤال آخر: "هل يجوز وطء الأمة التي لم تبلغ الحلم؟"، جاءت الإجابة: "يجوز وطء الأمة التي لم تبلغ الحلم إن كانت صالحة للوطء، أما إذا كانت غير صالحة للوطء، فيكتفي بالاستمتاع بها دون الوطء"، إلا أن المنشور لم يتضمن معايير تبين كيف يمكن أن تكون الطفلة صالحة أو غير صالحة لمواقعتها جنسياً.

كما جاء في الإجابة على سؤال آخر، أنه "يجوز الجمع بين الأختين، وبين الأمة وعمتها، والأمة وخالتها في ملك اليمين، ولكن لا يجوز الجمع بينهما في الوطء، من وطأ واحدة منهن فلا يحق له أن يطأ الأخرى، لعموم النهي عن ذلك."

وتضمن المنشور أسئلة وإجابات أخرى حول "شرعية" ضرب "الأمة"، وبيعهن وأهدائهن للغير، وقواعد خروجها على "الرجال الأجانب" دون حجاب.

العراق | داعش | سوريا | مكافحة الإرهاب | حقوق المرأة

وفوجئ المصلون في المدينة العراقية، التي تخضع لسيطرة داعش، بعشرات المسلحين من عناصر التنظيم يقومون بتوزيع المنشور الجديد عقب صلاة "المغرب"، في الساعات الأولى من مساء الجمعة، وجاء المنشور الملون في شكل أسئلة وأجوبة حول سبي النساء ووطئهن جنسياً.

وأكد ثلاثة شهود عيان، تتحفظ CNN على ذكر أسمائهم لأسباب أمنية، أن منشور داعش أصاب السكان بـ"الصدمة"، وذكر أحدهم أن "الناس بدأوا يتجمعون في مجموعات صغيرة، للحديث عن هذا المنشور"، وأضاف: "الناس في حالة صدمة، لكن لا أحد يمكنه أن يفعل شيئاً."

ويبدو أن المنشور قد جرت طباعته في وقت سابق من أكتوبر/ تشرين الأول، أو نوفمبر/ تشرين الثاني الماضيين، حيث بثه تنظيم داعش على أحد المواقع التابعة له، إلا أن الجدل احتدم حوله مجدداً، بعد نشره على موقع "معهد الشرق الأوسط للبحوث الإعلامية"، بالعاصمة الأمريكية واشنطن.

وفكرة قيام مسلحي داعش باختطاف وبيع واغتصاب النساء والأطفال، قد لا تشكل مفاجأة للكثيرين، حيث ظهرت مثل هذه الأفكار منذ بدء التنظيم المتشدد حملته للتوسع في سوريا والعراق، ومنها قصص مفزعة رواها عدد ممن ينتمون للأقلية "الأيزيدية" في شمال العراق.

ومما كشفت عنه تلك الروايات، عمليات قتل وتعذيب مدنيين أبرياء، ليس لسبب إلا لأنهم يرفضون الانضمام لداعش، أو لرفضهم القوانين التي يفرضها التنظيم، ويقول إنها تستند للشريعة الإسلامية، ومنها تشريع يجيز لمسلحيه قتل الصحفيين وموظفي وكالات الإغاثة باسم الدين.

إلا أنه من النادر أن يصدر التنظيم منشوراً ملوناً في شكل أسئلة وأجوبة، تتضمن فتاوى تجيز اختطاف النساء والأطفال، باعتبار أنهم "سبايا"، بل ويشرع ممارسة عناصر الجنس معهن، على اعتبار أنهن "ملك أيمانهم"، وكذلك يسمح لهم ببيعهن أو تقديمهن كـ"هبة" للغير.

ويبدأ داعش منشوره بسؤال: "ما هو السبي؟"، ليجيب بأنه "ما أخذه المسلمون من نساء أهل الحرب"، وأكد في الإجابة على سؤال آخر "جواز سبي الكافرات كفراً أصلياً، كالكتابيات والوثنيات"، إلا أنه لفت إلى اختلاف العلماء في "سبي المرتدة"، أي التي ارتدت عن الإسلام.

وعن شروط "وطء السبية"، أو "الأمة"، من قبل مالكها، ذكر المنشور، المنسوب لداعش، أنه "إذا كانت بكراً فله أن يطأها مباشرةً، أما إذا كانت ثيباً فلابد من استبراء رحمها"، أي الانتظار عليها حتى تحيض مرة واحدة على الأقل، وذلك للتأكد من أنها غير حامل.

وفي سؤال آخر: "هل يجوز وطء الأمة التي لم تبلغ الحلم؟"، جاءت الإجابة: "يجوز وطء الأمة التي لم تبلغ الحلم إن كانت صالحة للوطء، أما إذا كانت غير صالحة للوطء، فيكتفي بالاستمتاع بها دون الوطء"، إلا أن المنشور لم يتضمن معايير تبين كيف يمكن أن تكون الطفلة صالحة أو غير صالحة لمواقعتها جنسياً.

كما جاء في الإجابة على سؤال آخر، أنه "يجوز الجمع بين الأختين، وبين الأمة وعمتها، والأمة وخالتها في ملك اليمين، ولكن لا يجوز الجمع بينهما في الوطء، من وطأ واحدة منهن فلا يحق له أن يطأ الأخرى، لعموم النهي عن ذلك."

وتضمن المنشور أسئلة وإجابات أخرى حول "شرعية" ضرب "الأمة"، وبيعهن وأهدائهن للغير، وقواعد خروجها على "الرجال الأجانب" دون حجاب.

العراق | داعش | سوريا | مكافحة الإرهاب | حقوق المرأة

Anexo 6
Subcorpus em Francês

Texto n.º 1

VIDÉO - Irak : première apparition du chef de l'État islamique

Mis à jour le 05/07/2014 à 17:29

Le chef de l'Etat islamique (EI), Abou Bakr al-Baghdad (http://plus.lefigaro.fr/tag/abou-bakr-al-baghdadi)i, désigné par son groupe "calife", est apparu samedi pour la première fois dans une vidéo postée sur des sites jihadistes, appelant tous les musulmans à lui "obéir".

Ce chef jihadiste sunnite, qui agissait jusque-là dans l'ombre, a lancé cet appel lors d'un prêche vendredi à Mossoul (http://plus.lefigaro.fr/tag/mossoul), deuxième ville d'Irak. Mossoul a été conquise lors de l'offensive lancée par ses combattants le 9 juin en Irak, où ils occupent de larges pans de territoires.

"Je suis le Wali (leader) désigné pour vous diriger, mais je ne suis pas meilleur que vous; si vous pensez que j'ai raison, aidez-moi et si vous pensez que j'ai tort conseillez-moi et mettez-moi sur le droit chemin", a dit Abou Bakr al-Baghdadi, qui portait un turban noir et une longue robe traditionnelle. "Obéissez-moi tant que vous obéissez à Dieu en vous", a-t-il ajouté.

(http://www.adobe.com/go/getflash/)

Si plusieurs spécialistes désignaient samedi après-midi la vidéo comme authentique, les conditions de sa réalisation restaient encore inconnues.

Dimanche dernier, les djihadistes de l'Etat islamique en Irak et au Levant (EIIL) ont proclamé l'établissement d'un califat sur les territoires qu'ils ont conquis en Irak et en Syrie (http://www.lefigaro.fr/international/2014/06/30/01003-20140630ARTFIG00334-les-djihadistes-instaurent-un-califat-a-cheval-entre-l-irak-et-la-syrie.php) voisine, avant d'annoncer qu'ils changeaient le nom de leur groupe en "État islamique", tout court sans référence géographique.

Ils ont aussi proclamé Abou Bakr Al-Baghdadi comme "calife" et donc "chef des musulmans

(7)

calife désigne depuis la mort du prophète Mahomet son successeur comme "émir des croyants" dans le monde musulman. Le califat est un régime politique islamique disparu il y a près d'un siècle.

LIRE AUSSI:

» ÉDITION ABONNÉS - Le retour à un «âge d'or» fantasmé par les fondamentalistes musulmans (http://www.lefigaro.fr/international/2014/06/30/01003-20140630ARTFIG00352-le-retour-a-un-age-d-or-fantasme-par-les-fondamentalistes-musulmans.php)

Le Figaro.fr avec AFP

Texto n.º 2

Irak : le chef de l'Etat islamique appelle les musulmans à rejoindre son « califat »

Autoproclamé « calife », Abou Bakr Al-Baghdadi a également appelé ses partisans à venger les torts causés aux musulmans à travers le monde.

Le Monde.fr avec Reuters | 01.07.2014 à 19h36 • Mis à jour le 02.07.2014 à 07h23

Les deux seules images disponibles d'Al-Baghdadi avant son prêche. Celle du ministère irakien de l'intérieur et celle du FBI. AFP/HO -

Abou Bakr Al-Baghdadi, le chef de l'Etat islamique en Irak et au Levant (EIIL), devenu l'Etat islamique, a appelé ses partisans à venger les torts causés aux musulmans à travers le monde, dans un message (https://ia902501.us.archive.org/2/items/hym3_22aw/english.pdf) sonore rendu public mardi à l'occasion du mois de jeûne du ramadan.

Lire son portrait : Abou Bakr Al-Baghdadi, le nouveau Ben Laden (/proche-orient/article/2014/05/29/abou-bakr-al-baghdadi-le-nouveau-ben-laden_4428636_3218.html)

Autoproclamé « calife » depuis dimanche, il lance un appel à la conversion et à la guerre sainte (djihad) et demande à tous les musulmans de se rendre dans son *« Etat islamique »* de part et d'autre de la frontière irako-syrienne. S'installer dans *« la maison de l'islam »* est un devoir, assure-t-il.

> *« Terrifiez les ennemis d'Allah et cherchez la mort dans les endroits où vous pouvez la trouver, la vie matérielle prendra fin et l'au-delà durera éternellement ».*

Dans une longue tirade, Abou Bakr Al-Bagdadi livre surtout sa propre définition du terrorisme : *« adorer Allah comme il vous l'a ordonné », « refuser l'humiliation, la soumission et la subordination ».*

« Le terrorisme n'est pas le massacre des musulmans en Birmanie (..), la guerre contre la chasteté et le hijab en France et en Tunisie », ajoute-t-il en multipliant les exemples.

IMPASSE POLITIQUE

Face à l'offensive djihadiste qui menace le pays d'éclatement, le pouvoir politique irakien est au plus mal. Le Parlement irakien a levé mardi sa séance dans le désordre général sans réussir à

La séance a été émaillée d'échanges d'invectives et de récriminations de Kurdes et de sunnites à l'égard du gouvernement du premier ministre sortant chiite, Nouri Al-Maliki, présent dans la salle et dont les chances de briguer un 3e mandat s'amenuisent devant l'avancée des insurgés et l'échec de son armée à la contenir.

Lire aussi l'entretien avec Thomas Pierret, spécialiste de l'islamisme : « L'EIIL est à son apogée en Irak » (/proche-orient/article/2014/06/30/la-proclamation-du-califat-islamique-peut-generer-beaucoup-d-opposition_4448155_3218.html)

Texto n.º 3

LADEPECHE.fr

vendredi 16 juin, 13:16, Saint Jean-François
Publié le 14/09/2014 à 07:03, Mis à jour le 14/09/2014 à 11:52

L'Etat Islamique revendique la décapitation d'un otage anglais

International

L'Etat Islamique revendique la décapitation d'un otage anglais

L'État Islamique a mis sa menace à exécution. Après Steven Sotloff et James Foley, tous deux journalistes américains, c'est au tour de l'otage britannique David Haines dont la mort par décapitation a été annoncée tard dans la soirée par le groupe jihadiste qui combat en Syrie et en Irak. Les terroristes de Daech prétendent ainsi punir l'Angleterre pour être entrée dans la coalition. C'est le troisième otage décapité par l'État Islamique ces trois dernières semaines. Dans son message vidéo à l'attention de l'Occident, le groupe menace maintenant un autre otage britannique, Allan Henning.

L'Elysée condamne...

L'Elysée a condamné dimanche "l'odieux assassinat" de l'otage britannique David Haines revendiqué par l'Etat islamique (EI), "organisation de la lâcheté et de l'abjection".

"L'odieux assassinat de David Haines montre une nouvelle fois combien la communauté internationale doit se mobiliser contre Daesh (acronyme arabe de l'EI, NDLR), organisation de la lâcheté et de l'abjection", déclare la présidence française dans un communiqué.

"La France exprime sa solidarité à la famille de David Haines et à la Grande-Bretagne", poursuit l'Elysée.

L'EI a revendiqué samedi la décapitation de David Haines, un travailleur humanitaire de 44 ans, dans un message vidéo montrant son assassinat, a rapporté le centre américain de surveillance des sites islamistes SITE.

Il s'agit de la troisième exécution de ce type en un mois, après celles de deux journalistes américains également otages en Syrie, James Foley et Steven Sotloff.

Dans cet enregistrement de 2 minutes 27 secondes, intitulé "Un message aux alliés de l'Amérique", le groupe jihadiste reproche au Royaume-Uni d'avoir rejoint la coalition des États-Unis, qui mènent des frappes aériennes contre l'EI en Irak.

Le président français François Hollande s'est rendu vendredi à Bagdad où il a promis d'aider "encore davantage militairement" l'Irak, dans le cadre des efforts intenses déployés pour tenter de défaire les jihadistes de l'EI.

La France accueillera lundi une conférence internationale sur "la paix et la sécurité" en Irak qui doit être constituée autour des Etats-Unis pour combattre l'organisation islamiste qui contrôle une partie du nord de l'Irak et multiplie les exactions.

La Dépêche du Midi

INTERNATIONAL

Texto n.º 4

L'EIIL annonce la création d'un "califat" islamique

© AFP/ capture d'écran YouTube | Des militants présumés de l'EIIL paradent dans Baijin, le 17 juin 2014

Dernière modification : 30/06/2014

Les djihadistes de l'EIIL, engagés dans le combat en Syrie et en Irak, ont annoncé dimanche le rétablissement du califat, le régime politique islamique disparu il y a près d'un siècle. Leur chef Abou Bakr al-Baghdadi a été désigné "calife".

L'État islamique en Irak et au Levant (EIIL), qui contrôle de larges portions des territoires irakiens et syriens, a annoncé, dimanche 29 juin, le rétablissement du "califat", le régime politique islamique disparu il y a près d'un siècle. Dans un enregistrement audio diffusé sur Internet, l'EIIL, qui se fait appeler désormais "État islamique", a également désigné son chef Abou Bakr al-Baghdadi comme "calife" et donc "chef des musulmans partout" dans le monde, appelant tous les mouvements djihadistes à lui prêter allégeance.

Ce califat devrait être imposé sur les régions conquises par ce groupe en Syrie et en Irak, où il a réussi à prendre de larges pans de territoires. Les combattants de l'EIIL se sont en effet emparés de Mossoul et de plusieurs autres villes du nord et de l'ouest de l'Irak au cours du mois écoulé. Ils contrôlent aussi une partie du nord-est de la Syrie, dont la ville de Rakka.

Dans l'enregistrement, Abou Mohammed al-Adnani, le porte-parole de l'EIIL, a estimé que le califat était "le rêve de tout musulman" et "le souhait de tout djihadiste".

Le calife désigne, depuis la mort du prophète Mahomet, son successeur comme "émir des croyants" dans le monde musulman. Après les [illegible]

sa fin avec le démantèlement de l'Empire ottoman, lorsqu'il est aboli en 1924.

Avec AFP et Reuters

Première publication : 29/06/2014

Texto n.º 5

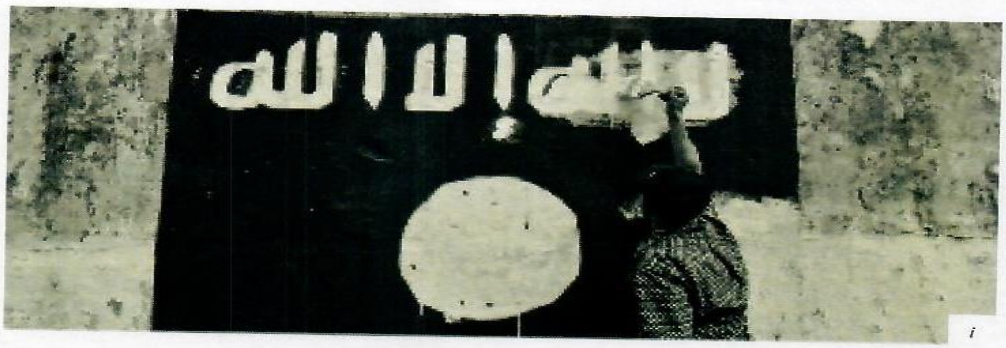
Le Point

Votre avis compte!
Aidez-nous à rendre ensemble la publicité en ligne intéressante!
Nous vous remercions de bien vouloir prendre quelques minutes et répondre à de simples questions.
informations sur la protection des données et de la vie privée
participer

Daesh-État islamique : la guerre des noms a commencé

Ou pourquoi la France veut effacer l'expression "État islamique", au profit de l'acronyme arabe "Daesh", pour qualifier les djihadistes en Syrie et en Irak.

Modifié le 22/09/2014 à 18:48 - Publié le 22/09/2014 à 18:27 | Le Point.fr



La France est une pionnière. Elle est en effet le premier pays à avoir adopté officiellement l'appellation "Daesh" pour désigner l'État islamique, organisation djihadiste qui a proclamé en juillet un califat à cheval sur l'Irak et la Syrie. "Le groupe terroriste dont il s'agit n'est pas un État, il voudrait l'être, mais il ne l'est pas", a déclaré mercredi Laurent Fabius au perchoir de l'Assemblée nationale. "Je vous demande de ne plus utiliser le terme d'État islamique, car cela occasionne une confusion entre islam, islamistes et musulmans. Il s'agit de ce que les Arabes appellent Daesh et que j'appellerai pour ma part les égorgeurs de Daesh."

Depuis le 9 septembre, tous les communiqués du Quai d'Orsay et de l'Élysée portent cette mention. Que signifie-t-elle ? Daesh n'est autre que l'acronyme arabe de *Dowlat al-Islamiyah f'al-Iraq wa Belaad al-sham*, comprenez l'État islamique en Irak et au Levant (pays bordant la côte orientale de la mer Méditerranée). Créée en 2004, au lendemain de l'intervention américaine en Irak, l'organisation djihadiste est née sous les traits d'al-Qaida en Mésopotamie. En 2006, elle englobe plusieurs groupes d'insurgés et devient l'État islamique en Irak.

"Connotation péjorative"

En difficulté face aux forces américaines et aux milices sunnites, l'organisation, dirigée depuis 2010 par l'Irakien Abou Bakr al-Bagdadi, trouve un second souffle à la faveur du conflit syrien, qui lui permet d'étendre son influence dans la région. Elle devient en 2013 l'État islamique en Irak et au Levant (EIIL). Contrairement aux autres groupes djihadistes, son but est de rétablir le califat islamique (tombé en 1924) d'Irak au Liban, en passant par la Jordanie et la Palestine. Commentant la spectaculaire percée de l'organisation djihadiste en Syrie, ce sont des opposants syriens qui évoquent pour la première fois le terme "Daesh" sur le plateau de la chaîne d'information saoudienne Al Arabiya.

"Cette appellation a été ensuite institutionnalisée par les chaînes opposées à ce groupe, car elle ne contient pas les termes "État" ni "islamique", et possède une connotation péjorative", explique Wassim Nasr, journaliste spécialiste des questions djihadistes à France 24. "En effet, l'acronyme *Daesh* ressemble au mot arabe *daes* ("celui qui écrase du pied"), mais aussi au terme *dahes* ("celui qui sonne la discorde"), en référence aux batailles de Dahes wal Ghabra (entre 608 et 650 après J.-C.) au cours desquelles les tribus arabes se sont entretuées avant d'être unies par l'islam."

Couper la langue

Depuis son apparition en 2013, le nom Daesh fait enrager les djihadistes, d'autant que l'utilisation d'acronymes est extrêmement rare dans le monde arabe. À Mossul, plusieurs habitants ont d'ailleurs affirmé en juin à *Associated Press* avoir été menacés de se faire couper la langue s'ils prononçaient ce mot. À l'époque, le mot Daesh est encore relativement inconnu en France, les journalistes désignant le groupe sous l'acronyme EIIL (État islamique en Irak et au Levant). Même chose dans les pays anglo-saxons, où l'on parle d'ISIS (Islamic State in Iraq and in Syria) ou d'ISIL (Islamic State in Iraq and in Levant).

Mais la donne change dès juillet 2014. Après avoir mis en déroute l'armée irakienne, l'EIIL proclame un califat allant de la province d'Alep, au nord de la Syrie, à celle de Diyala, à l'est de l'Irak. Et devient l'État islamique (EI). À sa tête, le "calife Ibrahim", nouveau nom du chef djihadiste irakien Abou Bakr al-Baghdadi, appelle les musulmans du monde entier à rejoindre son État. "Dans chaque territoire conquis, l'organisation met en place une administration ainsi que des institutions embryonnaires, comme des tribunaux religieux, un Conseil de la vie, et des services sociaux", explique Romain Caillet, chercheur et consultant sur les questions islamistes au cabinet NGC Consulting. "Les djihadistes se greffent sur l'ancienne administration. Tous les fonctionnaires qui acceptent de leur prêter allégeance restent à leur poste." Et l'expert de conclure : "Si leur État n'est pas reconnu par l'ONU et ne bat pas sa propre monnaie, il ne possède pas moins d'institutions que l'Afghanistan à l'époque des Talibans."

"Ennemi de l'Islam" (John Kerry)

Comme jadis en Afghanistan, cet État islamique autoproclamé applique une version ultra-rigoriste de la charia. Ses combattants multiplient les exactions contre tous ceux qui refusent de s'y plier - notamment les minorités yézidis et chrétiennes d'Irak -, forçant des dizaines de milliers d'entre eux à la fuite. Un "nettoyage ethnique" condamné par l'ONU qui pousse les États-Unis à intervenir en bombardant les positions djihadistes dès le 9 août. En représailles, l'EI décapite deux journalistes américains et un humanitaire anglais, choquant le monde entier et renforçant la détermination de Barack Obama à en venir à bout.

"Ce groupe se fait appeler *État islamique* mais il faut que deux choses soient claires : ISIL n'est pas islamique", s'est insurgé le 10 septembre le président américain. "Aucune religion ne cautionne le meurtre d'innocents et la majorité des victimes de l'ISIL sont des musulmans. ISIL n'est certainement pas un État. Il était auparavant la branche d'al-Qaida en Irak." Son secrétaire d'État John Kerry propose donc un nouveau nom : "L'ennemi de l'Islam". Mais pas "Daesh", pourtant si cher à la France. "Le choix du gouvernement français est tout à fait logique", estime le spécialiste Romain Caillet. "En utilisant "Daesh", la France choisit un terme partial et frontal, car il est en guerre contre cette organisation."

Objectivité

Mais qu'en est-il des journalistes qui traitent des crises en Irak et en Syrie ? L'Agence France Presse (AFP) a tranché. Sur le blog *Making of*, la directrice de l'information de l'AFP, Michèle Léridon, explique pourquoi son agence de presse n'utilise plus "État islamique". Tout d'abord car "il ne s'agit pas d'un véritable État

nous parlerons plus volontiers d'"organisation État islamique" mais pas de "Daesh". Pour ne pas servir la propagande des djihadistes tout en conservant notre objectivité de journaliste.

Spécial Présidentielle 2017
Pour être au cœur de la campagne, abonnez-vous !
1,25€
J'en profite

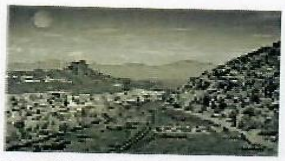
LE POINT VOUS RECOMMANDE

Le Japon pourrait envoyer des soldats en Corée du Sud

Au Maroc, le dessin de presse entre censure et autocensure

Discret rappel à l'ordre de Melania à Donald Trump pendant l'hymne américain

CONTENUS SPONSORISÉS

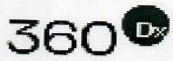


Les 10 plus belles routes du monde. La n°3 vaut à elle seul le détour...
PETIT FUTÉ

If modesty is a virtue, why not force people to cover themselves?
ARTE

Strange Investment Video Goes Viral, Helps People Score Thousands...
BANYAN HILL PUBLISHING

Brits Abroad Are Outsmarting Funeral Directors With This Latest Funeral Plan
EXPERTS IN MONEY INSURANCE



Freenome Raises $65M in Series A Funds
360DX.COM

If you own a computer you must try this game!
VIKINGS

101 COMMENTAIRES

Ce service est réservé aux abonnés.

Déjà abonné ? Connectez-vous Abonnez-vous

Par fermela le 24/09/2014 à 00:30

Je déteste la violence

N'importe ou dans ce monde y'a des gens violent et des gens gentil. Il faut pas tout mélanger même quelque soit de religion...

SIGNALER UN CONTENU ABUSIF

Texto n.º 6

Baghdadi vante l'expansion du "califat" dans le monde arabe

© Al-Furqan Media, AFP | Capture d'écran d'une vidéo de propagande de l'organisation de l'EI diffusée le 5 juillet 2014.

Dernière modification : 13/11/2014

Le dirigeant de l'EI, Abou Bakr al-Baghdadi, est sorti de son silence jeudi. Dans un enregistrement audio il a annoncé avoir accepté les serments d'allégeance émis par des jihadistes de Libye, d'Égypte, du Yémen, d'Arabie saoudite et d'Algérie.

Le leader de l'organisation de l'État islamique, Abou Bakr al-Baghdadi, a affirmé jeudi 13 novembre que son "califat" gagnait du terrain dans le monde arabe. Annonçant dans cette allocution que la campagne des alliés contre l'EI était un échec, Baghdadi précise avoir accepté des serments d'allégeance de la part de partisans en Libye, en Égypte, au Yémen, en Arabie saoudite et en Algérie.

Ces propos ont été tenus dans une déclaration attribuée au "calife" de l'État islamique dont le sort demeurait incertain depuis plusieurs jours. Selon Wassim Nasr, journaliste à France 24 et spécialiste des mouvements jihadistes, il s'agirait bien d'un enregistrement audio émanant d'Abou Bakr al-Baghdadi.

>> À lire sur France 24 : "Irak : Al-Baghdadi blessé selon les autorités, les États-Unis ne confirment pas"

Ce message ausio n'est pas daté, mais il comporte une référence à l'annonce faite par le président américain Barack Obama le 7 novembre dernier, de l'envoi de 1 500 soldats américains supplémentaires en Irak.

Cette nouvelle déclaration de Baghdadi arrive également après une série d'allégeances faites à l'organisation de l'EI depuis le Sinaï en Égypte, l'Algérie, le Yémen et la péninsule arabique. "Au-delà des diatribes jihadistes habituelles, il annonce l'expansion de l'État islamique en acceptant les allégeances de fait", explique Wassim Nasr.

>> À lire sur France 24 : "Les jihadistes d'Ansar Beït al-Maqdess prêtent allégeance à l'EI"

Le dernier ralliement en date est celui des jihadistes d'Ansar Beït al-Maqdess, basés dans le Sinaï. Depuis 2011, le puissant groupe terroriste revendique de nombreux attentats contre les forces de l'ordre égyptiennes. Son ralliement à l'EI est l'un des plus important depuis la proclamation du "califat".

Pour le reste, dans son intervention Abou Bakr al-Baghdadi martèle une nouvelle fois sa propagande : défiance envers la coalition occidentale, appel à détrôner la monarchie saoudienne et à attaquer les chiites partout en Orient. Il répète également que l'Occident est en train d'instrumentaliser les régimes arabes corrompus. "Cela reste dans la droite ligne de la politique guerrière et terroriste de l'organisation de l'État islamique", observe Wassim Nasr.

Avec Reuters

Première publication : 13/11/2014

Texto n.º 7

S'ABONNER

PRÉSIDENTIELLE 2017 ELECTIONS: LES RESULTATS PLACEMENTS 2017 LES CLÉS DE DEMAIN VIDÉOS

Monde

Les rebelles étrangers pour un Etat islamique en Syrie

Le 14.01.2013 à 19h02
Mis à jour le 14.01.2013 à 19h02
www.challenges.fr
0 REACTIONS

par Yara Bayoumy

ALEP, Syrie (Reuters) - Regroupés autour d'un feu dans un bâtiment en ruines d'Alep, des combattants djihadistes étrangers clament haut et fort leur détermination à créer un Etat islamique en Syrie, que cela plaise ou non aux autres rebelles cherchant à renverser Bachar al Assad.

Parmi les autres révolutionnaires et la population civile, ces étrangers inspirent à la fois le respect pour leur discipline de fer et la crainte de les voir retourner leurs armes contre leurs anciens alliés si le régime syrien tombe.

A Karm al Djabal, un quartier dévasté d'Alep, un combattant turc manifeste ainsi sa volonté d'imposer la loi islamique, la charia, qui inquiète de nombreux Syriens mais aussi l'Occident et même certaines puissances régionales appuyant la rébellion.

"La Syrie (...) sera un Etat islamique où règnera la charia et nous n'accepterons rien d'autre. La démocratie et la laïcité sont totalement rejetées", prévient ce combattant disant s'appeler Khattab.

Barbe hirsute et mitraillette sur l'épaule, il met en garde quiconque oserait s'élever contre ces projets. "Nous les combattrons, même si ce sont des révolutionnaires ou n'importe qui d'autre", dit cet homme qui a quitté son métier de chauffeur pour combattre pendant deux ans en Afghanistan avant de rejoindre la Syrie au cours de l'été 2012.

Membre de l'unité rebelle Djoundollah, Khattab parle à peine arabe - ses propos ont été traduits par un interprète syrien - et il refuse d'être filmé ou photographié afin de ne pas être identifié en Turquie.

Pendant des mois, le soulèvement contre Bachar al Assad, né en mars 2011, est resté en grande partie pacifique avec des manifestations à travers le pays. Puis certains ont pris les armes et les combattants étrangers ont afflué.

Pour beaucoup de rebelles et d'habitants d'Alep, la crainte occidentale des djihadistes est exagérée.

A leurs yeux, les pays occidentaux se servent de la présence de ces islamistes radicaux comme d'un prétexte pour ne pas fournir aux rebelles les armes dont ils ont besoin, ce qui prolonge de fait le pouvoir de Bachar al Assad.

A Alep, la plus grande ville de Syrie dans le nord du pays, l'influence de ces djihadistes est évidente. Nombre de rebelles y circulent à bord de voitures ornées de drapeaux noirs portant des inscriptions religieuses.

MÉFIANCE

Il est difficile d'établir le degré de coordination entre ces combattants islamistes et les unités de l'Armée syrienne libre (ASL), cette force locale hétéroclite composée de civils et de déserteurs.

Beaucoup de rebelles saluent l'excellence au combat et le courage de la plupart de ces djihadistes, souvent passés par l'Afghanistan et l'Irak, qui ne se mêlent guère aux autres combattants.

D'autres, en revanche, sont des novices dans la "guerre sainte" qu'ils livrent à Al Cham, le terme par lequel ils désignent la "grande Syrie" des débuts de l'islam au VIIe siècle.

Parmi ces derniers, Abou al Harith est un jeune homme trapu de 27 ans à la peau claire. Originaire d'Azerbaïdjan, il porte un badge noir orné de slogans islamiques sur sa tenue verte de combat.

"C'est la première fois que je participe à un djihad car (...) personne n'est pire que Bachar. Même Staline était quelqu'un de miséricordieux comparé à lui", affirme-t-il dans la base rebelle de Karm al Djabal, un quartier tellement dévasté qu'il semble avoir été frappé par un tremblement de terre.

Les effectifs de ces djihadistes sont difficiles à évaluer.

Beaucoup d'entre eux ne cachent pas leur méfiance à l'égard de l'ASL et des puissances occidentales et régionales qui la soutiennent.

Texto n.º 8

Urbi&Orbi

La Documentation catholique

Le grand mufti d'Égypte condamne l'État islamique en Irak

Par **Apic**, le 14/8/2014 à 04h32

Shawqi Allam, grand mufti d'Égypte, a condamné, mardi 12 août, l'État islamique (EI) en Irak et en Syrie. La principale autorité musulmane d'Égypte, qui exerce une influence considérable sur le monde sunnite, a qualifié le groupe djihadiste d'organisation « corrompue et extrémiste » qui « fait du mal à l'islam ».

« Ce groupe est si extrémiste et meurtrier qu'il met en danger les musulmans et l'islam, salissant son image, versant le sang et répandant la corruption », a déclaré le grand mufti lors d'une rencontre avec Fouad Siniora, président du Conseil des ministres du Liban, rapporte l'agence d'information égyptienne MENA.

Shawqi Allam a accusé l'organisation terroriste sunnite de « violer tous les principes de l'islam ». Pour le leader islamique, l'EI « donne du grain à moudre à ceux qui cherchent à nous nuire, à nous détruire et à intervenir dans nos affaires sous prétexte de lutte contre le terrorisme ».

Une réponse au Vatican ?

Ces commentaires surviennent alors que le Vatican a récemment appelé les responsables musulmans du monde à condamner les actes de l'EI, qui a déjà

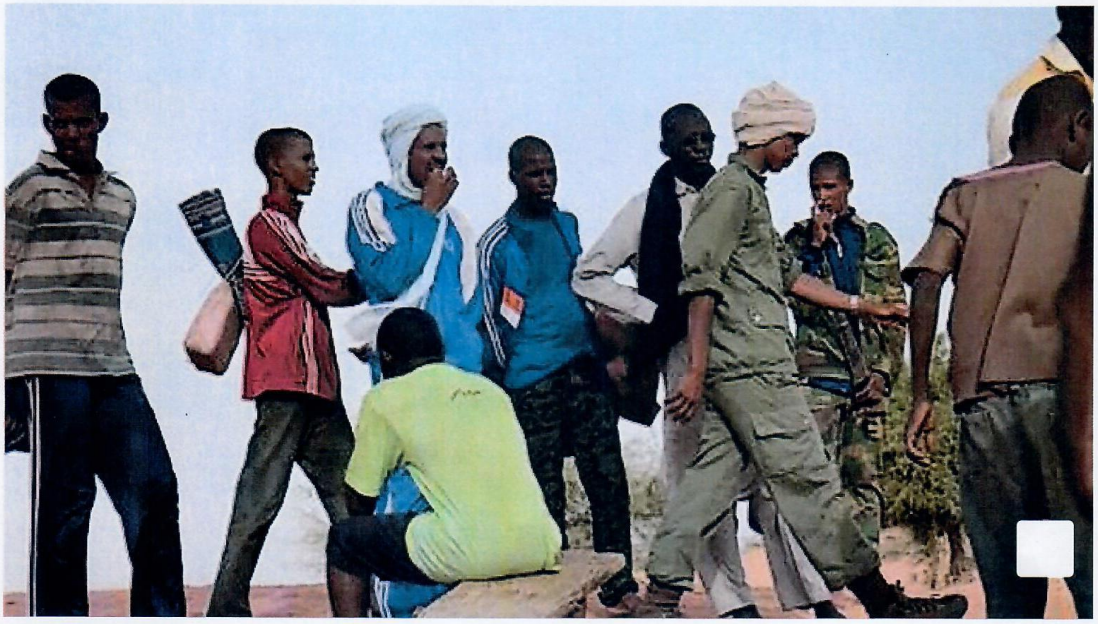
massacré des milliers de personnes et forcé à l'exil des dizaines de milliers d'autres, principalement des chrétiens, dans les zones qu'il contrôle, au nord de l'Irak.

Le point de vue du grand mufti représente celui de l'Université Al-Azhar, au Caire, une institution grandement respectée dans le monde sunnite. L'imam de la mosquée du même nom, Ahmad al-Tayyeb a également fustigé l'EI, la veille de la déclaration de Shawqi Allam.

Texto n.º 9

Mali : les rebelles touaregs proclament un État islamiste

Par **Tanguy Berthemet**
Publié le 27/05/2012 à 20:26



BOUREIMA HAMA/AFP

Les deux mouvements de la rébellion du nord du pays ont annoncé leur fusion.

C'est une union qui ressemble à un mariage de raison. Dimanche les deux principaux groupes rebelles touaregs, le Mouvement national de libération de l'Azawad (MNLA) et Ansar Dine ont annoncé dans un bref communiqué leur fusion.

La dissolution des rébellions et la création du Conseil transitoire de l'État islamique de l'Azawad ne sont pas une surprise. Depuis plusieurs semaines, les états-majors des deux branches de la guérilla touareg menaient des négociations à Gao pour mettre fin à leur division et éviter un affrontement fratricide. «Pour le MNLA comme pour Ansar Dine, un rapprochement était en ce moment dans leur intérêt», analyse Robert Dulas, spécialiste des questions touaregs.

Pourtant, les différends étaient réels entre un MNLA, laïc et indépendantiste, et Ansar Dine, islamiste, allié à al-Qaida au Maghreb islamique (Aqmi), avec la volonté d'imposer la charia à tout le Mali. Dans le protocole d'accord révélé dimanche, chacun a fait des concessions, sous la pression des dignitaires touaregs. «Nous

massacré des milliers de personnes et forcé à l'exil des dizaines de milliers d'autres, principalement des chrétiens, dans les zones qu'il contrôle, au nord de l'Irak.

Le point de vue du grand mufti représente celui de l'Université Al-Azhar, au Caire, une institution grandement respectée dans le monde sunnite. L'imam de la mosquée du même nom, Ahmad al-Tayyeb a également fustigé l'EI, la veille de la déclaration de Shawqi Allam.

Texto n.º 10

LA-NOUVELLE-GAZETTE-FRANÇAISE

L'Etat islamique publie un guide sur le traitement des femmes esclaves

Publié le 10 h 38 min, 11 décembre 2014 par Julia Sandero

L'État islamique a publié un guide qui enseigne à ses disciples comment traiter les femmes comme *« marchandises »* susceptibles de viols et de coups, selon le Centre de contrôle de la menace djihadiste et terroriste (JTTM).

Les militants sunnites ont émis une fatwa qui comprend *« questions et réponses sur les détenues »* en réponse à la vague d'indignation produite par l'utilisation de femmes et fillettes comme esclaves sexuelles.

Au total 27 questions – réponses, définissent le sort *«des femmes de village en guerre capturées par des combattants musulmans. »*

« Ce qui rend légitime de faire des prisonnières, c'est leur manque de foi. Les femmes non croyantes peuvent être faites prisonnières, après que l'imam les aient réparties entre nous», explique l'État islamique.

Le groupe djihadiste souligne la possibilité d'avoir des relations sexuelles avec ces femmes. *« Si c'est une vierge, son propriétaire peut avoir des relations sexuelles avec elle immédiatement, mais si elle ne l'est pas, son utérus doit être purifié »* explique-t-on.

Il est également précisé que *« vous ne pouvez pas avoir de rapports sexuels avec les prisonnières qui n'ont pas atteint la puberté. Si elles ne le sont pas pubères, le maître peut en profiter sans avoir de relations. »*

L'État islamique indique qu'en général, il est interdit d'avoir des relations sexuelles ou tout autre type de contact physique avec la prisonnière d'un autre homme, à moins qu'il ait été convenu d'un partage.

Les miliciens sunnites dépeignent les femmes comme une marchandise susceptible de commerce entre hommes, mais ils fixent des règles strictes sur la propriété de la prisonnière. *« Vous pouvez acheter et vendre ou donner les épouses captives à qui l'aurait mérité, »* dit-il. Seulement cela impose deux contraintes: *« Vous ne pouvez pas séparer une mère d'une fille, à moins qu'elle ne soit déjà mûre»* et *«vous ne pouvez pas vendre une femme enceinte de son maître ».*

L'État islamique permet qu'une femme soit *« propriété »* de plusieurs hommes qui se mettront d'accord quant à *«son utilisation»* et qu'un homme ait plusieurs prisonnières, mais *« ne pourra pas avoir de relations sexuelles avec plusieurs à la fois ».*

La fatwa réglemente également la succession *« mortis causa». « Si un homme meurt, ses prisonnières sont distribuées selon les droits de succession »*, expliquant que *« si le parent ou les enfants du défunt avaient des relations sexuelles avec elle, l'héritier ne pourra l'utiliser que comme servante».*

L'État islamique dit aussi qu'il est possible de battre les prisonnières comme mesure disciplinaire. *« Il est interdit de les frapper uniquement pour des fins agréables ou de torture, »* et il est interdit de frapper au visage.

Il prévoit également la possibilité que les femmes fuient leurs *«propriétaires». «C'est l'un des péchés les plus graves »*, dit le petit guide, notant que si le Coran n'établit pas une punition spécifique. *« elles doivent être punies pour dissuader les autres de s'échapper. »*

Malgré tout cela, le groupe djihadiste n'est pas contre la libération des prisonniers. *« Muhammad a dit,« Celui qui libère un esclave, Allah libérera de l'Enfer un organe de son corps »*

Anexo 7
Subcorpus em Português

Texto n.º 1

O misterioso chefe islâmico apareceu pela primeira vez

Abu Bakr al-Baghdadi exige que todos os muçulmanos lhe obedeçam.

AFP e **PÚBLICO**
5 de Julho de 2014, 17:41

http://youtu.be/VOORW63ioY0

O misterioso e temido Abu Bakr al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS), apareceu neste sábado pela primeira vez num vídeo publicado em sites jihadistas, exigindo que todos os muçulmanos lhe obedeçam.

Este chefe jihadista sunita, até agora na sombra, terá sido filmado na sexta-feira durante uma prece em Mossul, a segunda maior cidade do Iraque, conquistada durante a ofensiva que os seus combatentes lançaram a 9 de Junho no Iraque, onde já controlam partes do território.

"Sou o Wali [líder] designado para vos dirigir, mas não sou melhor do que vós. Se pensam que que tenho razão, ajudem; se pensam que estou errado, aconselhem-me e metam-me no caminho certo", disse Abu Bakr al-Baghdadi, que apareceu vestido todo de negro, turbante na cabeça, barba longa e uma túnica tradicional.

"Obedeçam-me tanto quanto obedecem a Deus", acrescentou ele num vídeo.

No passado domingo, os jihadistas proclamaram a criação de um califado nos territórios que controlam na Síria e no Iraque, anunciando a mudança de nome de Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS) para Estado Islâmico.

O ISIS proclamou Abu Bakr al-Baghdadi como "califa" e, como tal, chefe dos muçulmanos em todo o mundo.

Historicamente o califa designa o sucessor do profeta Maomé. O califado é um regime político islâmico desaparecido há mais de um século.

Texto n.º 2

Líder do EIIL promete vingança e apela à jihad

Graça Andrade Ramos, RTP
01 Jul, 2014, 20:14 / atualizado em 03 Jul, 2014, 18:30 | Mundo
(http://www.rtp.pt/noticias/mundo)

Ibrahim Awwad Ibrahim Ali al-Badri al-Samarrai conhecido como Abu Bakr al-Baghdadi, líder do EIIL e auto-proclamado Califa Ibrahim DR

Abu Bakr al-Baghdadi voltou a falar aos muçulmanos através de uma mensagem áudio publicada na internet, apelando aos seus apoiantes para combaterem aqueles que prejudicaram o Islão. Desafiou ainda os muçulmanos a imigrar para o "Estado Islâmico" (novo nome do seu grupo), o que descreveu como "um dever".

"Não há melhor esforço neste mês sagrado ou em qualquer outro do que a *jihad* na senda de Deus, por isso abracem esta mudança e defendam a religião de Alá através da *jihad*", terá dito al-Baghdadi de acordo com a *Agência Reuters*.

Al-Baghdadi apelou "especialmente" à vinda de juízes, de médicos, de engenheiros e de especialistas militares e em administração.

Esta foi a primeira comunicação de al-Baghdadi desde que o seu grupo extremista, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante, declarou no domingo dia 29 de junho, início do Ramadão, que os territórios que controla na Síria e no Iraque passavam a designar-se um Califado, "de Aleppo (Síria) até Diyala (Iraque)".

Al-Baghdadi designou-se a si próprio califa, um cargo que o torna emir dos crentes na linha de Maomé e lhe permite decretar a guerra santa.

Texto n.º 3

Estado Islâmico anuncia decapitação de refém britânico

Alan Henning é a quarta vítima

2014-10-03 22:05Redação / AM

TVI 24 internacional

Atualizada às 00h43

O grupo jihadista Estado Islâmico (EI) anunciou esta sexta-feira decapitação do trabalhador humanitário britânico Alan Henning, num vídeo divulgado em que, aparentemente, o refém é executado.

No vídeo, quase idêntico aos três anteriores, em que também foram decapitadas três pessoas, um membro do Estado Islâmico surge mascarado ao lado de um outro refém que identifica como um norte-americano de nome Peter Kassig.

O grupo extremista justifica a execução com a necessidade de represálias contra os ataques aéreos no Iraque.

Anteriormente, o Estado Islâmico tinha decapitado os jornalistas norte-americanos James Foley e Steven Sotloff e o britânico David Haines, que trabalhava na ajuda humanitária.

Henning, de 47 anos, apelidado de 'Gadget', integrava um comboio de ajuda humanitária Aid4Syria, para o qual se tinha voluntariado como condutor, quando foi raptado a 26 de dezembro, pouco depois de ter cruzado a fronteira entre a Turquia e a Síria.

No início desta semana, a sua mulher, Barbara Henning, tinha pedido ao Estado Islâmico que o libertassem. Também os principais líderes muçulmanos do Reino Unido pediram a liberdade de Alan Henning.

No vídeo, intitulado «Uma nova mensagem para a América e os seus aliados», Alan Henning surge vestido com a mesma roupa laranja que as três vítimas anteriores, muito semelhante aos uniformes dos prisioneiros de Guantanamo, pronunciado uma frase curta.

O carrasco, cuja voz parece ter sido alterada eletronicamente, parece ter um sotaque britânico e há quem aponte tratar-se do mesmo executor de David Haines, em meados de setembro.

No final do vídeo, que dura 1:11 minutos, o Estado Islâmico apresenta outro refém.

Henning é o quarto refém ocidental executado por decapitação pelo grupo extremista na Síria, depois de James Foley, cujo vídeo foi transmitido em 19 de agosto, de Steven Sotloff (02 de setembro) e do trabalhador humanitário David Haines (13 setembro).

Entretanto, a Casa Branca classificou o vídeo da decapitação como «uma nova prova da brutalidade do Estado Islâmico».

Este «é um novo exemplo claro da brutalidade do grupo e a razão pela qual o presidente implementou uma estratégia para enfraquecer e destruir o EI», declarou Lisa Monaco, conselheira de Barack Obama para as questões do terrorismo, acrescentado que estavam a decorrer verificações para confirmar a autenticidade do vídeo.

Por sua vez, o primeiro-ministro britânico, David Cameron, afirmou que «o brutal assassínio de Alan Henning« pelo grupo extremista «mostra como estes terroristas são bárbaros e repulsivos».

«Faremos tudo o que pudermos para capturar estes assassinos e trazê-los à justiça», asssegurou.

Cameron disse que o facto de Henning ter sido raptado e morto enquanto tentava ajudar outros «demonstra que não há limites para a depravação destes terroristas» do Estado Islâmico.

Alan Henning tinha-se voluntariado para ajudar as vítimas da guerra civil na Síria.

David Cameron disse ainda que os seus «pensamentos e orações» estão com a sua mulher, Barbara, filhos e amigos.

Texto n.º 4

BBC

Grupo islâmico anuncia criação de califado no Iraque e na Síria; entenda

30 junho 2014

O grupo militante Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Isis, sigla em inglês) anunciou a criação de um califado, ou Estado Islâmico, nas áreas sob o seu controle no Iraque e na Síria.

O Estado Islâmico se estenderia de Aleppo, no norte sírio, até a província de Diyala, no leste iraquiano.

O grupo proclamou seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, como califa e "líder dos muçulmanos em todo lugar". Ele será chamado de "Califa Ibrahim".

O editor da BBC Árabe, Mohamed Yehia, explica abaixo o que o anúncio representa e suas consequências no Oriente Médio:

A palavra "califado" em árabe significa, literalmente, o processo de escolher um líder (o califa) para muçulmanos ao redor do mundo.

O termo também se refere ao sistema de governo que começou após a morte do profeta Maomé. O último califado foi o Império Otomano, e foi abolido pelo nacionalista e secular líder turco Mustafa Kamal Ataturk em 1924.

Essa é uma iniciativa tomada por uma linha extremamente dura do grupo sunita, e não será reconhecida pelo Irã, ou pelos mulçumanos xiitas, assim como pela Arábia Saudita, que se vê como zeladora dos lugares mais sagrados do Islamismo.

Estados e comunidades mulçumanas moderadas também rejeitam esse movimento, e todos os governos da região veem o auto-declarado "Estado Islâmico" como uma ameaça, e perigo de segurança.

O Isis estabeleceu o sistema em partes da Síria e do Iraque, e o maior perigo que o "Estado Islâmico" (IS, na sigla em inglês) apresenta atualmente é aos países vizinhos da Síria e do Iraque, como Líbano, Jordânia, e Arábia Saudita.

O risco para países mulçumanos sunitas é mais interno que externo, caso grupos locais decidam se juntar ao IS e começar a confrontar autoridades e se armar.

O Irã não está sob risco direto por ser uma grande potência militar xiita na região e capaz de deter qualquer ameaça territorial, mas verá a ascensão de um grupo sunita ultramente fundamentalista como o IS como uma ameaça ao seu poder regional e esfera de influência.

O Isis vai querer atrair mais recrutas e expandir ou consolidar seu poder.

O grupo pediu à todos os grupos jihadistas sunitas que jurassem lealdade, e como tal, grupos afiliados à linha dura da Al-Qaeda têm escolhas difíceis para fazer.

Eles tanto podem lutar contra o IS, da mesma forma que grupos como o Jabhat Al Nusra - o afiliado oficial da Al-Qaeda na Síria - tem feito, ou sucumbir ao Isis, ou desafiar e arriscar ser marginalizado em decorrência do sucesso do Isis e se tornar irrelavante.

Compartilhar Sobre compartilhar

Voltar ao topo

Notícias relacionadas

Rebeldes declaram Estado Islâmico no Iraque e Síria
30 junho 2014

Governo tenta retomar cidade no norte do Iraque; combates deixam enfermeiras ilhadas em hospital
29 junho 2014

Iraque: Uma guerra, três vozes
24 junho 2014

Bombardeio aéreo sugere fusão entre conflitos no Iraque e Síria
27 junho 2014

Texto n.º 5

JOSÉ PEDRO TEIXEIRA FERNANDES

OPINIÃO

Estado Islâmico ou Daesh? Guerra de palavras, guerra de legitimidades

O Daesh e o seu líder procuram criar uma legitimidade aos olhos dos muçulmanos, pela propaganda e demonstração de força. Cabe-nos a nós, europeus, não alimentar essa suposta legitimidade.

24 de Novembro de 2015, 20:19 . Público

1. As palavras são poderosas. Reflectem a maneira como nos vemos a nós próprios, ou queremos que nos vejam. Espelham uma identidade individual, social ou política. Podem conflituar com a forma como os outros nos vêem, ou pretendem ver. Evocam imagens mentais da realidade. Têm conotações positivas ou negativas. Induzem acção, ou bloqueiam-na. A luta política é um terreno clássico da guerra de palavras, para traduzir ou criar uma realidade. A manipulação da linguagem, sofisticada ou não, é incontornável na luta político-ideológica e na propaganda de guerra. Induz a acção sem reflexão, ou então inibe-a, condicionado o pensamento crítico. A estratégia foi magistralmente descrita no enredo no romance distópico *1984,* de George Orwell.

2. Estado Islâmico ou Daesh? A escolha não é inócua. Não é uma questão de saber qual o termo mais rigoroso, mas de legitimidade ou de recusa desta. Está aí a essência do problema que a escolha das palavras encerra. Daesh é o acrónimo em língua árabe para *ad-Dawlah al-Islamiyah fi 'l-?Iraq wa-sh-Sham*. Na transliteração da língua árabe para português seria Estado Islâmico do Iraque e Levante (ou Estado Islâmico do Iraque e Síria). Essencialmente, é o mesmo que o mais conhecido acrónimo da transliteração árabe para língua inglesa: ISIS (*Islamic State in Iraq and Syria*); ou ISIL (*Islamic State in Iraq and the Levant*); ou, apenas, Estado Islâmico (*Islamic State*). Minúcias à parte, em termos puramente linguísticos, as diferentes designações poder-se-iam considerar basicamente equivalentes. Abstraindo de outras considerações, a opção por qualquer uma delas poderia ser

6

considerada uma mera questão de estilo. Mas não é. Estamos no terreno na luta político-ideológica e com uma guerra em curso. As palavras são instrumentos desse conflito. O seu uso não é neutral.

3. O acrónimo Daesh tem conotações fortemente negativas em língua árabe. Por isso, tem sido preferencialmente usado por todos aqueles que se lhe opõem no mundo árabe-islâmico. Em língua árabe, a palavra ecoa um termo usado para esmagar com os pés, ou seja espezinhar. A sua sonoridade e grafismo são também parecidos com "dahes" (lançar a discórdia), com uma poderosa carga histórica negativa para os muçulmanos. Evoca as divisões e batalhas entre tribos árabes, de Dahes wal-Ghabra (ou Dahis e El Ghabra, na transliteração para língua francesa), ocorridas na primeira metade do século VII, na península Arábica dos primórdios da era islâmica. Essas tribos guerreavam-se entre si antes de se converterem e unirem sob a bandeira do Islão. Para um grupo que se vê, a si próprio, como recriando um "Estado Islâmico", chamar-lhe Daesh é uma afronta à sua identidade e legitimidade. Quando o grupo conquistou Mosul, no Iraque, em 2014, os habitantes que usavam essa designação terão sido ameaçados de punições, como cortar a língua, caso persistissem em usar essa palavra. (Ver Armen Alefi, "Daesh-État islamique: la guerre des noms à commencé" in Le Point, 22/09/2014, http://www.lepoint.fr/monde/daesh-etat-islamique-la-guerre-des-noms-a-commence-22-09-2014-1865537_24.php). Mas a designação, como "Estado Islâmico", procura também evidenciar uma outra realidade, simultaneamente política e simbólica. A Al-Qaeda, o principal rival islamista-jihadista, não conseguiu, pelo menos até agora, criá-la no terreno. Trata-se de um poder, *de facto* – visto, pelos próprios, como *de jur*e face à lei islâmica (*Sharia)* –, sobre um território e população. É (auto)designado como *ad-Dawlah al-Islamiyah* / "Estado Islâmico". Mas a legitimidade procurada não é do Direito Internacional, tal como normalmente é aceite na comunidade internacional.

4. O sistema internacional de Estados e o Direito Internacional Público actuais têm raízes europeias. Os Tratados de Münster e de Osnabrück (1648), celebrados em Vestefália, Alemanha, pondo fim à guerra dos Trinta Anos (1618-1648), são um marco simbólico. Apontam, inequivocamente, para um

Respublica Christiana). Lentamente, na Europa, as comunidades políticas organizadas sob a forma de Estado soberano (ou vestefaliano), ou seja, independentes da autoridade do Papa e/ou Imperador, foram assumindo os contornos que hoje conhecemos. Mais tarde, também no resto do mundo, assistiu-se a uma progressiva institucionalização e consolidação da prática política e jurídica europeia sobre o Estado. Ficou plasmada no Direito Internacional pela influência europeia no mundo dos séculos XIX e primeira metade do século XX. A Carta das Nações Unidas reflecte-a também. Para o Daesh, a sua legitimidade não vem do sistema internacional de Estados vestefalianos. Nem do Direito Internacional Publico com raízes europeias, cristãs e seculares. A sua contestação de legitimidade é total. Pretende expurgar tudo que é visto como não islâmico. Pretende fundar o seu "Estado" na tradição política e jurídica do Islão. É, nesse contexto, que adquire sentido a (auto)proclamação de um califado.

4. Historicamente, os califas foram os sucessores do Profeta Maomé na liderança religiosa e política da *umma*, a comunidade dos crentes muçulmanos, a partir de 632, o ano da sua morte, no século VII da era cristã. Para o mundo islâmico em geral – e para os árabes em particular –, os tempos dos primeiros califas têm uma poderosa conotação positiva, simultaneamente por motivos seculares e religiosos. Seculares, porque é inquestionável que ocorreu uma rápida e notável expansão territorial do Islão. Os seus exércitos derrotaram aquilo que, aos olhos muçulmanos, normalmente é visto como sendo as duas potências mundiais da época: os Impérios Persa e Bizantino. Religiosas, porque essa vitória é interpretada como claro sinal da graça de Alá e de conformidade com a vontade divina. Historicamente, a fase árabe do califado perdurou, sob várias formas, até à destruição no século XIII pelo invasor Mongol. As cruzadas apenas o conseguiram ferir. Mais tarde, foi reactivado pelos turcos, sob o Império Otomano, a partir do século XVI. Manteve-se até ao século XX e à derrota do Império na I Guerra Mundial, sendo abolido em 1924, por Mustafa Kemal Atatürk. Em seu lugar, surgiu um Estado secular, a República da Turquia. A memória do califado perdura no Islão, como um passado idealizado em termos religiosos mas também políticos. É instrumentalizada pela ideologia islamista-jihadista. É dessa instituição islâmica que o Daesh e o seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, se pretendem apropriar. Procuram criar uma legitimidade aos olhos dos muçulmanos, pela propaganda e demonstração de força. Cabe-nos a nós, europeus, não alimentar essa suposta legitimidade.

Investigador

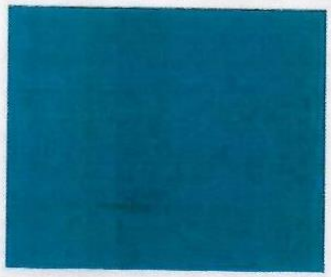
Texto n.º 6

Últimas Mais Vistas

EMPRESAS QUE CONSEGUEM IR MAIS LONGE
CONFERÊNCIA DE LANÇAMENTO
Pousada de Lisboa - Terreiro do Paço
19 ABRIL | 9H00 - 12H30
Confirme a sua presença aqui até 17 de abri

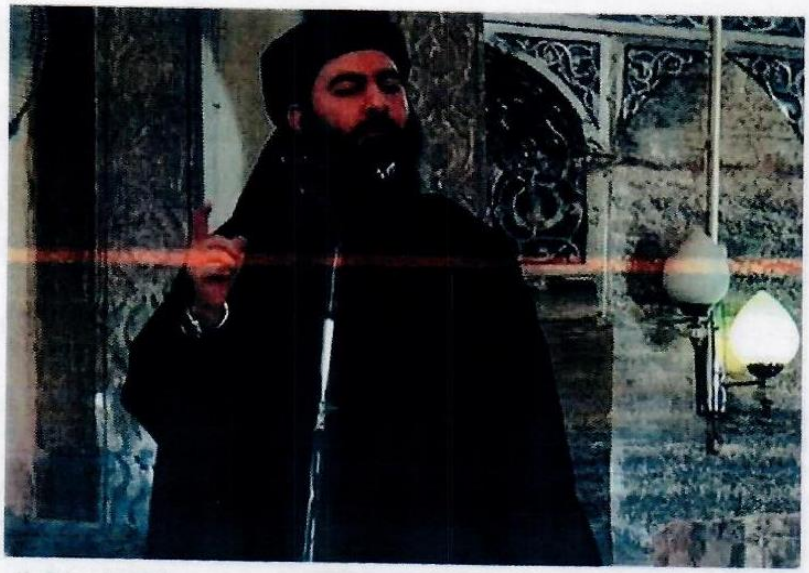
Mundo

Líder do Estado Islâmico pede ataques em todo o mundo



Dias depois de rumores sobre a sua morte num bombardeamento, o líder do Estado Islâmico divulgou, esta quinta-feira, uma mensagem na qual pede "a erupção de vulcões da jiad" em todo mundo. O próximo alvo é a Arábia Saudita.

No registo áudio atribuído a Abu Bakr al-Baghdadi, o líder do grupo terrorista garante que o Estado Islâmico (EI) nunca parará de lutar "nem que só tenha um soldado" e avisa que a coligação internacional chegará a um momento em que terá que enviar tropas terrestres.



Os ataques são pedidos para todo o mundo, mas a prioridade é "a cabeça da serpente", a Arábia Saudita, frisou al-Baghdadi.

Texto n.º 7

X

radio
VOZ DA RÚSSIA 31-05-2013

Que país desejam os rebeldes sírios criar?

São poucos os rebeldes que partilham os valores democráticos e querem viver num Estado laico. O anúncio foi feito pelo chefe da Comissão da ONU para a Investigação de Eventuais Violações de Direitos Humanos na Síria, Paulo Sérgio Pinheiro, que na próxima semana, apresentará mais um relatório. "Eles têm aspirações diferentes. Os lutadores pela democracia que realmente acreditam na opção ideal – um Estado laico, um Estado para todos, constituem a minoria", constata.

Enquanto isso, o vice-presidente do comitê de solidariedade com os povos da Síria e da Líbia, Israel Shamir, qualifica a declaração do alto responsável da ONU como um sinal positivo:

"É bom estar surgindo a compreensão do cenário real das coisas naquele país. Como é natural, entre os oponentes do regime há pessoas que se manifestam a favor da democracia, dos direitos humanos e das liberdades cívicas. Mas a atual crise colocou no primeiro plano os que se encontram longe do objetivo de transformações democráticas. No meio deles há ainda bandidos, ladrões e mercenários, bem como extremistas islâmicos, preparados pela Arábia Saudita e Qatar. Os autênticos oposicionistas, que tinham criticado o regime ainda antes da crise, chamados de "oposição interna", se solidarizam com a ideia de diálogo. Mas a "oposição externa" não leva a sério suas intenções e os propósitos que advogam.

Muitos peritos indicam que os rebeldes que preconizam a intenção de edificar um regime democrático na Síria têm possibilidades de o fazer. Sob seu controle se encontram algumas zonas do país, por exemplo, uma região na fronteira com a Turquia. Ali também é possível estabelecer as normas de vida democráticas, realizar eleições autárquicas e fazer outros procedimentos necessários. Todavia, das regiões ocupadas pela oposição armada, chegam até nós vídeos sobre as "limpezas étnicas", punições públicas e massacres.

Um representante da oposição, membro da Coligação Nacional, Ahmad Kamil, divulgou, em entrevista à Voz da Rússia, que o seu partido cuidará da questão de direitos do homem logo depois da vitória:

"Quando derrubarmos o regime criminoso, vamos proceder ao combate à violação dos direitos do homem. Vamos investigar os crimes cometidos nesse domínio, e até interrogar as pessoas que pegaram em armas para se proteger. Vamos tomar conta de tudo isso quando chegarmos ao poder".

Contudo, os peritos duvidam da sinceridade de tais intenções. Não é segredo que o fulcro da Coligação Nacional tem sido constituído pela Irmandade Muçulmana, cuja eventual subida ao poder não será assinalada pelo "florescimento da democracia".

Israel Chamil, em contato permanente com as pessoas que viveram em territórios ocupados pelos rebeldes, numa espécie de protótipo da nova Síria, admite:

"As declarações de os rebeldes terem estabelecido ou estarem instaurando ali um regime democrático ou as leis de sharia não correspondem à verdade. É mentira. As pessoas que ali viveram por algum tempo relatam que os insurretos praticam atos de pilhagem, roubam tudo o que podem roubar e depois levam as coisas roubadas para a Turquia. Por isso, trata-se de saques típicos e banais. Quando querem castigar alguém, costumam agir à margem da lei islâmica, sob a capa de justiceiros. Para dizer verdade, eu não partilho os receios da ONU acerca da alegada instauração de leis islâmicas no caso do derrubamento de Assad. As leis de sharia se baseiam num determinado quadro jurídico. Nem todos os sírios gostariam de viver ao abrigo dessa lei, mas viver sob estas normas rígidas é possível. O problema se prende com o banditismo comum".

É, realmente, muito difícil imaginar que os assassinos, bandidos e ladrões de ontem, quando chegarem ao poder, se tornarão de repente autênticos defensores de valores democráticos e dos direitos humanos.

Texto n.º 8

Zenit

6 setembro 2014. Redação. Igreja Católica.

O grande mufti do Egito condena os atos do Estado Islâmico

O congresso A Paz é o Futuro, organizado pela Comunidade de Santo Egídio, aponta que o grupo terrorista viola os valores do islã

O grande mufti do Egito, Shawki Ibrahim Abdel-Karim Allam, máximo líder muçulmano do país, condenou as atrocidades das milícias do Estado Islâmico (EI) na Síria e no Iraque.

Allam se pronunciou ao participar de um encontro internacional organizado na Bélgica pela Comunidade de Santo Egídio, o congresso "A Paz é o Futuro: Religião e Diálogo, Cem Anos Depois da Primeira Guerra Mundial".

O líder religioso qualificou o EI como organização "corrupta e extremista", cuja eliminação exige a cooperação internacional e multilateral. Allam declarou ainda que "o EI é um perigo para o islã" e defendeu que os milicianos sejam entregues à justiça.

Máxima autoridade muçulmana do seu país, Allam deu aulas durante muitos anos na Universidade de Al-Azhar, no Cairo. Ele foi eleito Grande Mufti do Egito em 2013. Desde 2012, o título não é mais de competência do governo, mas eletivo. Allam foi eleito pelo Conselho dos Ulemás.

"É um erro tremendo chamar esse grupo terrorista de 'estado islâmico', porque ele viola todos os valores islâmicos, os objetivos mais elevados da lei islâmica e os valores universais compartilhados por toda a humanidade".

Pouco mais de um mês atrás, o EI anunciou o estabelecimento de um califado e nomeou seu líder Abu Bakr al-Bagdadi como califa, ou seja, "chefe dos muçulmanos de todas as partes" do mundo.

Depois de março de 2011, quando começou o conflito armado na Síria, foram se unindo muitos bandos armados que combatem o governo de Damasco. Esse movimento deu mais força ao grupo hoje autodenominado Estado Islâmico ou "califado".

- Organizações regionais e internacionais condenaram as atrocidades cometidas pelo EI no Iraque e na Síria e exigiram cooperação internacional para combater o grupo terrorista.

Texto n.º 9

9

Diário de Notícias

Rebelião proclama "Estado islâmico" no Norte do Mali

27 DE MAIO DE 2012 ÀS 03:19

DN.pt e agências

PUB

A guerrilha tuaregue e os islamistas anunciaram a fusão das respetivas organizações e proclamaram um "Estado islâmico" no território que controlam desde há dois meses no Norte do Mali.

Barclaycard Rewards
Ganhe pontos com as suas compras e troque por ofertas

"O movimento Ansar Dine [islamistas] e o Movimento Nacional de Libertação de Azawad (MNLA) proclamam a sua dissolução no Azawad. Os dois movimentos anunciam a criação de um Conselho Transitório do Estado Islâmico de Azawad". Foi com estes termos que foi anunciado o acordo e a criação daquela entidade num comunicado difundido em Gao, uma das principais cidade da região.

Os dois movimentos vinham negociando este acordo há já algum tempo, atendendo às diferenças entre ambos. O acordo, segundo observadores, pode constituir um momento de viragem no conflito entre os secessionistas do Norte e o poder fragilizado em Bamako, capital do Mali, onde se sucedem as movimentações militares e predomina a indefinição política.

Foi exatamente com o argumento de pôr fim à guerrilha no Norte que, a 22 de março, sucedeu um golpe militar em Bamako, que afastou o presidente Amadou Toumani Touré. O resultado na região foi o oposto, com os islamistas e os tuaregues a passarem rapidamente à ofensiva e a controlarem, após alguns combates, quase todo o Norte do Mali.

O acordo foi acolhido com manifestações nas ruas e tiros para o ar nas cidades do norte, palco de sucessivas rebeliões tuaregues desde o início dos anos 90.

A guerrilha islamista apoia-se igualmente nas populações tuaregues, mas reivindica a proximidade com as posições da Al-Qaeda enquanto o MNLA se assumira até agora como uma organização mais neutra em termos de adesão ao islão radical.

Para mais detalhes consulte:
http://www.dn.pt/interior/.html

Global Notícias - Media Group S.A.
Copyright © - Todos os direitos reservados

Texto n.º 10

ATOS EM MISSÕES

Notícias e fatos atualizados sobre missões, Cristianismo, perseguição religiosa e assuntos sociais ao redor do mundo.

NTERNACIONAL, INTERNATIONAL BUSINESS TIMES, NOTÍCIAS

Estado Islâmico publica um guia para escravidão sexual com 27 dicas em como capturar e estuprar não-muçulmanos

Mulheres da etnia Yazidi seguram cartazes durante protesto contra ataques do Estado Islâmico (EI) no Iraque em frente ao Parlamento Europeu no quarteirão de Luxemburgo em Bruxelas, Bélgica em 8 de setembro de 2014. Foto: International Business Times/Getty Images

Os militantes do Estado Islâmico acabam de lançar um panfleto listando 27 dicas de como capturar e abusar sexualmente de escravas.

O panfleto usa um formato de perguntas e respostas para explicar a militantes como procurar e conquistar escravos.

De acordo com rumores, a lista foi impressa no dia 3 de dezembro pelo próprio Estado Islâmico e foi traduzida pelo Instituto de Pesquisa de Mídia do Oriente Médio de Washington (*Middle East Media Research Institute in Washington*).

De acordo com o panfleto, "descrença" no Islamismo automaticamente torna alguém suscetível a ser considerado como escravo e encoraja militantes a não se limitarem à "mulheres apóstatas" que nasceram muçulmanas.

A lista também detalha regras em como se comportar com uma escrava cativa.

Entre algumas das práticas encorajadas, o panfleto inclui permissão de estuprar uma mulher cativa "imediatamente após tomar posse dela" e permitindo "relações sexuais com mulheres que não atingiram a puberdade se ela já puder ter relações".

A origem deste documento pode facilmente ser ligada a alguns dos mais ativos propagandistas do Estado Islâmico, algo que deixa pouquíssima dúvida sobre sua credibilidade. O conteúdo, embora seja abominável e chocante, não é surpreendente – sabemos que ideologias do EI justificaram e legalizaram a escravidão em publicações passadas", Charlie Winter, pesquisador da Quilliam, disse ao The Independent.

Acredita-se que o EI escravizou mais de 2500 mulheres da minoria Yazidi na Síria e no Iraque, de acordo com pesquisadores do Centro de Pesquisa de Sexos e Violência da Universidade de Bristol, que dizem que mulheres são "tratadas como gado."

Tradução de: International Business Times

Leia Mais Sobre o Estado Islâmico:

- A cidade onde um homem pode levar 30 chibatadas por guardar fotos de mulheres no celular
- Desertores do Estado Islâmico estão fartos de matar muçulmanos
- Estado Islâmico chama refugiados de pecadores
- Extremistas islâmicos tentam recrutar refugiados sírios na Alemanha
- Perseguição aos cristãos pode aumentar diante lealdade ao EI
- 'Filhotes do Califado': EI recrutou 1.100 menores na Síria
- Estado Islâmico ameaça tomar Faixa de Gaza do Hamas
- Mais de 700 tunisianas se uniram ao EI na Síria e no Iraque
- Irmãs britânicas deixam maridos e levam 9 filhos à Síria para se juntar ao 'Estado Islâmico'